

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS

Veronica de Lima Mittmann

O DEVER-CRIANÇA E A POSSIBILIDADE DE *outra*MUNDAR
(*neste mundo*): O ANIMISMO INFANTIL

PORTO ALEGRE
2024

Veronica de Lima Mittmann

**O DEVIR-CRIANÇA E A POSSIBILIDADE DE OutraMUNDO
(neste mundo): O ANIMISMO INFANTIL**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de doutora em Educação em Ciências pela linha de pesquisa Implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos e de currículos.

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Glavam Duarte

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Kátia Liége Nunes Gonçalves – UFPA
Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães – UFSC
Profa. Dra. Alice Stephanie Tapia Sartori – UFRGS
Profa. Dra. Suelen Assunção Santos - UFRGS

Porto Alegre
2024

CIP - Catalogação na Publicação

Mittmann, Veronica de Lima
O DEVIR-CRIANÇA E A POSSIBILIDADE DE OUTRAMUNDAR
(neste mundo): O ANIMISMO INFANTIL / Veronica de Lima
Mittmann. -- 2024.
196 f.
Orientador: Claudia Glavam Duarte.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da Saúde,
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências:
Química da Vida e Saúde, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Educação. 2. Ciências. 3. Filosofias da
Diferença. 4. Devir-criança. 5. Outramundar. I. Glavam
Duarte, Claudia, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha orientadora, a Prof^a Dr^a Claudia Glavam Duarte que deu asas para que essa tese pudesse voar. Também gostaria de agradecer aos meus pais, familiares, amigos e colegas de trabalho pelo apoio constante, pelas ideias e pelas amorosidades.

Gratidão à generosidade da banca que com a sua sensibilidade, sabedoria e conhecimento possibilitaram qualificar a escrita da tese. Também gostaria de agradecer aos colegas e às professoras do GEEMCO, grupo de estudos em Educação Matemática e Contemporaneidade, pelos estudos, pelas trocas e pelas experimentações. Lugar para pensar sem ter certeza.

Gratidão aos colegas do grupo de orientandos, pela leitura atenta da tese e pelas potentes contribuições. Contar com vocês foi fundamental. Queria agradecer ao Anderson, meu companheiro de vida, que sempre foi apoio e incentivo para que eu trouxesse novos mundos para o meu mundo.

Gratidão à Liege por ser bússola e abrigo. Gostaria de agradecer à VIDA que me possibilitou habitar esse planeta incrível e surpreendente.

Gratidão aos teóricos que integram essa tese e aos que não estão aqui, mas que possibilitaram rachaduras no meu pensamento, para viabilizar a entrada de outros mundos. Um muito obrigada aos animais e às plantas que doaram as suas vidas para que eu pudesse continuar a viver e que hoje, compõem a minha carne.

Gratidão aos meus antepassados, humanos e não humanos, que tiveram a coragem de trilhar esse planeta, de enfrentar diversos desafios, e deixar alguns legados: a linguagem que utilizo para escrever essas linhas, a minha constituição física e emocional é um rizoma de diferentes espécies e de diferentes épocas. Então, sou filha de muitos tempos e de múltiplas existências.

RESUMO

A presente tese foi orientada pelas seguintes questões: 1) Quais outros mundos são possíveis quando imantados pelo devir-criança? 2) Como contocartografar forças atuantes nos encontros formativos com as crianças? e teve os seguintes objetivos: perceber como o devir-criança possibilita um Outramundar (neste mundo); provocar algumas relações que o devir-criança experimenta com o mundo e, por fim, analisar como tais relações poderiam rasurar a forma de nos relacionarmos com os não humanos. Para a produção do material empírico, realizamos uma pesquisa com 23 crianças, com idades entre 4 e 5 anos da pré-escola de uma instituição de ensino do Município de Osório. O percurso metodológico foi a contocartografia, criada para dar corpo aos afectos que atravessaram o corpo da pesquisadora no encontro com as crianças. A tese constitui-se de uma escrita provocada pelo devir-criança, que são contos e outros textos criados a partir da violência provocada pelas e(vidências) de um mundo de difícil compreensão e cujo choque de racionalidades nos coagiram a pensar. Nesse sentido, tal exercício analítico, possibilitou perceber que para outramundar (neste mundo) necessitamos estar esgotadas, ou seja, é preciso que uma forma de vida se esgote, para que outras maneiras de estar no mundo possam ser inventadas. Com isso, um novo campo de possíveis se abre. Esse campo de possíveis não seria do já dado, mas virtualidades que são possibilitadas pelos encontros, que no caso dessa tese, foi também com as crianças. Para que o encontro com elas acontecesse, foi necessário, anteriormente, a construção de um corpo sensível a afectos e perceptos, isto é, um corpo vibrátil. O encontro do corpo da pesquisadora com as crianças provocou, em um primeiro momento, incompreensão e sofrimento, pois não estávamos preparadas para experimentar o pensamento infantil, que nos pareceu à primeira vista, uma desrazão. No entanto, fomos entendendo ao longo da investigação, que o pensamento infantil viabilizava uma outra maneira de estabelecer relações com o mundo, ou seja, o devir-criança viabiliza o animismo infantil. Com isso, percebemos que o animismo infantil possibilita outramundar (neste mundo) e a invenção de outras subjetividades.

Palavras-chave: Outramundar; Devir-criança; Animismo; Contocartografia; Educação em Ciências.

ABSTRACT

This thesis was guided by the following questions: 1) What other worlds are possible when magnetized by becoming-child? 2) How to (story)cartography forces at work in formative encounters with children? and had the following objectives: to understand how becoming-child enables an "otherworld" (in this world); to understand some relationships that the becoming-child experiences with the world and, finally, analyze how such relationships could erase the way we relate to non-humans. To produce the empirical material, we carried out a survey with 23 children, aged between 4 and 5 years old, attending preschool at an educational institution in the Municipality of Osório. The methodological path was the (story)cartography, created to embody the affections that crossed the researcher's body in the meeting with the children. The thesis consists of writing provoked by becoming-child, which are short stories and other texts created from the violence provoked by the evidence of a world that is difficult to understand and whose clash of rationalities coerced us to think. In this sense, such an analytical exercise made it possible to realize that for another world (in this world) we need to be exhausted, that is, a form of life needs to be exhausted, so that other ways of being in the world can be invented. With this, a new field of possibles opens up. This field of possibles would not be something already given, but virtualities that are made possible by meetings, which in the case of this thesis, were with children. For the meeting to happen, it was previously necessary to build a body sensitive to affects and perceptions, that is, a vibrating body. The encounter between the researcher's body and the children caused, at first, incomprehension and suffering, as we were not prepared to experience children's thinking, which seemed to us at first to be unreasonable. However, throughout the investigation, we came to understand that childish thinking enabled another way of establishing relationships with the world, that is, becoming-child enables childish animism. With this, we realize that infantile animism allows for "otherworld" (in this world) and the invention of other subjectivities.

Keywords: "Otherworld"; Becoming-child; Animism; Talecartography; Science Education.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| FIGURA 1 - Corpo Harpa | 50 |
| FIGURA 2 - Corpo sem órgãos | 52 |
| FIGURA 3 - Brotar pelas frestas | 57 |
| FIGURA 4 - Árvore de panela | 86 |
| FIGURA 5 - Donna Haraway com seu cão | 99 |
| FIGURA 6 - Pergaminho | 101 |
| FIGURA 7 - Ninho de Beija-flor | 146 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-------|---|
| UFRJ | Universidade Federal do Rio de Janeiro |
| DC | Depois de Cristo |
| PPG | Programa de Pós-Graduação |
| UFRGS | Universidade Federal do Rio Grande do Sul |
| DNA | Ácido desoxirribonucleico |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| RASTROS PARA UMA POSSÍVEL EXPERIMENTAÇÃO | 12 |
| INSTRUÇÕES PARA PERDER O JUÍZO..... | 19 |
| ManiFESTO <i>das</i> Esgotadas..... | 22 |
| ESGOTADA... | 26 |
| Mas, é possível outros possíveis? | 37 |
| PLATÔ I..... | 46 |
| Aracnídeo: Um corpo que se (re)faz..... | 46 |
| Corpo do Desejo:..... | 47 |
| Corpo vibrátil:..... | 48 |
| Corpo sem órgãos: | 51 |
| PLATÔ II..... | 62 |
| Encontro com a CONTO cartografia | 62 |
| Afecto e perceptos:..... | 63 |
| A construção de um Aiongrama:..... | 70 |
| PLATÔ III..... | 73 |
| Dia 07 de março de 2022: Fazia sol e curiosidade | 73 |
| Hecceidades: | 75 |
| Linguagem:..... | 76 |
| Gaguejar: | 80 |
| Estranhamento: | 81 |
| PLATÔ IV | 84 |
| Devir-criança: | 86 |
| Corpo sem órgãos II: | 89 |
| PLATÔ V | 91 |
| O REINO DAS FORMIGAS | 91 |
| MÃE DOS ANIMAIS | 94 |
| PLATÔ VI | 96 |
| Animismo: | 98 |
| Outramundar (neste mundo): | 141 |
| PLATÔ VII | 148 |
| FECHA-MUNDO..... | 148 |
| Territorialização, desterritorialização e reterritorialização | 150 |
| FECHANDO A TEIA | 154 |
| Anexos | 166 |

| | |
|--|-----|
| Artigo 1: Devir-criança: outras possibilidades para o ensino de ciências, publicado nos anais do XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. | 166 |
| Artigo 2: Contribuições do Animismo Infantil para a Educação em Ciências, publicado na Revista Diálogos e Perspectivas em Educação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará..... | 180 |

***Tese:** O animismo infantil, possibilitado pelo devir-criança viabiliza uma sensibilidade que permite outramundar (neste mundo).*

RASTROS PARA UMA POSSÍVEL EXPERIMENTAÇÃO

Talvez a experimentação se faça por rastros: de afectos, de imagens, de cores, de cheiros, de letras, de textos... É que não se experimenta apenas com palavras... Há algo a mais e há algo a menos... experimentação é encontro... e encontro de corpos.

Então, o que você traz para essa leitura? Que corpo é esse que lê essas páginas? O que transborda em seus contornos? Qual é a sua cartografia?

Nosso desejo é o de que com os rastros aqui colocados possamos criar alguns solos. Solos são acúmulos que nos protegem da inconstância do movimento da vida.

E que escrita é essa? Esse texto é uma composição de excessos e de faltas. Há que se ter cuidado, para que não **pese**, a ponto de que não se possa carregá-lo, nem que seja tão *leve*, que escape pelas mãos. Deixamos rastros...

Entendemos a experimentação de um texto como um povoado, com belezas e precariedades. Há quedas, abismos, percalços, mas há também o pôr do sol e a amizade. Não pode ser solitário. Experimentação pode ser invenção! A criação será obra conjunta. Vamos então aos rastros...

Você recebe estas páginas e percebe que é um material pouco convencional. No título diz ser uma tese. Então, já temos algum contorno. Você não está sozinho no caos. Sim, trata-se de uma tese de doutorado.

Nosso desejo é o de que essa escrita viabilize experimentações, por isso, essa tese se assemelha a um rizoma, com entradas múltiplas e capítulos que podem ser lidos separadamente, isto é, nenhum capítulo é introdução para o outro. Mas cuidado!!! "O que pode um corpo? De que afectos você é capaz? Experimente, mas é preciso muita prudência para experimentar" (DELEUZE; PARTNER, 1998, p. 50). Por isso, com certa prudência, escrevemos essa tese como uma experiência de transformação metamórfica. Um texto sem autor ou autora. Quem compõe essas linhas é uma hecceidade que vive e

escreve sobre atravessamentos e acontecimentos. Por isso, logo após estes rastros criamos algumas instruções para você perder o juízo.

Não temos um problema, mas um campo problemático que nos move e se delinea pelas questões: 1) Quais outros mundos são possíveis quando imantados pelo devir-criança? 2) Quais tipos de relações o devir-criança experimenta ao tocar o mundo povoado de humanos e de não humanos? 3) Como contocartografar forças atuantes nos encontros formativos com as crianças?

Os objetivos desse estudo seriam: perceber como o devir-criança possibilita um **OutraMUNdAR (neste mundo)**¹; provocar algumas relações que o devir-criança experimenta com o mundo e, por fim, analisar como tais relações poderia rasurar a forma de nos relacionarmos com os não humanos.

Iniciamos a tese com um manifesto, porque entendemos que é preciso defender os infantis, que têm sido compreendidos, muitas vezes como ingênuos, imprudentes e pouco confiáveis. Em sentido contrário, o devir-criança possibilitaria rachaduras, por onde podem brotar outros mundos. O manifesto apresenta um tom de indignação. Ele quer evidenciar os modos como as crianças têm sido tratadas e a pouca compreensão que os adultos têm dos infantis.

Após o manifesto, apresentamos o conceito de esgotada². Vivemos um momento de esgotamento dos corpos, do meio ambiente e das subjetividades cafetinadas pelo capitalismo. Entendemos que esgotada é diferente de cansada. Cansada é aquela que ainda tem possíveis do já dado, mas a esgotada é aquela que esgotou os possíveis e precisa perceber os germens de mundos que estão por se abrir. O esgotamento possibilita que possíveis, que ainda estão em virtualidade, possam ser pensados e

¹ A palavra Outramundar aparecer em alguns momentos com a expressão “neste mundo” entre parênteses e em outros momentos sem a expressão, mas em ambos os casos não se trata da busca por um mundo ideal ou de um mundo transcendental, mas de identificar brechas na realidade, para viver de outros modos.

² Escrevemos no feminino, pois se trata de duas mulheres (eu e a orientadora dessa tese) que se dedicam a essa escrita.

sentidos, isto é, o impensado passa a ser pensado. Seria na condição de esgotamento que aquilo que ainda não era imaginado possa se tornar um possível. No entanto, para perceber a virtualidade de outros possíveis, seria preciso abandonar algumas normas e convicções e se arriscar no incerto.

Há lugares nessa tese em que você pode parar um pouco, descansar por alguns segundos. Quem sabe possa até mesmo tomar um chá. Esses acúmulos nomeamos platôs. A tese se constitui de seis platôs, que foram se constituindo com rastros de estudos, pesquisa e experiências.

No platô I, contamos um pouco do exercício de criar um corpo sem órgãos e um corpo do desejo. Nessa construção, necessitamos criar espaços vazios em alguns locais e estratificar em outros, a fim de constituir um corpo que pudesse vibrar com a vida e que estivesse aberto ao encontro com as crianças. Trata-se de um exercício de criar outras sensibilidades, que possibilitam uma vontade de vida. De uma vida cheia, de uma vida que se expande, com alegrias e sofrimentos. A construção de um corpo do desejo é uma obra singular, forjada com arte e experimentações.

Foi também nesse platô que inventamos nove estômagos, para digerir as leituras e a pesquisa:

Um primeiro estômago para digerir o devir-criança;

Segundo estômago para digerir o infinito que habita o corpo finito de todos nós. Um corpo que é multiplicidade. Rizoma de linhas biológicas, históricas, físicas, culturais, sociais, econômicas e estéticas. Multiplicidades intensivas e extensivas, que possibilitam movimentos de atualização e virtualização;

Terceiro estômago para pensar de corpo inteiro e observar os afectos e os perceptos que nos atravessam e as manifestações que os encontros com as crianças provocam;

Quarto estômago para amar a vida, em suas múltiplas facetas, de alegria e de sofrimento. Estar presente e atento ao que acontece;

Quinto estômago para perceber que cada uma das crianças têm uma existência que pode ser cartografável, então, é importante perceber as linhas molares, moleculares e de fuga de cada uma dessas cartografias;

Sexto estômago para digerir o devir, percebendo que por ser matéria intensiva, tem potência para a transformação e para o movimento;

Sétimo estômago para digerir desterritorializações e reterritorializações, que são movimentos que favorecem as transformações. Tal digestão possibilita perceber quando um território não é mais potente, arriscar o caos e construir um novo solo para os pensamentos;

Oitavo estômago para construir um corpo que possa vibrar ao se conectar à potência da vida;

E, finalmente, um nono estômago para diferir repetições e para repetir diferenças, desconhecer o

corriqueiro e para pensar diferente.

No platô II, contamos um pouco do encontro com a **CONTO**cartografia que ocorreu nas experiências de mundo e de literatura, de uma pseudo-escritora. A **CONTO**cartografia foi o caminho metodológico da tese e pretendeu dar corpo para os afectos que atravessaram a pesquisadora no encontro com as crianças. Tal encontro se deu nas manhãs do mês de março de 2022, com 23 crianças com idades entre quatro e cinco anos, da pré-escola de uma escola municipal de ensino fundamental de uma pequena cidade do Estado do Rio Grande do Sul.

No platô III, contamos um pouco do início da pesquisa: a entrada na escola e a incompreensão provocada pelo encontro com o devir-criança. Foi um momento difícil e doloroso em que foi preciso fazer gaguejar a linguagem que utilizamos, para desacostumar olhares e sentires e assim, poder perceber a infância de outras maneiras. Precisamos estranhar o corriqueiro, para olhar os conceitos, a pesquisa e o encontro com as crianças com olhos infantis. Nesse platô, trabalhamos com o conceito de hecceidade, linguagem, gaguejar e estranhamento, a fim de que pudéssemos realizar o exercício proposto acima.

No platô IV, trabalhamos com os conceitos de devir-criança, corpo sem órgãos e nomadismo. Nesse platô experimentamos o devir-criança em nosso corpo adulto. Um devir que mistura afectos e perceptos, e assim, provoca sensações sem nome. Para experimentar o devir-criança e a pesquisa, precisamos construir um corpo sem órgãos, isto é, aplinar normas e certezas, para viabilizar pensamentos outros. Para compreender as crianças, precisamos estudar o conceito de nomadismo. Os nômades são aqueles que conseguem vibrar com a vida. Por isso, o nomadismo não se trata de deslocamento, mas de intensidade. As crianças seriam nômades, por habitarem o provisório.

No platô V, estão presentes dois **CONTOS**: O reino das formigas e o conto Mãe dos Animais. Nesses contos há indícios da percepção de que a relação das crianças com os não humanos se diferenciava das que eram estabelecidas pelos adultos. Isto é, para as crianças, a mãe de uma formiguinha cuida dela como uma mãe humana supostamente cuidaria de seu filho, fazendo até um chazinho para ele. Além disso, há a possibilidade de coelhos, gatos e cães serem filhos de humanos e de chorarem por sentirem saudades ou de ficarem alegres ao ganharem um cobertorzinho. Ou seja, percebemos na fala das crianças uma grande preocupação e uma necessidade de cuidar dos não humanos, pois esses teriam sentimentos semelhantes aos humanos. Havia algo que nos dava o que pensar!

No platô VI, identificamos que nossa percepção anterior já era nominada, já tinha um contorno: animismo infantil que se refere a prática de as crianças conferirem sentimentos a coisas e a animais, possibilitada pelo devir-criança. Entendemos que tal sensibilidade supõe outra relação com os não humanos, que se difere do que propõe a Modernidade, pois trata-se de uma relação que não tem como pressuposto a dominação da natureza ou dos não humanos. Entendemos que essa relação que as crianças estabelecem com a natureza ou com os não humanos, possibilita a criação de outros mundos, ou **OutraMUNdAR (neste mundo)**. Cabe ressaltar que novos mundos estão sendo criados o tempo todo, por seres humanos, mas também por animais, plantas, rochas e rios, e são possibilitados pelas interrupções do instituído, pelos acontecimentos, e por aquilo que fissa a norma, como por exemplo, o animismo infantil.

No platô VII, percebemos que as crianças interrompem a conversa quando a pesquisadora tenta, por meio de perguntas, compreender o que elas querem dizer com o que falam. Isto é, a vontade de adequar o que as crianças falam à racionalidade adulta, faz com que elas troquem de assunto ou simplesmente, abandonem a conversa. Com isso, supomos que as crianças percebem que a compreensão que têm do mundo se difere da

compreensão adulta e que precisariam se adequar à cultura dominante que se instituiu também quando a professora ensina, ao estabelecer racionalidades para o pensamento.

Bom, agora que você já construiu um solo com os fragmentos que deixamos nessas linhas, quem sabe possamos fazer um outro exercício. Que tal perder o juízo? Vamos lá!!!!

INSTRUÇÕES PARA PERDER O JUÍZO³

Quem tem juízo não faz isso, quem tem juízo não faz aquilo. É o que se ouve por aí. Mas quem tem juízo não se diverte! Não é que você deva matar o juízo ou se divorciar dele. [talvez acabar com ele não seja má ideia], mas não é isso o que se propõe nesse momento. As instruções são para você se perder do juízo ou se esconder dentro do roupeiro enquanto ele te procura pela casa. Se perder é algo passageiro. Como quando a gente vai ao parque e se perde dos pais ou quando a gente está em uma conversa animada e perde a hora. Não tem com o que se preocupar. É só para se perder por um tempinho. Depois a gente acha o juízo de novo para você.

Perder o juízo é descarnar

Para encarnar o infinito

Ser carne das sensações

Um corpo de mil pedaços. Uma estrela que explodiu para se encher de universo.

Senhor A:⁴ -- Dois caminhos estavam diante dele: o do infinito de fora o do ínfimo de dentro. E ele escolheu o ínfimo de dentro onde basta espremer o pâncreas, a língua, o ânus, ou a glândula.

³ Composição com Texto retirado da transmissão radiofônica " Para acabar com o julgamento de Deus ", realizada por Artaud (como autor e narrador) e por alguns de seus amigos (Roger Blin, Marie Casarès e Paule Thévenin) que o ajudaram na produção dos efeitos sonoros durante a transmissão. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B347KgD-3KhNd1hYRWIzVzhCZHM/view?resourcekey=0-aYCs2__PFvaqG-VBunVDLQ

⁴ Nessa escrita os trechos do poema "Para acabar com o julgamento de Deus" estão escritos após a referência a "Senhor A".

Perder o juízo é ser infinito no ínfimo. O que um corpo pode?

Juízo é aquele grande juiz, que julga todo mundo. Mas que não julga a si mesmo. Juízo mede tudo, é quantitativo, sabe todos os caminhos, não tem dúvida nem pestaneja, não tem medo de nada. O juízo certamente é um adulto.

Senhor A: -- É preciso ter um osso, é preciso não ter medo de mostrar o osso e arriscar-se a perder a carne.

Ossos e sangue. Sangue quente e ossos para expandir.

Senhor A: --E o que é o infinito? Não o sabemos com certeza. É uma palavra que usamos para designar abertura da nossa consciência diante da possibilidade desmedida, inesgotável e desmedida. E o que é a consciência? Não o sabemos com certeza. É o nada.

Mas onde enfiar o juízo? Precisa ser em um lugar fácil de encontrá-lo. Considerando esse aspecto, o juízo poderia ficar dentro do bule de café. Assim você o tem por perto, caso precise, mas não fica olhando para ele o tempo todo. Bom, juízo tem até uma certa similaridade com café. Faz bem tomar um gole de manhã, para acordar. Outro gole no início da tarde. De noite, procure evitar. Quem tem juízo não sonha.

Juízo é bom recém passado. Melhor fazer um novinho todo dia. É que juízo estraga com facilidade. E se fermentar, vai ser um juízo alcoólico e isso não deve fazer bem.

Bom, as instruções acabaram sendo para esconder o juízo e não para perdê-lo. Esconder é perder com localização.

Nessa toada. Que tal perder/esconder o juízo para ler essa tese?

Na realidade. Quem escreveu isso aqui tinha se extraviado do juízo.

Talvez um copo de vinho te ajude? É que juízo deixa a gente sem molejo e é preciso dançar. E dançar com ossos e sangue. O sangue quente da vida e os ossos da terra. Juízo é modelo. Perder/esconder o juízo é ficar sem forma – terra molhada e sangue úmido – apenas pegadas.

Para inventar precisa vazar.

Encher os pulmões de ar, para voar. E voando, seguir as sensações e os afectos que nos provocam os encontros.

Que o encontro com essa escrita seja um encontro amoroso e alegre.
Vem dançar!

ManiFESTO *das* Esgotadas

Constatamos, muitas vezes, que o que é dito pelas crianças parece ser compreendido como um desvario que não merece ser ouvido. O que as **crianças** dizem não teria importância, pois, supostamente, seriam levianas, imprudentes, irresponsáveis e ingênuas. Pensam que as **crianças** são inferiores e por isso, tem-se pressa em transformá-las em adultos.

Querem disciplinar as **crianças** para que sejam trabalhadoras, caladas e bem-sucedidas. O disciplinamento fabrica corpos dóceis e produtivos nos adverte Foucault lá pelos idos de 1975. Mas, muitas vezes, são corpos que não usufruem da sua produção. Aliás, poucos de nós usufruí do que fabrica e a grande maioria da população mundial vive na extrema pobreza, enquanto um número reduzido de indivíduos vive obeso⁵ de recursos.

A interdição da fala das **crianças** é explicitada na linguagem, pois a palavra infante significa, na sua origem, aquele que não fala. Contudo, elas falam e falam **alto**, nós é que não temos podido escutar.

A sociedade que não ouve as **crianças** é a mesma que não valoriza a vida e que produz corpos descartáveis, cuja sua sobrevivência não interessa.

Corpos infantis, negros e favelados. Quanto vale um negro? Quanto vale uma **criança**? Quanto vale

⁵ Aprendi que as palavras têm textura. Que é possível criar sensações com o olhar, que não lemos apenas o que as palavras dizem, mas também, como elas se expressam. Lendo a tese “Nomadismo da Educação Matemática Ribeirinha: potências da multiplicidade” da Profa. Dra. Kátia Liége Nunes Gonçalves, pude além de ler, também sentir as palavras. Obrigada pela InsPirAção.

um favelado? Quanto vale uma vida?

Parece que valem muito pouco mesmo, já que **crianças** negras, pobres, faveladas são estudantes que caminham horas para chegar à escola. Escolas guardiãs de sonhos e que se esforçam para ser escola em locais que não oferecem nem segurança nem recursos adequados para o aprendizado.

Uma sociedade que **privatiza tudo, privatiza também a vida**, e a das **crianças** são as que menos valem mercado.

Mas, até mesmo essa escola precarizada querem tirar das **crianças**. Já correm falas de que as **crianças** devem trabalhar, para que corpos **obesos** de fortuna continuem sem se mover. Uma elite fica cada vez mais rica consumindo vorazmente os recursos naturais e humanos. Roem até os ossos, até a última fibra. Consome-se também a infância. Queimando suas vidas em charutos necrosados.

Meritocracia! Meritocracia! Proibido questionar. As elites são os privilegiados de Deus. Cuidado! Estamos em crise: financeira, humana e ambiental. Sempre estamos em crise.

A maneira como temos nos organizado, pensado e vivido tem colocado em risco a vida no planeta.

Estamos adoecidos, poluídos e em vias de extinção.

Já não acreditamos nessa sociedade, já não cremos no capitalismo.

O que nos prometeram não se cumpriu e continuam a nos prometer, mas nós não esperamos mais nada.

| | |
|---|--|
| <p> Simplesmente, estamos cansadas. Nossos corpos já não se movem, nossas existências cortaram os fios que nos conectam > < à vida. Estamos mais do que cansadas, estamos e-s-g o- t-a-d-a-s. Nós não podemos mais entregar a nossa vida, rifar a nossa existência em troca de fetiches sem MAGIA. Nós simplesmente, não podemos mais. Os nossos possíveis se extinguiram. Não confiamos mais nessa sociedade, mas confiamos nas pessoas e confiamos principalmente, nas crianças, para fazer outros acordos, construir novas sociedades. Queremos poder questionar. Precisamos de ar! Nós necessitamos de mais devir Mais um gole de vida, por favor! Por isso, esse Manifesto a favor do devir- criança! Há algo que move as crianças e que as fazem transgressoras das normas adultas: o devir- criança. O devir-criança move a infância por espaços desconhecidos dos adultos. Um espaço onde as certezas se quebram e as <i>regras estilhaçam.</i> Um devir da alegria, da imaginação e do faz de conta, que se poderia levar em conta. Agora, já! Estendamos faixas em árvores e passarelas a favor do devir-criança, para devir- animal, devir-imperceptível. </p> | |
|---|--|

| | |
|--|--|
| Devir- criança para que possamos brincar jun- | |
| tos; ter asas longas e voar; habitar o horizonte; | |
| Devir- criança para ouvir e falar com os ani- | |
| mais e com as árvores. | |
| Devir- criança para falar e ouvir a gente mes- | |
| mo e os outros. | |
| Devir- criança para abaixar as armas e levan- | |
| tar os sonhos: Viva a vida! Viva a alegria! Viva a | |
| dança e a poesia! | |
| Defendamos o devir- criança , porque é potente | |
| para a construção de outros mundos, com outras | |
| lógicas e outras maneiras de viver. | |
| Viremos as cartas do acaso, que outras faces | |
| podem ter esse mundo? | |
| Vamos OutraMUN DAR? | |
| Em defesa do devir- criança para falar outras | |
| línguas! | |
| Em defesa do devir- criança para dançar. | |
| Que dancem os acasos. | |
| Em defesa do devir- criança para jogar. | |
| Façamos combinações inusitadas. | |
| Para novos lances de dados. | |
| Em defesa do devir- criança porque esse mundo | |
| já deu! | |
| Em defesa do devir- criança porque um novo | |
| mundo é POSSIVEL! | |



EsGOTAda...

Por que a necessidade de OutraMUnDAR (neste mundo)?

Durante o nosso tempo de vida, experimentamos diferentes possibilidades de existir: nascemos em uma determinada família, com algumas tradições, vivemos em um país, em uma época histórica, temos um corpo que nos permite algumas coisas e outras não, pertencemos a uma classe social, frequentamos alguns lugares, conhecemos determinadas pessoas. Então, desde que nascemos há algumas coisas já dadas, que possibilitam diferentes combinações e encontros que viabilizam que o impensado torne se pensável e assim, vamos inventando a nossa singularidade.

Além disso, experimentamos o mundo de maneira peculiar em diferentes fases da vida. Isto é, algumas coisas que nos eram possíveis quando crianças, já não são mais ou diferem de forma. Assim, quando adultos nos são possíveis algumas coisas que não eram quando éramos crianças. A cada vez que aprendemos algo novo, que transforma a nossa percepção, ganhamos um mundo e perdemos um outro, aquele que habitávamos.

O conhecimento talvez não seja a melhor coisa do mundo, já não sei se quero tanto assim. Lembrei que quando eu aprendi a ler entrei em desespero, porque descobri que não era mais possível olhar as palavras sem ler. Tentei muitas vezes, queria de volta os desenhos-letras jogados pelas ruas. Letreiros e placas e avisos, foi uma lição sem volta. Tudo o que as palavras dissessem me tornei obrigada a ouvir. Fico pensando quantas coisas não vou poder nunca mais deixar de saber. (Carrara, 2019, p. 138)

O trecho acima é do livro “Se Deus me chamar eu não vou”, de Mariana Salomão Carrara e conta a história de Maria Carmem Rosário que tem 11 anos de idade e sofre por se sentir muito sozinha, mesmo morando com seus pais. Na leitura do livro, percebe-se que a menina não se sente percebida nem pela família nem pela escola. Não tem amigos e, muitas vezes, é hostilizada pelos colegas. Ao longo do livro, relatam-se situações de agressões que sofre na escola, por simplesmente existir ou o sentimento de que, na sua família, seria melhor se ela não existisse. No entanto, a situação se agrava quando seus pais decidem ter um casamento poligâmico. Com isso, além de não ter amigos, passa a ser vítima de preconceito na escola e a dividir a casa e seus pais com uma pessoa que mesmo amigável, ainda não tem laços afetivos com ela. Além disso,

Outro desejo cotidiano meu, além da bisnaguinha e o achocolatado, é evitar que as pessoas prefiram que eu não exista. Uma sensação que pode ser vaga, mas estaria

bastante ligada ao fato de a minha existência impedir que elas vivam ou tenham algo que queiram muito (Carrara, 2019, p. 133).

Frente a uma situação de bastante sofrimento, sua professora percebe que a menina escreve muito bem e que poderia ser uma escritora. O encontro com a professora abre outras possibilidades para Maria Carmen, a de ser uma escritora. Então, escrever passa a ser fonte de prazer e de ajuda nos momentos difíceis. O encontro da menina com essa professora abre um novo possível, que materializa os fatos que lhe acontecem e os afectos que a atravessam em um livro.

Minha professora falou que eu escrevo muito bem. Eu nem sabia que era possível escrever mal, pensava que ou se sabia escrever, ou não. Então ela me disse que um dia eu serei escritora, o que me deixou muito frustrada. Perguntei se isso queria dizer que eu não podia mais escrever até que eu fosse escritora. Ela ficou me olhando, no começo parecia distraída, depois pegou minha mão e, assim como se fosse uma de nós brincando de professora, falou com grandes movimentos na boca, que muito pelo contrário, Maria Carmem! Que eu devia continuar praticando muito, muito mesmo, só assim eu seria escritora (Carrara, 2019, p. 11).

Assim Maria Carmem inventa um livro para contar os dias desse ano, em que sua professora lhe diz que um dia ela poderá ser uma escritora, e mesmo que “eu não tenho ainda o papel de escritora, [mas] achei que este ano está sendo um ano que merece estar num livro, e, como o ano é meu, pode muito bem estar num meu livro” (Carrara, 2019, p. 12).

A escrita do livro nos aponta para os encontros da Maria Carmem com a professora, com a escrita, com a vida e, possíveis de diferentes ordens se abrem a possibilidades. No entanto, estou esgotada e já não há nada a ser realizado. Cansada ou esgotada? Será que faz diferença? Conversando com as obras de Deleuze, me dou conta de que estar cansada é diferente de estar esgotada. Se estivesse cansada, eu ainda teria alguns possíveis e o poderia realizá-los. Teria a possibilidade de trocar de profissão, de cidade, de nome.

Mas o que fazer quando já não há possíveis?

Não posso mais efetuar e estou apenas executando tarefas, sem preferências, desejo ou necessidade. Digam, por favor, a ordem da execução! São muitas as tarefas e nenhuma finalidade. Lembro que seria preciso “[...]estar esgotado para se dedicar à combinatória, ou seria a combinatória que nos esgota, que nos leva ao esgotamento, ou os dois juntos, a combinatória e o esgotamento?” (Deleuze, S/A, p. 22).

Então, muitas vezes, já não vejo sentido no que eu faço. Executo por executar, porque é preciso ser feito, porque alguém mandou, porque sempre foi feito assim.

Componho e combino atividades cronometradas: me arrumo e arrumo a minha bolsa de maneira automática. Já não reparo naquilo que estou comendo. Ouço músicas que serão esquecidas em segundos. Dirijo por lugares que já não os vejo mais. Ouço as pessoas sem prestar atenção no que dizem. Falta vontade e *falta potência*.

Estou esgotada, porque esgotei os possíveis do já dado. Sumiram os meus horizontes. Esgotei as possibilidades e já não posso possibilitar. Não desejo trocar de profissão, nem de cidade, nem de roupa, nem de nada. Desejo desmanchar. Pois, “o esgotado é aquele que teve a força de produzir o vazio ou fazer buracos, afrouxar o torniquete das palavras, secar a ressudação das vozes para se desprender da memória e da razão” (Pelbart, 2013, p. 43). Não desejo novas realizações. Preciso de outros possíveis. Necessito de novas possibilidades de vida. **OutraMUNdAR (neste mundo)!**

Exausta, paro para tomar um chá e ouvir Henz me dizer com sua voz cortante que a “passagem do cansaço para o esgotamento é relacionada à passagem do nada de vontade para a vontade de nada, do niilismo passivo para o niilismo ativo” (Henz, 2012, p. 10).

Pronto! Estou em pedaços. Há saída? Pontos de fuga? Quem sabe o niilismo ativo seja bem-vindo no café da manhã? Bem alimentada, já saio de casa negando os valores cultivados nesses tempos. Me vejo sem forças frente às demandas sociais: frases sem carne, sem veias e sem entranhas. Palavras impulsionavam movimento. Eu trabalhava/estudava para comprar, para ser feliz, para o meu bem-estar, para ser interessante, para ser alguém: sujeito de direitos, consumidor, cliente. Naquela época, eu realizava os possíveis do já dado, pura combinação da face de um dado. Mas, agora me sinto esgotada e não me movo.

Sinto que em mim, ainda pulsam devires potentes que almejam a construção de uma outra sociedade e de outros valores que afirmem a vida, a alegria, a dança, o pôr do sol, a poesia e as rodas de violão. Sinto que não estou sozinha nesse esgotamento. Percebo que outras pessoas também parecem necessitar de outros possíveis. Há forças ativas que pedem passagem. Nego para afirmar. Para que possa dar vontade as minhas potências, diminuo a potência de minha vontade. Minha vontade está por demais capturada! Quero que a potência se estabeleça e se torne vontade. Preciso experimentar uma vontade de nada. Isto é, eu perdi a crença nas convicções da sociedade, nas ilusões que são vendidas pela mídia e na esperança de um outro mundo. Um mundo que seria ideal nessa vida ou em outra. Estabeleço uma guerra. Mas é uma guerra contra os valores de uma sociedade

que despreza as diferentes existências do humano e do não humano. Nego esses valores para afirmar a vida.

Mas é preciso não só negar os valores atuais, necessita-se afirmar as formas de vida que ainda estão em gêrmens. Forjar matéria de expressão para aquilo que nos acontece enquanto sociedade. Vivemos um tempo em que há um esgotamento das subjetividades e dos recursos naturais. Nesse momento de crise, o desejo convoca a agir, para que, segundo Rolnik (2018), possamos viver a fragilidade desse encontro de maneira ativa e permitir que os gêrmens de mundo possam conceber variações na nossa forma de vida. Provavelmente tenhamos que inventar novas maneiras de existir, já que “a invenção de novas possibilidades de vida supõe, portanto, uma nova maneira de ser afetado” (Zourabichvili, 2000, p. 338).

Segundo Rolnik (2018), haveria diferentes maneiras de viver a experiência e uma delas seria pela cognição, possibilitada pela inteligência e pela razão do que é aprendido por nossa percepção e sentimento. Nessa maneira de viver a experiência, associamos o vivido às representações que já dispomos, para classificá-las, reconhecê-las, defini-las e, assim, produzir sentido. Isso seria “conhecer o mundo como matéria-forma convoca[da] [pel]a percepção, operada pelos órgãos dos sentidos” (Rolnik, 2003, p. 79).

Essa esfera seria denominada pela autora como macropolítica. Contudo, há também uma outra maneira de viver os encontros, que seria por meio de um saber que não se daria na esfera cognitiva. O saber do corpo, que trata da decifração das forças do fluxo vital, que nos constitui, mas que constitui também seres não humanos⁶. São forças em constante variação, que recompõe os corpos. Nesse saber não há distinção entre objeto e sujeito, pois o outro vive em nosso corpo pelo efeito dos afectos que provoca. Essa esfera seria a micropolítica, aquela que convoca a “conhecer o mundo como matéria-força convoca a sensação, engendrada no encontro entre o corpo e as forças do mundo que o afetam” (Rolnik, 2003, p. 79).

A esgotada seria aquela que consegue perceber as intensidades antes que elas se atualizem em imagens ou representações. Por isso, pode criar. A esgotada percebe as potencialidades de um acontecimento e compõe o diferente, para que a invenção de uma novidade possibilite que os afectos possam ter forma.

⁶ Entendemos não humanos na perspectiva teórica de autores como: Albert; Kopenawa (2023), Bispo dos Santos (2023), Feather (2015), Haraway (2021), Krenak (2020a, 2020b, 2022), Saavedra (2021), Stengers (2017), Tsing (2022) entre outros, que problematizam a superioridade dos humanos em relação aos não humanos e colocam em suspeita o conceito de humanidade, que tem separado os humanos de todos os outros, compreendidos como não humanos.

Desejo palavras que me desmontem. Que me façam corpo sem órgãos. Guerrilha para criar rupturas no meu ventre endurecido para que o **Sol** possa entrar pelas brechas. Necessito de calor e de encanto. Busco um devir-imperceptível. Aquilo que não se mostra logo de entrada, que necessita de tempo e de esvaziamento. Tarefa difícil nos dias de hoje, onde o excessivo se derrama. Suplico por chão e terra, preciso de entre-lugares e de beiradas, onde **POSSÍVEIS** habitem.

Eu ando pelas beiradas
Com chinelos velhos e
Passos de ancestralidade
Com ar de chuveiro
De quem sabe que a vida
É vento ligeiro, é vento, e é evento
De quem sabe que a vida
É assombro e é sombra

Eu ando pelas beiradas
A mastigar velocidades
E levanto pedra miúda
Pra sentir a grama forasteira
Que brota no inóspito

Eu ando pelas beiradas e
Sinto o solo que vira fumaça
Nas rodas dos automóveis
Eu ando pelas beiradas
O meu destino é distância
Tão longe, tão longe
Inavistável para os meus olhos míopes
Ando baixinho, sou bicho pequeno
Cru, me alimento do calor do meio-dia

Eu ando pelas beiradas
Entre a mata e a passada

Eu ando pelas beiradas
Porque sou bicho pequeno
Que não é íntimo das alturas

Eu ando pelas beiradas
Na pele da sensação
Tenho poros abertos ao ínfimo
Miséria e multidão

Eu ando pelas beiradas
Sou periferia de mim

Eu ando pelas beiradas

Para ser catavento das delicadezas

Eu ando pelas beiradas
Nas beiradas brotam as flores
Nas beiradas nascem os intrusos
Nas beiradas se é pessoa

Eu ando na beira da estrada da vida
Migro para o sul
Migro para o sol
Busco o ar fresco das emoções
Meu céu é o chão
Meus lábios são de terra
Sou todo espanto e pranto
Sou o pó que o tempo fez gente

Com poros abertos para o ínfimo, para perceber o imperceptível, eu ando pelas beiradas, pois preciso de calma e de vagareza. Andar mais devagar para sentir os fluxos da vida que ainda sopram em meio a superficialidade. Limpar as palavras dos clichês e dos excessos de significados, para que digam outras coisas, para que produzam outros sons. Sou uma criança brincando na areia. Eu procuro por ossos. Quero o osso das coisas. Necessito dos ossos da vida. Eu preciso de apetite para as minhas fomes⁷.

Minha vida tem se tornado por demais asséptica. Meus prazeres são controlados e **artificializados**. Tomo café sem cafeína, cerveja sem álcool, doce sem açúcar, bolo sem farinha. Minha comida precisa ser **funcional**, as horas úteis, o corpo fit. E para isso vale de tudo: academia, cirurgia, horas e mais horas de formação. Que exaustão!!

Sinto que isso deprecia a vida. Talvez, a potência para uma existência outra, menos anestesiada, esteja no corpo que se esgota e esgotado, torna-se um corpo-sem-órgãos. Um corpo que possibilita outros possíveis. Um corpo que rasga e se abre. Um corpo que trinca e cria fendas. As fendas podem criar outras possibilidades em um solo ou em uma construção. Estabelecem a diferença de terreno. Escancaram a diversidade. Um diverso que se abre.

Fendas são doloridas, porque são diferenças na repetição. Travam a maquinaria. Gaguejam a linguagem. Fendas são perigosas para desavisados. Há dor e torção em uma escrita assim!

⁷ <https://www.escolanomade.org/2016/02/19/artaud-para-acabar-com-o-julgamento-de-deus/>

O esgotamento do possível se dá pelas palavras, pelas vozes, pelo espaço e pela imagem (Deleuze, 2015). Esgotar o possível é viabilizar novos arranjos. Esgotar o dado para inventar o novo. VIVA!!!

O esgotamento do possível pelas palavras seria viabilizado pelas “repetições que buscam esgotar o possível e que introduzem uma diferença a partir de um objeto qualquer e suas repetições em séries” (Henz, 2012, p. 32). Isto é, o possível é esgotado por palavras, quando essas se igualam a relação dos objetos entre si e viabilizam que o possível tenha uma realidade esgotável, que pode ser propiciado pela combinatória de palavras.

Outra maneira de esgotar os possíveis seria pelas vozes, em que “mundos possíveis que logo se desintegram como em uma câmara de eco, são tentativas de histórias possíveis que não se realizam. O eu falha, gagueja, desintegra-se, e as palavras vão desertando” (Henz, 2012, p. 40). Essa maneira de esgotar se dá pelas vozes e pela mistura de fluxos, que ora se confundem e ora se distinguem, resultando na sua interrupção.

Teríamos ainda a maneira de esgotar o possível pelo esgotamento da imagem, que pode ser sonora ou visual. Assim, “as palavras operam em favor de erigir uma figura. Sua estratégia é uma lista de ações, uma pequena tábua que se oferece como uma estranha partitura para fazer imagens, controlando os mínimos detalhes, castelos de areia, uma arquitetura para nada” (Henz, 2012, p. 56). A imagem que é narrada, como na televisão midiática, nas mídias sociais, revistas e propagandas seria uma maneira de esgotá-la. E finalmente, o esgotamento do espaço será o “movimento de extenuar um espaço qualquer, sem qualificação “[...] um espaço qualquer não importa qual, um espaço nem aqui, nem lá, em que todos os passos jamais dados não podem, de modo algum, se dar mais próximos nem mais distantes de um lugar qualquer” (Henz, 2012, p. 69). A fragmentação do espaço também seria uma maneira de esgotá-lo. Um espaço que perdeu função e onde os encontros são impossíveis. “Há, portanto, quatro modos de esgotar o possível: • formar séries exaustivas de coisas, • estancar os fluxos de voz, • extenuar as potencialidades do espaço, • dissipar a potência da imagem” (Deleuze, S/A, p. 25).

A esgotada esgotou os possíveis do já dado. Então, consegue perceber os gérmenes de mundo que fagulham, como raios na tempestade. Com isso, “essa potência de retirada do mundo produz uma vidência, faz de nós videntes de um novo possível, de um novo mundo possível” (Dilacerda, 2022, p. 269). A esgotada nega a sociedade para afirmar a vida. Perdemos a nossa conexão com as outras formas de vida. Estamos anestesiadas e precisamos cortar as correntes que nos aprisionam para voltar a sentir e a pensar.

A esgotada ou a *vidente*, é aquela que afirma a vida em todas as suas formas: a vida que sofre e a vida que é alegria, a vida que chora e a vida que sorri. Vivemos presas a tantas normas e mal sabemos quem somos. Há excesso de prescrição e escassez de experimentação. Tudo parece já ter sido dito. São tantas as convicções. A obesidade de certezas não permite que consigamos atingir certas intensidades. Então, repetimos o mesmo e negamos as saliências das diferenças.

O sujeito colonial moderno é um zumbi que utiliza a maior parte de sua energia pulsional para produzir sua identidade normativa: angústia, violência, dissociação, opacidade, repetição... não são mais que o preço que a subjetividade colonial-capitalística paga para poder manter sua hegemonia (Rolnik, 2018, p. 13-14).

A esgotada rompe com as normas ao esgotar os possíveis e com isso, abre possibilidade para outras formas de vida. A *vidente* teria condições de perceber as sensibilidades que se insinuam e consegue dar corpo para esses afectos e perceptos. Para Rolnik (2018), seria preciso retomar as nossas forças vitais que foram cafetinadas pelo capitalismo. Esse movimento não seria apenas racional, pois envolve a maneira como temos geridos os nossos desejos, o que não depende apenas de uma vontade. Seria preciso “resistir ao regime dominante em nós mesmos” (Rolnik, 2018, p. 36). A esgotada é aquela que consegue criar matéria de expressão para os afectos e perceptos que a atravessam. Seria aquela que consegue pensar o ainda impensado. E pensar para nós é “escutar os afetos, efeitos que as forças da atmosfera ambiente produzem no corpo, as turbulências que nele provocam e a pulsação de mundos larvares que, gerados nessa fecundação, anunciam-se ao saber-do-vivo” (Rolnik, 2018, p. 91).

Com isso, a esgotada não busca pela reconhecimento, isto é, reconhecimento de algo a partir de imagens já produzidas por meio das representações. Ou seja, a reconhecimento é o conhecimento que adquirimos sobre o mundo e que nos permite reconhecer sensações, objetos, teorias. Assim entendemos que uma sensação pode ser denominada tristeza ou alegria, que isso que estou utilizando para escrever é um computador e que a linha teórica que utilizo tem alguns pressupostos que permitem identificá-la. No entanto, “a forma da reconhecimento nunca santificou outra coisa que não o reconhecível e o reconhecido, a forma nunca inspirou outra coisa que não fosse conformidades” (Deleuze, 2018a, p. 186). A reconhecimento não permite reconhecer apenas os objetos, mas também estabelece valores para as coisas do mundo. Assim, a esgotada busca romper com a reconhecimento para inventar outros valores para o que existe. Enquanto a reconhecimento permite a reprodução de um

mesmo, isto é, a busca pelo verdadeiro e pela norma; a esgotada busca pelas fissuras, por onde possa brotar o inédito. São essas frestas que nos possibilitam respirar.

A esgotada não é mais um “eu”, mas uma hecceidade. Já não tem ideais, mas velocidades e lentidões, graus de calor e de frio, longitudes e latitudes. A esgotada tem uma relação de afectos e perceptos com o mundo. A esgotada não se move para adquirir intensidade. Pois “se há acídia e silêncio, não é enquanto frouxidão, mas como fecundidade; se há lentidão, ela não é entrega passiva, mas como produtividade não pragmática” (Henz, 2012, p. 11).

Assim, o possível da esgotada é diferente do possível da cansada. A cansada tem possíveis do já dado e cabe a ela escolher as alternativas. Contudo, precisa realizar possíveis para que se tornem realidade. Os possíveis da esgotada estão na virtualidade e precisam ser criados. Com isso, “o possível deixa de ficar confinado ao domínio da imaginação, ou do sonho ou da idealidade, tornando-se coextensivo à realidade na sua produtividade própria” (Henz, 2012, p. 48).

Enquanto para a cansada há finalidade prática em suas ações, isto é, “o cansaço faz parte da dialética do trabalho e da produção: descansa-se para se retomar a atividade” (Pelbart, 2013, p. 42), na esgotada suspende-se a vida enquanto utilidade, ou seja, “no esgotamento, não há passividade, há de se estar ativo para ir ao cinema, pular na água, mas é preciso suspender a utilidade prática da existência” (Henz, 2012, p. 27).

Para Lapoujade (2002), nossos corpos não aguentam mais. Contudo, para o autor, não aguentar mais seria a condição do corpo desde sempre e para sempre. Cabe-nos procurar uma potência própria do corpo, livre do seu agente. O corpo que não aguenta mais, não aguenta mais as maneiras formatadas dos corpos por meio da disciplina e do adestramento pois, ambas interrompem a potência de resistir do corpo. O corpo sofreria de assujeitamento.

Ainda, segundo esse autor, o corpo potente seria aquele que resiste as formas de adestramento, que vem do exterior e se interiorizam e constituí um agente para o corpo, ou uma alma. O autor também destaca que o sofrimento é a condição do corpo, e seria provocado pelo encontro com o fora, isto é, calor, frio, vírus, bactérias, a convivência com outros humanos e não humanos. Tudo isso gera sofrimento, mas não se trataria nem de anestesiá-lo e nem se ressentir de nossa condição, mas de usar o sofrimento como um caminho para a saúde. Seria preciso “ser sensível ao sofrimento do corpo sem

adoecer” (Lapoujade, 2002, p. 86), e voltar a sentir de maneira tão delicada que permita perceber as diferentes afecções, sem reduzi-las ao uniforme. Isto é,

a potência do corpo (aquilo que ele pode) se mede pela sua exposição aos sofrimentos ou às feridas. Mas Nietzsche diz: as feridas são as mais sutis. Isto quer dizer que a exposição do corpo se faz no interior dos mecanismos de defesa ... e que o protegem das feridas mais grosseiras. Sutil, aqui, não quer dizer leve ou benigno, mas, ao contrário, quer dizer que as defesas operam suficientemente para que eu tenha acesso à profundidade e à violência de uma ferida sutil – ou, inversamente, que eu tenha acesso à sutileza que esconde uma ferida grosseira (Lapoujade, 2002, p. 87-88).

Segundo o Comitê Invisível (2016), estamos vivendo em um mundo caótico e pouco inteligível, o que tem favorecido o governo de uma maioria por uma minoria, com o discurso de gestão da crise. “Não há uma crise da qual é preciso sair, há uma guerra que precisamos ganhar” (Comitê Invisível, 2016, p. 19). Nesse sentido, é utilizado um discurso de crise permanente para que seja evitada uma crise efetiva. Então, são provocadas crises constantes a fim de que estejamos desestabilizados para lutar. Para esse Comitê, transformamos a vida em algo que pode ser quantificado e perdemos a experiência. Os humanos entraram em falência, perdemos a conexão com as outras formas de vida e com outras possibilidades do real. O mundo e os humanos estariam cansados da humanidade. Seria preciso pensar em outras formas de vida, porque vivemos um momento de esgotamento e não parece haver muitas perspectivas para esse mundo já dado.

O esgotamento dos recursos naturais provavelmente está muito menos avançado do que o esgotamento dos recursos subjetivos, dos recursos vitais que atinge nossos contemporâneos. Se nos satisfazemos tanto ao detalhar a devastação do ambiente, é também para cobrir a assustadora ruína das interioridades. Cada maré negra, cada planície estéril, cada extinção de espécie estéril, cada extinção de espécies é uma imagem das almas em farrapos, um reflexo de nossa ausência do mundo, de nossa impotência íntima para habitá-lo (Ibidem, p. 37-38).

Há uma vida que sangra, mas também há uma vida que gargalha. Talvez possamos ser também essa multiplicidade de bactérias, vermes, células, alegrias e sofrimentos que nos habitam. A vida também brota embaixo das pedras, na imundice ou na areia. Necessitamos de sombras e de assombros para também brotar.

Nesse sentido, estaríamos já vivendo as catástrofes que prevíamos acontecer no futuro, e segundo o Comitê, para se opor a essa forma de governo, seria preciso inventar outras maneiras de viver. Chegamos ao limite, estamos no]entre lugar[. Nossos ideais parecem não fazerem mais sentido. Será que faz sentido haver ideais? Será que

precisamos de ideais? Quem sabe consigamos ser também nossas tripas? Talvez possamos não aguentar mais.

Para **OutraMUnDAR** (*neste mundo*) precisamos esgotar as subjetividades e os valores de nosso tempo, que não apreciam nem a vida nem os não humanos. Estamos obesos de verdades e de normas e é necessário esgotar as imagens, as vozes e os espaços para criar vazios e silêncios que viabilizam pensar.

Mas, é possível outros possíveis?

Experimento o esgotamento de alguns possíveis e necessito que outros sejam criados. Estou esgotada do já dado e desejo a aventura de sentir no meu corpo outros afectos e perceptos. Enfim, necessito criar possíveis... A vida ou plano de imanência seria constituído pelo já dado e o ainda não dado, ou os virtuais. Os virtuais fazem da vida uma provisoriedade, pois, nem tudo está dado, o mundo é maior do que o recorte que dele fazemos. Então, os possíveis de uma vida não estariam todos dados de antemão, porque há outros possíveis a serem criados.

O plano de imanência, ele mesmo se atualiza num Objeto e num Sujeito aos quais se atribui. Porém, por menos separáveis que estejam de sua atualização, o plano de imanência é ele mesmo virtual, tanto quanto são virtualidades os acontecimentos que o povoam. Os acontecimentos ou singularidades dão ao plano toda sua virtualidade, assim como o plano de imanência dá aos acontecimentos virtuais uma realidade plena (Deleuze, 2016, p. 411-412).

É que existem dois tipos de possíveis. Os possíveis já dados e os possíveis a serem criados.

Os possíveis já dados seriam aqueles que se realizam, isto é, a passagem do possível ao real é a passagem de algo que não tem realidade, para algo que a tem. O real é por demais vasto de virtuais e atuais. O real é feito de virtuais que se atualizam. Mas o possível é o que se realiza. No entanto, o real seria construído à semelhança desses possíveis. Contudo, possíveis e reais pertencem a mundos diferentes.

Quando eu realizo o possível já dado, isto se dá por reprodução. Ou seja, esse possível pode ser percebido como aquilo que antecede ao real, mas que também é construído a partir dele, ou seja, esse possível é a realidade mais alguma coisa. Ou seja, quando me planejei para pesquisar as crianças, eu introduzi várias coisas na realidade que eu tinha naquele momento para que a pesquisa pudesse se realizar. A pesquisa era o meu possível. Então, conversei com a minha orientadora, depois com a professora da turma e com o diretor da escola, pedi férias para ter tempo livre para realizar esse estudo. Contudo, muitas coisas poderiam acontecer e a minha pesquisa não se realizar da maneira como eu tinha planejado.

Além disso, a pesquisa, que era o meu possível naquele momento, disponibilizava de algumas representações do que seria uma escola, um professor, uma criança, um estudante e que poderiam ser efetivadas. Ademais, além de contar com o acaso, eu

também tinha um plano, construído a partir dos conhecimentos que eu dispunha de como a pesquisa deveria acontecer: cuidados éticos com os alunos e questões que me conduziam. Contudo, por mais que a realização de uma tese tenha um já dado, também viabiliza a invenção de uma novidade, ou seja, de outros possíveis, que não estavam no já dado, pois cria fissuras, rompe com alguns pressupostos, instiga a pensar e a sentir diferente. Assim, por exemplo, a partir dessa pesquisa ou o possível que se realizou, pude analisar a fala das crianças e perceber a possibilidade de trazê-las em contos, inaugurando a **CONTO**cartografia. Sua emergência só foi possível pelo encontro com as crianças.

Então, percebo que existem dois tipos de possíveis, o do já dado e o do ainda não dado, cujo campo se abre no real por meio dos acontecimentos e dos encontros. Possível é aquilo que pode acontecer em um determinado momento histórico e social. Encontro, na perspectiva aqui assumida, é aquilo que nos racha e faz emergir outros possíveis. Quando há um acontecimento, os possíveis se modificam e o já dado se torna intolerável e, então, há a necessidade de outros possíveis para as novas sensibilidades que emergem. Nesse sentido, Deleuze⁸, pede:

Um pouco de possível, senão eu sufoco. O possível não preexiste, ele é criado pelo acontecimento. É uma questão de vida. O acontecimento cria uma nova existência, ele produz uma nova subjetividade (novos entrelaces com o corpo, o tempo, a sexualidade, o meio, a cultura, o trabalho) (2016, p. 246).

Terra nova. Lavas a borbulhar. Por isso, desejo encontros que me tirem o ar. Amanhãs sem pré-visão e sem respostas prontas. Me encantam neo-visões ou infanti-visões ou ainda, infanti-sentidos. O acontecimento é o *imprevisível* ou a descontinuidade que se propaga por ressonância. Isto é, um acontecimento se prolonga para além do fato. É um momento de *vidência* em que a sociedade percebe o intolerável. Quando um novo campo de possíveis se abre, o que antes era impossível se torna realizável.

O possível é um jogo com a realidade que propõe questões a respeito do que podemos fazer de tudo isso que já está feito. Como usar as realidades que nos envolvem? Em que sentido o encontro com outrem abre mundos possíveis? O outro torna possível isto e aquilo, uma determinada realização, que não é toda a

⁸ Para Deleuze (2016) os acontecimentos como maio de 1968 são descontinuidades, e não o resultado de uma crise, isto é “o próprio acontecimento está em desengate ou ruptura com as causalidades: é uma bifurcação, um meandro relativamente às leis, um estado instável que abre um novo campo de possíveis” (ibidem, p. 245). Com isso, maio de 1968 foi um momento de ruptura que abriu outros possíveis e viabilizou um fenômeno de vidência, em que o impensado pode ser pensado e o que era antes inimaginável se tornasse imaginável.

virtualidade do encontro. Existem virtualidades que não podemos tornar possíveis no jogo com o outro (Henz, 2012, p. 22).

A literatura nos ajuda a vivenciar a abertura de possíveis pelos encontros, como no livro “uma viagem cósmica a Porto Ficção”, 2021, de Juan Pablo Villalobos, que conta a história de três crianças que moram nas ruas de Porto Ficção: Nellie, Sabino e Sabina, e que têm como amigos um cachorro, chamado Boris e um homem apelidado de Profeta. Esse grupo tem seus possíveis transformados após o encontro com Willy, uma espécie de arraia extraterrestre e Melina, uma rêmora. A partir desse acontecimento, acompanhamos a transformação de todos os personagens da história, que já não são os mesmos de antes dessa experiência.

Esse campo de possíveis que se abre com o acontecimento, que nesse caso é o encontro com o Willy se daria pela atualização de virtuais e possibilita a produção de uma novidade. Os possíveis são **borboletas** que voam entre o virtual e o atual. Seria um possível que não se atualiza por semelhança, mas por diferenciação. A atualização de um virtual seria uma criação. Virtuais e atuais não se assemelham, mas se correspondem. Então, a criação de novos possíveis se daria pela atualização de virtuais. No livro citado acima, os personagens descobrem, por acaso, o efeito mágico do coentro em Willy, quando come os tão desejados tacos: “as crianças brincam com ele, os Secretos procuram por ele, e se comer coentro, se torna um ser mágico” (Villalobos, 2021, p. 110).

Ou seja, o possível seria os virtuais, que se atualizando, viabilizam novos possíveis. Os atuais teriam os seus virtuais e isto possibilita que outras formas de vida possam ser inventadas. Neste sentido, um possível precisa ser inventado porque é necessário dar corpo para os novos afectos e perceptos produzidos a partir de um acontecimento.

Lembremos que toda essa exploração não acessa toda a virtualidade e que, portanto, o possível se engendra com o virtual. Pode ocorrer um perigoso encobrimento se for sobreposto o possível ao virtual. Não se pode dizer explicitamente que o possível advém do virtual, pois ele emerge dos encontros. O virtual é, então, primeiro, ou seja, antecede o possível que com ele será criado (Henz, 2012, p. 20).

As coisas que faço estão circunscritas pelos possíveis de nosso tempo. Por isso, o que eu imagino e aquilo que eu desejo têm o horizonte social. Almejo outros possíveis, para efetivar diferente. Para que se produzam novos efeitos. Sinto que novas formas de vida estão sendo inventadas e com isso, também possíveis inéditos e diferentes maneiras de

afectar e de ser afectado. Além de outras condições para perceptos. Então, quando houver outros possíveis, poderei experimentar maneiras novas de sentir e de pensar.

Quanto ao possível, você não o tem previamente, você não o tem antes de tê-lo criado. O que é possível é criar o possível. Passa-se, aqui a um outro regime de possibilidade, que nada mais tem a ver com a disponibilidade atual de um projeto por realizar ou a acepção vulgar da palavra utopia (a imagem de uma nova situação pela qual se pretende, brutalmente, substituir a atual, esperando alcançar o real a partir do imaginário: operação, sobre o real, e não do próprio real). O possível chega pelo acontecimento, e não o inverso; o acontecimento político por excelência – a revolução – não é a realização de um possível, mas uma abertura do possível (Zourabichvili, 2000, p. 335).

A experiência de criar possíveis seria de potência e de devir, por isso, para novos possíveis, preciso dar passagem à abertura que novas maneiras, sutis, silenciosas, de expressão engendram, para possibilitar novas percepções e afecções. Essas maneiras de expressão respondem a efetuação de novos possíveis disponibilizados pelos acontecimentos. Então, por mais que eu esteja esgotada. Permaneço estática, mas metamorfoseando.

Quando um novo campo de possíveis se abre, faz-se necessário que a sociedade consiga forjar agenciamentos coletivos que deem corpo a esses novos afectos e com isso, efetue uma mutação.

Quando uma sociedade se levanta em um movimento intempestivo, que não equivale à cega espontaneidade, mas a uma lucidez extrema, que pode cegar por fazer ver pelo excesso o que antes ninguém ousava enxergar ou enunciar; quando isso que parecia impossível aparece de pronto como desejável, é outro plano que se oferece à vista de todos (Pelbart, 2019, p. 127).

Para criar possíveis, experimento o limite. Sinto que chego ao meu limite, que não se trata de quantidade, mas de um lugar. Um lugar de estranhamento. Então, eu sofro, pois das fissuras emergem outros fluxos. Nos limites, eu mudo de natureza. Não sou mais solo, mas rocha, vazio e lava. No meu limite emergem forças de outra qualidade e não de outra quantidade. O limite é o lugar do embate entre diferentes intensidades. Zona de tensão. Local de estrangeiridade. É no limite que se questiona o casamento, a profissão, a vida. O limite é um lugar de sofrimento. É preciso sentir o corpo para saber o que pode um corpo, o que pode o nosso corpo. Seria preciso,

de um lado, um Eu não aguento mais (tudo aquilo de que devo me defender, daquilo que meu corpo sofre e me faz sofrer), do outro, um Eu sinto (no sentido em que nos abrimos a tudo aquilo que advém sob a regime sutil). Se fechar para se abrir é o paradoxo da prudência, enunciado por Nietzsche e Deleuze. Mas este paradoxo é

primeiramente o paradoxo da relação entre nossa receptividade e nossa espontaneidade que, juntas e inseparavelmente, testemunham aquilo que pode o corpo (Lapoujade, 2002, p. 89).

Chego ao meu limite e já não tenho uma história, mas uma geografia. Por mim correm linhas, rios e meridianos. Estou no meu limite. Já não suporto ser mulher, trabalhadora, assalariada. Eu não suporto, então eu quebro. Já não me basta dinheiro, casa, carro. Já não sonho em possuir bens. Quero leveza e terra macia. Quero a chuva e o cheiro da noite. Quero uma vida que se abra. Eu desejo que pulse, que tenha calor, que tenha entranhas. Quero uma dança colorida, com asas de alegria, para que eu possa voar por aí. O limite é o encontro entre terra e mar, lua e rio. É mistura e heterogeneidade. Onde termina o animal e começa o humano? Quais as fronteiras entre a criança e o adulto? Qual é o limite de uma vida? Qual o limite de uma sociedade? Chego no limite e afirmo as minhas fragilidades, para brotar vida onde trinco, onde quebro. Permito que potências outras possam emergir pelas minhas fissuras.

Daí os desvios necessários, internos e externos, não raro enigmáticos ou aberrantes (atravessar o muro, perder o rosto, desfazer o organismo), cuja lógica se revela après coup, até que se liberte ou se atinja tal nota da vida (como uma nota musical), tal vibração, tal afeto (Pelbart, 2019, p. 25).

O possível da cansada é a combinação das faces já dadas, delimitadas por representações já reconhecidas socialmente. No entanto, o possível da esgotada precisa ser criado na imanência e na experimentação. Nada está dado e é preciso arriscar um território sem chão. A esgotada está em transformação e é para dar consistência aos seus novos afectos e perceptos que precisa de outros possíveis. Contudo, as transformações que vivemos enquanto sociedade são quase imperceptíveis e, “só percebemos, e ainda assim mal e mal, o que é que eles vão deixando para trás como uma escama de cobra, que antes nos identificava e que agora olhamos com certo espanto, mal imaginando que ontem éramos aquilo (Pelbart, 2019, p. 108).

Estou esgotada e já não busco o possível nas alternativas dadas ou previamente concebidas. Pois, é quando todos os possíveis previamente imaginados se esgotam ou quando nada mais é possível, que se cria, por necessidade um possível outro, ainda não dado. É quando estamos esgotadas que pensamos o impensado, imaginamos o inimaginável e sentimos o insensível. É quando os modelos ou as representações se esgotam, que é necessário criar possíveis. Isto é, seria preciso esgotar os possíveis que seriam alternativas

ou potencialidades, para que um novo campo de possíveis se abra. Trata-se de experimentar um outro regime de possibilidade.

Como se o esgotamento do possível (dado de antemão) fosse a condição para alcançar outra modalidade de possível (o ainda não dado) – em outros termos, não a realização eventual de um possível previamente dado, mas a criação necessária de um possível sob um fundo de impossibilidade. O possível deixa de ficar confinado ao domínio da imaginação, ou do sonho, ou da idealidade, tornando-se coextensivo à realidade na sua produtividade própria (Pelbart, 2013, p. 48).

Estou esgotada e os meus possíveis já não podem ser imaginados ou idealizados. Busco por possíveis, que são existências que se fazem como potência, criados nos acontecimentos. Acontecimento seria tudo aquilo que modifica um ponto de vista, que modifica ver e sentir. Isto é, o cotidiano já não poder ser tolerável e o inimaginado torna-se pensável. Quando um novo campo de possíveis emerge, há a necessidade de romper com antigos possíveis e arriscar outras formas de existência, a fim de que a nova organização dos afetos tenha matéria de expressão. Experimento não mais agenciamento com formas e indivíduos, mas com forças, acontecimentos e afetos.

Por "novo campo de possíveis" é necessário entender então uma outra coisa: a palavra possível deixou de designar a série de alternativas reais e imaginárias (ou... ou...), o conjunto das disfunções exclusivas características de uma época e de uma sociedade dadas. Ela concerne, agora, à emergência dinâmica de novo. Eis a inspiração bergsoniana do pensamento político de Deleuze. Realizar um projeto não produz nada de novo no mundo, uma vez que não há diferença conceitual entre o possível como projeto e sua realização: apenas o salto para a existência. E aqueles que pretendem transformar o real à imagem do que antes conceberam não levam em conta a própria transformação. Há uma diferença de estatuto entre o possível que se realiza e o possível que se cria. O acontecimento não abre um novo campo do realizável, e o "campo dos possíveis" não se confunde com a delimitação do realizável em uma dada sociedade (mesmo se ele indica ou incita seu redimensionamento) (Zourabichvili, 2000, p. 337).

Nesse sentido, o devir-criança viabilizaria a afirmação de uma outra sensibilidade e com isso, a constituição de novas possibilidades de vida. Isto é, um conjunto de modos de vida possíveis a uma sociedade, que viabilizem novas maneiras de ser afetada. Estou esgotada e necessito de *vidência*, pois, a *vidente* seria aquela que presencia um acontecimento e por isso, consegue perceber novas formas de existência, que pedem por se realizar. A *vidente* sente no seu corpo uma nova sensibilidade que se anuncia em virtualidade. Por isso, "a vidência não realiza um possível atual, ela vê e atualiza um possível virtual e, com isso, a vidência cria um novo possível" (Dilacerda, 2020, p. 90).

Vidente é aquela que percebe os gérmenes de mundo que estão emergindo, ou aquilo que ultrapassa a atualidade de uma situação, isto é, os possíveis. A Vidente “enxerga a intensidade, a potência, a virtualidade. Não é o futuro, nem o sonho, nem o ideal, nem o projeto perfeito, porém as forças em vias de redesenharem o real” (Pelbart, 2013, p. 414). A Vidência seria involuntária, isto é, se dá por necessidade e não por boa vontade ou escolha.

Quando um novo possível é criado, modificam-se as sensibilidades e a Vidente necessita se modificar, para dar corpo aos novos afetos. O que antes era possível, agora se torna intolerável, então, é necessário agir. Além disso, a vidente seria aquela que tem uma visão ativa diante do real. A Vidente seria aquela que percebe a realidade em sua virtualidade, para isso, precisa habitar o imanente.

Por conseguir perceber os possíveis, precisa atualizar novas formas de vida, realizando combinações singulares, com os elementos disponibilizados pelos possíveis. Os possíveis seriam potencialidades ou potências presentes em uma situação, que podem constituir formas de vida ou formas afetivas em diferentes combinações ou agenciamentos.

A criação de um novo campo de possíveis, possibilita também uma nova percepção e para atualizar um novo possível seria preciso experimentação, já que “as condições para um novo traçado já estão dadas, sem que nenhum percurso seja imposto previamente” (Zourabichvili, 2000, p. 342). Cabe a cada singularidade efetuar as diferentes combinações. Para experimentar um possível, é preciso esgotá-lo, pois só experimentamos o possível “em sua queda ou em seu esgotamento: trata-se assim, de esgotar o possível” (Zourabichvili, 2000, p. 342).

Nesse sentido, a criação de possíveis reconfigura o espaço-tempo, por traçar um novo agenciamento espaço-temporal coletivo inédito que consegue dar matéria de expressão para a nova subjetividade ou sensibilidade que emerge do acontecimento. Uma nova sensibilidade que possibilita pensar o impensável. Pois:

quando o pensamento assume as condições de um encontro efetivo, de uma autêntica conexão com o fora, então ele afirma o imprevisível ou o inesperado, acampa sobre um chão movediço que ele não domina, e ganha aí sua necessidade. Pensar nasce de um acaso, pensar é sempre circunstancial, relativo a um acontecimento que sobrevém ao pensamento (Zourabichvili, 2016, p. 52).

Estou esgotada e não busco por realizações, mas por criações. A esgotada ou a Vidente, apreende esses gérmenes de mundo nos acontecimentos. Nesse sentido “tudo é

possível, mas nada ainda está dado, segundo a nova definição do possível na medida em que abre o campo de criação (a partir daí tudo está por se fazer)” (Zourabichvili, 2000, p. 342). Com isso, o possível da esgotada seria a possibilidade de criação de novas existências e de transformação do real e não a realização de um projeto.

O autômato espiritual acha-se na situação psíquica do vidente, que enxerga melhor e mais longe na mesma medida em que não pode reagir, isto é, pensar. Qual é, então, a saída sutil? Acreditar, não em outro mundo, mas no liame do homem e do mundo, no amor ou na vida, acreditar nisso como no impossível, no impensável, que, no entanto, só pode ser pensado (Zourabichvili, 2016, p. 96).

Segundo Zourabichvili (2000; 2016), a criação de possível ocorreria porque o acontecimento faz emergir um novo sentido do intolerável (mutação virtual) e esse novo sentido do intolerável pede um ato de criação que responda à mutação, que seja o traçado de uma nova imagem e crie literalmente o possível (mutação atualizante). Com isso, o possível não é mais realizado, mas criado pela atualização e pela efetuação: atualizar o virtual ou efetuar o possível.

Então, o corpo é reapropriado de vibração, intensidade, afectibilidade ou seja, “retomar o corpo naquilo que lhe é mais próprio, sua dor no encontro com a exterioridade, sua condição de corpo afetado pelas forças do mundo e capaz de ser afetado por elas: sua afectividade” (Pelbart, 2013, p. 32). Seria preciso dar passagem a outras forças, a fim de possibilitar que o corpo possa ser afetado. O possível é o indefinido e pura intensidade, que se desfaz ao se tornar imagem. Nesse sentido, para criar campos de possíveis é preciso esgotar o possível. Pois:

o esgotamento desata aquilo que nos liga ao mundo, que nos prende a ele e aos outros, que nos agarra às suas palavras e imagens, que nos conforta no interior da ilusão de inteireza (do eu, do nós, do sentido, da liberdade, do futuro) da qual já desacreditamos há tempos, mesmo quando continuamos a eles apegados. Há nessa atitude de descolamento, certa crueldade, sem dúvida, mas tal crueldade carrega uma piedade outra – a que desata os liames. Apenas através de uma desaderência, despregamento, esvaziamento, bem como da impossibilidade que assim se instaura, advém a necessidade de outra coisa que ainda pomposamente demais, chamamos de criação de possível (Pelbart, 2013, p. 413).

Para isso, penso ser necessário criar um corpo sem órgãos, a fim de possibilitar experimentações outras e assim, viabilizar a abertura de brechas na estratificação do já conhecido e suscitar outros possíveis. Se pudermos negar o já dado, quem sabe possamos ouvir e sentir outras, múltiplas formas de vida que clamam por se instaurar. Formas de vida humanas e não humanas que fogem das representações do já dado.

Quando falamos de múltiplas formas-de-vida, não nos referimos apenas a minorias constituídas, como índios, quilombolas, loucos, putas, mas, no coração das cidades, também a tribos nascentes, novos nômades, precários ou experimentais, que, de maneira frustrada ou afirmativa, demandam outra mobilidade, outra hospitalidade (Pelbart, 2019, p. 115).

Pelbart (2013) alerta que, para permitir que novas formas de vida possam ser criadas, seria preciso que não houvesse um julgamento sobre qual delas seria melhor, mas uma avaliação na própria forma de vida, que se daria pela conveniência, isto é, convém ou não nos convém a forma de vida. Ou seja, “uma possibilidade de vida se avalia nela mesma, pelos movimentos que ela traça e pelas intensidades que ela cria, sobre um plano de imanência; é rejeitado o que não traça nem cria” (Pelbart, 2013, p. 402). Com isso, criar novas expressões para agenciamentos de vida, se daria pela diferença. Não seria uma significação, mas uma avaliação. Não uma avaliação de quem seriam os bons e os maus, mas do que é bom ou mau para aquela forma de vida. Avalia-se a *vitalidade* que há em uma existência. Avalia-se a potência de cada forma de vida, de quais afectos cada corpo é capaz e as maneiras que cada modo de existência tem de afetar e ser afetado.

Vivemos um momento de exaustão do planeta, dos humanos e dos não humanos. Enquanto fitamos o abismo, percebemos algumas faíscas de vida que iluminam um céu que parece agonizar. O que fazer quando o mundo parece ter chegado ao seu limite? Será possível inventarmos novas formas de vida? Poderemos **OutraMUNDAR** (neste mundo)?

Para outramundar precisamos criar possíveis a partir dos encontros. Para isso, preciso fabricar um corpo!!! Vejamos suas características (ou a falta delas)...

PLATÔ I

Aracnídeo: Um corpo que se (re)faz...

Nessas linhas de venho-aranha. No entanto, nasci mulher na década de oitenta, branca, filha mais velha de pai e de mãe semianalfabetos e com uma irmã um ano e seis meses mais nova. Desde pequena, já sabia costurar, bordar, fazer tricô, crochê e cozinhar. Então, tenho experiência com as tramas. Venho das margens, de uma família pobre, em que tudo era escasso. Então, aprendi a compor e a me construir com o precário. Morava conosco, a minha avó que era cega, e que fazia, guiada pelos “olhos das mãos”, tapetes para ajudar na renda familiar. Aprendi com ela a sentir o ambiente com as minhas patinhas-mãos. Sempre fui um ser diferente e sentia não me encaixar em lugar algum: nem na minha família, nem na escola e o esforço de ser igual aos outros, resultava em novas frustrações. Foi aos poucos que me descobri aracnídea. Adorava ler e tramar histórias para mim mesma. Gostava de brincar com as palavras. Também era muito curiosa, então, experimentava tudo o que me era possibilitado: tentei aprender italiano com uma tia, alemão com um tio e inglês com o dicionário da biblioteca e descobri que não tenho talento para as línguas. Gostava de pescar, de andar a cavalo e de subir em árvores. Mergulhava na lagoa e no mar, caçava girinos no banhado e tinha como animais de estimação um sapo, peixes cascudos, pescados pelo meu pai e que eu salvei da panela e que sobreviveram durante meses em um tanque de roupas em desuso, caracóis, uma andorinha que eu roubei do ninho, galinhas, pintos, patos, periquitos, minhocas, uma tartaruga que resgatei em uma enchente, coelho, porquinho da índia, os porcos que o meu pai criava para matar e que eu tentava a todo custo e sem sucesso salvar. Morávamos em uma pequena cidade, em casa com pátio. Logo ganhei gosto pela experiência de acompanhar o desenvolvimento das plantas e ocupei o terreno com todo tipo de vegetal que eu plantava. É que as aranhas adoram as folhas das plantas e eu passava o dia entre os vegetais. Como toda aranha que se preze, quando era criança, passava o recreio na biblioteca, entre os livros e as estantes. As aranhas presam pelos ambientes tranquilos e pouco iluminados. A escola era um ambiente ambíguo para mim, pois tinha a questão de eu ser tímida e de me sentir amedrontada com as pessoas, e de não fazer parte do bando. Mas também era um ambiente que me oferecia um novo mundo. Então, quando fui escolher uma profissão, foi esse desejo de voltar à escola que me guiou. Trabalhei dez anos em Escola de Educação Básica, como aranha-secretária, aranha-professora e aranha-supervisora. Atualmente, teço as minhas redes como pedagoga da UFRGS. A escrita dessa tese foi uma grande trama, feita com saliva e entranhas. Com pedacinhos do mundo que eu digeri e fui tecendo com o vazio. Entendo que a escolha do tema da pesquisa, da configuração da teia e a escolha dos fios dessa trama são efeitos de um devir-criança que habita o meu corpo adulto. Um devir-criança que também é um devir-animal e um devir-aranha. A escolha por fazer aulas de escrita criativa também se deu por esse devir-criança. Sempre gostei de brincar com as letras e acreditava que poderia construir uma tese em que pudesse fazer isso com mais habilidade e para isso, era necessário aprender “inventividades” com os escritores mais experientes. Queria que a tese fosse tão séria como uma brincadeira de criança e por isso, precisava aprimorar as competências da fabulação. Foram aulas muito potentes e acredito que deram um outro paladar para a escrita. A tese-teia é parte do meu corpo – matéria de expressão dos afectos e perceptos experimentados não só na pesquisa, mas nos anos em que tenho vivido e que deixo para o tempo, para as tempestades e para as estações. Como uma teia, entendo que essa tese possibilita que eu possa sentir o ambiente de outra maneira, isto é, coloco as minhas patinhas na tese para sentir o mundo de um jeito diferente do que eu vinha fazendo. Então, sou invenção da escrita que fabulamos, eu e a minha orientadora.

Corpo do Desejo:

Havia construído um **CORPO** útil e funcional. Bem alimentado, bem exercitado, bem examinado, medido e medicado. Um **CORPO** que trabalhava, estudava e ia a baladas..., como nos manuais de autoajuda, como determinava a moral, as leis e as regras sociais.

Um **CORPO** que pesava em prescrição: não era permitido engordar, nem ser magra demais, precisava ter independência emocional e financeira, viver um grande amor, não trabalhar tanto, mas ser uma profissional de sucesso, ter filhos lindos e saudáveis, ser loira, siliconada, alisada, harmonizada, ter muito dinheiro, beleza, vaidade, roupas caras, maquiagem de boa qualidade, um cabelereiro respeitável, o carro do ano, a pele do ano, o amigo do ano, a festa do ano, a vida do ano e muitas curtidas e seguidores nas redes sociais. Mas esse **CORPO**, nunca nem chegou perto disso.

Era um **CORPO** que V

A
Z
A
V

A: engordava onde deveria estar magro e emagrecia onde deveria engordar. Era um **CORPO** trabalhador-pobre-assalariado-feminino-sem filhos-sem dinheiro-sem silicone-sem maquiagem. sem eira nem beira.

mas isso também era um fardo: de culpa, de vergonha, de ansiedade. de tão obeso de verdades,

o

CORPO

caiu

e quebrou.

C

O

P

O

R

Esgotado de possível.

Faltava ar!

Os instantes
asfixiavam em
dias

E X T E N S O S

Num impulso-vida, rompeu fronteiras. Atravessou paredes, tecidos e nervos. O **CORPO** em seu devir rio, enxurrada ou correnteza invadiu os órgãos feito tsunami. As peles se misturaram e as células involuíram em um jogo de forças e em fluxos de desejo.

As veias se abriram ao tempo e as peles se estenderam em superfícies de sensações. A epiderme pensava em cílios e pelos. As entranhas se encheram de ar e de vazios. As tripas estenderam cordas para outramundos. Boca, língua e estômago rastejavam. É no chão que as árvores se tornam brotos. É na terra que os grãos se fazem sementes.

O **CORPO** era todo pés, um nômade. Olhos se abriam entre músculos e líquidos, para viscerar existires. As lágrimas rasgaram tecidos, um **CORPO** que chora com os ossos, pode ser também um corpo que sorri com as unhas.

O fígado se rasgou em sol, para engolir o dia, digerindo minutos, sugando segundos. Um dia inteiro dentro do abdômen.

Os dedos se abriram e suspiraram a noite. Respirar uma noite inteira. Sentir seus cheiros de eternidade pelas mãos.

Os órgãos em fluxos eram sangue e peles em planície. Órgãos desterritorializados não tinham função, mas espanto.

Um corpo endurecido, esgotado, sufocado e apertado. Um **CORPO** sem possível, sem ar, quebra e é invadido de espaço, de deserto, de oxigênio, de possível. O **CORPO** em agonia, volta a respirar, se expande para caber mais vida. se expande para caber poesia. Uma pesquisadora que estilhaça para caber essa pesquisa. O que pode um **CORPO** em pedaços? De quais afectos e perceptos é capaz? Como uma escrita **CONTO** cartográfica solicita um corpo que pode afectar e ser afectado?



Corpo vibrátil:

Sabe aquele encontro que faz o corpo da gente vibrar? Pois é, foi isso o que eu senti quando eu li Suely Rolnik (2014).

Meu corpo vibrou. Quebrei alguns ossos para que isso fosse possível, criei vazios, estriei estruturas e construí desertos. Conheci em alguns momentos, um corpo sem órgãos. Experimentei capacidades corticais e subcorticais. Capacidades corticais são ligadas à percepção. É como eu apreendo o mundo e para isso, utilizo sentidos como olfato, visão, audição. Esses sentidos se ligam às representações que eu venho construindo desde que nasci, ou seja, quando sinto um cheiro, já sei quase que imediatamente do que se trata. Isso acontece porque já construí catálogos de cheiros na minha memória, que são

acessados quando me deparo com algum aroma. Essas representações foram construídas com a utilização da linguagem, ou seja, em algum momento, alguém me disse do que seria o cheiro que eu apenas reconheço. Mas também tem história nos cheiros que eu sinto e identifico. Isto é, os recursos corticais que utilizamos também se relacionam a história de cada sujeito⁹. Ou seja, há aromas que lembram o inverno e uma situação alegre, outros lembram uma paixão do passado e outros ainda, algo triste. Isso não ocorre apenas com os cheiros, mas também com a visão, a audição, o tato, enfim, com os nossos sentidos.

Já as minhas capacidades subcorticais ou o “corpo vibrátil” estariam ligadas à minha capacidade de afectar e de ser afectada. Esses afectos eu os vivencio como sensações. Para esses, eu não tenho representações, nem consigo nomear e também não têm a ver com a minha história. Quando experimento um afecto, não consigo me separar dos objetos que me afectaram e os objetos se tornam parte de mim.

No entanto, a física, em outra perspectiva, traz o conceito de vibração: “oscilação de uma partícula, um sistema de partículas ou um corpo rígido em torno de uma posição de equilíbrio” (Silva, 2009, p. 13). Para Amaral (S/A), um “Corpo está em vibração se ele está animado de um movimento oscilatório em torno de uma posição de referência ou de equilíbrio” (Amaral, S/A, p. 1). Nossa referência é o mundo e nossa capacidade de sentir os movimentos da terra tal qual uma aranha que constrói uma teia e a utiliza para sentir as vibrações do ambiente (informação verbal)¹⁰ Tal artefato, a teia, é instalada em um lugar estratégico. A teia é uma construção visceral que ela compõe com o ambiente. Então, a aranha coloca sua patinha na teia e consegue sentir os movimentos e as modificações que ocorrem no espaço.

⁹ Ocorre também a separação entre sujeito e objeto, isto é, configura-se um indivíduo, pois, segundo Guattari e Rolnik (2013), os indivíduos seriam produzidos em massa por uma cultura que fabrica “indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas de hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão – não sistemas de submissão visíveis e explícitos, como na etologia animal, ou como nas sociedades arcaicas ou pré-capitalistas, mas sistemas de submissão muito mais dissimulados” (Guattari, Rolnik, 2013, p. 22). Essas individualidades se utilizam de subjetividades produzidas socialmente, e estabelecem relações que podem ser “de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização” (Guattari; Rolnik, 2013, p. 42). Com isso, a individuação seria dos corpos, isto é, “um indivíduo é o resultado de um metabolismo biológico do qual participam seu pai e sua mãe. Dá para ver as coisas desse jeito, mas, na realidade, a produção do indivíduo agora depende também da indústria biológica e até da engenharia genética” (Guattari; Rolnik, 2013, p. 42) e a subjetividade seria uma produção social a qual esses corpos podem aderir.

¹⁰ Fala de Suely Rolnik na Palestra intitulada: “As aranhas, os guaranis e alguns europeus: outras notas para descolonizar o inconsciente”, realizada em 08 de mar. 2022. Canal do youtube Eco-Pós UFRJ. Disponível em: <https://youtu.be/DfhBmfAdhM>

ALGO VIBRA!!!!!!! pois, continuam os físicos¹¹, um corpo sob ação de uma força que possui um movimento direcionado de um determinado ponto a outro repetidamente está em vibração. Os corpos estão sob a ação de forças. Algumas no mesmo sentido e outras em sentido contrário. Contudo, o que faz um corpo vibrar é a resultante desse conjunto de forças.

Como o corpo humano constitui um meio material, então as suas vibrações podem ser mecânicas. Contudo, esse corpo também é constituído por energia, já que integrado por células que são formadas por moléculas que são um conjunto de átomos que se estruturam por prótons e elétrons. Então o corpo humano também produz vibrações eletromagnéticas. As vibrações do corpo humano possibilitam sentidos como audição, visão e fala, além dos movimentos de respiração e dos batimentos cardíacos. Com isso, de maneira voluntária e involuntária, vibramos o tempo todo.

Corpo-harpa



Figura 1 - Harpa – Getty imagens ilustrações

¹¹ Mas do que se trata vibração em física? Na física, o conceito de vibração está relacionado com a 2ª Lei de Newton. Esse conceito propõe que a aceleração de um corpo é proporcional a força resultante que age sobre ele e tem o mesmo sentido e direção desta força. Um corpo sob ação de uma força que possui um movimento direcionado de um determinado ponto a outro repetidamente está em vibração. Entendemos em nossos estudos que os corpos estão sob a ação de forças. Algumas no mesmo sentido e outras em sentido contrário. Contudo, o que faz um corpo vibrar é a resultante desse conjunto de forças. Enquanto a vibração é uma oscilação em função do tempo, uma onda é uma oscilação em função do espaço e do tempo (Hewitt, 2015). Onda seria uma perturbação que se propaga em meio físico e que transporta energia sem transportar matéria. Como uma onda possui uma extensão no espaço, as principais características de uma onda são: amplitude, comprimento de onda e frequência. A amplitude refere-se à distância entre o ponto médio de vibração e a crista da onda, o comprimento de onda é a distância de uma crista a outra adjacente e a frequência específica o número de oscilações em determinado tempo (Hewitt, 2015, p.359). Quanto a forma de propagação as ondas podem ser transversais, longitudinais ou mistas, já com respeito a dimensão, elas podem ser: unidimensionais, bidimensional e tridimensionais. Quanto a sua natureza, as ondas podem ser mecânicas (quando necessitam de um meio material para se propagar) ou eletromagnéticas (que não necessitam de um meio material para se propagar).

Todos os corpos que têm massa e elasticidade seriam capazes de vibrar. Cabe ressaltar que as propriedades de vibração dos corpos sólidos têm sido utilizadas para a produção de sons musicais (percussão, cordas, metais, etc). Além disso, o estudo da vibração dos corpos também possibilita minimizar efeitos adversos às máquinas e aos seus usuários o que prejudicaria tanto a estrutura desses equipamentos como também a saúde daqueles que lidam com essas máquinas. As vibrações mecânicas podem ser classificadas quanto à excitação: livres ou forçadas; quanto ao amortecimento: amortecidas ou não amortecidas e quanto ao deslocamento: retilíneo ou torcional ou combinação de ambos; quanto às propriedades físicas: sistema discreto ou contínuo; quanto às equações envolvidas: linear ou não-linear.

Quando um material recebe uma vibração forçada com frequência igual a uma de suas frequências naturais de vibração, entra em ressonância e passa a vibrar com amplitudes cada vez maiores. Com isso, a ressonância “ocorre sempre que impulsos sucessivos são aplicados sobre um objeto vibrante, em ritmo com sua frequência natural” (Franco, S/A, p. 1).

Segundo Soeiro (2008), a vibração já era conhecida na antiguidade e até mesmo, havia experiências sobre o movimento do pêndulo, como medidor de tempo, sendo conhecido pelo seu isocronismo. Ele também relata que algumas invenções como o “transdutor de vibração, constituído de um escudo coberto com uma fina camada de bronze, que era encostado ao solo produzindo som quando este apresentava qualquer movimento vibratório” (p. 2-3). Também relata que no ano de 132 DC, um chinês chamado Zhang Heng construiu um sismógrafo, a fim de perceber com antecedência a ocorrência de terremotos. Acho que necessito de um sismógrafo para meu corpo!

Corpo sem órgãos:

Meu corpo entrou em ressonância e rachou. Muitas eram as forças que vibraram com tal intensidade, que a pele não suportou tamanha potência. Foi num desses encontros. De repente, senti a temperatura alterar. Logo, meu corpo foi invadido por diferentes sensações. Percebi que expandia. Minhas camadas afinavam e eu me enchia de vida. Todas as minhas peles estendidas no limite do suportável. Eu respirava e-moção. Me agigantei com tal intensidade. Eu fendi de fascínio. As linhas do meu corpo, todas alinhadas para soprar com gaia. Eu era canção. Vibrava a pele dilatada.

Meu corpo rachou ao experimentar uma frequência tal que se desorganizou. Isso viabilizou a criação de um corpo sem órgãos, possibilitando a invenção de mim. Um corpo sem órgãos seria o corpo do desejo, onde os órgãos não têm uma função definida, mas ressoam com os fluxos da vida. Cabe ressaltar que a constituição de um corpo sem órgãos não seria completa, pois nesse caso, não haveria a potência para a produção de outras formas de vida, mas a morte. Seria necessário cuidado e prudência na criação de um corpo sem órgãos, pois o que se busca é um corpo sem órgãos que preserve a invenção de novos órgãos e a disposição desses de outras maneiras e não a aniquilação desses fluxos de vida. Assim, a construção de um corpo sem órgãos seria um trabalho de fissurar. Nesse sentido, na constituição do meu corpo em um corpo sem órgão não intencionei uma autodestruição, mas a criação de pequenos espaços, de reticências, de gaguejos para pensar diferente.



Figura 2 - Corpo sem órgão - Fonte: TAILLEFER, Heidi. Chimera. 1998-2007. Óleo sobre tela.

Para trabalhar com a **CONTO** cartografia, um modo de pesquisa, busquei constituir um corpo sem órgãos de pesquisadora, que seria o alisamento de algumas estratificações e que são importantes para dar sustentação ao corpo. Uma estratificação é constituída por linhas molares, moleculares e de fuga. As linhas molares são as mais duras e que constituem, muitas vezes, aquilo que vai se tornando um hábito ou uma verdade sobre ser criança, adulto, filho, pai, aluno e professor. As linhas moleculares constituem uma

tendência, são invisíveis, mas produzem efeitos na realidade. São linhas mais agitadas, pulverizam-se no ar, e ao se sedimentarem, podem endurecer e se tornarem linhas molares e as linhas de fuga constituem o inesperado, e podem modificar o cenário, tanto sedimentando as linhas moleculares quanto molecularizando as linhas molares.

Um corpo para vibrar, precisa ser flexível, o que seria possibilitado pelas linhas moleculares e pelas linhas de fuga. Um corpo muito estratificado não consegue vibrar, pelo excesso de rigidez e ausência de flexibilidade. Para vibrar seria preciso alguns espaços vazios, para a dúvida e para a incerteza. Desertos para pensar. Ademais, para a construção de um corpo sem órgãos, seria preciso criar espaços para um pensamento sem representação. Realizar esse exercício é bastante difícil e exigiu ficar atenta ao meu pensamento. Ah! Que estranho hábito esse de ficar sempre utilizando representações para pensar. Ouço a palavra cachorro e pronto! Logo surge a imagem de um animal que tenho representado como cachorro. Mosé (2018, p. 56) diria: isso é “a vontade de duração presente em toda a palavra”. Manutenção da estabilidade do signo, excluindo toda e qualquer diferença!

No entanto, observo nessa experiência, que existem muitas imagens para a palavra cachorro e a depender do momento, das coisas que me aconteceram, a imagem muda. Essas imagens que eu utilizo para muitas ocasiões, possibilitam uma reconhecimento automática. Como um piloto automático “a capacidade de lembrar fixa as impressões, produzindo uma camada de sentido que funciona como um fundo ou um lugar de reconhecimento. A partir desse fundo as novas impressões que chegam não são sentidas, mas reconhecidas pelas marcas mnêmicas [...] ‘digestão’ do já sentido”. (Mosé, 2018, p.47).

No entanto, o excesso de representação engessa o pensamento e inviabiliza a experiência. Então, algumas vezes, tento um pensamento sem representação. Isto é, tento fissurar as minhas próprias imagens de mulher, de família, de beleza. Para sabotar as representações, crio pequenos empecilhos no habitual, no clichê, para que outras imagens, menos acostumadas, possam ser construídas.

Assim, a fim de tentar um pensamento com imagens outras¹² faz-se necessário sentir o corpo e desaprender prescrições. Isto é, arriscar uma vida com menos determinações.

¹² Para Deleuze e Guattari (2010), o pensamento seria possível quando se consegue romper com os clichês, isto é, com as imagens prontas. Assim, o que se busca são imagens outras, já que “o pintor não pinta sobre uma tela virgem, nem o escritor escreve sobre uma página branca, mas a página ou a tela estão já de tal maneira coberta de clichês preexistentes, preestabelecidos, que é preciso de início apagar, limpar, laminar, mesmo estraçalhar para fazer passar uma corrente de ar, saída do caos, que nos traga a visão (Deleuze;

Um corpo pesado seria obeso de convicções e de normas. Por vezes, está tão endurecido que não consegue nem mesmo respirar, e lhe falta ar. Respirar exige o exercício de expansão. O pulmão se enche de vazio, torna-se maior e se esvazia, torna-se menor, esse movimento se assemelha a uma dança. Respirar é bailar com a vida, encher-se daquilo que não se é, habitar o outro dentro de si, compor com o ar para produzir energia. Ademais, para vibrar necessita-se de uma pele que tenha plasticidade, pois uma pele endurecida não expande. Uma pele excessivamente estratificada não pode nem quer sentir o ambiente, pois está encapsulada em sua própria derme. Por ser uma pele que bane o movimento, quanto menos se move, menos quer se mover. Seu anseio é o de uma derme de pedra ou de uma vida de estátua, onde a paisagem permanece sempre igual. Além disso, por ser a instabilidade uma característica da vida, a pele estratificada estaria em constante ameaça de desintegração, por isso, o medo do movimento. Assim, para realizar a pesquisa, necessitei silenciar algumas verdades sobre crianças/docência/escola, para, mais livre dos “penduricalhos da docência” (Aurich, 2017), poder me movimentar com mais leveza pelo território da infância.

As estratificações possibilitam contornos para o caos. Contudo, os territórios que habitamos não são fixos nem estáveis e podem ocorrer desterritorializações, como resultado dos afectos produzidos pelos corpos nos encontros, que, em alguns casos, podem escapar, em ocasião de não haver matéria de expressão para possibilitar a sua passagem. Quando acontece tal fenômeno, denominamos linhas de fuga, que tem a habilidade de viabilizar o desmoronar de mundos obsoletos e a invenção de novas formas de vida. Esse desmoronar de mundos pode ser materializado nas formas experimentadas pela vespa, que na primeira fase de sua vida tem uma forma ovo, depois uma forma larva, pupa e enfim, vespa. Em cada uma dessas transformações, a vespa experimenta um modo de habitar o mundo. É um momento para deixar a vida agir em seu corpo, sentir a potência de sua existência de larva-vespa. A larva passa por uma transformação que suponho ser dolorida. Precisa arrancar de seu dorso, asas e colorir o seu corpo e para isso, precisa ficar parada por um tempo. É um tempo de repouso, mas também de metamorfoses.

Guattari, 2010, p. 240). Com isso, tanto a ciência, quanto a filosofia e a arte lutam contra os clichês em prol da criação, pois tanto uma como a outra seriam recortes do caos que conservam dentro de si o infinito e a modificação em um desses planos movem a modificação nos outros planos. Essas três áreas habitam o pensar. Com isso, o pensamento seria heterogêneo. Contudo, seria preciso cuidado, pois haveria “dois perigos extremos: ou reconduzir-nos à opinião da qual queríamos sair, ou nos precipitarmos no caos que queríamos enfrentar” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 235). Com isso, pensar não seria nem a loucura, nem o caos, por mais que conserve infinitos, nem o clichê ou a representação, mas invenção na arte, na ciência ou na filosofia.

Realizei semelhante exercício na minha transformação em pesquisadora-contocartógrafa. Necessitei de metamorfoses e senti as suas dores. Demandou invenção! Precisa-se de tempo para interpretar as leituras, ruminar os conceitos e digerir os autores. Talvez, ganhar asas e outras cores. Perceber de outro lugar, em uma outra perspectiva, isto é, as maneiras que se compreendia o mundo, a sala de aula, os alunos. Encontro-me no “entre” o que fui e aquilo que ainda não sou. Contudo a cada nova transformação, uma mutação se sedimenta, e modificam-se as possibilidades para novas metamorfoses. Cada vez que atualizo a forma pesquisadora- contocartógrafa, novas potências são adquiridas e outras tornam-se obsoletas. Além disso, as mutações são sempre provisórias e, ao sabor dos fluxos, novas transformações podem se viabilizar.

Entendo que no meu corpo e nas relações que estabeleço, há espaços lisos e espaços estriados. Quando experimentei o corpo sem órgãos, experimentei também um espaço liso, pois, naqueles desertos que criei, não havia edificações. Isto é, tentei silenciar normas, leis, regras e convicções. Por ser uma terra sem dono e sem construções, o espaço liso é onde podemos criar. Os habitantes do espaço liso seriam os nômades, isto é, habitantes do fora. Nômades são os seres que acompanham os movimentos da terra. Com isso, para habitar o caos de uma pesquisa **CONTÓ**cartográfica torna-se necessário um desprendimento com as formas estratificadas, ou seja, desapego com as certezas prontas, e vontade de experimentar diferentes solos. Nessa pesquisa, oriento-me pela bússola da ética, que aponta para a vida. A ética é o que nos sustenta ou o que nos âncora quando os fluxos se intensificam e há a perda de territórios familiares. O alisamento que defendemos é o que possibilita o movimento, isto é, as verdades que inventamos nos fazem sedentários a ponto de todo movimento parecer ser um equívoco. Assim, professores e alunos deixam de inventar e passam a seguir docências/discências prontas.

Com isso, ousei ser nômade em alguns momentos, ou seja, abandonar o aconchego das coisas conhecidas e me aventurar no incógnito. O nômade é também o estrangeiro, isto é, como não pertence a nenhum lugar e nenhum lugar lhe pertence, está permanentemente de passagem pelos territórios. O nômade está no meio, ou seja, o movimento é condição para o nomadismo, pois se houver, a fixação em algum território, esse deixará de ser nômade.

Os nômades seguem os movimentos da terra e por mais que se desloquem, não constituem territórios. Aos nômades faltam referências e representações. São fluidos e seguem os fluxos da vida. Eles parecem delirar o verbo permanecer.

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
Criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
Para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele
Delira.
E pois.
Em poesia que é a voz de poeta, que é a voz de fazer
Nascimentos -
O verbo tem que pegar delírio.

(Barros, 2016, p. 17).

Os nômades montam acampamentos, estabelecem moradas provisórias e logo estão de partida. Na intenção de realizar um exercício nômade de pesquisa, levo na mochila algumas leituras, contudo, pretendo me nutrir daquilo que encontrar no caminho. Nessa caminhada, vou abandonando quem era, para ir me transformando em quem ainda nem sei que serei. O que me move é a vontade de adquirir velocidade e expandir, isto é, abrir o corpo para o infinito, para o caos. Nesse sentido, por mais que uma **CONTO** cartografia, seja uma estratificação, ou seja, um território, intenciono que a escrita conserve potência, que tenha virtualização e movimento.

Como nômade não habito um lugar, mas tento me mover com os movimentos da vida. Estou entre a partida e a chegada. Busco por esse entre-tempos, entre-locais, para brotar. Busco frestas para existir. Frestas entre as rochas das verdades e das certezas. Broto na terra que resta entre a madeira e as pedras, porque viver também é re-existir.



Figura 3 - Brotar nas Frestas – Fonte: Imagem e elaboração da autora.

Para ruminar conceitos, adquiri um corpo que é todo estômagos. Uma vaca tem dois estômagos, mas eu adquiri nove. Tantos estômagos possibilitam ao ouvir/ver/sentir as crianças pensar o que é impensado nesse momento, isto é, a maneira como as crianças observam e sentem o mundo é bastante surpreendente para os adultos, porque colocam sobre a mesa da sala de aula o inusitado. E é esse inusitado que nos interessa para pensar/criar outras relações com o mundo. Para isso, precisamos de alguns estômagos para ruminar conceitos e de apetite para as nossas fomes. Acompanhando os movimentos da vida e dos encontros, tais estômagos funcionam simultaneamente. Ora alguns uns trabalham mais, no entanto, o movimento de todos é constante.

1º estômago: como pesquisadora-contocartógrafa experimentarei em meu corpo o devir-criança, que é o devir do movimento: de subir em árvores, no muro, de entrar pela janela, da surpresa, do questionamento, de dar nome às formigas, de criar vaga-lumes, de construir casas de areia e de pedra, de ficar na água mesmo com frio, de ser amigo de peixe, de cachorro e de tartaruga, de querer aprender a voar e a morar no fundo do mar, se sujar de terra, de melancia e de tinta, de cair no chão, ralar os joelhos e ter sempre uma casquinha dolorida, de chorar de medo de ficar sozinho, de adorar a escola e admirar a professora, de sentir o cheiro do lápis de cor novo e do caderno, de desenhar na classe, nas paredes, na areia, de conversar com as árvores, com as flores e falar sozinho. No devir-criança cabem muitos outros devires: devir-pássaro, devir-peixe, devir-árvore, devir-relâmpago, devir-inseto, devir-aranha, devir-nuvem...

2º estômago: como pesquisadora-contocartógrafa degusto o infinito, em meu corpo finito. A potência é da vida, e cada corpo atualiza essa potência de maneira diferente. Isto é, meus sentidos são o resultado do encontro do meu corpo com os objetos e esse encontro pode produzir efeitos diferentes de ver/ouvir/sentir a depender do que pode o meu corpo. Ademais, além de formas finitas de atualização das potências da vida, também tenho um tempo finito de vida. Com isso, compartilho com outros seres, animados, a provisoriedade de minha condição de vivente. Além disso, não controlo o meu corpo da maneira que acredito fazê-lo, pois minhas ações são o resultado de um agenciamento. Ou seja, coabito com bactérias, fungos, vírus o meu próprio corpo, isto é, a singularidade é um rizoma de vários outros seres. Ademais, é uma construção daqueles que nem estão mais aqui. Ou seja, sou o resultado das escolhas feitas há muitos anos e das quais nem pude participar. Além disso, meu horizonte é marcado pela cultura brasileira e por viver no século XXI. Ou seja, sou uma multiplicidade e em mim falam várias vozes. Um rizoma de linhas biológicas, históricas, físicas, culturais, sociais, econômicas, estéticas. Multiplicidades intensivas e extensivas, que possibilitam movimentos de atualização e virtualização.

3º estômago: Na metamorfose pesquisadora-contocartógrafa, houve a necessidade de movimentos peristálticos no pensamento, o que pressupõe entranhar conceitos. Não bastou engolir os conceitos, mas foi preciso também mastigá-los bem, mas ainda isso não bastou, foi necessário digeri-los, quebrá-los, fazê-los carne, para assim, pensar de corpo inteiro, isto é, pensar com coração, com pulmão, com pele, com tripas, com estômago, com unhas, com língua e saliva. Estar atenta a esse pensar do corpo, isto é, o corpo se manifesta por meio de sensações: falta de ar, coração acelerado, rubor, angústia, arrepio, suor frio, enjoo, nó na garganta, calor, preguiça, disposição, risada, choro, gargalhada. Além de reparar nos afectos do/no corpo, também os perceptos, isto é, aquilo que pensa em mim. Foi importante compreender por que seguia determinados discursos e aderiria a algumas verdades. Ao desnaturalizar os discursos, tornou-se viável pensar, ou seja, não seguir os discursos/verdades automaticamente, mas escolher aqueles potentes para a vida. Ademais, não ser fiel a nenhum discurso/verdade pressupõe entendê-los como instrumentos que podem em algum momento não ter mais vitalidade e, nesse caso, serem abandonadas.

Conta-nos o filósofo Jorge Larrosa¹³, que há alguns anos, um professor perguntou a sua filha como pensamos. A menina, depois de alguns segundos, respondeu que era com a boca. O professor, confuso com a resposta, quis saber por que ela dizia que pensávamos com a boca. Foi então que ela respondeu que havia chegado a essa conclusão após perceber que, quando pensávamos, revirávamos os olhos para cima e emitíamos sons, pela boca: “hummm...”

4º estômago: Existir seria agregar sofrimento, alegria, dor e prazer, isto é, a vida seria bela e cruel. Além de aderir à vida em sua inteireza, a intenção é a de intensificar as possibilidades de sentir, pois quanto mais um corpo pode ser afectado, mais potente é esse corpo. Estar presente na vida, estar atenta ao que acontece e aos acontecimentos, para possibilitar uma vida infinita no tempo finito de existência. Na pesquisa, foi preciso observar a emergência da novidade em sala de aula, com as crianças, isto é, gestos, objetos e situações inusitadas que pudessem ser potentes para pensar. Mas também as dores, alegrias e frustrações que ocorreram em mim ou em algum dos integrantes. Ou seja, foi preciso perceber e sentir os diferentes afectos e **CONTO**cartografá-los. Seguir os fluxos, os movimentos e as lentidões, as suas velocidades e repousos.

5º estômago: Perceber que cada uma das crianças tem existências **CONTO**cartografáveis, isto é, mesmo pequenas já são atravessadas por linhas molares, moleculares e de fuga. Tem estratificações e desestratificações, espaços lisos e estriados. Além disso, também constituem uma cartografia familiar e uma cartografia escolar. Contudo, entendo que mesmo constituídas também por linhas duras, as cartografias infantis são marcadas por linhas de fuga, linhas moleculares, devires e desertos. Nesse sentido, entendo que um devir potente para a educação seria o devir-criança. **CONTO**cartografar, a sala de aula, habitat de nômades infantis, possibilita perceber as linhas de fuga e as linhas duras da infância, para a constituição de máquinas desfibriladoras que possam dar vida a corpos agonizantes na Educação.

6º estômago: Crianças e nômades habitam espaços lisos e alisam espaços estriados. Espaços lisos seriam “ovo” ou devir, isto é, constituído por matéria intensiva e

¹³ Jorge Larrosa contou essa história em uma aula que ministrou como convidado da disciplina “Tópicos especiais: Reverberações do Pensamento de Jorge Larrosa nas Pesquisas em Educação Matemática” vinculada ao PPG de ensino da Matemática da UFRGS no dia 16 de maio de 2022.

com potência para se transformar em vespa, borboleta, coelho, golfinho, orquídea, nuvem e criança. O devir é verbo sem sujeito, ou ainda, devir são todos os verbos no infinitivo. Cabe às hecceidades as conjugações. Contudo, devir é sempre presente, porque é a presença que faz movimento, isto é, passado e futuro são atualizados pelo presente. Espaços estriados são os institucionalizados: prédios, ruas, metros, ônibus, escolas, casas, hospitais. Espaços lisos são intensivos: horizontes, desertos.

7º estômago: Nômades realizam alguns movimentos como desterritorialização e reterritorialização. Esses Movimentos possibilitam a transformação do ovo em larva, da larva em pupa e da pupa em vespa. Isto é, a reterritorialização seria os processos realizados por um corpo que involui para ovo e que necessita adquirir outra forma. Para isso, precisa arrebrantar a própria pele, rasgar de si **AsAs** e cores. Nesse sentido, a falta de AR de um corpo amarrado em si mesmo pelo excesso de estratificações não é uma sensação agradável. O excesso de leveza de uma desterritorialização seria vivenciado como o medo da falta de forma, pois o que ocorre é um desmanchar e um reconstruir de mundos. Isto é, por um momento, se vive o entre ovo-vespa. Não se é mais o que se era, mas ainda não se é nem vespa, nem cão, nem nada. A sensação é a de falta de chão, de parâmetros ou de definição. Tudo está por ser construído. Contudo, é possível experimentar uma presença de si e um presente com intensidade. Pois, convoca a estar naquilo que se está construindo, isto é, necessita-se sentir a direção do vento, apurar a audição, prestar atenção, estar em pele viva.

8º estômago: Ademais, como já dito antes, a potência que faz vibrar o corpo sem órgãos não seria do corpo, mas da vida e caberia ao corpo se tornar propício a se conectar com essa potência. A potência da vida seria uma potência afirmativa, que afirma sobretudo, a diferença, por isso, não haveria oposição, mas composição. Ou seja, quando há oposição, há também a necessidade de classificação entre binômios: ser humano/ animal; bom/mal; macho/fêmea; preto/branco; criança/adulto. Contudo, experimento o exercício proposto por Deleuze, de experimentar a multiplicidade. Ou seja, diferir da identidade e variar as nuances de si: bicho, homem, bactéria, pedra, água, terra, criança. Fazer vazar os contornos e tornar mais poroso aquilo que parece tão sólido.

9º estômago: A diferença seria construída na repetição. Por isso, inúmeros estômagos, para digerir repetição e repetir digestão: mastigar regurgitar engolir regurgitar mastigar mastigar engolir, regurgitar engolir (sem ordem e sem pausa). Assim, re-leio para diferir compreensões, re-começo para romper com o modelo, re-penso para ser diferente,

re-faço caminhos para variar as possibilidades de ir/vir, re-vejo para estranhar o corriqueiro, e para outrar o conhecido. Repito diferindo para estar entre. Não entre um e outro, mas entre vários, entre multiplicidades. Entrar em sala de aula também foi uma repetição: acordar todos os dias às 7h, se vestir, tomar café, pegar o material e ir para a escola. Lá estavam eu, a professora e as crianças e repetimos aulas, repetimos falar, repetimos perguntar, repetimos apresentar slides e livros, repetimos desenhar. Contudo, não foi a repetição do mesmo, pois os conteúdos das aulas, os dias, o tempo, os humores, o ambiente social e familiar e nós, alunos, professora, pesquisadora e orientadora, também não éramos os mesmos de um dia para o outro. Mas foi nessas repetições que pudemos fazer composições diversas. Foi nessas continuidades que pudemos criar pontos de descontinuidades. Algo tipo o “Samba de uma nota só”, música de Tom Jobim e letra de Newton Mendonça, inventores de uma canção que tem a maior parte de suas notas em um mesmo tom. Isto é, o tom se repete diferindo.

Então, para o encontro com as crianças, tive que preparar o meu corpo para que ele pudesse estar mais sensível aos afectos e aos perceptos. Necessitei inventar um corpo sem órgãos que pudesse entrar em ressonância com a vida e com o pensamento infantil, para vibrar.

Agora, preciso de um caminho, de um modo de pesquisa!!!!



PLATÔ II

Encontro com a **CONTO**cartografia

As mãos tremiam, mas mesmo assim, ela disse sim. Há momentos em que afirmar é inevitável. Não podia se esquivar à tamanha provocação. Aceitou a proposta, mas sabia das dificuldades. Arrumou a mala, ou seria alma/lama para viagem? Organizou pensamentos, sensações e afetos. As rotas tão pouco trilhadas, a *assustavam um pouco*. **Era excitante!** O novo pedia passagem e outros possíveis. Tocou a inédita realidade com passos de pássaro e com a leveza de um *instante*. Ela era toda orelhas, c a t a n d o as palavras que se desfaziam na tempestade. Tudo lhe fugia e as verdades se *desmanchavam*.

Ela não pertencia àquele bando de escritores. Suas palavras não se encaixavam naquele jogo. Era peça extraviada. Tal sentimento lhe era um antigo conhecido, dos tempos da escola. Não havia olhar ou gesto que pudesse compreender. Tampouco, era compreendida. Chorou a inadequação. Desafiou por desatenção. Alheia àquele lugar, tentava decifrar

Olhares
, bocas
e rostos.

Mas a voz continuava e s c a p a n d o. **Descontrolada** e insensata. *Partidas*, talvez. **QUEBRADAS**, quem sabe.

Foi assim, com pala
vras que precipitavam. *Palavras bêbadas*. **Palavras**
desesperadas

que tentou traçar letras, consoantes que desaFINAVAM e vogais que des
peda
çavam. **FABULOU CONTOS QUE CAIAM SEM JEITO NO PAPEL. Sem pa s s o n e m c o m p a s s o, [entre]p a s s o. Paniu contos **desaforados**, transgressores e sem juízo. Escritas sem nome nem identidade; sem pátria nem filiAÇÃO. Contos que não sabiam serem realmente contos, escritos por uma pesquisadora-contocartógrafa que não era escritora.**



Afecto e perceptos:

O corpo que escreveu o conto era um corpo afectado pelas crianças, pelas leituras e pelas aulas de escrita criativa, realizadas nos anos de 2020 e 2021, de forma remota, devido à pandemia de Coronavírus, na escola Metamorfose, que oferece oficinas, palestras e cursos na área da escrita. Escrevo e refiro-me a afectado porque as palavras diferentes têm, neste caso, significados diferentes. Afeto é quando já temos uma representação para aquilo que nos acontece, isto é, afeto é o encaixe dos afectos nas definições de cada um dos sentimentos que temos. Geralmente dizemos que temos um afeto por aquela pessoa ou objeto e em grande parte das vezes, afeto é sinônimo de carinho ou afeição. Nesse sentido, afeto seria um sentimento. Já afecto se refere a todas as sensações experimentadas pelo corpo e que inclui os afetos. Seriam afectos as sensações de frio, calor, agitação, tristeza, alegria, entre outras.

Então, os encontros que ensejaram a escrita do conto possibilitaram afectos e afetos. Quanto as afecções, essas seriam de duas espécies: uma se refere a natureza do corpo afectado e a outra se refere as relações do indivíduo com o exterior, denominadas paixões que seriam de duas espécies: paixões tristes, quando somos afectados por um corpo que diminui a nossa potência de agir, e as paixões alegres quando aumentam nossa potência de agir. Assim, o afecto emana dessa afecção e quando essa potência de agir aumenta, chamamos alegria que se torna amor; quando nossa potência de agir diminui denominamos tristeza e torna-se ódio. Assim, os maus encontros diminuem e endurecem a vida e os bons encontros expandem a nossa existência.

Posso dizer que o afecto que me possibilitou a escrita do conto foi um afecto alegre, porque senti aumentar a minha potência no encontro com as crianças e com a **CONTO** cartografia. Creio até mesmo ter rejuvenescido!

Afectos me moveram na escrita. Afectos muitas vezes sem nome, que arrepiavam os meus pelos e arranhavam a minha carne. Intensidades que percorriam o meu corpo, mas que não são do meu corpo, mas da vida, nos encontros intensivos e extensivos entre o meu corpo e o mundo.

Quando penso em afecto, logo penso na arte. É que uma obra de arte conserva afectos e perceptos em seu Plano de Composição, que são os elementos desse plano. Escuto Deleuze sussurrar que “os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido” (Deleuze, 2010, p. 193-194).

Percebo que por mais que os afectos sejam possibilitados por uma obra, eles são seres que valem por si mesmos. Isto é, depois de criados, eles adquirem vida própria e já não pertencem a quem os criou. Então quando uma pessoa vê um quadro ou ouve uma música, os afectos que são produzidos naquela pessoa, naquele encontro, escapam ao criador da obra. Eles já não podem ser controlados e cada pessoa vai se relacionar e ser afectada de maneira singular por uma mesma obra.

Além dos afectos que o encontro com as crianças provocou no meu corpo, houve também os perceptos. Assim, como na distinção afectos/afetos também há diferença entre perceptos e percepções, para as quais já há uma imagem para aquilo que sinto quanto toco/vejo/ouço. Nesse momento, recordo Paola Zordan quando diz “não separada das imagens, a percepção é o que define uma experiência na medida que enquadra e focaliza a matéria” (Zordan, 2019, p. 102).

A percepção seria a preparação para uma ação e torna-se afecção, quando a sua intensidade aumenta e a afecção possibilita a construção de imagens lembranças que serão utilizadas em novos encontros. Quando encontrei as crianças, primeiro, houve a percepção, logo, a percepção se misturou com as lembranças de um passado virtual que se atualizou naquele momento. No entanto, os encontros não foram apenas percebidos e combinados com lembranças, mas também me afectaram, ou seja, o afecto seria de uma maior intensidade do que a percepção. No caso do percepto, não haveria uma imagem

anterior, mas imagens que ainda estão se constituindo. Imagens borradas, que ainda não podem ser reconhecidas pela percepção. O percepto seria o indefinido, que borra a percepção. É o que escapa à definição e embaralha afectos.

Quando cheguei na escola, meus sentidos estavam aguçados pela novidade. Estava em um lugar desconhecido, tentando perceber coisas inabituais: seus sons, cheiros, cores. As percepções foram em maior número do que os afectos, porque percebi muita coisa, mas nem tudo me afectou. Além disso, também utilizei os perceptos, porque algumas sensações que tive não tinham ainda uma representação e ficaram em mim como gérmenes ou devires. Os perceptos que me atravessaram eram como imagens borradas, ainda sem contorno. Sensações que não foram produzidas pelo meu corpo, mas apenas um local por onde elas passavam.

Quando falamos em perceptos também lembramos das obras de arte, que compõem com os afectos os blocos de sensações. O percepto seria aquilo que se mantém, ao longo do tempo em uma obra de arte. Isto é, “os perceptos não são mais percepções, são independentes do estado daqueles que o experimentam” (Deleuze, 2010, p. 193).

Para que essas sensações ainda sem representação que seriam os perceptos e os afectos atravessassem o meu corpo, precisei não ser mais um “eu”, mas me perceber como um bando, constituído por diferentes forças. Experimentar momentos de indefinição e deixar que acontecessem em mim.

CONTO cartografia:

Essa tese foi escrita com palavras, buscou palavras, tramou palavras. Palavras-conceitos, palavras-arte, palavras-ciência. Palavras que não dizem tudo: as palavras vazam e as palavras reduzem. Carregamos palavras para essa escrita. Devir-formiga e formigueiro de letras, formigueiro de experiências, formigueiro de afectos. Essa tese-formigueiro traça mapas na terra-vida, na terra-docência, na terra pesquisa. São tuneis, rizomas, encontros de pedacinhos de folha, de bala melada, de água, de seres em decomposição, de ovos, de vida e de morte. Fluxos, forças e desejos!

Uma tese-formigueiro trabalha com o provisório, com aquilo que o vento traz, muitas vezes de longe, e que é levado, para compor o abrigo. Um formigueiro é uma arquitetura

que não almeja a eternidade. Mas se movimenta com as temporalidades da vida. As galerias são rastros: um caminho de terra que pode ser modificado, conforme a necessidade. Uma tese-formigueiro tem fragmentos de diferentes épocas: restos de animais e de plantas já extintos, rochas, plástico e folhinhas verdes. Por arquitetar com a (de)composição, uma tese-formigueiro está em constante movimento e transformação e cada ninho têm uma estética singular. Uma tese-formigueiro é “bicho pequeno”, mas incomoda e desacomoda as definições de como deve se apresentar uma tese. Além disso, é inseto que anda por toda a parte e por todos os lugares. São pequenas e invadem pelas frestas. Por seu hábito mundano, as formigas são perigosas: podem principiar contágios e contaminações. Além disso, apesar de minúsculas, têm dentes afiadíssimos e picadas doloridas, que ferem as nossas certezas.

O ninho-tese, com seus túneis e suas potências, suas entradas e suas saídas traçam **CONTO** cartografias na terra fofa da infância. Saídas que por vezes, saem dessa tese, pois não se tem todas as palavras. As palavras, como as formigas, vivem por aí: em cima da pia, na mesa da sala, nas árvores, na beira do rio e no formigueiro. Nem todas as palavras puderam vir para cá, porque palavra demais endurece. Um formigueiro-tese existe com seus vazios e seus desertos, seus bolsões de ar.

A pesquisa para a produção dessa tese-formigueiro foi realizada em uma escola do município de Osório, com 23 crianças com idades entre quatro e cinco anos, no mês de março de 2022. Por se tratar de uma pesquisa com menores de idade, tivemos que ter, além da autorização das crianças, também a de seus pais. Como eram estudantes que ainda não estavam alfabetizados, tivemos que ler o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para as crianças e perguntar a elas se autorizavam a pesquisa. A leitura do material para cada um dos alunos e as suas respostas foram gravadas. Nesse sentido, antes de iniciarmos a investigação, a pesquisa precisou ser autorizada pelo Comitê de Ética.¹⁴

Para a realização da pesquisa, segui as orientações de Kastrup (2009) que propõe que a atenção do cartógrafo pudesse se dar como rastreio, toque, pouso e reconhecimento atento. Com isso, ao chegar na escola a minha atenção se deu de maneira flutuante, isto é, “uma atenção onde a seleção se encontra inicialmente suspensa” (Kastrup, 2009, p. 36). Como não conhecia nem o ambiente, nem as crianças, fui chegando de leve e tentando ir

¹⁴ Pesquisa que envolve seres humanos aprovada pelo Comitê de Ética - CAEE: 42766721.7.0000.5347.

me apropriando e sendo apropriada pelo lugar. Além disso, me propunha ao exercício de não ter imagens pré-concebidas, a fim de possibilitar o encontro e de estar aberta aos perceptos e afectos. Com o tempo, fui construindo certa percepção do lugar e pude me dedicar ao toque, isto é, pude me sentir mais à vontade para experimentar o ambiente.

Para o toque, era preciso sentir o lugar com o corpo. Esse movimento exigiu certa vagareza. Deixar-se ficar em alguns lugares. Sentir a temperatura, as formas, as linhas, os relevos e as intensidades. Então, observava as crianças e tentava interagir com elas. Ouvia o que diziam, os cheiros do lugar e as suas cores. Até o momento que algo chamou a minha atenção e foi preciso realizar um pouso. Isto é, enquanto buscava pelas narrativas infantis sobre as ciências, que foi a temática primeira da minha investigação, me dou conta de que o que as crianças diziam não era aquilo que eu esperava ouvir.

Com isso, a parada na pesquisa se deu por um desconforto causado pela impossibilidade de construir imagens para o pensamento infantil, que era expresso na fala das crianças. Assim, fiquei por um tempo aflita, pois não conseguia enxergar o horizonte da minha pesquisa. Aliás, o meu horizonte de pesquisa estava despedaçado. Tudo o que eu havia imaginado na investigação não se mantinha em pé. E por mais que eu tentasse compreender, parecia haver um obstáculo de linguagem. Eu simplesmente não conseguia entender as crianças. Era uma outra língua!

Fiquei alguns dias indo a campo e tentando perceber o que estava acontecendo. Modificava as perguntas, tentava conversar mais com as crianças, prosseguir nas questões. Contudo, a cada vez que eu tentava identificar o que as crianças queriam dizer com aquilo que falavam, elas perdiam o interesse na nossa conversa e simplesmente, me deixavam. Então, precisei fazer um reconhecimento atento, que se difere do reconhecimento automático. Isto é, não se trata de uma reconhecimento, mas de uma transformação que a cartografia precisa realizar para dar corpo àquilo que lhe acontece.

Com isso, comecei a **CONTO**cartografar os encontros com as crianças e inauguro a **CONTO**cartografia e assim, percebo que o estranhamento que experimentei se devia ao pensamento infantil ser diferente do pensamento adulto. Isto é, o meu pensamento está estruturado no antropocentrismo e o pensamento das crianças no animismo infantil.

Com isso, ao longo dessa pesquisa, precisei ir percebendo as forças que atuavam no meu corpo, no ambiente e nas crianças. Pois, para traçar uma **CONTO**cartografia foi

preciso perceber as forças que atuavam no ambiente da pesquisa e nas hecceidades que habitavam esse local e até mesmo, as forças que estavam sendo silenciadas naquele momento.

Deleuze tem razão: “um mesmo objeto, um mesmo fenômeno muda de sentido de acordo com a força que dele se apropria” (Deleuze, 2018b, p. 12). Dessa maneira, não haveria um sentido único para as coisas, mas multiplicidade. Assim, para **CONTO** cartografar essa pesquisa precisei perceber o emaranhado de forças que atuavam, seus movimentos, as linhas duras e as linhas de fuga. Também eu e a minha orientadora constituímos-nos de diferentes linhas, e essas em alguns momentos têm possibilitado que determinados eventos nos afectem, enquanto outros não. Além de atravessadas por forças, somos também nós a expressão de forças que se alinham às forças que têm afinidade. Nesse sentido, essa tese não tem a intenção de ditar “verdades”, mas de dar visibilidade aos afectos que mobilizaram os corpos da pesquisadora e o da sua orientadora e que foram por nós **CONTO** cartografados.

Essas diferentes forças que atravessam nossos corpos querem potência e se constituem como vontades que, em muitos casos, têm intenções contrárias: sair com a família ou ficar estudando no final de semana; escrever a tese e a preguiça de ter que pensar; modificar a rotina, já tão ajustada, para conseguir realizar a pesquisa. Com isso, foi perceptível a atuação dessas diferentes forças no corpo e na escrita desse estudo. Algumas forças precisaram ser dominadas em um determinado momento, para que a tese germinasse.

No entanto, como a intenção era a de que a escrita respirasse, em outros momentos, diferentes forças puderam dominar o corpo da pesquisadora. Era preciso um corpo disciplinado, mas também um corpo alegre. Não apenas um corpo produtivo, mas um corpo que pudesse pensar: espaços de não fazer nada ou de fazer outras coisas e espaços de produção dessa tese. Conciliar diferentes rotinas e demandas, para trazer vida nestas páginas. Era importante que a escrita risse, jogasse e dançasse, porque “rir é afirmar a vida e, na vida, até mesmo o sofrimento. Jogar é afirmar o acaso, a necessidade. Dançar é afirmar o devir e, do devir, o ser” (Deleuze, 2018b, p. 217). Isto é, a tese foi produzida com leituras, mas também com experimentações, ou ainda “levamos a intenção de tese para passear”. Entendendo que um corpo que vibra é um corpo que se constitui de matéria densa e de vazios, desejávamos construir um trabalho que vibrasse.

O desejo não era apenas a de produzir um estudo, mas de que o meu corpo pudesse ser afectado, ou seja, afetivo e sensível para as experiências de mundo e de vida. Um corpo que pudesse estar atento aos afectos e que pudesse sentir. Queria que a produção dessa pesquisa fosse um momento de transformação de visões de mundo para questionar hábitos, romper com costumes e problematizar o que fazemos e o que pensamos. Esse movimento possibilitou uma escrita que deseja afirmar a vida, a diferença e a multiplicidade. Assim, não nos opomos, mas diferimos e não somos, mas estamos em devir. Apostamos no inesperado e tentamos “desver o mundo para encontrar nas palavras novas coisas de ver” (Barros, 2015, p. 13).

Entendo meu pensamento como cruzamento de diferentes forças e que há forças ou potências que se sobrepõem em determinados momentos no meu corpo e que por isso, minhas vontades são diversas, a depender daquilo que vai me afectando durante a vida. Para pensar preciso sair da recognição. Me abrir para o caos. Pensar não seria a repetição do mesmo, mas repetir diferindo. Então, desejávamos ser tocadas pelo inesperado, por algo que nos violentasse a pensar diferente. Já que o “pensamento só pensa coagido e forçado em presença daquilo que dá a pensar, daquilo que existe para ser pensado – e o que existe para ser pensado é do mesmo modo o impensável ou o não pensado[...]” (Deleuze, 2018a, p. 198). Com isso, fui disposta a lidar com o que emergia na investigação, ajustando as velas para estar em movimento, mas com cuidado para não ser afogada pelo caos.

A escolha que fiz por uma determinada linha de pesquisa, para realização do doutorado e os teóricos que eu convidei para o meu estudo, como também os caminhos que a pesquisa foi adotando, dependeram do momento histórico em que vivo, das verdades em circulação, mas também, das experiências que me foram possibilitadas e de como estas me afectaram.

Essa pesquisa foi possibilitada pelas potências que quiseram na nossa vontade de estudar, de criar, de buscar outras sensações e sensibilidades. Além disso, pude construir essa tese porque o meu corpo pode algumas coisas e não pode outras. Um corpo que seria cartografável, pelas forças que o atravessam, pelos seus platôs, seus vazios, suas sedimentações, suas linhas molares e suas linhas moleculares.

Entendo que esse trabalho também está em transformação. É uma tese-formigueiro. Começou com punhados de palavras, que foram se sedimentando em alguns lugares e criando vazios em outros. Por isso, se assemelha a um rizoma, com entradas múltiplas e capítulos que podem ser lidos separadamente, isto é, nenhum capítulo é introdução para o outro.

A tese quer dialogar com conceitos, encontros e leitores. Com isso, para diferentes olhares, essa escrita terá efeitos distintos e isso foge do meu controle. Depende da vida, das estações, das chuvas e dos acontecimentos. Ademais, por ser uma tese-formigueiro, guarda em seus tuneis ovos e larvas que poderão germinar em outros lugares. Além disso, as palavras são livres, fazem cosquinha na pele da pesquisadora e às vezes nos morde dolorido. Assim são as palavras! Impossível prevêê-las. A proposta aqui apresentada traça limites, mesmo que as sejam palavras soltas. Com isso, a intenção não é a de finalizar ou de trazer respostas, mas a de afectar e quiça, que seja um afecto alegre! Com isto, o que aqui se lê, foram os engendramentos que estudos, encontros e acasos nos possibilitaram nesse momento.

A construção de um Aionograma:

Para a construção da tese, tivemos, ao invés de um cronograma, um aionograma. Um cronograma seria uma maneira de organizar o tempo, que se guia por Cronos, que seria o tempo que pode ser medido em horas, minutos, segundos, dias e anos. Seria o tempo dos corpos e do estado das coisas, do biológico. É o tempo das essências e das profundidades. Um tempo que é cíclico, pois há eventos que se repetem, como amanhecer e anoitecer. Para Cronos, a referência é o presente, que tem o passado e o futuro como dimensões. É um tempo linear. Então, o passado é o presente que passou e o futuro é o presente que ainda não chegou.

Aion é o tempo que não pode ser medido, em que uma hora pode passar muito rápido ou durar uma eternidade. Seria o tempo da experiência, do acontecimento e que rompe uma continuidade, por isso Aion seria um efeito de superfície. Uma linha ocupada por instantes. Aion é um tempo rizomático, onde presente, passado e futuro ocorrem simultaneamente. Isto é, passado e futuro habitam o presente como virtualidades. Experimentamos o tempo Aion quando ouvimos uma música e voltamos no tempo e isso nos emociona ou quando sentimos um cheiro que nos faz novamente crianças, ou quando recebemos uma notícia que nos paralisa.

O aionograma foi uma invenção necessária, pois nos instigava um pesquisar em que o corpo e o acontecimento estivessem presentes. Então, foi preciso observar os afectos e perceptos que atravessavam o corpo e com isso, observar quais atividades em determinados dias davam mais potência para o corpo. No entanto, o aionograma que

construímos é a atualização de um virtual, pois podem existir diferentes aionogramas, a depender de cada singularidade. Nesse sentido, o aionograma serve para um determinado momento e é um habitar provisório. Pois está em movimento e acompanha os fluxos da vida e pode, em um determinado momento, não ter a mesma potência para o corpo da pesquisadora que o inventou. Então, um novo aionograma necessita ser inventado.

O aionograma talvez possa multiplicar olhares e lentes para os diferentes tempos que atravessam um pesquisar que quer outramundar aqui nesse mundo. Utilizamos o verbo no infinitivo, porque é um exercício que se dá no virtual, para produzir atualizações provisórias.

Nesse sentido, pontuamos ainda que aionograma se difere de cronograma, principalmente, porque um cronograma tem datas e um aionograma tem acontecimentos incorporais. Para in(corporar) o aionograma inventamos uma fórmula de diferenciação.

A composição do cronograma que pode ser:

Normas/regras + cérebro + tempo medido (segundos, minutos, horas, dias, meses e anos) + prazos + organização + previsão + rigidez + continuidades + divisão sucessiva entre passado, presente e futuro = execução e tarefa feita.

A composição do aionograma pode ser:

corpo E afectos E perceptos E vida E sentidos E acasos E ética E descontinuidades E imanência E intempestivo E presente composto de passado e de futuro ilimitado \cong criação de uma tese.

Propomos uma pesquisa que tivesse em seu aionograma, dias, ao invés de datas, porque, segundo o Dicionário Aurélio (2009), o dia seria o “período de tempo em que a terra está clara” (p. 315). Então, desejávamos experimentar um tempo que se movia com o sol, pela claridade, pelas chuvas, pelas sombras e pelos afectos da vida.

Como o aionograma não tem o mesmo compromisso com a linearidade que o cronograma, não sentimos a necessidade de finalizar uma atividade para iniciar outra, nem houve uma ordem pré-estabelecida para as execuções. Nos movemos Tateando os acontecimentos e buscando por aquilo que nos parecia mais potente. Como o nosso aionograma tinha dias, fomos percebendo os efeitos que os dias tinham no corpo do pesquisador.

Saliento que a pesquisa aconteceu durante quatro anos e nesse tempo, pude experimentar o efeito da temperatura, da claridade, das chuvas na heciedade que é a

pesquisadora. Com isso, no nosso aionograma, percebemos que nos dias ensolarados havia uma maior vontade de sair para a rua e experimentar o novo. Então, foi nesses dias que privilegiamos ir a campo, a fim de produzir o material de pesquisa. Já nos dias nublados ou chuvosos, havia uma maior vontade de ficar em casa e escrevendo sobre o que tinha encontrado no campo ou lendo e estudando.

Então, um aionograma é uma invenção que não tem prazos previstos antecipadamente, e que possam ser seguidos durante toda a pesquisa, pois o tempo do aionograma não é Cronos. Então, um aionograma conta com o imprevisto e pode ser modificado pelos acontecimentos. A sua vitalidade está em consonância com a conexão que estabelece com a vida.



PLATÔ III

Dia 07 de março de 2022: Fazia sol e curiosidade

Mal dormi na noite anterior, mas não sentia sono. Em mim germinavam futuros. Coloquei a melhor roupa, pois a ocasião era especial. Por ser um dia muito quente, fui de macacão curto: azul claro com detalhes florais. Também pus um tênis, para ficar mais confortável.

Na chegada, havia um corredor que levava para a cozinha e outro, para as salas. Fui andando por aquele corredor, surpreendida por suas cores e os seus cheiros.

A acelerada circulação sanguínea me tornava muito atenta. Tentei ser simpática, então sorri. Meu corpo era todo poros e cílios. Os pelos pareciam eriçados e conseguia perceber os movimentos mais sutis do ambiente, que faziam vacilar as minhas pestanas. Cheguei suave, pela ponta dos pés e me sentei em um canto, apartada do círculo de cadeiras e mesas. Ajeitei o meu corpo no pequeno espaço. Eu sobrava por todos os lados. Então, retirei os meus materiais da bolsa e os coloquei na pequena mesa.

A sala era bem decorada, existiam quadros na parede, dois armários e alguns brinquedos. No ar, um aroma doce e quente. Entre os vários murmúrios, reconhecia o som do ventilador. Me acalmava o ruído familiar. Por mais que fosse um dia bastante quente, a temperatura naquele ambiente estava agradável. Sentia-me acolhida, por mais que também me sentisse perdida. Tais sensações não eram antagônicas e pareciam se complementar.

No círculo, a conversa fluía. As crianças falavam do final de semana. Havia gargalhadas e interrupções. Por vezes, as falas se misturavam. Havia uma camaradagem e pareciam velhos conhecidos.

– Τεντει χαπτυραρ χαδα εξπρεσσ©ο, φρασε ου γεστο, θυε χομο π(σ σαροσ, ποαπαμ πελα σαλα.

Consequia identificar as palavras, mas certamente, o idioma era outro. Não compreendia o arranjo daquela língua, nem os acenos, nem os significantes daquele lugar. Eu era estranha àquele espaço. Não pertencia àquele grupo. Ainda confusa, resolvi rabiscar a folha em branco. Desenhei um mapa e fui compondo com cores. Fiz outras anotações e circulei a frase: sinta esse lugar!

Notei que as percepções fugiam. Estava na escuridão. E como a minha avó cega, fui apalpando o ambiente, para perceber com os dedos o que escapava ao olhar. Toquei as paredes, a porta e as falas com a leveza de quem está chegando. Percorri o assoalho como um caracol, que se entrega ao chão, deixando rastros de si. Calmamente, fui brotando no ambiente, nas frestinhas que sobravam. Eu era hecceidade.

Levantei-me e fui até uma cadeira vazia. Pedi licença para sentar e mal fui notada. *Eu parecia não existir.* Perguntei o seu nome e me disse ser Rosa e sorriu. Puxei conversa e fui interrompida pelo convite, emitido de algum lugar da sala, para irmos para a pracinha. Novamente, levantei-me e segui o grupo.

A pracinha era *a m p l a*, e em cada canto, um muro alto e o fundo dava para uma rua. Compunham o ambiente, alguns bancos, um pé de butiá, que parecia antigo, dois balanços, uma pracinha com escorregador e algumas gangorrias. Também havia uma árvore grande, que não pude identificar a espécie. Sentei-me em um dos bancos.

Jacinto sentou-se ao meu lado, era pequeno, mas parecia bastante à vontade naquele lugar. Perguntou-me se eu conhecia as formigas da pracinha. Respondi que ainda não tínhamos sido apresentadas. Ofereceu sua mão e eu não resisti. Era a passagem para um outro mundo e eu não estava preparada para tal travessia, mas a curiosidade era irresistível. Então, segurei firme a sua mão macia e quente.

Jacinto convidou-me a sentar na grama, em frente ao muro. Olhou nos meus olhos e começou a falar. Era uma voz baixa e suave, com vigor de terra, de quem conhece muitos mundos.

– Οληα α φορμιγα. Α αρανηα γοστα δε χομερ μοσθυιτο. Ασ φορμιγα σ σ©ο φιληοτεσ δα μ©ε δελα, ελασ ν©ο μορδεμ, ελασ σ Γ φαζεμ χο σθυινηα. Ελασ σ©ο βεβ| σ, ελασ τ©ο τραζενδο χομιδα πρα μαμ©εζ ινηα δελασ. Οσ φιληοσ π©ο δαρ χομιδινηα πρα μαμ©ε δελασ, μασ θυεμ φαζ α χομιδα Γ α μαμ©ε. Σε θυεβραρ αθυι τεμ α χασινηα δελα σ. Α μαμ©ε φορμιγα φοι τραβαληαρ, αγορα ελα φ(πολτου. Α μαμ© ε Γ α φορμιγα γρανδε. Εσσεσ πεθυενοσ σ©ο βεβ| σ. Αθυι τεμ π(ριασ. Ελασ εστ©ο προχυρανδο φρυτασ πορ αθυι. Ελασ σ©ο φορτεσ. Ελα σ εσχαλαμ τιπο αρανηα, ελα Γ υμα αρανηα. Ελα χομε φρυτα ε φιχα

φορτε παρα εσχαλαρ α παρεδε. Ελα τεμ υμα χολα νοσ π[σ. Ελασ σ
[τεμ ο νομε δε φορμιγα. Ο νομ

De repete parou e perguntou:

- Entendeu?

Mesmo analfabeta do ouvido, respondi que sim

*Então, abandonou a minha mão sem dizer nada, nem mesmo me olhou.
Me deixou ali e foi brincar com as outras crianças.*



Hecceidades:

No conto eu sou hecceidade! Algo como um modo de individuação diferente de coisa, pessoa ou sujeito e que teria a ver com as relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão e com a capacidade de afetar e de ser afetado. Nos orienta Deleuze que “você é longitude e latitude, um conjunto de velocidades e lentidões entre partículas não formadas, um conjunto de afectos não subjetivados”. (Deleuze; Guattari, 2012, p. 51). As hecceidades seriam graus de potência ou ainda, unidades do diverso em um plano comum de imanência.

Na pesquisa, tentei deixar de ser “eu”, para ser multidão. Matilha de muitos lobos que afeta e é afetada e que não tem um caminho definido, mas constrói algumas rotas ou cartografias ao passar pela vida. Hecceidade seria diferente de subjetividade, porque na hecceidade não haveria sujeito, mas linhas de força em devir.

Por ser uma hecceidade, me movo por contágio e não por filiação. Não posso me manter fiel a princípios ou a verdades. Peregrino por florestas e me guio pela lua e pelas estações do ano. Há forças que atuam em mim e em alguns casos, saem em disparada, embaralhando a manada que sou eu mesma. Impossível ter total controle de mim. Ou algum controle. Ajo por desejo, por medo e por paixão. Tento disciplinar essas forças. Mantê-las sob domínio. Traço linhas, construo cercas. Adestro as minhas intensidades. Mas de repente, uma tempestade embaralha os códigos e os muitos lobos que sou, assustados ou excitados, correm sem controle. E a consciência que se conhece como “eu” fica ali, olhando perplexa as forças tomarem corpo. Resta sentir.

Como hecceidade, estou em movimento e sou toda pele. Eu sinto de corpo inteiro. Um corpo que é multidão e que por isso, não pode ter uma identidade. Uma singularidade que vaza fundamentos e estruturas, porque não tem pontos, mas linhas e rizomas. Hecceidade que não tem origem nem fim, porque está no meio, no entre animal e humano; animal e planta; bor**bole**ta e casulo.

Hecceidade porque agencio com linguagem, imagens, papel, pracinha, bancos, crianças. Hecceidade porque não tenho uma história, mas uma geografia. Uma cartografia com linhas, traços, relevos, planícies, desertos, escarpas irrigadas por rios, mares e lagoas. Parte de mim é deserto e silêncio. É nesses vazios que consigo fôlego para expandir.

Hecceidade porque não tenho nome, mas verbo. Conjugo infinitivo. Forma finita do infinito. Estou em tempo Aion, porque divide infinitamente o presente em passado e futuro.

Linguagem:

Eu sou uma hecceidade que utiliza linguagem para muitas coisas: comunicação, captura dos acontecimentos. Eu utilizo esses códigos o tempo todo. São eles que possibilitam que eu saiba quem eu sou, onde estou...e que a terra seja um território, que eu possa reconhecê-la, apreendê-la, ir de um lugar para o outro e saber por que estou fazendo isso.

Mas nem sempre foi assim, eu nem sempre fui um ser de linguagem, já fui in-fante. Houve uma época em que eu não sabia utilizar sons para transformá-los em palavras. Naquele tempo eu tinha toda a experiência e a totalidade da linguagem, pois não sabia das regras e por não ter conhecimento delas, podia ser um corpo todo de experiências.

Ainda em devaneio, tentando perceber esse mundo infantil, lembro-me de que as crianças pequenas vivem “possibilidades de abertura e inacabamento” (Leite, 2011, p. 86). Essa frase, faz recordar todas as vezes que tive que aprender alguma coisa. As minhas experiências de não saber e estar aprendendo são bastante semelhantes entre si. Primeiro, sinto que tudo é muito amplo e tenho dificuldade de compreender. Nesses momentos, preciso devir-criança e ir tateando o informe, navegar o caos, ficar no indefinido e aos poucos, um horizonte vai se configurando. À medida que consigo dar alguns contornos, constrói-se um território, ou seja, vou sedimentando o caos e agregando novos aprendizados ao território.

Mas, e se precisássemos acessar o inacabamento e abertura da vida. Seria o devir-criança um possível?

O acontecimento não seria o que acontece, mas aquilo no que acontece. O que acontece seria a linguagem. Uma proposição, para expressar um acontecimento precisaria relacionar: designação, manifestação, significação e sentido. A designação ou indicação seria aquilo de que se fala; a manifestação seria quem fala e a significação seria a conclusão, ou as representações racionais que podem ser feitas a partir de uma proposição. Uma significação tem como elemento significantes. O sentido seria o acontecimento e pode haver diferentes sentidos para uma mesma designação. O sentido não existiria fora da proposição que o exprime, mas não se confunde com a proposição. O sentido seria um efeito de superfície produzido na circulação entre sentido-significante e sentido-significado, como duas faces de um mesmo espelho.

O conto fala de uma linguagem que não pode ser apreendida. Uma linguagem que tem manifestação e designação. Contudo, a significação foge ao que pode ser compreendido por mim, nesse momento em que sou adulta. No encontro com as crianças, fiquei por algum momento sem chão. Tive vontade de abandonar a pesquisa, pois, a compreensão do que as crianças diziam me fugia e a pesquisa precisava andar. Fiquei ansiosa e angustiada, pois tinha pressa de entender e essa pressa não me deixava perceber que o pensamento infantil era diferente do pensamento adulto, o que resultava na minha incompreensão da fala das crianças.

No entanto, por mais que a significação seja essa, da incompreensão de um adulto, essa proposição tem sentido. Já que o sentido seria aquilo que fica entre coisas e proposições, substantivos e verbos e designações e expressões. O sentido seria aquilo que não pode ser dito, mas que utilizamos proposições para dizer, isso se daria porque há uma “impotência em dizer o sentido do que digo, em dizer ao mesmo tempo alguma coisa e seu sentido, mas também o poder infinito da linguagem de falar sobre as palavras” (Deleuze, 2015, p. 31). O sentido sempre seria um duplo sentido e os acontecimentos seriam uma quase-causa de um outro acontecimento. O sentido também envolve não-senso, produzido por palavras esotéricas, palavras circulantes e palavras valise. As palavras esotéricas seriam palavras criadas para nomear outras palavras. A palavra circulante seriam palavras em branco ou palavras vazias, que coordenariam duas séries heterogêneas e dizem exatamente o seu sentido e por isso, seria um não senso e as palavras-valise, seriam um tipo de palavra esotérica que se dá pela contração de palavras e sentidos para ramificar a série onde se insere, formadas por figuras como palavra e coisa (Deleuze, 2015).

Cada série de uma estrutura corresponde a um conjunto de singularidades e cada singularidade seria uma série. Os acontecimentos teriam como tempo o Aion, tempo vazio que nunca se preenche, porque não pode ser medido (talvez grande ou pequeno demais para isso). Isto é, “ele é ao mesmo tempo excesso e falta, casa vazia e objeto supranumerário, lugar sem ocupante e ocupante sem lugar, significante flutuante e significado flutuado, palavra esotérica e coisa esotérica, palavra branca e objeto negro” (Deleuze, 2015, p. 69). O tempo Aion é o tempo dos acontecimentos e do sentido, em que os verbos são conjugados no infinitivo. Ademais, não há separação entre o antes e o depois. Pois,

é próprio da linguagem, simultaneamente, estabelecer limites e ultrapassar os limites estabelecidos: por isso compreende termos que não param de deslocar sua extensão e de tornar possível uma reversão da ligação em uma série considerada (assim, demasiado e insuficiente, muito e pouco) (Deleuze, 2015, p. 9).

Existiriam corpos e fatos (incorporais). Todos os corpos seriam causas para outros corpos (verbos). Passado e futuro existiriam no presente, dividindo o tempo infinitamente, ou seja, “o presente é tudo e o passado e o futuro não indicam senão a diferença relativa entre dois presentes, um de menor extensão, o outro, cuja contração recai sobre uma extensão maior” (Deleuze, 2015, p. 65). São as misturas que determinam as qualidades/quantidades de um corpo e que ocorrem na superfície. Isto é, a mistura entre corpos produz efeitos na superfície desses corpos. Esses acontecimentos-efeitos seriam enunciáveis por meio das proposições.

Seriam problemáticos e problematizantes, porque determinam as condições das proposições. Isto é, as proposições responderiam a problemas colocados pelo sentido. Contudo, o expresso não se confunde nem com a proposição nem com o problema que a condiciona. O sentido seria neutro por ser individual e coletivo ao mesmo tempo.

Segundo Deleuze, o jogo ideal teria regras que se inventam ao longo do jogo, número de jogadas que se devem ao acaso, e não numérica, mas qualitativamente distintas, de um só e mesmo lance que se divide em séries. Um jogo que não tem vencedores nem vencidos e que só pode ser pensado como não-senso. “Mas que afirma o acaso e faz do acaso um objeto de afirmação” (Deleuze, 2015, p. 63).

O sentido seria frágil, por ser efeito também das paixões corporais. Assim, “o acontecimento é submetido a uma dupla causalidade, remetendo de um lado às misturas de corpos que são a sua causa, de outro lado, a outros acontecimentos que são a sua quase-causa” (Deleuze, 2015, p. 97), o que resultaria em uma autonomia do sentido em relação a sua causa e a sua quase-causa. O sentido também teria dois momentos: a

produtividade e a indiferença do acontecimento e seria vivenciado tanto individualmente quanto coletivamente e captado de maneira diferente por cada indivíduo. Isto é, o sentido não seria nem pessoal, nem universal, também nem nega nem afirma; nem assertório, nem apodítico, nem interrogativo; também não se confunde com a designação, a manifestação nem com a significação. Ademais, o sentido seria produtor de singularidades-acontecimentos, que se referem a séries heterogêneas que se organizam em um sistema metaestável. As formas de atualização seriam as efetuações do acontecimento em que tudo ocorreria na superfície. A superfície seria o local do encontro entre os corpos e as suas misturas, do sentido e da expressão. O sentido na superfície existiria em seus dois lados, “como expresso subsistindo nas proposições e como acontecimento sobrevivendo aos estados de corpos” (Deleuze, 2015, p. 130). O incorporal não habita nem as profundidades, nem as alturas, mas a superfície. Ou seja, é um efeito de superfície. Nem haveria essência, mas acontecimento. Para trazer a linguagem à superfície seria preciso não mais designar nem significar, mas produzir não-sensos de superfície. O acontecimento não seria a designação, nem a significação de um objeto, mas a sua expressão. O vazio seria o lugar do sentido e do não-senso de superfície.

Existiriam também as singularidades impessoais e pré-individuais. Singularidades nômades porque não se ligam a um indivíduo. Essas singularidades constituiriam séries e um grupo de séries convergentes constituiriam um mundo e indivíduos. Quando as séries divergem, inicia-se um novo mundo. Assim, os sujeitos seriam a expressão desses mundos. Nesse sentido, o predicado define o sujeito e o sujeito define o predicado. O indivíduo seria a mistura de elementos de um determinado mundo e um mundo se constituiria de determinados indivíduos. Ao se modificar os mundos, modificam-se também as combinações. Assim, “os indivíduos são proposições analíticas infinitas: infinitas no que exprimem, mas finitas na sua expressão clara, na zona de expressão corporal” (Deleuze, 2015, p. 123), havendo uma relação entre a designação e a manifestação, pois a designação necessita de continuidade e de identidade, isto é, o manifestante, com suas paixões e crenças. Os acontecimentos são efeitos incorporais que se diferem das causas corporais que resultam.

Estar na superfície é estar sujeito às fissuras. Assim, “sermos um pouco alcoólatras, um pouco loucos, um pouco suicidas, um pouco guerrilheiros, apenas o bastante para aumentar a fissura, mas não para aprofundá-la irremediavelmente?” (Deleuze, 2015, p. 160-161). Fissurar a existência seria fazer do acontecimento, carne.

O acontecimento resultaria da mistura entre os corpos e dos seus afectos e paixões. Ele seria um efeito provocado pelo estado dos corpos, por suas paixões e ações, mas é distinto dessas e que teria causas internas e externas. A linguagem seria possível porque se distingue dos aparelhos que a produzem e daquilo que designa. Isto é, a linguagem seria possível pelos códigos e pelas imagens, mas não se confunde com esses. Nesse sentido, uma mesma frase pode ter significados diferentes em diferentes idiomas, sociedades e épocas. A linguagem teria essa possibilidade de virtualidade e de devir. De estar em deslocamento e em mutação. A língua se atualiza constantemente e independe do interlocutor.

A linguagem constitui-se então, como agenciamento coletivo de enunciação¹⁵, não havendo dessa forma, uma língua única. A linguagem se constitui por múltiplos processos maquínicos e seria um processo de criação semiótica. Esses agenciamentos coletivos de enunciação seriam formas de expressão, que se diferem das formas de conteúdo, isto é, multiplicidades moleculares ordenadas, que seria o caso das populações e das massas, ou seja, os agenciamentos maquínicos de corpos ou formações de potência e de expressão, quando são organizadas e estruturadas que seria o caso do agenciamento coletivo de enunciação ou regime de signos. A máquina abstrata vincula conteúdo e expressão. Os agenciamentos estruturam estratos e máquinas abstratas, sendo ao mesmo tempo estrutura e o fora da estrutura.

Gaguejar:

O encontro com as crianças tem me feito gaguejar a linguagem. Vou quebrando e juntando palavras. A intenção é a de virar a linguagem do avesso. Um avesso que também

¹⁵ Haveria dois tipos de agenciamentos: o agenciamento maquínico de corpos e objetos e o agenciamento coletivo de enunciação. O agenciamento maquínico de corpos, seria uma engrenagem onde homens e mulheres seriam apenas peças nessa engrenagem. Podemos pensar a escola como uma máquina de ensinar. No caso dos agenciamentos coletivos de enunciação, onde todo enunciado seria uma palavra de ordem e a linguagem seria uma transmissão de palavra de ordem. Além disso, a enunciação nunca seria individual, nem existiria um sujeito de enunciação, pois remete a um agenciamento coletivo que se reúnem em um regime de signos ou máquinas semióticas. Esse agenciamento seria estratificado em uma forma de conteúdo e em uma forma de expressão, que não são separáveis de um movimento de desterritorialização.

Podem-se tirar daí conclusões gerais acerca da natureza dos Agenciamentos. Segundo um primeiro eixo, horizontal, um agenciamento comporta dois segmentos: um de conteúdo, o outro de expressão. Por um lado, ele é agenciamento maquínico de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros; por outro lado, agenciamento coletivo de enunciação, de atos e de enunciados, transformações incorpóreas sendo atribuídas aos corpos. Mas, segundo um eixo vertical orientado, o agenciamento tem, de uma parte, lados territoriais ou reterritorializados que o estabilizam e, de outra parte, picos de desterritorialização que o arrebatam (Deleuze; Guattari, 2011, p. 31).

é direito. Um dentro que se torna fora e um fora que também é dentro. A intenção não é a de trazer elementos de outros mundos ou de outras línguas. Mas a de estranhar o familiar. Virar do avesso a linguagem para olhar as suas outras faces. Desmanchar fios de palavras conhecidas. Limpar as lentes embaçadas de hábitos e multiplicar as cores. Torcer as cordas vocais para que as letras cantem. Que a gente sinta di-verso. Para fazer verso e multiplicar experiências. Assustar as palavras para que arrepiem. Torcer vogais e sons. Colocar consoantes para dançar. Plantar nas folhas dessa escrita sentidos, para que os verbos inventem peles, línguas e gargantas. Que os sons não entrem e não saiam do corpo, sem antes dançarem.

Gaguejar as palavras, para que guardem grãos de devir, para germinar mundo. Verbos no infinito, para guardar potência para a invenção.

Gaguejar a linguagem para sentir o ar fresco do abismo. Um pouco mais de ar e de coragem, por favor! Gaguejar para que as palavras possam tropeçar. Um pouco mais de ar! Gaguejar para que as palavras possam fazer eco. E na repetição serem multi-ferentes. E já sem tantos re-ferentes, criar desertos e desabitatar o mesmo. Eu quero um barco de areia, para navegar o vento. Eu quero ser um barco de areia a navegar o vento. Eu desejo me encher de instantes. Pra in-ventar. Eu me encho de vazio. Eu sou poeira que aprendeu a navegar o tempo. Um pouco de si-lên-cio, que eu quero ouvir os segundos esquecidos entre uma sílaba e outra. O eco tem a língua do vazio e da vibração. Eu sinto que fala. Eu sinto que vibra. Eu peço tempo para des-formar, eu repito o som para de-formar. Eu quero me estender na vida para vazar.

Sou gago de idade, de data e de nascimento, dessa minha vida que é um dia, nasço para morrer no cair da noite. Por isso é que eu fico gaguejando que é para multiplicar. Não me conformo com o meu desaparecimento prematuro. Então, eu cato os rastros, pra re-caminhar, que é pra deixar pegadas, no solo árido da (im)permanência. Mas eu vou mesmo, é por insistência. Porque os dias já estiveram nus por aqui. Eu visto minha alma de flores, que é para esconder os ossos do fim.

Estranhamento:

A criança seria diferente do estrangeiro, pois o estrangeiro é sem e na palavra, isto é, o estrangeiro está na linguagem, mas não domina uma determinada língua. A criança ainda não está em palavra alguma. No conto, podemos perceber que o devir-criança possibilita uma língua-menor, que muitas vezes, causa estranhamento. Costumamos

identificar a fala infantil como uma fala “errada”, mas em muitos casos, não percebemos que o pensamento que a sustenta seria diferente da lógica adulta. A língua infantil seria intensiva, que reside em uma estrangeiridade na própria língua. Trata-se de um novo uso e uma nova função para a língua adulta padrão. Por isso, o estranhamento da fala infantil.

Costumamos empregar o adjetivo “estranho” em oposição ao familiar, ao corriqueiro. Nesse sentido, a minha intenção no conto foi a de estranhar não somente as falas infantis, mas também as falas adultas e para isso, utilizo o devir-criança. Nesse sentido, a “sensação de estranhamento é o que nos permitiria acionar outras chaves de leitura [...]. O estranhamento nos provoca deslocamentos” (Guimaraes, 2018, p. 137).

Quando somos recém-chegados em algum lugar, geralmente, conseguimos perceber diferente dos habitantes locais. Me sinto bastante habituada à escola e às crianças, pois trabalhei no ambiente institucional por muitos anos. Também me sinto habituada à escrita, que utilizo diariamente, e por isso, tenho repetido formas de perceber. Para ser afectada de outras maneiras, preciso me surpreender com o corriqueiro e para isso, busco potências na infância.

Então, estranho lugares, objetos e pessoas. Não é que eu tenha esquecido o que eu já sabia, mas é a arte de criar, também para o estranhamento, a gagueira de que eu falava anteriormente. Funciona mais ou menos assim: tento exercitar o esquecimento, que é para tirar os rótulos das coisas conhecidas. Crio pequenos espaços de amnésia para travar a maquinaria da repetição do mesmo. De tanto repetir vazios de representação, eu ensaio perceber diferente.

Sem representações prontas + devir-criança: uma vassoura pode ser um cavalo, microfone, boneca, ponte, suporte para brincadeiras, os limites do jogo de futebol, córrego que é preciso pular, cobra, árvore, massageador de pés...

Estranhamento possibilita criação. O artista que não estranha o cotidiano e a arte não consegue criar o extraordinário. Talvez eu precise devir-criança para que o novo desabroche do habitual. Quem não estranha reproduz. Estranhar é se atirar do abismo, sem proteção, esperando que do corpo brotem asas para ser pássaro, lava para ser vulcão e na incandescência da experimentação, dissolver em fumaça, nuvem ou imensidão.

Já não tenho órgãos nem en-tranha, por isso ex-tranho e já não sou. Meu ventre se abriu para o desconhecido. Das minhas veias brotam folhas, frutos, raízes. Eu ramifico na terra dos meus antepassados (flores, animais e pedras). Espalho as minhas raízes por rios e montanhas. De onde sou? Quem sou? Eu sou do outro lado da noite. Sou infanti-verso ou infanti-luar. Eu sou a criança que se perdeu da infância e que brinca de falar sério. E

quando eu for velha, serei uma criança com muita idade. Serei criança ainda quando a morte chegar e inventarei uma canção para ninar a dor. Verei nas lâmpadas, estrelas ou lua. Eu vou brincar até que da minha carne seja arrancado o último suspiro e sou capaz de lembrar de algum conto de fábula, para acalmar o espanto e dormir em paz.

Então, precisei ter me chocado com o mundo infantil para deixar o devir-criança passar e assim, poder estranhar. Abre-se um mundo!!!



PLATÔ IV

DEVIR-CRIANÇA

“rir é afirmar a vida e, na vida, até mesmo o sofrimento. Jogar é afirmar o acaso e, do acaso, a necessidade. Dançar é afirmar o devir, e do devir, o ser” (Deleuze, 2018b, p. 217).

Ele morava em uma casa de dois quartos. A parede fina e o assoalho de madeira eram as cordas vocais da casa que cantava à noite. O conhecido som era uma canção de ninar que o acalmava. De manhã, acordava com a luz do sol e quando desenhava a esfera dourada, lhe punha dois olhos, contrariando as advertências que afirmavam: “sol não é gente, e por isso, não tem nem olhos nem sorriso”.

Patrick ainda lembra da sua chegada àquele lugar. Uma acolhida que também foi abandono. E o pior, provavelmente fosse estar recluso e a impossibilidade de sair sem a companhia de um responsável. O aprisionamento pelo formato escola o deixou em pânico. Nos primeiros dias, se desesperou. Pediu que lhe ouvissem. Argumentou de todas as maneiras possíveis, mas tão pouco foi atendido.

Os dias foram passando e como não havia solução, foi se acostumando. O prédio imenso de cores neutras, dava vigor às vozes, que ecoavam. Poderia se perder naquele lugar. Com o tempo, percebeu que não lhe era de todo mal e talvez ficar ali fosse o melhor. Notou que precisava se adaptar, seguir as regras e quanto mais escondesse quem era, mais cedo sairia dali e conquistaria a sua liberdade.

Foi preciso abolir ~~palavras~~ e disfarçar *comportamentos*. Criar *obstáculos*, inventar trincheiras e o mais importante, não ser notado. No decurso das semanas, foi percebendo “semelhantes”, que com ele, compartilhavam visões e audições de mundo. Construíram grupos fechados, códigos próprios e estratégias. O bando era articulado e ao menor sinal de perigo, mimetizavam feito camaleões. Na realidade, o grupelho escondia um segredo, bastante perigoso para o devir-criança dos seus integrantes.

Havia momentos em que algum integrante do grupo se distraía e deixava escapar um devir-criança em plena sala de aula:

“Olha o que eu tô fazendo! Um submarino, aqui é tipo um escudo, aqui é pra água passar. Ele pega os animais perdidos pra ajudar. Ele pega os filhotes, ele ajuda os animais. Ele pega e coloca dentro do barco. Ele pega a água aqui, pelo burquinho aqui e ele coloca pra dentro. Ele pega a água do mar para o bichinho sobreviver. O

bichinho do mar. Ele ajuda, ele ajuda tudo. Até uma baleia perdida. Uma baleia bem grandona. Uma baleia bem grandona mesmo. Mas ele também vira um carro. Ele vira um submarino e se a baleia tá perdida, ele vai ajudar. É muito grande ele. O banco é assim, mas ele vai por cima, pra grudar o animal com esse negócio aqui. Mas se o animal ficar mergulhando, ele ainda pega, ele ainda pega, bem longe ainda. Lá tem um golfinho, eu vou lá ajudar ele, assim. Vou lá ajudar o golfinho. Vamos golfinho, vem aqui! Tem dois olhos aqui, um atrás e um na frente. Aqui ele vai espirrar. Aqui é o tirador de lixo do mar. Ele vai tirar o lixo do mar. Uma baleia ali, eu vou socorrer. Tira esse da frente e ele pega bem aqui. Ele pega aqui e aqui e ele leva pra outro lugar. Uma baleia mãe ele também leva. Agora sim. Olha esse tirador de lixo."

O segredo era que o devir-criança inventava outros mundos ou realidades-transversais, tipo cá e lá. O devir-criança tornava o mundo mais permeável para audições, olhares e sensações. Devir-criança possibilitava conversar com os objetos. Eram bonecas que falavam, davam festas e se divertiam com as amigas (bonecas e humanas). Havia até mesmo, uma ponte sonolenta. Devir-criança para **ajudar os animais**. Um **ajudar** que se repete e que de tanto se repetir, vai ganhando tamanho nas falas, vai se tornando muito grande. **Ajudar** muito, os bichinhos do mar.

Existiam perigos. Os armários, esconderijos de dia, eram bastante amedrontadores à noite. Eles assustavam as crianças e já houve casos em que as devoravam. O grande mistério sempre foi saber para onde iam depois de engolidas.

E coisas outras, como a possibilidade de haver um desenhista que pinta nuvens no céu, ou um bicho sol que liga de dia e desliga à noite. Um bicho sol que quando escurece, se veste de lua. Ou quem sabe, um sol que dorme atrás das montanhas?

Os rios como mãe dos peixinhos, embalando-os no colo das correntezas. A terra, mãe das sementes. E as cobertas quentinhas, mãe das crianças nas noites frias. A panela, mãe da comida, ou algo assim. Árvores de panelas, casas de chocolate, barcos com pernas, que caminham no mar....E por aí vai...

A cada vez que as crianças brincavam abria-se um devir-criança, feito um rasgo de um outro mundo nesse mundo. Pela abertura era possível espiar pequenos vultos, pontos de luz e algumas cores. A vontade de atravessar pela fresta era imensa. Então, ajeitava-se a forma corpulenta e ficava-se à espera. Em algum momento aquela passagem iria abrir. A luz aumentava, ouviam-se rangidos e a gente grande ia se enfiando fresta adentro. Mas não havia jeito de conseguir passar. Faltava

intensidade e sobrava extensão. Havia pouco corpo e muitos órgãos. Eram por demais sedentários para o infinito. É que não atingiam a velocidade necessária, faltava a invenção de um corpo sem órgãos.

Com a impossibilidade de os adultos atravessarem pela fresta, e a premência de as crianças perderem o devir-criança, logo um dos infantis pronunciava uma frase-fecha-mundo ou fecha-devir com bastante seriedade: “Mas tudo isso é de mentirinha!”; “Nós vimos no filme”, “Isso não existe de verdade” e o acesso desaparecia.

Frestas que abrem e fecham, de lá ouvem-se barulhos de gargalhadas, de jogos e de danças infantis. Ao espiar pelo buraco, é possível ler à distância palavras não inventadas. Sombras de coisas que só podem ser sentidas, por afetos sem nome.



Figura 4 - Árvore de Panela – Fonte: Autora



Devir-criança:

No texto, fui tomada por um devir-criança. Compreendo que a infância não seria apenas uma fase da vida, mas um verbo que se conjuga quando necessito voltar a minha forma semente, para nascer de outros modos. Ou ainda, quando experimento no desconhecido, a falta de uma língua para aquilo que me acontece. Quando não sei e preciso tatear, dar passos em falsos, sentir o inesperado, tropeçar e finalmente, aprender. Devir-

criança não me torna novamente criança, mas também isso. Devir-criança no encontro com as crianças, que também devém-criança. Quando estou em devir-criança, me desterritorializo, mas também desterritorializo as crianças. Nossos corpos e suas intensidades, o meu corpo que pode algumas coisas e os corpos infantis que podem outras coisas. O que pode uma criança? O que pode o meu corpo em devir-criança?

Lá vem Deleuze de novo:

Não sabemos nada de um corpo enquanto não sabemos o que pode ele, isto é, quais são seus afectos, como eles podem ou não compor-se com outros afectos, com os afectos de um outro corpo, seja para destruí-lo ou ser destruído por ele, seja para trocar com esse outro corpo ações e paixões, seja para compor com ele um corpo mais potente (Deleuze; Guattari, 2012, p. 45).

Percebo que os devires são reais, porque não se trata de uma imitação que eu faça das crianças. Eu entro em devir-criança para que esse devir produza outros devires. O devir-criança é real, no entanto a criança que ele devém não é real. Quando estou em devir-criança, não busco por uma evolução nem por uma regressão, mas por uma involução, que seria o exercício de criar desertos em mim, para sentir de outros modos a potência da vida. Assim, a involução, de forma contrária a evolução, que sempre propõe acrescentar alguma coisa, propõe que se tire alguma coisa, ou seja, é o inverso da overdose.

Busco nos devires elementos para ser cada vez mais simples. Retirar excessos para que haja espaço para novas brotações. Para que as grandes estruturas que também me habitam não sufoquem os grãos de vida que tentam germinar. Para que os fluxos possam atravessar a minha carne e o meu espírito.

A segunda questão trata de a criança ser um devir e isso se daria por ser a criança uma das minorias. É isso mesmo. Todo devir seria minoritário, e isso não tem relação com o número de pessoas, mas com o que foge à norma, ao modelo, a regra, ou seja, ao maior, isto é, os devires menores são os devires de todo mundo. Eu, que sou uma mulher, tenho em mim devires-criança, devires-animais, devires-imperceptíveis, devires-mulher.

Devires-menores são diferentes do institucionalizado e do maior. O maior seria o homem, branco, heterossexual, rico, letrado, europeu, saudável, bonito, ou seja, a norma, que supõe um estado de dominação. Os devires rasurariam a regra por criarem a novidade, isto é, a potência de criação estaria no devir, já que a norma já está dada, já é a referência.

Para devir, agencio micropolíticas, níveis moleculares e microformações: maneiras de andar, sentar, perceber, vestir e expressar. Em mim, habitam devires-menores que seriam o molecular, mas também a maioria como entidade molar. Isto é, além dessas

micropolíticas que agencio, também círculo por instituições, tenho uma profissão, tenho uma determinada formação e isto seriam as entidades molares. Mais fixas e mais sedimentadas.

Além do devir-criança, experimento outros devires menores: devir-mulher, devir-negro, devir-animal. Círculo por esses devires porque reconheço a diferença não apenas na sociedade, mas também em mim. Então, não tenho uma identidade, mas singularidades. Percebo que esses devires existiriam como virtualidades no meu pensamento, e por isso, os entendo como intensivos que possibilitam encontros com o pensamento de fora que se constituiria como uma experiência do pensamento.

Devenho para estabelecer relações antinaturais entre meu corpo e a natureza, uma conexão entre heterogêneos que se abre a relações outras, ainda sem termos. Devir para experimentar de outros modos. Entendo as minhas experiências como aquilo que não pode ser acumulado, construído ou provocado. Para experienciar, visito lugares desconhecidos, caminhos estranhos, e me torno estrangeira das coisas aprendidas.

Percebo que o meu gosto por viagens tem como potência a vontade de ser diferente de mim mesma, me estranhar. Visitar lugares antigos para captar outros aromas e as vidas que por ali circularam. Seus rastros...Procuro percursos que me surpreendam. Para ouvir línguas incompreensíveis, paisagens inusitadas, formas de vida estranhas.

Uma das maiores experiências que tive foi a de ter sido um infantil e não ter sido sempre um falante e desse modo, vivenciar a linguagem e os sentidos de outros modos, que não o linguístico. Ter sido um infantil e devir-criança são experiências para as quais retorno em muitos momentos. Muitas vezes nos acontecem coisas que nos tiram a voz. Em que necessitamos primeiro balbuciar sons sem significado. Sons que nascem de nossos pulmões e que gritam com os capilares. Sons de um tempo outro, ventos de outras épocas que nos habitam quando somos de novo deserto.

Por isso, para ser mais uma vez deserto, preciso criar um corpo sem órgãos, que se difere do meu corpo físico. Quando produzo corpos sem órgãos, trata-se de novas expressões, vibrações, singularidades, experiências. O corpo sem órgãos, não organizado, não formado, não estratificado, um corpo molecular. Formado por matéria intensa, não estratificada, não seria contrário aos órgãos, mas ao organismo, isto é, ao corpo enquanto função e utilidade. Além disso, não seria um ponto de chegada, mas um limite, pois “não se termina nunca de chegar a ele, é porque há sempre um estrato atrás de um outro estrato, um estrato engastado em outro estrato” (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 25). O corpo sem

órgão da criança seria o plano de consistência do desejo e haveria desejo toda vez que houvesse a constituição de um corpo sem órgãos, por meio de uma máquina abstrata.

Corpo sem órgãos II:

Experimento o corpo sem órgãos como matéria intensiva, ou planômeno que seria a matéria, com sua realidade física. Por ser matéria intensiva, isto é, fluxo material, não tem suas dimensões, graus ou quantidades exatas. Os órgãos do corpo sem órgãos seriam construídos provisoriamente, pela captura de uma força exterior que se encontra com os fluxos e as ondas que integrariam o corpo sem órgãos, que duram enquanto durar essa força. Assim, o corpo sem órgãos não seria a ausência de órgãos, mas do carácter estruturado desses órgãos. O corpo sem órgãos seria o virtual que atuaria sobre um organismo atual.

Constituo um corpo sem órgãos quando uma onda ou fluxo atinge o meu corpo, que pode ser desencadeado por um encontro. Nesse momento, há um alisamento de alguns órgãos e a elevação de outros tecidos que tem validade momentânea. São órgãos de intensidade e não de perenidade, que permitem serem percorridos por fluxos e matéria não formada. É um corpo pleno, por onde passam e se distribuem intensidades. Assim, torna-se habitado por diferentes afetos e intensidades que estão em movimento e repouso, velocidade e lentidão das partículas constituintes. Não há estratos, mas liquidez. Um corpo produzido no/pelo desejo, isto é, o desejo seria uma quantidade intensiva que passa necessariamente pelos órgãos e os desorganiza, para compor de modo que as intensidades possam circular livremente. Percebo que um corpo sem órgãos teria como forças a atração e a repulsa. Noto que a sociedade em que habito, estrutura um corpo social frente à ameaça revolucionária do desejo, dessa forma foram construídas ligações para o desejo, para que seus fluxos estivessem submetidos a objetivos sociais, que se dariam pela codificação: a circulação das pessoas, suas posturas, o que é permitido para um grupo e negado para outro.

Assim, na sociedade, para cada membro são permitidas algumas coisas e proibidas outras e cada um tem uma função, um espaço que deve habitar e por onde pode circular que funciona por meio de uma memória, que faz repetir e diferir, isto é, cada membro da sociedade seria potencializado de maneira diferente.

Deleuze e Guattari nos falam dos espaços lisos e dos espaços estriados. O corpo sem órgãos seria um espaço liso, pois nada foi ainda edificado. Isto é, não existem normas,

leis, regras. Por ser uma terra sem dono e sem construções, o espaço liso é onde podemos criar. Com isso, para habitar o caos de uma pesquisa **CONTO** cartográfica torna-se necessário um certo desprendimento com as formas estratificadas, ou seja, certo desapego com as certezas prontas, e vontade de experimentar diferentes solos.

O meu mundo rachou e pelas trincas, percebo que um outro mundo se abre. Alguns resquícios se insinuam, mas a relação das crianças com não humanos ainda me era estranha! Sigo nos encontros.



PLATÔ V

O REINO DAS FORMIGAS

Notei em sobressalto que minhas orelhas ardiam e pelo buraco do meu ouvido, o animal saiu aos pulos, desaparecendo pelo pátio. Então, ardendo de curiosidade, corri atrás dele campo a fora, chegando justamente a tempo de vê-lo sumir numa grande toca sob a cerca.

A entrada se abriu feito centelha, rasgando entre a altura e a profundidade. Outro mundo derramava, invadindo a realidade da escola. Não que se escapasse pela saída, também não era uma porta que poderia ser fechada. Ficava-se no meio de uma outra [n-1] realidade.

Corri atrás do que parecia ser um roedor e acabei entrando em uma toca que no começo, alongava-se como um túnel, mas de repente abria-se em um poço. *Cai tão veloz que não tive tempo para perceber o que acontecia.*

Cai

Sem

Parar

Tomada

de espanto.

Fui me acostumando com a queda. Comecei a flutuar em uma sala, apertada por certezas e espremida pela solidez da escola. Meu corpo invadia janelas e portas. Precisava diminuir, ou iria sufocar de **excesso!** Mal podia me mexer. Estava apertada entre as paredes. Eu doía inteira de demasia. Olhei para os lados e não encontrava nada que pudesse me ajudar. ^{Exausta de amplitude}, consegui perceber no outro lado da sala uma pequena luneta que pude agarrar pela ponta dos dedos graúdos. Sem querer virei a lente do instrumento que ao me refletir, de fato fez efeito: tinha agora não mais que três centímetros de altura.

Com o meu encolhimento, a sala se tornou grande demais. As construções eram enormes. O quadro era um horizonte branco, que doía a visão.

As letras abriam para formas peculiares. Tantas palavras e grafias tão grandes, in ter va los e p.o.n.t.o.s embaralhavam o conhecido e faziam ga gue jar a leitura. Eu olhava de uma outra perspectiva e outrava de mim.

Visualizar a sala desse lugar, tornava extravagante o corriqueiro: a escrita no quadro branco e os agregados de p.o.n.t.o.s miúdos, formavam as linhas das palavras. E pelo

chão, circulavam formas desconhecidas. O ambiente estava muito mais movimentado do que há minutos. Ou eu é que não tinha percebido os habitantes daquele lugar.

Caminhei, impulsionando velocidade, quando ouvi um barulho. Eram letras que caíam, só letrando, por uma ponte que dormia. Era uma ponte sonolenta no meio da manhã e no meio da aula.

Pela ponte atravessavam formigas. Muitas e vestidas de dourado. Não pude ouvir a voz rouca que sussurrava entre gritos e aplausos. Foi de cochicho que me disseram. Tratava-se de uma visita da realeza. A formiga real passeando entre os súditos.

Não sei se quem me contou era também formiga, mas sei que rastejava. Os cabelos encaracolados e a pele muito branca, se abriam em olhos de cosmos. Muito negros e brilhantes.

Chegou perto dos meus ouvidos e sussurrou:

- A formiga tá trabalhando. Ela tem que dar comida para o Real. Ele é um príncipe. Ele é mais que grande desse tamanho assim. É a mamãe do Real essa formiga aqui. Está colocando folhinhas no formigueiro. É a casinha dele. Olha é uma peninha? É do pintinho. Esse é o ovo da formiga. Enquanto falava, as formigas iam e vinham do buraco. Seus rostos se diferenciavam, como também a maneira singular como me olhavam. O corpo esguio sustentava pelos que se estendiam por braços e pernas. A cor dourada de suas formas brilhava com a luz do sol. Cada formiga caminhava de forma peculiar como em uma dança, gingando o trajeto. Formigando o caminho.

Foi então que o coelho (com velocidade lenta) surgiu novamente. Corri e atravessei sem querer pela fechadura. Caí em alta velocidade, atrolei em tempo Aion e levantei em Chronos de vereda. O sinal tocou. Hora de ir para a casa.

CONTO cartografar a aula era perceber as forças que se insinuavam naquele espaço. Nesse conto, percebo que as crianças repetem o sufixo “inha” para se referir aos não humanos. Tudo era inha (casinha, folhinha, peninha...) o que isso significa?
Sigo tateando!!

MÃE DOS ANIMAIS

Era uma tarde gelada e eu tentava me aquecer, sentada no sol, com uma xícara de chá.

Cutucou meu braço e falou baixinho:

- Meu cachorro é feliz porque eu dou comida pra ele todo dia. Todo dia eu brinco com ele e dou a bolinha para ele brincar. Às vezes ele fica comendo ração e eu fico comendo Miojo com ele. A gente faz tudo junto. A Dália tem um coelho. Daí o coelhinho fica comendo Miojo com ela. Eles ficam juntos pra sempre. Ela não larga esse coelho nunca. Se ela largar, o coelho fica chorando. Todo dia que ela vai para a escola, ele acorda chorando e fica chorando até ela chegar. Daí ele para de chorar. Porque ele acha que ela é a mãe dele.

Os cabelos arrepiados e os braços fininhos. Parecia frágil, mas fui eu que quebrei. Eu rachei por toda parte, enquanto vibrava naquela entonação.

- Ela come com ele junto, ela brinca, ela vai tomar banho com ele junto. Antes ele era de uma princesa que deu para a Dália. Daí Begônia tinha um gato. Ela dormia com ele, comia com ele, engatinhava com ele e miava com ele. Ele fazia tudo com ela, ele amava a Begônia, ela era a mãe dele. A Begônia é a mãe do gato, o Narciso do cachorro, a Dália é mãe do coelho. Sabe qual é o nome do coelho mesmo? Cenourinha. Daí o gato dela se chama Lia.

O toque suave daquelas mãos e mais do que as pALaVraS, o que elas diziam, emperraram o meu pen*sa*men*to. Fiquei por um momento, sem ~~palavras~~, tamanho estranhamento.

- Quando eles estão felizes, eles vêm no colo das pessoas, quando eles estão tristes, eles ficam no chão lá na sala. Às vezes eles choram. Mas quando eles choram, a gente cuida deles. Ele vem no meu colo quando eu tô doente. Ele sabe de tudo, ele me cuida. O meu gato é que faz isso. Ele pensa que vai me cuidar.

Então, olhei-o novamente, perdida no fundo daqueles olhos-alma e ele voltou a falar:

- Se não der comida pra ele, ele fica triste. Ele fica triste porque eu não dei nenhum cobertorzinho pra cobrir ele, daí ele fica com frio. Até uma casa e um cobertor.

Daí o papai comprou um cobertorzinho de cachorro e deu pra ele. Quando ele tá triste ele chora e quer colinho. Quando ele tá feliz, ele fica animado e dá uma bandinha de casa e ele tá feliz porque ele gostou do cobertorzinho. Eu deito com ele.

Enquanto ele falava, minha memória era habitada por animais imaginados. Seres de um outro eu, de uma época em que eu não era adulta. Animais que tinham nomes e vontades. Eu conversava com gatos e caracóis. Um universo que tinha cores tão diversas que nem eram desse mundo, pelo menos, não desse mundo que habito hoje.

~~Não era um absurdo~~ o que ele dizia. Eu podia reconhecer esse mundo, mais do que isso, eu podia senti-lo. Mas eram recordações difusas, que se insinuavam na minha mente e escapuliam. Memórias impossíveis de agarrar. Meus sentidos aguçavam no desejo de rascunhar imagens que escapavam. Não existia vocabulário para aquela sensação. Eram de um tempo em que as palavras não me pertenciam. Eram de um tempo em que eu era toda experiências.

De repente, tenho de novo seis anos e estou olhando as flores no jardim. Passo minha mão por suas pétalas aveludadas, mastigo um pedacinho pra sentir o gosto amargo. Converso com as flores. E encontro uma joaninha que passeia apressada pelas folhas. Estendo os meus dedos para me tornar caminho e deixo que atravesse mãos e braços. Eu sinto o movimento das patinhas que andam na minha pele-chão e o ar fresco que toma as suas asas na nossa despedida.

E me pergunto. Quando foi que me perdi desse mundo? *Talvez eu tenha esquecido de deixar as pedrinhas que marcavam o caminho de volta.*

Então, percebo que para as crianças, um coelho, um gato e um cão podem ser filhos de humanos. Além disso, percebem sentimentos similares aos dos humanos nos não humanos, como chorar por sentir a falta da mãe humana ou ficar alegre ao receber um presente (o cobertorzinho). Percebo uma outra sensibilidade nas crianças, que parece romper com a lógica antropocêntrica.

PLATÔ VI

PERCEBI OUTRAS SENSIBILIDADES EM JOGO!!!!

Enquanto escrevo, olho para o céu, para ver as estrelas. A noite está quente e eu estou fervilhando de incertezas. O céu à noite parece me levar para uma outra época. O tempo da minha infância. Tudo começou quando fui observar as crianças para a pesquisa de doutorado.

Naquele momento eu procurava estabelecer uma relação com as crianças que não fosse de dominação. Isto é, o corpo das crianças é visto como frágil e em porvir. A criança é compreendida como ser que falta. Além disso, o pensamento infantil é visto como irracional. O que as crianças pensam não é levado em consideração. Seriam fantasiosas, ingênuas e irresponsáveis. Entende-se que é preciso torná-las saudáveis e educadas, para serem adultos produtivos. Ou seja, as crianças são valorizadas por aquilo que podem ser e não pelo que são, isto é, seres do futuro e não do presente.

Contudo, o que eu desejava era escutar e olhar as crianças enquanto sujeitos, potentes em suas singularidades. Posso dizer que esse encontro possibilitou que eu percebesse rastros do devir-criança em suas falas, como é possível observar nos trechos transcritos abaixo:

- Pesquisadora: O que é?
- (Cria)ção: É uma ponte, aqui ela levanta e baixa. Agora ela tá baixa.
- Pesquisadora: E quando ela levanta?
- (Cria)ção: Nunca porque é uma ponte sonolenta.
- (Cria)ção: Essas flores são do mal e essas são do bem.
- Pesquisadora: O que é ser do mal e do bem? Como eu sei se é do mal ou do bem?
- (Cria)ção: Se é do bem cuida da gente e se é do mal machuca a gente. Olha a formiguinha. Ela fez uma casinha embaixo. O Real é o doninho das formigas, das mães.
- Pesquisadora: O Real é o rei das formigas?
- (Cria)ção: É.
- Pesquisadora: Eu não sabia que as formigas tinham rei.
- (Cria)ção: Tu não olhou na tua casa?
- Pesquisadora: Como você sabe que é o rei das formigas?
- (Cria)ção: O das mães, eles nascem da barriga das mães. Ele bota os ovos e ele nasce. Aqui é a casinha dele. o Real subiu na minha perna. Eu vou dar um chazinho pra ele.
- Pesquisadora: Por quê? Ele tá doente?
- (Cria)ção: Não, ele quer frutinha. O escorpião come carne. Aqui é a casa da aranha, ela é bem feiosa.
- (Cria)ção: Eu vou ser uma formiguinha.
- Pesquisadora: Daí você vai me morder?
- (Cria)ção: Não, tá doida. Você é do bem ou do mal? do bem. Olha ali a formiguinha ali. Ela dorme ali. Eu fiz uma escadinha pra ela. Vamos ver um outro bicho de estimação.

- (Cria)ção: Daí a Dália tem um coelho. Daí o coelhinho fica comendo Miojo com ela. Eles ficam juntos pra sempre. Ela não larga esse coelho nunca. Se ela largar, o coelho fica chorando. Todo dia que ela vai para a escola, ele acorda chorando e fica chorando até ela chegar. Daí ele para de chorar. Porque daí ele acha que ela é a mãe dele. Ela come com ele junto, ela brinca, ela vai tomar banho com ele junto. Antes ele era de uma princesa que deu para a Dália. Daí a Begônia tinha um gato. Daí ela dormia com ele, comia com ele, engatinhava com ele e miava com ele. Ele fazia tudo com ela, ele amava a Dália, ela era a mãe dele. Daí a Dália e a mãe do gato, o Narciso é mãe do cachorro, a Dália é mãe do coelho. Sabe qual é o nome do coelho mesmo? Cenourinha. Daí o gato dela se chama Lia.

- (Cria)ção: O Sonic tava caindo do prédio Robo X, ele pegou a perna dele e pegou o anel dele amarelo e jogou pra cair no pula-pula e ele foi correndo e caiu de um prédio.

- Pesquisadora: Tu foi picada por um mosquito. Onde ele te picou?

- (Cria)ção: Em todo lugar, na testa.

- Pesquisadora: No corpo todo?

- (Cria)ção: Sim.

- Pesquisadora: Por que que ele te picou?

- (Cria)ção: Eu já matei só dois mosquitos e uma barata.

- Pesquisadora: Na tua casa?

- (Cria)ção: Quer dizer, duas baratas e dois mosquitos.

- Pesquisadora: Tá, mas por que o mosquito te picou? Ele não gosta de ti?

- (Cria)ção: Não, mas eu já cuidei de dois deles e eles estão me picando. É, mas o problema é que um tá protegendo um e um não.

- Pesquisadora: Um mosquito te protege e outro não?

- (Cria)ção: Sim

- Pesquisadora: Mas como é que ele te protege?

- (Cria)ção: Eu cuidei deles das abelhas e agora ele tá me protegendo. Só porque eu protegi um mosquito das abelhas, agora ele me protege dos outros mosquitos.

- (Cria)ção: Eu tenho muitos bichinhos em casa.

- Pesquisadora: Tu tem bichinho em casa?

- (Cria)ção: Sim, mas o meu cachorro tá com a patinha quebrada.

- Pesquisadora: E como ele quebrou?

- (Cria)ção: Um cachorro tava lutando com ele e ele tava protegendo a nossa família e daí ele mordeu a pata, daí ele não morreu, mas eu tinha um coelho e ele morreu. E eu tinha um gato e ele fugiu. E eu tenho galinha.

- Pesquisadora: Tu tens galinha em casa?

- (Cria)ção: Sim, eu tenho pintinho.

- Pesquisadora: Aí que lindo! Eu acho tão bonitinho pintinho.

- (Cria)ção: Eu tenho um milhão de pintinhos. Grande e pintinho pequeninho. Tem um que nasceu hoje.

As falas das crianças, transcritas acima, me fazem lembrar da minha própria infância. É época em que eu conversava com plantas e animais. Naquela época, muitas crianças, como eu, brincavam nos pátios, fazendo bolinhos de areia e correndo de pés descalços na grama. Também aprendi a plantar e tinha inúmeros vegetais no pátio de casa. Havia até uma marrequinha, planta aquática, no meu quarto, que eu chamava de Leila.

Os animais, então, eram muitos: já tive galinhas, galos, patos, marrecos, passarinhos, coelhos, cachorro, gato, sapos e caracóis. Eu podia reconhecer a personalidade de cada um desses bichos. Eram animais-amigos e ficávamos brincando por tardes inteiras. Como eu, acredito que vocês também irão lembrar desse tempo em que tínhamos a habilidade de fazer amizade com os não humanos.

Nas noites frias de inverno, antes de dormir, eu imaginava estar aconchegada nas penas de uma ave materna. Ou das vezes em que fiquei tentando dar pulos que impulsionassem um voo ou quando ficava de quatro latindo ou miando.

Quando chovia, e eu soltava barcos de papel na beiradinha inundada da estrada, imaginando que chegariam a algum lugar desconhecido e fantástico, porque eram barcos aventureiros. Os vaga-lumes eram soldados de um jardim, em que plantas e animais podem podiam falar. **Talvez até possam e a gente é que não consiga ouvi-los.** Ainda sinto o cheiro dos galhos-braços de um jambolão que havia na frente da minha casa, do abraço vegetal, a misturar sangue e seiva. Eu podia sentir que nas minhas veias circulavam liberdade e imensidão. Foram encontros alegres e afectivos.

Animismo:

Percebemos na fala das crianças que elas têm uma intimidade com os não humanos que borra a fronteira entre humano e não humano. Com isso, podemos pensar com Donna Haraway (2021), em espécies companheiras. Assim, não há uma submissão das espécies aos humanos, mas a constituição de um espaço de diálogo. Isto é, “cum panis. Companheiros são aqueles com quem se partilha o pão, juntos à mesa” (Haraway, 2021, p. 96). Dessa maneira, somos influenciados e influenciados o comportamento de outras espécies. Compomos com os não humanos até mesmo em nossos corpos e somos a resultante dessas diferentes interações.

Donna Haraway, no livro “Manifesto das Espécies Companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa” conta a história da sua relação com os seus cachorros e percebe que poderíamos tratar os animais como seres diferentes de nós, não utilizando o humano como a régua para pensar as outras espécies. Donna Haraway (2021) entende que não deveríamos infantilizar os não humanos, nem objetificá-los, mas respeitá-los. A autora propõe que o trabalho conjunto entre humanos e cães envolve atenção, pois trata-se de trocas em que deve haver regras e acordos, para que haja confiança na convivência interespecies.

Além disso, cada cão tem uma personalidade, que não é configurada apenas pela raça. Já que animais de uma mesma raça podem ter gostos, habilidades e comportamentos diferentes. Enquanto utilizarmos os humanos como parâmetros para avaliar as outras espécies, perderemos a habilidade de ouvir e olhar esses outros que estão a nossa volta

como diferentes e semelhantes. A intenção é a de possamos percebê-los em suas singularidades, e aprendermos a nos conectarmos com eles, como faz Dona Haraway com seus cães:



Figura 5 - Donna Haraway com seu cão - Fonte: Clube F - Bazar do Tempo.

Entendemos que a maneira como as crianças se relacionam com os não humanos pode ser compreendida como animismo-infantil. Para Bensusan (2017) o animismo seria constituído no limite do nós, isto é, o animismo questiona a necessidade de fronteira entre o nós e todo o resto do mundo (não humanos) e de como se mantém essa fronteira. Nesse platô, uma outra possibilidade de mundo (neste mundo) se abre e percebemos, enfim, o animismo infantil, que se difere do naturalismo, perspectiva adotada pelos povos ocidentais na modernidade e que impulsiona o capitalismo, ao separar o humano, compreendido como sujeito, dos não humanos, compreendidos como objetos ou coisas.

No livro “Autobiografia de um polvo e outras narrativas de antecipação” de Vinciane Despret (2022), encontramos histórias de ficção entrelaçadas com descobertas científicas factuais. Isto é, a autora faz uma ampliação da realidade na ficção. O livro fala de **therolinguística**, isto é, a possibilidade de os humanos entenderem a língua dos animais, que seriam dotadas de estrutura gramatical, o que teria viabilizado a comunicação entre humanos e não humanos e de uma **theroarquitetura**, isto é, a capacidade dos animais inventarem diferentes arquiteturas. Nesse sentido,

pela descoberta de fragmentos de mensagens de formiga encontrados, sob a forma de traços de exsudação de glândulas, sobre sementes de acácias cuidadosamente ordenadas. A aposta de que se tratava de uma mensagem explícita e deliberada deixada por uma formiga anônima era arriscada, mas provou se correta (Despret, 2022, p. 16.)

Na obra supracitada, animais e plantas criam obras de arte, arquiteturas e literaturas, como líquens que cantam e vombantes¹⁶ que constroem muros, com suas fezes quadradas. No entanto, o maior desafio é captar obras que deixam marcas não audíveis e não visíveis. No primeiro capítulo, cientistas são acometidos por uma estranha percepção, alguns até mesmo, se reconhecem coreógrafos de aranhas, que dançam graciosamente em resposta às suas vibrações na teia. Assim, esses cientistas são acometidos por essas vibrações, produzidas pelas aranhas e que se tornam pensamentos, viabilizando a comunicação entre aranha e humano. Inspirada nessa história, aceito o chamado das aranhas, que “foram as primeiras a desenvolver uma tecnologia de conservação dos acontecimentos, pois as teias, antes mesmo de serem armadilhas ou território, são a memória material externalizada” (Despret, 2022, p. 17).

Na obra também há a possibilidade de um polvo ter escrito a sua autobiografia, o que parece algo bastante inusitado, segundo a autora, pelo caráter sempre transitório dos polvos, que estariam em constante metamorfose e a autobiografia ser algo mais perene. No entanto, se descobre ao final da história que os polvos teriam alma e que após a morte, teriam que reencarnar. Contudo, devido ao poucos nascimentos de novos polvos, a chance de reencarnar imediatamente após a morte, diminui. Então, para não esquecer quem era, pois, muitas vezes a lembrança precisa de um corpo, o polvo escreveu a autobiografia para lê-la quando reencarnasse e rememorar. Como é uma situação que acomete muitos polvos, também poderá ser utilizada por outros indivíduos da mesma espécie, que ao ler a autobiografia poderão também lembrar quem são.

Esses pescadores haviam encontrado sobre restos de cerâmica, fragmentos de um texto com uma escrita desconhecida. Identificou-se que a tinta empregada era a de um polvo comum (e não a de uma Sépia do Atlântico, como se cogitou a princípio, devido à caligrafia extremamente fina). A análise genética permitiu concluir que esses fragmentos eram obra de um único e mesmo autor – o que a priori parecia, no entanto, contrariar algumas variações de caligrafia de um fragmento para outro. Foi então solicitado a Associação que realizasse sua tradução. Numa primeira análise, parece se tratar de um texto literário escrito, segundo acreditamos, sob a forma de aforismos, embora não seja possível ter certeza – a característica fragmentária, logo, aforística, talvez decorra da ausência de muitas partes, as quais podem tanto ter sido perdida quanto apagadas pelo tempo ou pelas águas (Despret, 2022, p. 16).

¹⁶ Vombante é um marsupial de mais ou menos um metro de comprimento e de origem australiana. O que chama a atenção nesse animal é que suas fezes são quadradas.

Inspirada em Despret (2022), experimento um devir-aranha e um devir-polvo. Então, nessa escrita-teia, vou tramando fios-vísceras. São linhas que de(compõem) novas redes para as tramas do conceito de animismo. Um polvo tem muitos tentáculos, então, poderá haver variações na escrita. A intenção é a de que esse texto, ao variar, possa viabilizar diferentes impressões. Assim, invento essa escrita com conceitos digeridos e ideias que capturei e que ficaram grudadas na escrita. As capturas são pensamentos e movimentos promovidos por crianças, indígenas, cientistas e escritores que percebem uma outra maneira de relacionarmos-nos com os não humanos.

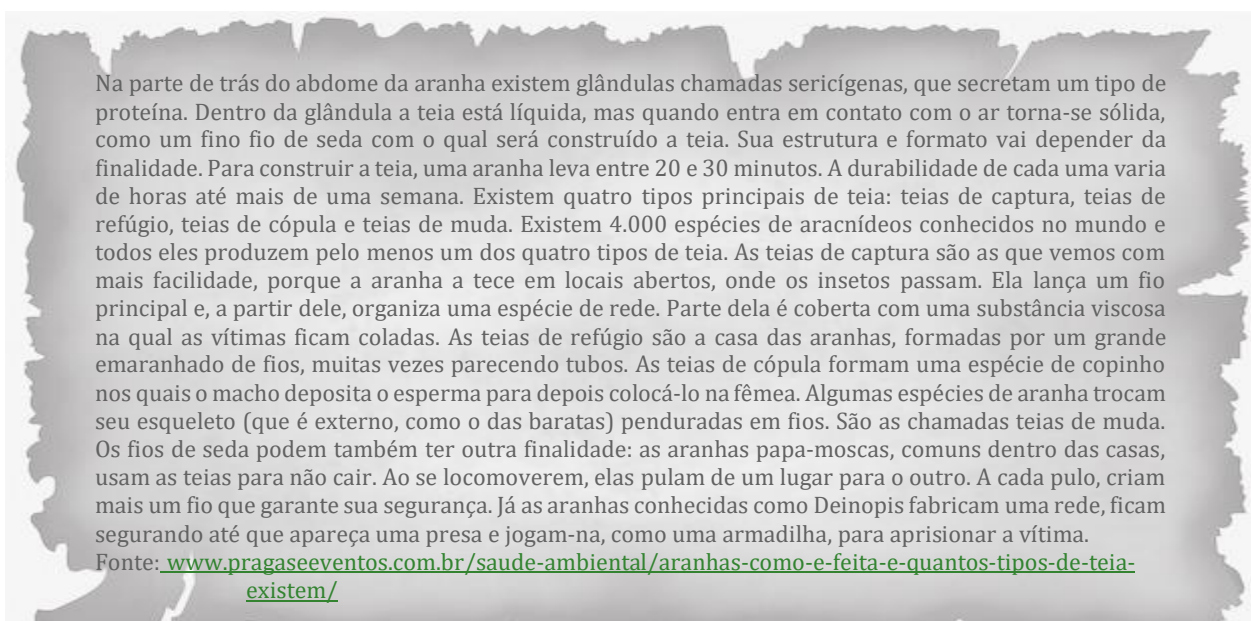


Figura 6 - Pergaminho - Fonte: Freepik

Nesse sentido, apresentamos alguns estudos desenvolvidos e que tem a intenção de olhar de outras maneiras para os não humanos. A intenção seria a de perceber que as verdades que temos construído e difundido sobre os não humanos e compreendidas como científicas, podem ter sido construídas a partir da ideia de que os animais e as plantas foram criados exclusivamente para o desfrute dos humanos.

No entanto, mesmo no campo científico, está em emergência, na atualidade, uma outra compreensão dos humanos e dos não humanos. Estudos recentes fazem perceber que plantas e animais são dotados de inteligência e que os humanos é que não têm percebido. Não estamos sozinhos no mundo e podemos fazer trocas com os não humanos. Ao colocar o humano como referência para os não humanos, não temos conseguido olhar para os não humanos e perceber o quanto podem nos ensinar, até mesmo sobre política.

A cosmopolítica é uma política feita por humanos e não humanos e sobre essa maneira de fazer política, temos muito a aprender com os animais.

Nesse sentido, segundo Bensusan (2017), temos separado o humano dos não humanos. Os não humanos estariam agrupados todos na natureza. Nesse sentido, a política e a cultura estariam em uma esfera e o natural em outra. Segundo Bensusan, essa separação na natureza dos não humanos seria denominada naturalismo e surgiu na Europa entre os séculos XVI e XVII. Com isso, o naturalismo seria o contrário do animismo.

O animismo, por sua vez, entende que somos fisicamente diferentes, mas temos uma interioridade semelhante, isto é, teríamos percepções diversas do mundo porque nossos corpos são diferentes, mas compartilhamos com outras espécies sensações como o medo, o prazer, a alegria, a dor, o pensamento e as capacidades de planejamento e de criar laços emocionais. Assim, os animais também teriam uma interioridade, mas são diferentes por pertencerem a outras comunidades. Então, a separação entre humanos e não humanos não se daria porque um faz parte da natureza e o outro faz parte da humanidade, mas porque ambos pertencem a culturas diversas (Albert; Kopenawa, 2023). Para Bensusan (2017), o naturalismo cria a ilusão de haver dois mundos: o humano e o não humano. Isso ocasionaria duas alternativas. Uma primeira que entende que a humanidade poderia viver sem o ambiente e que o desenvolvimento tecnológico supriria todas as nossas necessidades e uma segunda que entende que não há o que possa ser feito, constituindo certo imobilismo. Ambas as posições constituiriam uma política que não considera os não humanos e não intenciona o diálogo interespecie.

Para Bensusan (2017), os animismos seriam retrofuturistas, pois, remetem ao passado e ao futuro dos humanos, com a perspectiva dos avanços tecnológicos. A Modernidade criou um mundo inanimado, ao privilegiar os humanos como espécie soberana. Com isso, a ciência e o direito, na Modernidade, são feitos por humanos para humanos. A natureza seria o outro da humanidade e desprovida de finalidade, responsabilidade ou imputabilidade. Os não humanos seriam aquilo que pode ser conhecido e que obedece às leis da natureza e aos instintos. Os humanos, ao contrário não podem ser conhecidos, pois seriam autodeterminados e comandariam a si mesmo, isto é, natureza é aquilo que está sujeito e humanos, são os sujeitos.

No naturalismo, todos teriam uma fisicalidade comum, mas só os humanos teriam uma interioridade. Com isso, o que existe passa a constituir dois grupos diferentes: os sujeitos que seriam os humanos, providos de alma, e as coisas, seriam os não humanos e

desprovidos de alma. Tal pensamento coloca em suspensão até mesmo, a capacidade de sentir dos animais.

Interessante observar que, com a invasão dos territórios, havia a dúvida se os indígenas tinham ou não alma. O impasse foi resolvido entendendo os indígenas como um povo que precisava ser salvo do modo equivocado de interagir com o meio ambiente. Dito de outro modo, o naturalismo salientava que os humanos eram soberanos aos não humanos. Os humanos nativos é que estariam equivocados. Além da colonização, coincide com a passagem ao naturalismo, a ascensão do capitalismo.

Nos séculos XV e XVI havia a luta camponesa na Europa e o capitalismo surge como uma contrarrevolução à luta antifeudal. No século XVII houve o massacre de milhões de mulheres acusadas de bruxaria por estabelecerem relações de negociação com os não humanos, isto é, uma espécie de animismo em que havia favores e trocas entre humanos e não humanos. A morte dessas mulheres favoreceu o empobrecimento dos camponeses, o que possibilitou a proletarização desses povos e a constituição dos não humanos como recurso. Com isso, “a bruxaria representava uma conexão com o não-humano que divergia da impessoalidade e permitia que os humanos não fossem apenas ilhas de autonomia sob o jugo implacável da Natureza” (Bensusan, 2017, p. 45). A relação que a bruxaria estabelecia com os não humanos beneficiava aos humanos que moravam no campo e era uma resistência ao empobrecimento desses camponeses. Com isso, com a queima das bruxas, os não humanos foram desencantados e puderam ser transformados em mercadoria e os camponeses, em proletários.

Bensusan (2017) ressalta que no animismo o protagonismo não está com os vivos, mas com a **vida**. E nesse sentido, o animismo expande espaços de convívio. A falta de convívio dos humanos com os não humanos ocasiona a alienação dos humanos dos seus ambientes, possibilitando a exploração da mão de obra dos próprios humanos. Então, ao desencantar os não humanos, com a morte das mulheres ditas bruxas, o que ocorreu foi a humanização de uma minoria de humanos e o empobrecimento de todo o resto.

No dia a dia, percebemos reflexos da criação de privilégios para alguns humanos, enquanto grande parte dos *homo sapiens* são desumanizados. Isto é, a morte de uma criança preta na favela não é sentida e percebida da mesma maneira que a morte de uma criança branca e rica. Há vidas que importam e vidas que podem ser mortas sem grande constrangimento.

Por mais que haja a ideia da soberania do humano sobre a natureza, podemos perceber um devir-criança na demonstração de amor e de cuidado com os animais de estimação que se dá na construção de túmulos ou na cremação quando morrem. Contudo, a nossa relação com os cães nem sempre é de respeito. Muitas vezes, esses animais são abandonados nas ruas e maltratados, conforme Fausto (2020), que relata a existência de um certo “aval social” para matar animais errantes, que vivem nas ruas das cidades. Outras vezes, são humanizados ao extremo com a utilização de acessórios humanos, que nem sempre representam bem-estar.

A humanidade tem operado diferentes práticas de desrespeito com os não humanos. Fausto (2020) relata o desaparecimento de uma espécie inteira de ratos, denominado Candango, que foi extinta para que Brasília pudesse ser construída. Isto é, a espécie só existia naquela região, embaixo da terra, em pequenos tuneis. Na construção de Brasília, toda a espécie foi dizimada. A espécie ganhou esse nome porque foi descoberta pelos trabalhadores que eram chamados de candangos e que trabalhavam na construção da cidade. O que chama a atenção, menciona Fausto (2020), é que o massacre da espécie de ratos coincide com o massacre dos trabalhadores, ambos candangos. No caso dos trabalhadores, esses foram mortos a tiro, enquanto assistiam a um filme, por terem reclamado das condições de trabalho.

Além dessa espécie, muitas outras estão desaparecendo antes mesmo de serem conhecidas. A extinção de inúmeros animais e plantas têm se dado pela diminuição dos territórios onde viviam, poluição dos rios, falta de alimentos, enfim. No caso, dos animais, há também o abate realizado por caçadores e por fazendeiros, quando os animais silvestres representam algum risco aos animais das fazendas.

Bridle (2023) nos fala de Epiro, cidade na Grécia, que vem sendo ameaçada com a busca pelo petróleo. Epiro seria “uma região deslumbrante de montanhas escarpada e desfiladeiros profundos, salpicada de vilarejos e monastérios de pedra, e habitada, além de pessoas, por ursos, lobos, raposas, chacais e águias reais [...]” (Ibidem, p. 11). No entanto, a cidade tem sido assolada por explosões e pela destruição de suas florestas, em que seria possível presenciar diferentes equipamentos utilizados para a extração de combustíveis fósseis, para fabricação de gás e de petróleo. Assim como Epiro muitas outras regiões no mundo têm suas florestas, rios e demais recursos ameaçados pela busca desenfreada pelo petróleo ou metais raros. Além disso, foi construída a ideia de que não há retorno para os avanços tecnológicos e que devemos seguir em frente, custe o que custar. O petróleo ainda é o recurso mais necessário, na atualidade, para que os avanços tecnológicos continuem.

Nesse sentido, humanos e não humanos estão à mercê de grandes corporações que têm colocado os seus lucros acima de tudo e causando grandes prejuízos ambientais nas suas atuações. São corporações que conseguem até mesmo, ter mais poder decisório do que governos locais.

Fausto (2020) acrescenta a questão dos animais aprisionados em zoológicos, que resultou na morte de milhares de animais silvestres. Grande quantidade era sacrificada ainda no momento da retirada da floresta, outra parte no transporte, que se fazia em situações muito precárias e uma pequena parte que sobrevivia, morria pouco tempo depois no zoológico e precisavam ser repostos.

Há ainda o relato da vida dos animais que são utilizados em experimentos científicos. O avanço científico se beneficiou do sofrimento dos animais, tanto em testes com drogas injetadas e observação da reação nos corpos dos animais, a vivificação, que se consistia em abrir animais vivos para observar o funcionamento dos seus órgãos, ou por meio de mutação genética, como o OncoRato que foi criado a partir de uma mutação genética que o torna propenso a desenvolver tumores e possibilita testar drogas para o avanço no tratamento do câncer em humanos.

Durante décadas animais foram torturados nas práticas científicas, porque se acreditava que não tinham alma e não havendo alma, não haveria sensações. Então, para que a ciência pudesse realizar descobertas que melhorassem a vida dos humanos, muitos animais foram sacrificados. O que a autora aponta como controverso é que naquele tempo, alguns cientistas desconfiavam do sofrimento dos animais, ou seja, mesmo identificando sinais de sofrimento nos animais, as experiências não eram questionadas, pois acima de tudo, havia o entendimento de que os não humanos haviam sido criados para o uso dos humanos, algo como um humanocentrismo.

Atualmente, ainda há o uso de animais em laboratórios, mesmo havendo a possibilidade da utilização de tecnologias que não envolveriam animais. Isso revela uma irresponsabilidade com os não humanos, e a crença de que os não humanos podem ser usados a bel prazer dos humanos e que o sofrimento e a vida dos não humanos simplesmente, não importa.

Há também experimentos que tem a intenção de “medir” a inteligência dos animais. Nesses testes, o parâmetro seria a inteligência humana. Isto é, as estratégias de sobrevivência de um animal na floresta não são consideradas inteligentes, mas apenas a imitação dos comportamentos humanos. Nesses testes, os animais são retirados de seu habitat e precisam desempenhar o que os humanos desejam, isto é, precisam perceber o

que os humanos esperam deles e cumprir o que os humanos querem, para serem considerados inteligentes. Nesse sentido,

uma das maneiras pelas quais gostamos de avaliar a inteligência dos outros animais é fazendo com que resolvam problemas e, no caso dos animais mais ‘avançados’, testando sua habilidade com ferramentas para esse fim. Um teste clássico desse tipo é deixar algum alimento tentador fora do alcance e fornecer ao animal uma ferramenta que lhe permita obtê-lo, como um graveto ou barbante. Se eles conseguem, demonstram a capacidade de reconhecer um problema, pensar na sua solução, bolar e executar planos e manipular ferramentas – sinais clássicos de inteligência (Bridle, 2023, p. 51).

Isso nos leva a perguntar por que a inteligência humana é a referência? E as estratégias de sobrevivência de plantas e de animais não seriam inteligências? E as maneiras como o meio ambiente equilibra a temperatura, a formação das chuvas, as estações do ano, não seriam inteligência? E os rios, que inventam caminhos, entre rochas e plantas, possibilitando a vida, isso não seria inteligência? É “sempre tivemos tendência a pensar na inteligência como sendo o que os humanos fazem e também o que acontece dentro da nossa cabeça” (Bridle, 2023, p. 50).

Algumas experiências que apontaram a falta de inteligência animal foram refutadas anos depois, pela descoberta de que o método é que não foi utilizado corretamente. Bridle (2023) relata experiências realizadas com os gibões, que pareciam não ter interesse no uso de gravetos para conseguir o alimento. Contudo, percebeu-se posteriormente que a falta de interesse do animal se dava por não conseguir recolher o graveto do chão, por ter dedos longos. Isto é, os recursos utilizados na experiência não consideravam as características físicas do animal. Outro caso, foi o dos elefantes que em algumas experiências pareciam não reconhecer a sua própria imagem no espelho. No entanto, os espelhos utilizados eram muito pequenos e ficavam longe da jaula, o que precarizou a experiência naquele momento, e posteriormente, em situações mais qualificadas, puderam perceber que os elefantes eram capazes de reconhecerem-se no espelho (Bridle, 2023).

Em sua maioria, são testes que se balizam por padrões humanos e não consideram as peculiaridades dos animais investigados, como no caso de algumas espécies de macacos, que não gostam de olhar a sua face no espelho, já que para essas espécies, o ato de olhar a face de outro indivíduo do bando, é um sinal de afronta. Contudo, percebeu-se que esses macacos costumam investigar partes do seu corpo no espelho. No entanto, como não olham a própria face, entende-se que não seriam capazes de autoconsciência. Com isso, “diferenças de espécies e de indivíduos importam, e prestar atenção a essas diferenças nos permite ver como nossas próprias perspectivas obscurecem nosso juízo e

prejudicam nossa capacidade de reconhecer as capacidades dos outros” (Bridle, 2023, p. 68).

Além da inteligência humana, há outras inteligências a nossa volta e que não temos percebido, por exemplo “de bonobos que criam ferramentas complexas a gralhas que nos treinam para coletar o alimento delas, abelhas que debatem a rota dos enxames ou árvores que conversam e trocam nutrientes entre si [...]” (Bridle, 2023, p. 24). Nesse sentido, todos, humanos e não humanos, seriam dotados de inteligência e não objetos, já que “tudo é na verdade todos, e todos esses seres têm suas próprias agências, seus pontos de vista e suas formas de vida. O mundo mais que humano pede nosso reconhecimento, pois sem ele não somos nada [...]” (Bridle, 2023, p. 24). Assim, realizamos trocas com os não humanos, que moldam e constroem formas de vida humanas. Até mesmo, as tecnologias que criamos, nos recriam. Somos modificados pelas nossas invenções.

Ao utilizarmos os humanos como referência, temos entendido que a inteligência estaria localizada em uma determinada parte do corpo, o cérebro. No entanto, ao observarmos os não humanos, percebemos que há diferentes possibilidades, já que por exemplo, no caso dos polvos que não tem o cérebro localizado dentro da cabeça, mas um sistema nervoso que se espalha pelo corpo todo e “cada tentáculo teria feixes de neurônios que agem como mentes independentes” (Bridle, 2023, p. 75), e são capazes de atitudes muito inteligentes, como reconhecer diferentes rostos humanos, de desligar as luzes, jogando água na lâmpada, quando a claridade incomoda, de se esconder em baldes, de organizar o laboratório conforme o seu gosto, de atirar pedras para quebrar o vidro dos aquários, de fazer malabares com caranguejos, de fugas extraordinárias dos laboratórios e muitas outras coisas. Com isso, “os polvos de Tchaikovsky são animados, frenéticos, entediados, criativos, distraídos e poéticos – tudo ao mesmo tempo: são o resultado dos diálogos e conflitos constantes dentro de seus sistemas nervosos” (Bridle, 2023, p. 76).

A interação com os não humanos pode despertar outras sensibilidades que ainda não havíamos experimentado, como o caso de uma cientista que se insere em um bando de babuínos e que para ser aceita, acaba tendo que se comunicar com esses animais. Nessa experiência, a cientista descreve que “cada vez mais a minha consciência subjetiva parecia se fundir à mente grupal dos babuínos. Embora eu continuasse presente, uma grande parte da minha experiência se sobrepunha a essa entidade sensível maior” (Bridle, 2023, p. 83).

Experiências recentes têm demonstrado que pouco conhecemos dos não humanos. Cientistas observaram que chimpanzés da floresta de Gombe fazem um ritual de mais ou menos quinze minutos para uma cachoeira, denominado dança da cachoeira, depois que dançam, os chimpanzés ficam em silêncio, observando as águas, de uma maneira que parece ser um misto de assombro e admiração. Além disso,

elefantes realizando rituais em torno dos seus defuntos. Eles os recobrem de terra, de folhagem e de flores. Em 1973, o antropólogo Gesa Teleki observa um grupo de chimpanzés no parque de Gombe, na Tanzânia. Quando um deles morre acidentalmente, seus congêneres arrancam galhos e jogam pedras sobre o corpo. Depois disso, reúnem-se em círculo em torno do defunto, alguns em silêncio, outros gemendo (Despret, 2022, p. 65).

Seriam os animais capazes de espiritualidade? Seria a espiritualidade uma capacidade superior?

Experiências têm demonstrado que as plantas seriam capazes de ouvir, falar, exalar e sentir aromas e memorizar. Bridle (2023) relata as experiências de dois biólogos da Universidade de Missouri, que gravaram o som das lagartas devorando uma determinada planta. Esse áudio foi tocado para outras plantas que estavam em um outro ambiente. Então, os cientistas perceberam que as plantas reagiram ao som, produzindo substâncias para se defender das lagartas, mesmo não havendo nenhuma lagarta no ambiente. Outras experiências demonstraram que quando as plantas estão em perigo, elas se comunicam entre si, trocando substâncias aromáticas. Além disso, percebeu-se que as plantas conseguem mover as suas raízes para permitir que outras plantas possam ou não se desenvolverem e que há uma prioridade das árvores maiores em beneficiar o compartilhamento de nutrientes com as suas “filhas”, mas que também podem ajudar a outras árvores. As plantas também convivem em interação com fungos, que teriam funções semelhantes a neurotransmissores, que promovem algo que se assemelha a sinapses, no solo.

Segundo Nascimento (2021), no século XXI, vivemos a virada vegetal que propõe repensar o modo de interação do humano com os não humanos e inventar formas de nos relacionarmos com o mundo que não sejam colonizadoras. No entanto, ainda prevalecem discursos que pregam a exploração desenfreada de existências humanas e não humanas. O autor propõe um pensamento vegetal que

desloca o par humanismo/anti-humanismo porque indaga radicalmente todas as formações conceituais centradas no humano e no animal, pondo também em relevo as plantas, os fungos, as bactérias, os vírus, os minerais, as coisas, as máquinas e os fenômenos ditos naturais (alguns na verdade provocados por intervenção humana, como a mudança climática em curso (Nascimento, 2021, p. 25).

No entanto, de todos os não humanos, as plantas têm sido os mais facilmente matáveis e se pode presenciar um holocausto florestal. O desprezo pelas plantas se evidencia no significado do verbo vegetar, que “na origem tinha um significado muito positivo, agora é sinônimo de um viver sem consciência, como se se tratasse de uma existência quase sem vida” (Nascimento, 2021, p. 46). Com isso, “a planta seria então, enquanto portadora de uma alma incompleta, inferior, uma vida no limite da existência. (Nascimento, 2021, p. 48). Assim, as plantas teriam o seu valor na sua utilidade na alimentação ou no controle das mudanças climáticas. As plantas não seriam importantes pelo que são, mas pela utilidade que teriam.

Interagimos o tempo todo com os vegetais, respiramos o oxigênio que produzem e nos alimentamos deles. Então, “somos também os vegetais que comemos, ou melhor, somos principalmente os vegetais que comemos, por via direta ou por meio dos herbívoros que devoramos todos os dias” (Nascimento, 2021, p. 57). O que se propõe não é um deslocamento do antropocentrismo para o fitocentrismo, mas captar as potências vegetais e perceber que não existe um “próprio dos vegetais”, nem um “próprio dos animais”, “nem um próprio do humano”. Isto é, humanos e não humanos se reinventam o tempo todo.

As plantas, diferente dos animais e dos humanos, têm uma existência peculiar, pois decidiram se fixar e por isso, tem formas protetoras feitas de celulose que reveste o seu corpo. Além disso, sua existência é coletiva e a morte de uma planta pode não causar prejuízo para a espécie, desde que sejam preservadas as outras. Além disso, não têm órgãos como os animais e os humanos. Então, a inteligência vegetal não estaria centrada em um cérebro, mas está distribuída em todo o seu corpo. Com isso,

os estudos mais recentes mostraram que as plantas são dotadas de sensibilidade, que se comunicam entre si e com os animais, que dormem, memorizam dados e são até capazes de manipular outras espécies. Além disso, merecem de pleno direito o qualificativo de inteligentes. O aparato de suas raízes se desenvolve ininterruptamente, com a ajuda de inúmeros centros de comando, cujo conjunto as guia à maneira de uma espécie de cérebro coletivo, ou antes, de inteligência distribuída, que, ao aumentar e se desenvolver, assimila informações capitais para sua nutrição e sobrevivência (Nascimento, 2021, p. 26).

Com isso, não é porque as plantas não pensam como os humanos, que não teria a capacidade de pensar. Já que pensar iria muito além das habilidades cognitivas, mas

englobaria a capacidade de resolver problemas, de tomar decisões e de raciocínio abstrato, sendo apenas a última parecer que os humanos teriam em privilégio (Nascimento, 2021). No entanto, cada espécie tem as suas peculiaridades e os não humanos têm habilidades melhor desenvolvidas ou que os humanos não têm, como voar e fazer fotossíntese. Então, os humanos compartilham com outras espécies o fato de terem habilidades para algumas coisas e para outras não. **O que pode um corpo?**

As plantas são grandes produtoras de energia e são solidárias ao compartilharem nutrientes entre si e com os animais. Isto é, as plantas produzem o seu próprio alimento e nos alimentam. Até mesmo, criaram estratégias para se beneficiarem dessa interação, pois ao serem devoradas por animais, garantem a continuação da espécie, pela distribuição das suas sementes.

A inteligência vegetal é colaborativa e existe em coletividade com outras espécies vegetais e animais. É por meio do odor que as plantas se comunicam, mais usualmente, e transmitem informações sobre o ambiente para avisar sobre invasores e para atrair polinizadores. Outro meio de comunicação são as raízes. Muitas vezes, fazem simbiose com fungos para obter minerais e entregam açúcares, necessários aos fungos. Contudo, se o fungo não for benéfico, poderá acionar mecanismos de defesa.

Sabemos agora que a linguagem das plantas não é uma simples metáfora, que teria como parâmetro comparativo a linguagem verbal, mas corresponde ao modo como, materialmente, elas se dispõem em conexão, de forma espacial e articulada. Comunicam-se entre si e com as outras formas de vida. Seja por via aérea, seja por meio das raízes, as árvores enviam mensagens uma às outras, informando, por exemplo, sobre a presença de predadores e parasitas. Ao oferecer o néctar de suas sementes, elas estão comunicando, com partes de seu próprio corpo, que a refeição está posta e que podemos (insetos, aves, humanos etc.) nos servir à vontade (Nascimento, 2021, p. 25).

Além de alimentar os animais, as plantas também são muito solidárias entre si e podem, até mesmo, fornecer nutrientes a troncos, que não poderiam sobreviver por estarem sem folhas, por meio de trocas entre as raízes, com a intenção de preservar a estabilidade do ambiente em momentos de eventos climáticos severos. A maneira como as plantas se relacionam entre si e com as outras espécies, seria, para o autor, potências do pensamento vegetal, porque acompanha os movimentos da vida.

Assim, as plantas estabelecem uma diplomacia com outras espécies, reconhecendo aliados e inimigos, sendo solidárias ou se protegendo das espécies inimigas. Essa solidariedade das plantas com as outras espécies, em que estabelece relações de colaboração, poderia ser compreendido como uma democracia vegetal. Com isso, o que o

autor propõe com esse estudo que tem elementos literários, filosóficos, artísticos e científicos, não seria pensar nas plantas e no meio ambiente, mas pensar com as plantas, com os animais, com as montanhas. No entanto, isso é um desafio, porque, para o senso comum, as plantas nem sentem, nem pensam. Para pensar com os não humanos haveria a necessidade de aprender as suas linguagens. Os não humanos se comunicam o tempo todo e seria preciso prestar atenção e ativar outras sensibilidades para ouvi-los.

Pensar a planta é pensar com a planta, extrair das plantas um pensamento sem exauri-las, nem muito menos destruí-las, por uma compulsão devoradora tão própria aos humanos – longe disso: questionar o extrativismo e a agricultura no cerne da pesquisa é todo o propósito. Fitografia seria a escrita vegetal, uma escrita que se aproveita do rastro que as plantas deixam na terra, na água e no ar, para poder haurir a energia que nos permite sobreviver e, no limite da arte, sobreviver (Nascimento, 2021, p. 83).

Para o autor, os assuntos humanos não interessam às plantas, já que o fim do homem pode representar a ascensão dos vegetais, pois somos uma espécie que ameaça as plantas. Os vegetais estariam do lado da vida e têm contribuído com a vida no planeta, fornecendo alimento aos animais. Nossa saída estaria então, no estabelecimento de outras relações entre os vivos e os não vivos, não tendo mais o humano como centro. Poderíamos pensar em maneiras mais abrangentes, em que a ética, a política e a estética considerem os humanos e os não humanos.

[...] humanismo dos outros e das outras, só poderá vir à cena mundial se tanto as alteridades vicinais quanto o radicalmente outro, o desconhecido infamiliar (Unheimliche), pautar a agenda existencial das relações entre o vivo e o não vivo. A partir do descentramento do humano, bem como do vitalismo que lhe foi até recentemente congênito, pode-se afirmar uma hiper-ética, que se desdobre numa hiper-política e numa hiper-estética (Nascimento, 2021, p. 321).

Nascimento (2021) reforça estudos que demonstram que os vegetais podem memorizar, contudo, suas lembranças não estariam centralizadas em um cérebro, mas por diferentes lugares em seu corpo. A memória das plantas funcionaria com um pensamento de rastro, isto é, a capacidade dos organismos em conservar um rastro mais ou menos durável dos estímulos exteriores sentidos e das respostas dadas. Percebe-se esse comportamento com as mudanças climáticas, em que as plantas precisam se adaptar, ou nas trocas de estação, para florescer ou para desfolhar. Para Mancuso (2019), as plantas, ao contrário dos animais, escolheram permanecer presas ao solo e isto as torna vulneráveis aos predadores, pois não conseguem escapar. Então, articulam maneiras de

se manterem seguras nesse ambiente. Uma das maneiras foi a de não ter órgãos centralizados e que danificados, causariam a morte do indivíduo.

Então, as plantas respiram, ouvem, olham, falam, sentem e memorizam com o corpo todo. A ausência de um centro de comando possibilita a rápida regeneração das plantas. Assim, as plantas não conseguem escapar como os animais, se movimentando e precisam sobreviver às adversidades como situações extremas: gelo, fogo, tempestades, predadores ou solo pobre em recursos orgânicos. Com isso, as plantas

sobrevivem apenas porque conseguem sempre e com grande refinamento, perceber uma multiplicidade de parâmetros químicos e físicos, como luz, gravidade, elementos minerais disponíveis, umidade, temperatura, estímulos mecânicos, estrutura do solo e composição dos gases atmosféricos. Em cada caso, a força, a direção, a duração, a intensidade e as características específicas do estímulo são discriminadas separadamente pela planta. Mesmo os sinais bióticos (isto é, devido a outros seres vivos), como a proximidade ou afastamento de outras plantas, a identidade de tais seres e a presença de predadores, simbioses ou patógenos, são todos fatores de estresses, de natureza às vezes complexa, que a planta não para de registrar e aos quais ela sempre responde de forma adequada (Mancuso, 2018, p. 99).

A inteligência vegetal possibilitaria uma democracia vegetal em que “a ausência de centro soberano não significa desorganização, mas sim estruturas múltiplas de organização, independentes, porém articuladas entre si” (Nascimento, 2021, p. 122). Com isso, a vida vegetal seria potência para pensar em outras éticas e estéticas para a vida humana.

Mancuso (2018), inspirado em outros dois cientistas, Lamarck e Desfontaines que fizeram alguns experimentos com a planta *Mimosa Pudica*, para descobrir se essa planta, após um certo número de repetições de um mesmo estímulo, poderia reconhecer que não havia perigo e com isso, não mais fechar as folhas. Outra intenção era a de demonstrar se a *Mimosa Pudica* poderia diferenciar dois estímulos diferentes, isto é, se eram capazes de lembrar o estímulo anterior e não perigoso de um novo estímulo, mais arriscado.

Assim, as plantas foram submetidas a quedas repetidas de uma altura de 10 cm e após, sete ou oito repetições, pararam de responder ao estímulo, não mais fechando as folhas. O outro estímulo foi balançar as plantas na horizontal e percebeu-se que houve novamente a reação de fechar as folhinhas. Então, Mancuso (2018) confirma que as plantas eram capazes de diferenciar os estímulos e de lembrá-lo por quarenta dias, não mais reagindo fechando as folhinhas. A inteligência das plantas as torna organismos muito adaptáveis e bastante resistentes, conseguindo com as suas raízes, quebrar até mesmo rochas e asfaltos. As plantas também conseguem compor entre si, por meio de enxerto,

dando origem a outro indivíduo. Além disso, cada planta não seria apenas um indivíduo, mas uma colônia de plantas, em que suas diferentes partes, se cortada e plantada, consegue se desenvolver. Cada galho ou raiz de uma planta seria um sistema autônomo que coopera com as outras.

Para Nascimento (2021), outra forma de inteligência vegetal, seria a mimetização. Um exemplo é a orquídea *Drakaea*, que mimetiza as cores e as formas da fêmea da vespa da família das *Thynnidae* para atrair o macho e assim, possibilitar a polinização de suas flores. No entanto, ainda é um mistério a maneira como isso foi feito, já que a mimetização se deu de maneira muito bem elaborada. A hipótese é a de um contágio genético entre a vespa e a orquídea, onde a orquídea copiou a vespa e criou um clone dela, que constituiria um devir-vespa da orquídea e um devir-orquídea da vespa.

Mancuso (2018) nos apresenta outra planta especialista em mimesis, a *Boquila trifoliata* que imita o formato e a cor das folhas da planta hospedeira. O que impressiona, é que uma mesma planta, quando hospedando diferentes espécies, consegue imitá-las simultaneamente, mimetizando as folhas mais próximas. No entanto, ainda não se sabe como a planta faz essa mimesis tão rapidamente. Há também as *Lithops* que são uma espécie que nasce em climas severos como o deserto e suas folhas imitam pedras, tanto no seu formato quanto na cor. Outro caso de mimesis é o da ervilhaca, que ao longo de centenas de anos, vem se aprimorando para ficar mais parecida com a lentilha. Isto é, a planta nascia próximo às plantações de lentilha e para não ser descoberta, utilizava a mimesis e assim, podia se beneficiar dos cuidados dispensados às plantações de lentilha. Ou o centeio, que era uma erva daninha que crescia entre o trigo e a cevada e que só ganhou status de alimento quando mostrou capacidade de resistir a temperaturas extremas e assim, se tornar opção de cultivo doméstico. Outra erva daninha seria o amaranto que é comestível e que tem se adaptado ao ponto de resistir a herbicidas nas culturas de milho.

Além disso, as plantas são capazes de diferentes engenharias, como no caso da pinha, que se fecha em dias chuvosos e se abre em dias ensolarados, possibilitando a dispersão das sementes. Nesse caso, o que faz funcionar esse abre e fecha das pinhas é uma elaboração que utiliza a água da chuva em um processo bastante engenhoso.

Outra planta cheia de artimanhas é a vitória-régia que é capaz de suportar 45 kg se bem distribuídos sem se deformar. As folhas têm mais ou menos 2,5 m de diâmetro e uma arquitetura que lhe permite boiar, sendo uma planta submersa, somente as folhas e as flores ficam em cima da água. As suas flores têm um aroma similar ao abacaxi e são termogênese, produzindo calor para atrair insetos. Na primeira fase, é feminina e branca e

abre para receber o pólen dos besouros que irão polinizá-la e então, se fecha aprisionando os insetos por uma noite e na manhã seguinte, assume características masculinas e produz pólen e quando se abre à noite, sua cor se modifica para púrpura, não mais emite odor nem calor e então, permite que os insetos saiam, cobertos de polén. Então, a flor se fecha e submerge.

Segundo Mancuso (2018), o néctar extrafloral foi durante algum tempo, um mistério para os cientistas, até que descobriu tratar-se de uma habilidade vegetal para fazer parcerias com insetos, isto é, o néctar extrafloral atrai as formigas, que por sua vez, mantém as plantas protegidas de outros insetos, como no caso das acácias, que

oferecem, além de comida e de alojamento, também bebidas gratuitas, na forma de deliciosos néctares extraflorais. Em troca, as formigas se encarregam da defesa contra qualquer animal ou planta agressora que possa danificar de qualquer forma a planta em que estão alojadas (Mancuso, 2018, p. 78).

No entanto, foi descoberto que esse néctar não seria apenas saboroso, como também, viciante, por ser rico em substâncias neuroativas, que são dosadas para modificar o comportamento das formigas, tornando-as menos ou mais agressivas e aumentando e diminuindo a sua mobilidade a depender da situação.

Outra inteligência das plantas se refere a capacidade de adaptação. Nesse sentido, a figueira-da-índia seria um caso de sucesso, por sobreviver em temperaturas que beiram os 70°, para isso, a planta eliminou suas folhas e passou a fazer a fotossíntese no caule. Como no solo dos desertos não há água, essas plantas absorvem água da atmosfera, por terem sistema adaptados. Outra planta que vive no deserto e que precisou se adaptar foi a welwitschia, que produz apenas duas folhas que crescem continuamente e que pode viver mais de dois mil anos.

Com isso, as plantas não foram criadas para serem recursos para os humanos, isto é, a vida das plantas não pode ser vista como objeto para uso humano. Nesse estudo, entendemos o quanto as plantas são criativas, e capazes de inventar e de se transformar para conseguir lidar com os ambientes, nem sempre acolhedores. E o quanto são inteligentes. Quando afirmo isso, não entendo que a inteligência das plantas seja uma inteligência similar a dos humanos, mas por entender que inventar formas de vida e conseguir lidar com situações adversas também seriam maneiras de ser inteligente.

Entendo que nenhuma vida é útil. A utilidade foi uma invenção humana. Talvez as formas de vida sejam necessárias. Isto é, o mundo e a vida não foram criados para o nosso desfrute. As plantas e os animais existem por si mesmos, pela vida e não para os humanos.

Como nos conta Bispo dos Santos (2023, p. 24) “eles, porém, não me viam como alguém necessário, me viam como alguém útil, mas poderia ser substituído porque não era necessário”. Desse modo, cabe nos relacionarmos de outras maneiras, entendendo os não humanos como sujeitos e não objetos de consumo. Para isso, seria preciso aprendermos a nos comunicar e a fazer política com os não humanos. Talvez precisemos observar as plantas e a forma inventiva, solidária, singular e criadora como conseguem lidar com aquilo que acontece e assim, também aprender com elas, como fazem as crianças, mesmo desconhecendo as pesquisas aqui mencionadas.

Ao longo da nossa história, temos compreendido que para fazer política seria necessário ser um sujeito. Como os humanos consideram os não humanos como coisas e objetos, a política seria uma exclusividade dos humanos. Os não humanos seriam importantes para os humanos, mas não teriam poder nenhum sobre esses. Como já mencionado anteriormente, para o naturalismo que tem sido a perspectiva aceita pelos povos ocidentais, quem governa os não humanos seriam os humanos, por serem dotados de moral e de inteligência. Com isso, os humanos se constituem como proprietários e os não humanos como propriedade.

No entanto, os diferentes fios que trouxemos para esse capítulo-teia nos fazem perceber que os humanos não são superiores aos não humanos e as pesquisas na área da ciência têm demonstrado isso. Ou seja, nesse capítulo foram trazidos estudiosos de diferentes áreas e que têm o aval da ciência, e que mesmo pertencendo ao campo científico, trazem demonstrações que outras compreensões a respeito da vida e dos não humanos estão em emergência. Esses estudos convocam a inventarmos novas formas de coexistirmos. Talvez possamos aprender com o devir-criança. Já experimentamos outras relações com os não humanos, quando crianças. Quem sabe possamos buscar por esse devir.

Nesse sentido, o animismo infantil possibilitado pelo devir-criança viabilizaria uma cosmopolítica, já que entende que os não humanos são protagonistas na interação com o meio e que também fazem política. Nesse momento, há a necessidade de romper a “bolha humana”, para que possamos estar no mundo, todos juntos.

Se não há limite, a animação é generalizada e universal, e a agência está distribuída por toda a parte. Uma alternativa assim convida a uma bolha de tamanho cósmico, a um nós que abrange tudo o que há. Com isso surge uma cosmopolítica (Bensusan, 2017, p. 18).

Crianças conversam com todos. Costumamos ouvir crianças conversando com insetos, animais de estimação e com bonecas. Talvez estejam experimentando uma democracia em que todos possam falar e serem ouvidos. É que o animismo não deseja dominar os não humanos, mas o estabelecimento um grande diálogo coletivo.

Os animistas invocam a possibilidade de uma animação não humana, e isso é o que provoca muito do desconforto, já que invocar a possibilidade não é apenas uma outra animação, é também a animação dos outros. E eles invocam, com a possibilidade de uma comunidade de humanos e não-humanos, a ideia de que a conversa, essa pluralidade de vozes que é o avesso do uníssono e o oposto do silêncio, não é um privilégio dos humanos. O que não é humano insinua o discurso animista, não é só objeto de um discurso, de uma narrativa, mas é também capaz de alguma maneira de objetar, de retrucar, de contestar e de contradizer. Assim, os humanos não apenas conhecem os não-humanos, mas tratam com eles – entabulam negociações, contrastam narrativas, forjam alianças. Uma imagem animista do conhecimento só pode ser uma em que o que é conhecido, conhece e conhecer é o resultado de um encontro, de um trato (de uma acquaintance). O conhecimento é do gênero, não do dito, mas antes do que fica dito, do que é levado por uma conversa (Bensusan, 2017, p. 23).

Com isso, a conversa não se dá nos moldes humanos, isto é, precisa perceber e interagir de outros modos, que não uma linguagem humana, pois nas formas de vida não humanas existem experiências que se diferem da nossa. Ao longo do tempo, temos supervalorizado as experiências sensoriais do mundo em detrimento das experiências corporais do mundo. Os corpos têm sido calados, objetificados e dominados. Mas o que nos conecta aos não humanos seriam as experiências corporais do mundo, que têm elementos comuns aos não humanos, como por exemplo, necessidade de abrigo, de afeto, de alimentação, entre outras. Fazer política com animais, plantas e outros não humanos exige ativar percepções que foram banidas de nosso pensamento, pois durante muito tempo o animismo teve sua presença “cuidadosamente exorcizada – ainda que nunca tenha sido possível apagar todos os seus rastros, nos animais companheiros ou nos híbridos ecológicos” (Bensusan, 2017, p. 27).

Nesse sentido, Massuni (2021), propõe que mais do que a possibilidade de também fazerem política, os animais poderiam nos ensinar política. A política animal propõe que existe uma tendência dos não humanos ao supernormal, ou ainda, a capacidade de superar o já dado. Os animais teriam instintos, que possibilitam uma ação espontânea, mas que não deixa de ser criativa, pois são aperfeiçoados a partir de variações, que se tornam mais duradouras, se positivas para a manutenção da espécie.

Os instintos são aperfeiçoados por meio de jogos ou de uma estética da brincadeira: intensidade da força, exagero dos gestos, a função das mordidas que permitem aos animais

diferenciar a brincadeira da luta. A brincadeira parece ser uma representação da luta que permite o treinamento para o combate. A estética da brincadeira possibilitaria um poder de variação, viabilizando diferentes modulações para o combate e capacidade de adaptação dos instintos às modificações no ambiente. Isto é,

a capacidade de produzir resultados inesperados que não se relacionam de modo linear a inputs discretos e isoláveis é um aspecto essencial do instinto. Deve-se reconhecer que os movimentos instintivos são animados por uma tendência a superar as formas dadas, movidos por um ímpeto à criatividade; esse ímpeto imanente à criatividade tem de ser reconhecido como um poder mental, com mentalidade definida nos moldes neo-humanos – em termos de capacidade de superar o já dado (Massuni, 2021, p. 38).

Com isso, os instintos não são um já dado das espécies, mas são constantemente aperfeiçoados por meio do lúdico. Não haveria uma ética normativa na política animal, pois não reconhece imperativos categóricos, pois vive os imperativos de cada situação. Também não reconhece a utilidade como critério da boa conduta, mas o lúdico, ou seja, os animais nos ensinam um paradigma ético-estético da política. A primazia da política animal seria processual e não moral. Processual quer dizer que os animais, ao utilizarem o lúdico e os excessos da brincadeira, possibilitam a variação, viabilizando a incorporação como instinto do que torna a espécie mais adaptável, constituindo o que o autor denominou processo da natureza e a natureza do processo. Por isso, também não haveria uma oposição entre o frívolo e o sério, na política animal, pois o que foi antes uma brincadeira, pode se tornar uma habilidade importante no combate. O lúdico faz parte da política animal e o pensamento político não se daria pelo cognitivo, mas pelos atos que consideram o vital. Seria uma consciência não representativa, mas reflexiva, pois os gestos que incorpora estariam entre um é e um poderia ser. A política animal não teria uma causa isolada de sucesso, mas uma subjetividade processual acontecimental, sem sujeito, cujo “movimento de autossuperação dispara a si mesmo de uma maneira irredutivelmente relacional” (Massuni, 2021, p. 82).

A política animal teria critérios de avaliação, “que afeta a intensidade dos potenciais mentais da variação depositados na brincadeira” (Massuni, 2021, p. 84). Seria uma avaliação que se daria pelo afeto de vitalidade, ou o ainda por vir e pelo afeto categórico, ou o já expresso. A avaliação se daria pelo grau de entusiasmo que o corpo atinge. Um entusiasmo que é vivido e experimentado na relação entre os indivíduos e por isso, transindividual, isto é, arrebatada a ambos os sujeitos envolvidos na ação.

Seria uma maneira de fazer política que considera o contexto, ou as particularidades de um lugar e os aspectos de cada situação. Assim, busca em cada contexto e em cada situação, aspectos imanentes que possibilitariam variar. Os movimentos em busca da variação atravessariam as situações já dadas na busca por situações novas. Ademais, podemos considerar que a política animal tem uma estética e uma ética nos gestos não verbais bastante ampla. Contudo, não negligência a linguagem, mas faz um uso instintivo dela.

A política animal teria uma lógica de inclusão, que contempla a contradição e a incerteza, e reconhece os contrastes do comportamento animal como dinamismos que contribuem ao processo, como tendências, sem apagar as diferenças, mas ao contrário, a afirma, pois, “a lógica da mútua inclusão é a lógica da diferenciação: o processo da continua proliferação de diferenças emergentes” (Massuni, 2021, p. 99). Humanos e não humanos estariam em uma *continuum* animal ou *continuum* vegetal. Nesse sentido, foram esses jogos e a linguagem lúdica utilizada pelos animais que possibilitaram a emergência das condições necessárias para a linguagem humana. Conforme o exposto acima, percebemos que há algumas diferenças entre a política humana e a política animal, entre essas, a política humana seria anti-devir e a política animal seria criativa e em devir. Além disso, os animais fariam política com todos, isto é, os animais fazem cosmopolítica e os humanos fariam uma política por humanos e para humanos. Contudo, haveria resíduos de política animal na política humana, que micro agitam a estrutura, possibilitando que a política humana também esteja em movimento.

Poderíamos trazer elementos da política animal para a política humana, incluindo os não humanos, viabilizando uma cosmopolítica. A política animal exige sensibilidade e complexidade. É preciso sentir o ambiente, e as situações, já que nem todas as regras estão prontas, mas há alguns acordos. Também poderíamos construir uma política em que todos possam ser ouvidos e que possam contribuir. Como a política animal não é representativa, mas performativa, está sempre podendo variar. É uma política afetiva e que acolhe a diferença. Entendo que estamos em um momento decisivo da “humanidade”. Um momento que solicita sensibilidades que temos silenciado. Que possamos olhar para as crianças e para os animais, percebê-los e até mesmo devir-criança, para devir-animal para ativar afectos e perceptos adormecidos. **Quem sabe ainda haja tempo de nos surpreendermos com a vida e de perceber que os não humanos podem nos ensinar as outras existências.**

Além das brincadeiras que possibilitam variar, não haveria uma utilidade nas formas de vida que se encontram na atualidade. Isto é, o senso de utilidade seria uma invenção humana para sujeição e classificação dos não humanos. Muitas características dos não humanos seriam combinações aleatórias e não inventadas para a utilidade. Para Morton (2023), as cores e as formas do corpo dos animais seriam muito mais combinações ocorridas ao acaso do que uma adaptação ao ambiente. O autor também critica o conceito de natureza como algo binário e que estipularia um normal. A natureza, nessa perspectiva, seria compreendida como

heterossexual, não homossexual. É fisicamente apta – não se vê deficiência em lugar nenhum, e a integridade e a coordenação física são mais valorizadas que o corpo espontâneo. Como dizia o lema de algumas escolas particulares, mente sã, corpo são. A Natureza é agressivamente saudável, hostil à autoabsorção. É alérgica à aparência. A aparência deve ter uma razão de ser: aquelas montanhas ali devem ter algo a ver com elas mesmas, ou com minha alma, ou com a Natureza, e assim por diante. Não há espaço para ironia, não há espaço para nada mais do que ambiguidade superficial. As coisas devem significar o que dizem e dizer o que significam. Não há espaço para humor, exceto de um tipo fóbico e brincalhão, talvez (Morton, 2023, p. 124-125).

Para o autor não haveria essência nem nos seres humanos nem nos seres não humanos. Seríamos todos artificiais, conjunto de diferentes formas de vida, que se organizam ao acaso e que se mantêm quando conseguem se propagar e se expandir. Também propõe que façamos outras perguntas, que talvez nunca tenhamos resposta e dá como exemplo, questionar sobre a capacidade de autorreflexão de animais e de humanos. Com isso, percebemos que pouco sabemos dos não humanos, mas também não sabemos tanto quanto imaginamos dos humanos. Temos, ao longo do tempo, creditado aos humanos características que acreditamos superiores. **Seriam essas características de fato superiores? Seriam os humanos realmente portadores delas? E os animais e as plantas, como sabemos que não as têm?** Nesse sentido, “talvez não haja um modelo unificado para cérebro e mente. Por exemplo, o cérebro humano parece ser uma gambiarra, um conjunto bom o bastante de diferentes formas de vida” (Morton, 2023, p. 169). **Será que precisamos continuar a escolher nos separar dos não humanos em uma bolha denominada humanidade?**

Diferentes povos já arriscam uma cosmopolítica, talvez mobilizados por devires-criança, devires-indígenas e devires-animais. Nesse sentido, a constituição do Equador,

aprovada no dia 28 de setembro de 2008, entende que a natureza também é um sujeito de direitos. Tal constituição foi construída coletivamente com os povos indígenas do país e explicita a compreensão da natureza ou Pacha Mama como sujeito que merece ter a sua existência, manutenção e regeneração respeitados (Freitas, 2008). Nesse sentido, toda pessoa ou comunidade poderá exigir o cumprimento desses direitos. O estado incentivará a proteção e o respeito da natureza e do ecossistema. Também é direito da natureza o de ser restaurada nas áreas em que sofreu impactos ambientais. Com isso, “podem ser autores ou réus em uma ação civil. Assim, por exemplo, é possível que se autue, em nome de recursos naturais (árvores, rios, exemplares da fauna, etc.), uma ação inibitória da instalação de uma mineradora” (Freitas, 2008, n.p).

A prática de as crianças conferirem sentimentos a coisas e a animais, possibilitada pelo devir-criança, parece ter elementos de um animismo infantil, que apresenta algumas similaridades com o animismo de povos tradicionais. Tal animismo questiona o ser humano como a espécie mais inteligente, e possibilita perceber que o mundo é habitado por outros sujeitos: árvores, plantas, animais, pedras, vírus, bactérias. Percepção essa que amplia a experiência e parece aumentar a nossa potência de sentir, ao viabilizar outras audições e outros olhares para os não humanos.

Quando me tornei adulta, deixei de ouvir os animais com quem eu falava. Parei de experimentar e me privei de algumas afecções e percepções. O mundo adulto é muito sério. Quando nos tornamos adultos, precisamos deixar de sentir. É preciso tapar nos poros, os ouvidos e os olhos para seguir as normas da sociedade, que muitas vezes, parecem nem ter sentido. A vida adulta precisa ser prática e não sensível. Somos agora corpos dóceis e produtivos – mas também doentes e tristes. O mundo deixou de ser encantado e se torna vazio e para não sentir a gente enche de coisas: sucesso, dinheiro, viagens, roupas, beleza.

Um adulto em devir-criança precisa esvaziar. É que carregamos coisas de mais e pássaro pesado não voa. Precisamos criar desertos, bolhas de ar no cotidiano, silêncios e vazios. Então, precisa sentir esse vazio, precisa sentir esse silêncio. Não estamos acostumados e ficamos agoniados. O vazio dá medo. Mas é que para falar e ouvir os não humanos precisa de um devir-imperceptível. Precisa olhar-menor e audição-menor e o menor só é percebido no vazio e no silêncio.

Percebo que estamos saturados de palavras. Escrevemos com palavras, falamos com palavras, gastamos as palavras, emendamos as palavras, costuramos as palavras e tudo fica no limite da letra. Mas a gente não fala nem escuta apenas as/com palavras. Quem sabe, cessar um pouco as palavras e sentir sem consoante ou vogal, sentir de corpo inteiro

com ouvidos, olhos, pele, intuição, respiração, inspiração e narinas. Muitas vezes, quando estou caminhando, experimento esse sentir sem palavras. Um vento fresco, o calor do sol num dia frio, uma piscada de cumplicidade ou um sorriso que nos acolhe não tem palavras, tem sensibilidades. É como uma sensação sem nome, uma sensação que não quer as amarras dos adjetivos. Uma sensação que só quer ficar no silêncio disforme. **Para o que eu sinto ainda não tem palavra**, porque

mesmo assim, na solitude branca e limitada onde caio, ainda estou presa entre montanhas fechadas. Presa, presa. Onde está a imaginação? Ando sobre trilhos invisíveis. Prisão, liberdade. São essas as palavras que me ocorrem. No entanto não são as verdadeiras, únicas e insubstituíveis, sinto-o. Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome. — Sou, pois, um brinquedo a quem dão corda e que terminada esta não encontrará vida própria, mais profunda. Procurar tranquilamente admitir que talvez só a encontre se for buscá-la nas fontes pequenas. Ou senão morrerei de sede. Talvez não tenha sido feita para as águas puras e largas, mas para as pequenas e de fácil acesso (Lispector, S/A, p. 36).

Muitas vezes fui ouvida por árvores. Posso dizer que fui até mesmo aconchegada, em momentos de dor. **Quem nunca sentiu o abraço acolhedor de um cobertor em um momento de tristeza?** Se a gente entende animais, plantas, pedras como coisas, eles são propriedade de alguém. Quem não é sujeito, é objeto de alguém. É uma visão bem diferente da que estabelecem os povos indígenas e as crianças.

Rane Willerslev (2015) é antropólogo e afirma que entre os povos tradicionais, a identificação com seres não humanos é tão grande que é preciso criar diferenciações diariamente. Para isso, os humanos montam armadilhas para caçar os não-humanos e utilizam alguns rituais, para preparar o animal abatido, a fim de que o espírito da presa possa ser enganado e que não haja vingança. No entanto, o antropólogo percebe que até mesmo esses rituais não são levados a sério e há brincadeiras e risadas durante esse momento. Isto é, zomba-se e ri-se dos espíritos dos animais como uma maneira de se diferenciar deles e justificam dizendo que a risada é importante para ter sorte na caçada. Tal prática é denominada por Rane Willerslev como fé irônica. Contudo, os indígenas não perceberiam que os espíritos dos humanos seriam superiores aos espíritos dos animais. Ao contrário, entendem e sugerem haver grande similaridade. Nesse movimento, percebe-se que a existência de uma alma não seria exclusividade humana.

Para Ailton Krenak (2020a, 2020b, 2022), além dos humanos, os não humanos também seriam atravessados por sensações, e rios e pedras seriam capazes de sentir. O indígena afirma que para o seu povo, uma pedra pode ser uma irmã, as serras têm nome

e personalidade e devem ser respeitadas. Além disso, o rio Doce seria compreendido como uma pessoa e não um recurso para ser usado, já que ninguém usa um amigo ou um pai ou um avô e nesse caso, o rio seria o avô da tribo. Um avô que não deve ser abandonado e que por isso, após os desastres ambientais sofridos pelo rio, a tribo voltou para cuidar dele e para ficar próximo desse rio que agoniza. Um sofrimento que causa desertos e silêncios.

Os indígenas teriam uma relação tão familiar com os não humanos que haveria até mesmo, a possibilidade de conversar com rios, pedras, montanhas e animais e que o ser humano seria apenas um dos fios que a vida tece. Uma “vida que atravessa tudo, atravessa uma pedra, a camada de ozônio, geleiras. A vida vai dos oceanos para a terra firme, atravessa de norte a sul, como uma brisa, em todas as direções” (Krenak, 2020b, p. 28).

Para o autor, a vida não é útil e quando transformamos a vida em mercadoria, nos tornamos tristes. O capitalismo quer calar as outras vozes e fazer prevalecer o uníssono humano. Apenas alguns humanos teriam o direito de falar. Os mesmos que são proprietários e podem vender e dominar humanos e não humanos. Nem todos os homo sapiens fazem parte da humanidade. **Pobres, pretos, mulheres, presidiários, prostitutas, indigentes, indígenas, quilombos, crianças, favelados seriam percebidos pela sociedade como humanos? Teriam os mesmos direitos? Ou seriam ouvidos da mesma maneira?** “Eu não sou humano, sou quilombola. Sou lavrador, pescador, sou um ente do cosmos. Os humanos são os eurocristãos monoteístas. Eles têm medo do cosmos” (Bispo dos Santos, 2023, p. 29). Talvez essa condição de uma humanidade-menor possibilite aos indígenas, às crianças e aos quilombolas uma sensibilidade que viabiliza o animismo.

A relação dos indígenas com os não humanos seria tão íntima que, segundo Krenak (2022), o povo Kuna teria o hábito de enterrar o umbigo das crianças em árvores, assim

os boques de Kunayala são formados por pessoas, têm nome, porque cada planta coincide com alguém que nasceu ali. Esse trânsito entre um corpo humano e uma planta pode ocorrer com uma bananeira ou com uma árvore que vive duzentos anos, não importa, o importante é o cordão umbilical ser enterrado no ato de plantar, então criança e planta compartilham o mesmo espírito (Krenak, 2022, p. 39).

Para o autor, o capitalismo, que pretende a produção desenfreada de coisas e a necessidade de produção de riquezas para um pequeno número de pessoas, e que ocasiona a morte dos não humanos, também tem como consequência a precarização da maior parte dos humanos, isto é, os outros todos que não pertencem às elites. A retirada

das pessoas da floresta, para que essas possam ser exploradas, contribui para o aumento da pobreza e para o agravamento da exploração e extinção dos não humanos. Com isso, a vinda dos camponeses e dos povos da floresta para a cidade seria uma tecnologia para produzir pobreza, em que “a gente pega quem pesca e colhe frutos nativos, tira do seu território e joga nas periferias da cidade, onde nunca mais vai poder pegar um peixe para comer, porque o rio que passa no bairro está podre” (Krenak, 2022, p. 56). Nas cidades, os pobres seriam desumanizados e se tornam dejetos a serem eliminados.

Krenak (2022) propõe que tenhamos mais consideração e respeito pelos não humanos. Muitas florestas já existiam antes de nós, há árvores ancestrais que são arrancadas antes mesmo de serem conhecidas. Ao transformar tudo em mercadoria, o capitalismo impossibilita a alegria e uma vida mais conectada com os não humanos. O autor propõe que pensemos no que é comum, como a água, a terra. Ao invés de propriedade, possamos pensar no comum. Assim, os indígenas presam por uma educação onde “não educamos crianças para que elas sejam campeãs de alguma coisa, mas para serem companheiras uma das outras” (Krenak, 2022, p. 115).

A aproximação entre o pensamento indígena e o pensamento infantil se daria porque tanto um quanto o outro não pertencem ao pensamento antropocêntrico. Além disso, o devir-criança e o devir-indígena são devires menores e estão fora da norma. Contudo, cabe compreender que o pensamento infantil e o pensamento indígena também são formas elaboradas de pensar e uma outra maneira de compreender o mundo e não uma maneira “errada” de raciocinar, uma desrazão como quer fazer parecer a racionalidade antropocêntrica.

Nesse mesmo caminho, Bruce Albert e Davi Kopenawa (2023) nos propõe uma outra maneira de compreender as florestas. Segundo os autores, haveria um contato entre as tribos com os espíritos xamânicos, que tinham formas humanoides antes de se tornarem animais. Os autores destacam que realizamos dois exercícios que nos impedem de ouvir os não humanos, ou os desprezamos ou os idealizamos. No entanto, da mesma maneira que os humanos, também os não humanos seriam precários. Nossos ideais sobre o meio ambiente impedem que possamos olhar para as diferentes espécies e isso seria uma maneira de colonizar os animais e as plantas. Pois:

Primeiramente, os animais não têm nenhuma superioridade moral sobre nós: a vida em todas as suas formas é ambígua e continuará a ser. Por isso é necessário conhecer o mundo, interrogar as outras espécies, buscar a melhor aliança com elas. Em contrapartida, referir-se aos animais e às plantas nunca significa referir-se a uma ausência de história, a um mundo sem cultura nem tecnologia. Trata-se de

entrar em relação com uma infinidade de mediações, como é o caso toda vez que entramos em relação com outro ser humano. Ao contrário do que temos acreditado, o problema não é a ausência de consciência ou de palavras das outras espécies, mas nossa incapacidade de percebê-las (Albert; Kopenawa, 2023, p. 21).

Para os yanomamis, a floresta seria “uma vasta entidade viva dotada, como todas as outras, de uma imagem-essência (utupë a) a que os xamãs chamam Urihinari a [...] o solo é assim sua pele exterior (sipo si) e a vegetação, sua pilosidade” (Albert; Kopenawa, 2023, p. 43). A floresta seria uma entidade, na qual, plantas e animais seriam como peles e fertilidades. Um organismo que sofre com a morte de cada um dos seres que a integram. A floresta precisaria de harmonia para estar viva. Quando os rios são poluídos e as árvores cortadas, essa sustentabilidade se perde e a vida da floresta como um todo corre perigo.

Os yanomamis seriam os protetores da floresta, e por meio de rituais, solicitam o auxílio dos “ancestrais animais do primeiro tempo para cuidar dos nossos e proteger a floresta” (Albert; Kopenawa, 2023, p. 78). A intimidade que os yanomamis têm com a floresta possibilita estar atento aos seus humores, os seus cheiros e os seus sons. Um exemplo desse tipo de percepção é o emprego, nas caçadas, dos sons e dos movimentos dos animais, que é imitado pelos yanomamis para atraí-los. Seria preciso falar com os animais.

A caçada para esse povo, seria uma espécie de canibalismo, pois, os animais que serão mortos e que alimentarão a tribo, também seriam dotados de alma e pertenceriam a outra comunidade. Além disso, humanos e não humanos compartilham um mesmo ancestral, pois os animais são também descendentes dos humanos do primeiro tempo e tem a aparência atual de animal, ocasionada por metamorfoses sucessivas. Os humanimais seriam os ancestrais de animais e humanos.

Portanto, os yanomamis consideram que as diferentes espécies animais e os indivíduos que elas englobam são povos e pessoas dotados de subjetividade e sociabilidade “qualidades primárias), como os humanos (em suas variedades) e que se distinguem deles apenas por suas corporalidades e vocalizações diferentes (qualidades secundárias). As cores e os padrões das plumagens e pelagens são, assim, tantos quanto as pinturas corporais, enquanto gritos e chamados são tantos quanto as línguas naturais; todos são traços distintivos adquiridos em seguida à metamorfose dos primeiros ancestrais (Albert; Kopenawa, 2023, p. 134).

Enquanto os povos da floresta dialogam com os não humanos em posição equivalente, isto é, sem a intenção de dominar os não humanos, para Castro (2018), o homem, branco, europeu, tem se constituído como o humano de direito e definindo como “os outros”, aqueles que se contrapõe a esse sujeito. Com isso, esse gesto de exclusão “faz da espécie humana o análogo biológico do ocidente antropológico e vice-versa, com

as outras espécies vivas e os outros povos humanos confundidos em uma comum alteridade privativa” (Castro, 2018, p. 26).

Segundo Castro (2018), o encontro entre europeus e ameríndios foi marcado por curiosidade, tanto do europeu, quanto do indígena. No entanto, enquanto os europeus discutiam se seriam os indígenas dotados de alma, os indígenas observavam corpos de europeus mortos, para saber se apodreciam e assim, saber se seriam ou não divindades. Para os europeus daquela época, nem todos os humanos teriam alma. Isto é, como já mencionamos anteriormente, nesse momento emergia o naturalismo e a separação entre humanos e não humanos. Desses, apenas os humanos tinham alma. Todavia, para os indígenas, que eram animistas, havia a certeza de que tudo o que existe teria uma alma. Nesse sentido, “a práxis europeia consiste em fazer almas (e diferenciar culturas) a partir de uma fundo corporal-material dado (a natureza); a práxis indígena, em fazer corpos (e diferenciar espécies) a partir de um *continuum* sócio-espiritual dado desde sempre” (Castro, 2018, p. 38).

Para os indígenas, humanos e não humanos seriam singularidades dotadas de complexidades que lhes possibilita sentir e vivenciar o mundo de maneira diversa. Nesse sentido, “os animais predadores e os espíritos, por seu lado, veem os humanos como animais de presa, ao passo que os animais de presa veem os humanos como espíritos ou como animais predadores” (Castro, 2018, p. 44). Percebe-se, com isso, que para esses povos, haveria a possibilidade de troca de perspectiva. Isto é, enquanto os corpos eram diferentes, havia uma interioridade semelhante, mas que se modifica em cada contexto.

Castro (2018), propõe que o perspectivismo indígena sugere uma democracia ampliada entre humanos e não humanos e os acordos e as negociações se dariam com o auxílio de um xamã humano que negocia com um xamã não humano. Esse ator que se assemelha a um diplomata, não deseja impor a vontade dos humanos sobre os não humanos e pode ter que modificar o plano inicial para que haja um mais amplo diálogo com o xamã não humano.

O xamanismo se difere do que temos utilizado para apreender o mundo, que seria a objetivação, “o sujeito se constitui ou reconhece a si mesmo nos objetos que produz, e se conhece objetivamente quando consegue se ver de fora. Nosso jogo epistemológico se chama objetivação; o que não foi objetivado permanece irreal e abstrato. A forma do Outro é a coisa” (Castro, 2018, p. 50). De forma contrária, para o xamanismo, conhecer é personificar, “tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido” (Castro, 2018, p. 50), para saber o quem das coisas. A forma do Outro é a pessoa. Assim, a transformação é

anterior à forma, pois “cada ser mítico, sendo pura virtualidade, já era antes o que iria ser depois, e por isso não é, pois não permanece sendo, nada de atualmente determinado” (Castro, 2018, p. 58). O perspectivismo ameríndio entende que o mito é um

lugar geométrico onde a diferença entre os pontos de vista é ao mesmo tempo anulada e exacerbada. Nesse discurso absoluto, cada espécie de ser aparece aos outros seres como aparece para si mesma – como humana -, e entretanto, age como se já manifestando a sua natureza distintiva e definitiva de animal, planta ou espírito” (Castro, 2018, p. 59).

Para o perspectivismo, cada ser vê o mundo de maneira diferente, por exemplo, um urubu vê os vermes como peixes grelhados. No entanto, se um humano olhar o mundo pela perspectiva de um urubu, estaria se transformando em urubu, ou estaria morrendo ou morto ou se tornando xamã. Só os xamãs conseguem olhar por diversas perspectivas. Então, haveria uma pluralidade de representações sobre uma coisa, diferentes para cada ser. Ou ainda “todos os seres representam o mundo da mesma maneira – o que muda é o mundo que eles veem” (Castro, 2018, p. 64).

Cada corpo experimenta o mundo de maneira diferente, não pela sua constituição física, mas pelos afectos de que é capaz. São os afectos que modificam as perspectivas. Assim, o perspectivismo afirma a variação. O perspectivismo entende que a comunicação tem equívocos, mas não se trata de calar o outro. É preciso deixar que fale e toda fala tem mais de uma interpretação. Assim, o oposto de equívoco é unívoco, que é a pretensão de um sentido único e transcendente. Cada falante fala de um lugar diferente, assim “é comunicar pela diferença ao invés de calar o Outro ao presumir uma univocidade originária e uma redundância última – uma semelhança essencial – entre o que ele e nós estávamos dizendo” (Castro, 2018, p. 91).

Então, algumas questões se colocam: Como poderíamos, a partir do devir-criança, criar modos de vida em que o ser humano não seja compreendido como espécie soberana? Quais outras maneiras de estar no mundo podem ser pensadas, em que os não humanos não sejam compreendidos como coisa para o dispor dos humanos?

E se pudéssemos, por meio de encontros com as plantas, ter uma experiência de aprendizado? Para Jeremy Narby (2018) que pesquisou uma tribo

da Amazônia Peruana, há relatos da obtenção de conhecimentos sobre as plantas por meio de experiências alucinógenas xamanistas com plantas como ayahuasquero e tabaquero. Isto é, as plantas se comunicariam por meio dessa experiência e revelariam as suas propriedades. Contudo, o que impressiona o estudioso é que 74% dos remédios de origem vegetal que utilizamos foram descobertos por sociedades tradicionais e o que intriga é o fato de terem inventado essas fórmulas sofisticadas sem “recursos científicos”.

Em todos esses povos, há a afirmação de que tal conhecimento foi obtido em trocas de conhecimentos com as plantas. Seja por aquilo que ela faz pensar por ter uma determinada forma, cheiro e trocas ou por aquilo que ela faz pensar com a utilização de plantas alucinógena nos rituais, que não se faz apenas com o preparado de ervas, mas também com música. Para esses povos,

segundo a nossa crença antiga, é o deus da floresta, o nosso Deus. Foi quem teve a ideia de fazer as pessoas aparecerem. E ele mencionava também seres invisíveis, chamados maninkari, que se encontram nos animais, nas plantas, nas montanhas, nos rios, nos lagos e em certos cristais. Diziam serem, entre outras coisas, fontes de saber (Narby, 2018, p. 32).

Além disso, para o animismo indígena, é possível a filiação entre espécies diferentes. Ou seja, a mãe do ayahuasquero é uma cobra e a ayahuasquero é mãe do tabaco. Lembro então, que na pesquisa de doutorado, as crianças também falaram de uma filiação que não se dá unicamente entre uma mesma espécie e meninos e meninas podem ser mães de cachorros, gatos e coelhos.

Jeremy Narby (2018) percebe haver uma correspondência entre diferentes povos antigos, que eram animistas. Trata-se de o elemento da vida ser uma serpente cósmica, que por vezes é dupla serpente ou gêmeos:

descobri uma série impressionante de deuses criadores representados sob a forma de uma serpente cósmica: apareciam não só na Amazônia, no México e na Austrália, mas também na Suméria, no Egito, na Pérsia, na Índia, no Pacífico, em Creta, na Grécia, na Escandinava (Narby, 2018, p. 72).

A hipótese do autor é a de que a serpente cósmica seria o DNA, por se parecer com ele nas representações desses povos primitivos, mas também pelas características que se assemelham.

Percebo então que povos antigos e até mesmo os povos tradicionais, como os indígenas brasileiros cultivam o animismo, que seria uma maneira de pensar e de criar mundos, que compreende o mundo, o meio ambiente, as coisas e as pessoas de maneira

peculiar. O animismo não seria “nem uma crença nem um sistema classificatório, mas um pensamento” (David-Ménard, 2022, p. 98) que já vem de longos tempos. Segundo Harari (2016):

os antigos caçadores-coletores eram animistas, isto é, não acreditavam na existência de uma distância necessária entre os humanos e os outros animais. O mundo – isto é, o vale local e as cadeias de montanhas ao redor – pertencia a todos os seus habitantes, e todos seguiam um conjunto de regras comuns. Essas regras envolviam uma negociação incessante entre todos os seres aos quais concerniam. As pessoas falavam com animais, árvores e pedras, e também com fadas, demônios e fantasmas. Dessa rede de comunicação emergiam os valores e as normas que comprometiam igualmente humanos, elefantes, carvalhos e assombrações (Harari, 2016, p. 83).

E se houvesse a possibilidade de uma mistura ou de um devir-urso em uma mulher e de um devir-mulher em um urso? Nastassja Martin (2021), uma arqueóloga francesa, nos relata no livro “Escute as feras”, o ataque que sofreu de um urso, enquanto fazia pesquisas no Alasca. Foi um encontro que deixou marcas na autora e no animal e em que ambos saíram feridos. Nastassja teve o rosto rasgado e perdeu parte do maxilar com a mordida do urso e para se defender, feriu o animal. Antes do encontro com o urso, a arqueóloga já vivia há alguns anos na floresta, com dois nativos: Ivan e Daria, que parecem exercer o papel paterno e o materno. Segundo a autora, ela havia premeditado esse encontro com o urso, pois alguns sinais lhe ocorreram: sonhos, rastros e sensações antes do incidente.

Para se recuperar desse ataque, Nastassja precisa regressar ao seu país de origem, a França, para o tratamento médico. No entanto, assim que se recupera, sente que precisa voltar para a floresta. Ao reencontrar os seus amigos nativos, é aconselhada a perdoar o urso, pois o animal teria preservado a sua vida. Isto é, para os nativos o urso teria vontade, isto é, não teria agido por instinto, e por isso, deve ser perdoado, pois foi capaz de generosidade, ao deixar Nastassja viva. Então, os nativos se sentem gratos pelo urso ter preservado a vida da antropóloga, que seria um presente para eles.

Na leitura do livro, percebemos que a autora reflete como o animismo desses povos faz com que se questione as convicções do Ocidente, já que:

Existe de fato aqui uma coisa diferente em que nós, no Ocidente, depositamos confiança. As pessoas como Dária sabem que não são as únicas a viver, sentir, pensar, escutar na floresta, e que outras forças operam em volta delas. Há aqui um querer exterior aos homens, uma intenção fora da humanidade. Nós nos encontramos em um ambiente “socializado em toda a parte porque percorrido

incansavelmente”, teria dito meu antigo professor Philippe Descola. Ele reabilitou o termo animismo para qualificar e descrever esse tipo de mundo; eu e outros seguimos de corpo e alma nesse caminho. Na frase “os ursos nos dão um presente”, existe a ideia de que um diálogo com os animais é possível, ainda que ele se manifeste apenas raramente sob uma forma controlável; existe também a evidência de viver em um mundo em que todos se observam, se escutam, se lembram, dão e retomam; existe ainda a atenção cotidiana a outras vidas que não a nossa; existe enfim a razão pela qual eu me tornei antropóloga (Martin, 2021, p. 76-77).

O encontro de Nastassja Martin (2021) com o urso a transforma em metade urso, ou em devir-urso. Ela sonha com o urso e entende que procurou esse encontro. Urso e mulher se seguiam, e eram atraídos para o encontro. Agora ela é uma *miêdka*, “significa que os seus sonhos são os dele ao mesmo tempo que são os seus” (Martin, 2021, p. 84). Mulher e urso sonham juntos. Sonhos que orientam, já que os sonhos nem sempre seriam uma projeção do dia, mas podem permitir que os humanos se orientem durante o dia, porque eles dão uma indicação sobre a tonalidade das relações por vir. “Sonhar significa ser informado” (Martin, 2021, p. 83). É preciso ser estrangeiro para sonhar, por isso, se mudar de tempos em tempos, já que “por isso é que se aguardam aqueles que voltam de uma longa viagem, de uma longa caçada, de um longo alhures” (Martin, 2021, p. 83).

No entanto, essa mistura é temida. Não se pode tocar nos objetos de uma *miêdka*. Isto representa um risco para os outros, pois quer dizer que o urso está por perto. Mas esse encontro entre mulher e urso só foi possível porque havia, anteriormente, uma propensão no urso e na mulher, ambos marcados para o encontro. Agora, ela tem parte do urso em si. Mulher em devir-urso. Ambos se seguem, onde há a mulher pode haver o urso, tanto no sonho como na realidade.

Esses escritos fazem pensar como se dá essa aproximação das crianças ao pensamento animista. Talvez, nossas primeiras experiências com o mundo sejam de corpo inteiro, de poros e de trocas. Ao nascermos, nos tornamos filhos do mundo e aprendemos e nos constituímos por essas interações, nas quais afectamos e somos afectados. Quando crianças e ainda não temos fala, somos corpos sem órgãos frente as experiências. Então somos pele para os acontecimentos, que nos tocam e que possibilitam a construção de contornos, para a forma de vida que estamos inventando.

Nosso corpo é um agenciamento. Pouco conhecemos ou pensamos dessas trocas que fazemos com plantas, vírus, bactérias e células. Trocas e composições que se dariam

em um nível molecular. Trocas de partículas, de energias e de movimentos. Não se trata apenas de soma, mas de encontro ou de composição.

O devir-criança e o devir-indígena contestam a norma. São os outros da norma. Nosso pensamento tem sido formatado pelo naturalismo, pois estamos em uma sociedade capitalista. Mas crianças e indígenas conseguem escapar e constituir resistências.

Nos relatos acima, percebemos que o privilégio dos humanos sobre os não humanos viabiliza outras regalias. Separar o mundo em bolhas humanas têm possibilitado nuances para o humano. Isto é, haveria gradientes de humanidade e de vidas que importam. Quanto mais ocidental, mais branco, mais adulto, mais homem e mais rico, mais humano. Nesse sentido, para se tornarem humanas, as crianças precisam pensar como os adultos. Pobres precisam ficar ricos, mulheres precisam ser atraentes para os homens ricos e brancos. Latinos, negros, mulheres, crianças, pobres e indígenas seriam humanos subalternos.

Além disso, diferentes tramas viabilizam a construção do desejo em atender à norma antropocêntrica. Até mesmo os grupos subalternos aderem e se esforçam em atingir ao status de humano. Então, abandonam seus devires e os modos criativos de vida, para tornar as suas vidas produtivas e assim, serem instrumento para o capitalismo.

Maciel (2023), afirma que o conceito de animal, em tempos passados, foi utilizado também para humanos. Em outras épocas, seriam animais todos os humanos e os não humanos que possuíssem alma. Isto é, “a palavra alma foi usada para designar o princípio da vida de todo ser animado, humano ou não” (Maciel, 2023, p. 13). Contudo, o que permaneceu no pensamento ocidental, com o triunfo do racionalismo cientificista, foi a cisão entre humanos e animais e que provocou o rebaixamento dos não humanos. Então, os animais se tornam o outro dos humanos.

Na literatura, a aproximação entre humanos e não humanos tem sido mais intensa. Os escritores parecem estar em devir-criança em muitas de suas obras. Maciel (2023) e Nascimento (2021) relatam os encontros, na literatura, entre humanos e não humanos. Alguns encontros que suscitam vergonha, como foi o de Derrida nu e o olhar do seu gato¹⁷. Ou Guimarães Rosa, que coloca dois bois a falar do humano que os guia¹⁸. O encontro do

¹⁷ Derrida (1930-2004), foi um filósofo franco-magrebino e no livro “O animal que sou” diz ter se incomodado ao perceber que era observado pelo olhar de seu gato ao vê-lo nu e que até mesmo, sentiu certo pudor. Dois animais nus, Derrida e seu gato. Derrida confessa ter sentido vergonha e ter achado estranho esse sentimento. Então, passa a sentir vergonha da vergonha que sentiu. No entanto, a nudez não representa nada para o animal, então, esse não se sabe nu. Então, a nudez existe apenas para os humanos.

¹⁸ No conto “Conversa de Bois”, que está no livro Sagarana, João Guimarães Rosa (1908-1967), poeta e romancista brasileiro, dá voz a dois bois de canga, que refletem sobre a sua situação e a dos bois que ficam apenas pastando. Entendem que por trabalharem com os humanos, tenham adquirido a capacidade de pensar como os homens. Também conversam sobre a estranheza que os homens despertam nesses animais,

nafrago Robinson Crusóe, em uma ilha desconhecida e que se aproxima de um papagaio e de um cabrito para não se sentir tão só e transforma esses animais em companheiros, em uma relação de cumplicidade (Maciel, 2023). Também menciona a antiga amizade entre os cães e os homens, em que ambas as espécies foram afetadas por essa convivência de milênios de anos. Segundo Maciel (2023), os animais têm sido tema recorrente na literatura e em obras de escritores como por exemplo, Machado de Assis¹⁹ e Clarice Lispector²⁰. Nestas obras não humanos, surgem muitas vezes, como protagonistas. O cão Quincas do personagem Quincas Borba de Machado de Assis (1985). Podemos observar que o cão tem o mesmo nome do seu dono, Quincas. Na história, o cão de porte médio e com pelo chumbo malhado de preto, tem a habilidade de pensar. No entanto, o seu pensamento não seria igual ao pensamento humano, mas apresenta algumas peculiaridades, que muitas vezes impossibilitam a comunicação. Nesse romance, a personalidade do Quincas humano e do Quincas cão estão tão entrelaçadas que por vezes, se confundem e fazem com que Rubião, o personagem que herda os bens e o cão de Quincas Borba, quando esse falece, acredite que a alma de Quincas Borba tenha se apossado do cão Quincas.

Clarice Lispector foi outra escritora que deu voz aos não humanos. Durante a sua vida, teve alguns animais e entre esses, um cão chamado Ulisses, que foi muito importante em sua vida e que aparece em muitas das suas obras. Nesse sentido, a intimidade entre Clarice e Ulisses seria tão grande que possibilita a autora e aos seus personagens traduzir os gestos e os latidos do cão em palavras humanas (Maciel, 2023).

Essa intimidade possibilitada pelo devir-criança, que também seria um devir-animal viabiliza uma contaminação animal nos humanos e uma contaminação humana nos animais em que a “estreita convivência com humanos, tem a sua animalidade contaminada por essa proximidade, na mesma proporção que a animalidade dos humanos se intensifica, mas sem demarcar os próprios do homem e os próprios dos animais” (Maciel, 2023, p. 79).

Em muitos filmes ou em livros, os cães parecem dotados de sentimentos que creditamos apenas aos humanos, como compaixão, amor, saudade, memória. Nessas obras, esses animais parecem até mesmo pressentir a própria morte, como no caso da

por serem comido demais. Além disso, falam que os bois são mais fortes que o homem e que seria possível matá-lo se quisessem.

¹⁹ Machado de Assis (1839-1908) foi um escritor brasileiro que escreveu vários romances, entre esses, Quincas Borba.

²⁰ Clarice Lispector (1920-1977), nasceu na Ucrânia, mas viveu grande parte de sua vida no Brasil.

cachorra baleia do livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos²¹. Também há autores que fazem (auto)biografias de animais, como Virginia Woolf²², que conta a história da poeta Elizabeth Barrett e da relação amorosa vivida por ela com o também poeta Robert Browning, pelas palavras do animal de estimação da poeta, um cão Cocker spaniel inglês, chamado Flush. Tal história problematiza

a hierarquia das espécies. Reconhecendo no cão um outro que pensa, sente, sonha e experimenta o mundo com as faculdades e habilidades que lhe são inerentes e, nem por isso, inferiores às que particularizam a espécie humana, a escritora contribui de maneira reveladora para uma reconfiguração do papel do animal na literatura moderna e contemporânea. Ademais, ela mostra ser possível biografar um ser não humano, evidenciando, no seu trabalho biográfico, o caráter híbrido da subjetividade canina, moldada na estreita convivência do cão com o casal de poetas (Maciel, 2023, p. 86).

Além da obra de Virginia Wolf, Maciel (2023) relata outras obras de (auto)biografia animal, feitas por autores como Paul Auster²³ que conta a história de um cão chamado Mr. Bones, que é abandonado na cidade, após a morte do seu dono Willy. O cão vive as adversidades a que a condição de um cão sem pedigree lhe impunha. É um cão pobre e andarilho. Outra obra é o livro de Yoko Tawada²⁴ que faz a (auto)biografia do pequeno urso polar Knut que é criado por humanos no zoológico de Berlim, por ter sido rejeitado pela mãe. A autora também faz a (auto)biografia da mãe e da avó do urso. Nessas (auto)biografias, são contadas as vivências desses animais em diferentes lugares por onde passaram, expondo a vida dos animais confinados, ou a (auto)biografia do macaco Peter, escrita por Kafka²⁵.

²¹ Graciliano Ramos (1892-1953) foi um romancista, cronista, jornalista, político e memorista brasileiro. No livro *Vidas Secas*, o autor conta que a cachorra Baleia já se encontrava bastante debilitada e o seu dono, Fabiano resolve sacrificá-la, para acabar com o seu sofrimento.

²² Virginia Woolf (1882-1941) foi uma escritora britânica e na obra "Flush: uma biografia" constrói a (auto)biografia de Flush.

²³ Paul Auster é um escritor norte-americano, na obra "Timbuktu" elege para protagonista de sua história um cão de rua.

²⁴ Yoko Tawada é uma escritora japonesa que escreve a (auto)biografia das três gerações de um urso na obra "Memórias de um urso Polar".

²⁵ Franz Kafka (1883-1924) foi um escritor de língua alemã e no conto "Um relatório para uma academia" escreve sobre Peter, um macaco que adquire a habilidade de falar e que faz a transição de animal para humano em cinco anos. Sua transformação começou com um aperto de mão, que Peter entende ser um ato de franqueza. Seus primeiros dias, após a captura, foram em um navio. Estava trancado dentro de uma jaula e entendia que devia procurar uma saída, mas não planejava fugir, já que os riscos eram muitos. Então, começa a imitar os humanos a ponto de aprender a falar e a esquecer o que é ser um macaco. Acredita que somente existiriam duas opções na sua condição, ou o teatro de variedades ou o zoológico. Entende que o teatro de variedades seria o local mais adequado, então se esforça para conseguir esse lugar. Assim, a saída foi tornar-se humano.

Maciel (2023) também fala do encontro entre humanos e animais, como um búfalo²⁶ e uma barata²⁷, na literatura de Clarice Lispector e que mobiliza diferentes sentimentos, como o amor, ódio, asco, crueldade, compaixão e solidariedade. Ou os animais dos poemas de Hilda Hilst²⁸. Nesse sentido, parece haver uma espécie de animismo entre os escritores, que borra o naturalismo. Isto é, parece haver nos escritores um devir-criança que permite o acesso à sensibilidade infantil, talvez experimentada quando ainda eram crianças e que seria utilizada para escrever.

Nesse mesmo caminho, Nascimento percebe um devir-vegetal em alguns escritores, como Clarice Lispector.

Aquele centro luminoso estava tão vivo que parecia mover-se e deslocar-se, vibrando como se uma abelha a sobrevoasse rodando. E a voz narrativa acaba por se identificar à abelha, arrebatada por aquela sedução floral, que tanto mais alicia por iluminar as trevas, sem, todavia, deixar de ter um perfume de morte. Finalmente, revela-se que a flor temerária era uma rosa, mais uma na série vegetal clariciana. A narrativa conclui lindamente com um chamado vegetal, como se a verdadeira vocação da escritora fosse tornar-se bicho ou planta [...] (Nascimento, 2021, p. 230).

O corpo infantil seria um território com poucos estriamentos. Um deserto onde diferentes forças se encontram. Onde intensidades e experimentações são vividas com menos institucionalização, regras e normas. Onde fluxos, afectos e perceptos constroem relevos que são resistência ao pensamento racional moderno. O animismo infantil não entende a possibilidade de relações de posse, porque a relação que estabelece é a de nomadismo. Isto é, os infantis estão de passagem e por isso, não almejam uma relação estática, mas ao contrário, parecem buscar pelas sensações produzidas nos encontros.

a ótica animista traz, assim, um mundo produzido pelo fluxo aéreo do tempo, em vez de uma concepção fixa das coisas na paisagem. Nesse sentido, o céu se torna um meio habitado por uma variedade de seres (sol, lua, pássaros, trovão), os quais

²⁶ O conto Bufalo que está no livro “Laços de família” conta de uma mulher que vai ao zoológico, porque deseja odiar. Então, visita a jaula de diferentes animais: girafas, hipopótamos, leões, camelos, elefantes e diversas sensações são experimentadas, mas não o ódio de que necessita. No entanto, encontra o búfalo, um corpo “enegrecido de tranquila raiva” e se entrega aos olhos do animal em completo entorpecimento.

²⁷ No romance “A paixão segundo GH” Clarice Lispector fala do encontro que teve com uma barata e do horror que sempre cultivara pelo inseto. Uma barata velha habitando um quarto limpo. No encontro com a barata a autora sente um misto de sentimentos: medo, nojo e alegria de ter a coragem de matar o inseto. Tomada de coragem, fecha os olhos e esmaga a barata com a porta do armário e sente o gozo de matar a barata. Fica algum tempo observando o inseto esmagado e a matéria branca que sai de seu corpo, até que decide devorá-la.

²⁸ Hilda Hilst (1930-2004) foi uma poeta, ficcionista e dramaturga brasileira e traz os animais para os seus poemas, como algumas obras constantes no livro “Da poesia”.

deixam seus rastros-movimentos através do céu, da mesma forma que seres terrestres deixam seus rastros através da terra. Isso, ao ler e escrever, tornam-se práticas de dar a ver e pensar, inseparável de todo sentir e querer, nas produções e constituições de presenças, linguagens em educação (Dalmaso; Rigue, 2021, p. 270).

Ademais, parece ser o devir também um dos componentes do animismo. Os devires conectam partículas humanas a partículas de animais, rios, chuvas. E nesse sentido “nunca se é animista no geral, apenas em termos de agenciamentos que geram transformações metamórficas em nossa capacidade de afetar e de sermos afetados – e também de sentir, pensar e imaginar” (Stengers, 2017, p. 15).

Conforme o exposto acima, percebemos que animais, plantas, rios, chuvas, ventos... seriam inteligentes e em devir como os humanos. Talvez não sejamos assim tão diferentes e quem sabe agora, seja o momento de não mais nos separarmos dos Outros que habitam conosco o ambiente. Quem sabe possamos renunciar a alguns privilégios para construirmos espaços comuns. As plantas e os animais são dotados de sensibilidades e de percepções que podem nos ajudar a construir um outro mundo nesse mundo, ou, outramundar. Humanos e não humanos estamos em interação constante com o meio ambiente, modificando-o e sendo modificado por ele. Até mesmo as rochas estão em movimento e modificam e são modificadas o tempo inteiro.

Cabe ressaltar que também os humanos são construídos por milhões de não humanos. Nosso corpo abriga bactérias, vírus, metais, água e fungos. Nossos pensamentos e nosso comportamento são alterados por essa interação com os não humanos. E caso, a interação dos não humanos entre si e com as células do nosso corpo se torne disfuncional, podemos morrer. Vivemos em simbiose com os não humanos e há rastros de outras espécies até mesmo no nosso DNA. Já que, “a natureza da vida não é a constância, e sim a mudança. O motor da mudança, nos níveis individual e coletivo, é o encontro com o outro” (Bridle, 2023, p. 158-159).

Na esteira dessas reflexões, Bartolomew Feather (2023) devém pombo quando escreve sobre a máquina classificatória de humanidades. Nesses escritos, percebemos que a humanidade seria uma invenção para excluir, isto é:

Humano e humanidade, como conceitos e, portanto, em disputa fundam-se a partir de uma série de movimentos de cisão: o Humano é porque existe o não humano; a Humanidade é porque existe a não humanidade – o que está dentro nega tudo aquilo que está fora porque não possui uma certa utilidade para aqueles que comandam a capacidade de dar significado ao Humano e a Humanidade. Esse confronto com o Humano e a Humanidade foi o que me gerou uma profunda sensação de angústia: perceber em vocês um desejo de humanização do mundo e

a formação de uma realidade que se utiliza de categorias como humano e humanidade para destruir tudo o que não se encaixa (Feather, 2023, p. 16).

Uma guerra então teria sido travada a fim de garantir a distância entre humanos e não humanos. Para Feather (2023) a educação, entra nessa disputa estruturando e garantindo que a máquina classificatória de humanidades continue a funcionar. Isto é, somos produto e produtores de educações, que produzem significados a partir dos fluxos produzidos pela Ciência, pela Arte e pela Filosofia e que possibilitam a existência da Máquina Classificatória de Humanidades, estabelecendo gradientes de humanidade. As Ciências, as Artes e a Filosofia seriam peças dessa máquina e se fragmentam em peças menores, até o nível molecular e se encontram bastante articuladas, podendo assim, atuar classificando os indivíduos. As peças que não se encaixam na máquina teriam as suas vibrações reduzidas, até que não provoquem mais efeitos ou possam vibrar conforme a frequência imposta pela máquina. Ou, em último caso, são caçadas

a Máquina Classificadora de Humanidades se alimenta de outras máquinas existenciais e, em um complexo processo de Maquinofagia colonizadora, a Máquina Classificatória de Humanidade processa, ressignifica tudo o que poderia ser associado ao Humano. São separadas as Ciências que podem ser consideradas como Ciências daquelas que não servem aos propósitos da Máquina Classificatória de Humanidades; são separadas as Artes que podem ser consideradas como Artes, daquelas que não servem aos propósitos da Máquina Classificatória de Humanidades; são separadas as Filosofias que podem ser consideradas como Filosofias, daquelas que não servem aos propósitos da Máquina Classificatória de Humanidades. Separam-se, então, as Ciências, as Artes, as Filosofias, daquilo que é potencialmente bosta, daquilo que não se encaixa na Máquina Classificatória de Humanidades. A Máquina come, digere e excreta. Expele, em forma de bosta, tudo que é inútil e, para ela, desinteressante (Feather, 2023, p. 88-89).

A Máquina Classificadora de Humanidades funcionaria a partir de um “Eu sou” ou “Ele é”, isto é, classifica formas de existência. A educação seria aquilo que possibilita a propagação das vibrações, por isso, necessária para a máquina. Os habitantes da Máquina Classificatória de Humanidades seriam o equilibrista, o hacker e o zumbi. O equilibrista seria aquele que experimenta o caos e outras forças e entende que existem outras Máquinas Existenciais. Assim, valoriza outras maneiras de existir e utiliza o conhecimento de outras formas de vida para viver entre mundos. O equilibrista tenta equilibrar o prazer e a obrigação. No entanto, por mais que questione a Máquina Classificatória de Humanidades, e por mais que em alguns momentos tente escapar, ele não destrói a máquina. O equilibrista almeja aperfeiçoar a máquina, para que mais formas de vida possam habitar a Humanidade.

Já o hacker, seria aquele que decodifica o sistema, e tenta, sigilosamente, brechar a máquina. O hacker consegue operar transformações nas engrenagens, por estar familiarizados aos seus códigos. O hacker é o que se revolta contra a máquina. No entanto, o risco que corre, por conhecer as engrenagens, é o de ser capturado pelo sistema. As ações do hacker não podem ser consideradas boas ou más, pois seria impossível prever as consequências que o vírus pode provocar e a resposta da máquina.

O terceiro habitante da Máquina Classificatória de Humanidades seria o zumbi, aquele que perde o rosto e se alimenta de outras vidas. É um morto-vivo que sente fome de vida e deseja a obediência. Isto é, “o zumbi adere facilmente aos valores preconcebidos e, em poucas palavras, ele exclama: “é isso!”, em seguida ele persegue o isso com uma fome arrebatadora” (Feather, 2023, p. 100). Os zumbis são os protetores da Máquina Classificatória de Humanidade. Os três habitantes da Máquina Classificatória de Humanidades não seriam diferentes tipos de pessoas, mas diferentes movimentos que uma mesma singularidade pode fazer. Isto é, não se trata de “Eu sou” ou “Ele é”, mas de “multiplexistência, uma existência equilibrista-hacker-zumbi” (Feather, 2023, p. 164). A Máquina Classificatória de Humanidades seria gerenciada pelo burguês, pelo colonizador e pelo racionalista. Essas três figuras têm, ao longo da nossa história, submetidos humanos e não humanos à Humanidade, por meio da colonização e de diferentes formas de violência.

No entanto, segundo Feather (2023), se a escola tem sido a propagadora das vibrações da Máquina Classificatória de Humanidade, ela também poderia ser a propagadora de outras formas de existência. Uma escola questionadora e em que o aprendizado e a vida não sejam úteis à Máquina. Isto é, a escola tem sido zumbizante e ensinado a obedecer, mas poderíamos tornar a escola também multiplexistente e viabilizar também a revolta. Com isso, seria necessária uma educação hacker, que pudesse desestabilizar a Máquina Classificatória de Humanidades. Uma educação não classificatória e que viabilize romper com os pressupostos do capitalismo e da Máquina Classificatória de Humanidades, que tem dominado e submetido humanos e não humanos a diversas formas de violência.

Talvez o animismo seja uma das condições de sobrevivência da espécie humana na atualidade. Chegamos ao limite e estamos entre o intolerável e um novo que se abre ainda em gérmen. No entanto, o intolerável é o que já conhecemos: um mundo para poucos e que reduz dia a dia a possibilidade de Humanidade para os próprios humanos. Além de submeter os não humanos a diferentes formas de violência. Com o agravamento da crise climática, a bolha de Humanidade tende a diminuir, pois os recursos irão se reduzir e para

poucos poderem consumir, milhões de pessoas serão entregues à própria sorte. No entanto, o animismo infantil, possibilitado pelo devir-criança viabiliza um mundo em que humanos e não humanos são necessários, onde a política é para todos, ou seja, há uma cosmopolítica e outro tipo de democracia pode ser inspirada no cuidado que as plantas dispensam a humanos e não humanos, ou seja, uma democracia vegetal.

Tsing (2022) nos convida a aprender com uma espécie rara de cogumelos, o Matsutake, que nasce em ambientes bastante degradados pelos seres humanos. É um cogumelo que não pode ser cultivado, então é preciso buscá-lo pela floresta. O Matsutake é uma espécie de cogumelo que se associa a outras árvores e que constrói linhas de comunicação pela floresta, que conectam e auxiliam na sobrevivência de outros vegetais. Há muitas trocas entre os cogumelos e as outras plantas. Trocas que até mesmo influenciam no aroma do Matsutake.

Com isso, não só humanos constroem mundos, mas também os fungos por suas redes de cooperação por agenciamento uma floresta. Muitas espécies necessitam dos fungos para que suas raízes possam buscar nutrientes nos solos. Há plantas que precisam dos fungos para a reprodução e proteção. Até mesmo nós necessitamos de fungos e de bactérias para a digestão e a proteção do nosso corpo. Então, as bactérias também constroem mundos. Humanos e os não humanos são inventores de mundos e cada mundo construído impacta nas várias espécies que habitam o planeta.

Para outramundar (neste mundo) me instalo no devir-criança pois, “as crianças nos ensinam a inventar ficções no cotidiano de nossas existências. Acho que deveríamos escutá-las mais, não acham?” (Guimarães, 2017, p. 582). A essa pergunta eu respondo que sim. Que para escrever essa tese foi necessário escutar as crianças e as que guardamos dentro da gente.

Quais outros devires habitam o devir-criança? Percebemos que o devir-criança é um devir-menor, atravessado por outros devires: devir-imperceptível, devir-animal, devir-indígena. No encontro de todos esses devires, percebemos que ressoa um animismo infantil.

Para os indígenas, quando acontecem catástrofes, é preciso dançar para suspender o céu, pois

esses cantos de suspender o céu criam uma brisa, um ar que faz com que os humanos reestabeçam a sua própria cura. Essa ideia ensina que o céu já caiu em outras épocas e os humanos desenvolveram formas de conversar com o céu, cantar para ele, cantar para o rio, para a montanha. Essas humanidades extraíram dessas experiências a poesia da vida, o canto para afastar a dor, o xamanismo, ou seja,

poderes que nossos ancestrais passaram de geração em geração para nos constituirmos como filhos do organismo vivo (Xucuru-Kariri; Costa, 2020, p. 21).

Então, tento uma escrita que possa dançar! Precisamos suspender o céu, necessitamos de música e de movimento. Necessitamos mudar de pele, como as cobras e os lagartos. Nossos modos de existir já não irrigam vida. Precisamos habitar o que ainda pulsa em nós. Necessitamos encontrar os gérmenes de mundo que ainda nos fazem vida. Busco movimento ou e-moção em uma canção indígena, que as crianças cantam. Quem sabe assim, a gente possa ir suspendendo o céu:

Eu tava sentado na Pedra Fina
O Rei dos índios, eu mandei chamar.
Caboca Índia, Índia Guerreira
Caboca Índia do Juremá
(Xucuri-Kariri; Costa, 2020, p. 47).

Outramundar pode ser dolorido, pois precisamos mudar os modos de vida que habitamos. Estamos no limite e já não podemos continuar a viver como temos vivido.

Nesse mundo, perdemos a autonomia e passamos a ter medo de experimentar o que não está na cartilha do que é dito como uma vida boa. No entanto, já não me interessa o que as coisas podem oferecer, pois ando preferindo outros vínculos. Quero pisar o chão de outros modos. Pego a mão de Bispo dos Santos (2023):

Fui criado numa casa de chão batido, onde andava descalço. As galinhas e os outros animais conviviam conosco dentro de casa. Quando uma galinha estercava na casa de chão batido, a parte úmida do esterco, das fezes da galinha, era absorvida pela terra. Tirávamos a parte sólida e jogávamos no quintal para servir de adubo. Para o povo da cidade isso era um horror. Pisar as fezes da galinha? Impossível! Tem que ter uma cerâmica bem lisinha para poder enxergar qualquer outra vida, qualquer outro vivente que estiver ali, para poder desinfetar e matar qualquer microrganismo. Matar até o que não se vê. Para andar descalço, é preciso desinfetar o chão: a cerâmica foi criada porque os humanos não podem pisar a terra. Os calçados foram criados porque os humanos não podem pisar a terra. Porque a terra é o anseio original (Bispo dos Santos, 2023, p. 18).

Para o autor, vivemos uma cosmofobia, isto é, medo do cosmos. A cosmofobia impede que as pessoas pautem o dia a dia pelo necessário. Essa falta de perspectiva no necessário desencadeia a classificação dos humanos e dos não humanos em importantes ou não. Os humanos e a humanidade teriam como pressuposto o desenvolvimento e não o envolvimento. Bispo dos Santos (2023) questiona a humanidade, já que nem todos são considerados humanos. O autor mesmo se diz um não humano. Krenak (2020) reverbera esse discurso, já que:

As andanças que fiz por diferentes culturas e lugares do mundo me permitiram avaliar as garantias dadas ao integrar esse clube da humanidade. E fiquei pensando: Por que insistimos tanto e durante tanto tempo em participar desse clube, que na maioria das vezes só limita a nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade? Será que não estamos sempre atualizando aquela nossa velha disposição para a servidão voluntária? Quando a gente vai entender que os Estados nacionais já desmancharam, que a velha ideia dessas agências já estava falida na origem? Em vez disso, seguimos arrumando um jeito de projetar outras iguais a elas, que também poderiam manter a nossa coesão como humanidade (Krenak, 2020, p. 14).

Envolvimento ao invés de desenvolvimento. Cada um compartilha aquilo que pode oferecer: uma pedra compartilha a oportunidade de nos sentarmos, uma árvore compartilha a sua sombra, um rato pode compartilhar a informação da presença de cobras. Para compartilhar seria necessário, uma relação de pertencimento. Nesta perspectiva, Acosta (2016), propõe que experimentemos uma outra maneira de viver, em que os não humanos não sejam compreendidos como meros recursos para os humanos.

O Bem Viver estaria em oposição ao viver melhor, que privilegia uma minoria e expõe a maior parte dos humanos e os não humanos a situações de degradação. O Bem Viver clama por um bom conviver.

O Bem Viver recupera esta sabedoria ancestral, rompendo com o alienante processo de acumulação capitalista que transforma tudo e todos em coisa. Para nossos irmãos indígenas do Xingu, o mundo é povoado por muitas espécies de seres, não somente dos reinos animal e vegetal, mas também os minerais, a água, o ar e a própria Terra, que contam com espírito e inteligência próprios – ou ajayu, em aymara, no Altiplano boliviano. Todos esses seres são dotados de consciência, e cada espécie vê a si mesma, e às outras espécies, a partir de sua perspectiva. Com esta sabedoria somos levados a compreender que a relação entre todos os seres do planeta deve ser encarada como uma relação social, entre sujeitos, em que cultura e natureza se fundem em Cultura Viva (Acosta, 2016, p. 15).

O autor propõe que busquemos conhecer os modos de vida dos diferentes povos que coabitam o nosso país, a fim de superar as tradições eurocêntricas. A criação de um outro mundo precisa ser pensada e organizada coletivamente. O Bem Viver é uma proposta e uma experiência já vivida por alguns grupos marginalizados. Experiências que levam em consideração a heterogeneidade de experienciar a vida, mas que tem em comum, a compreensão de que precisamos defender uma política que considere a vida de todas as espécies do planeta.

A natureza vale por si mesma, independentemente da utilidade ou dos usos que se lhe atribua. Isso representa uma visão biocêntrica. Estes direitos não defendem uma Natureza intocada, que nos leve, por exemplo, a deixar de cultivar a terra, de pescar ou de criar animais. Estes direitos defendem a manutenção dos sistemas de vida –

do conjunto da vida. Sua atenção se volta aos ecossistemas, às coletividades, não aos indivíduos. Pode-se comer carnes, peixes e grãos, por exemplo, desde que se assegure que os ecossistemas sigam funcionando com suas espécies nativas (Acosta, 2016, p. 131).

Nessa perspectiva, caberia buscar por formas de vida dignas para todos, o que requer uma outra economia, cujos motores devem encontrar-se a partir “da solidariedade, da reciprocidade, da complementariedade e das harmonias, assim como, certamente, da racionalidade” (Acosta, 2016, p. 232). Para isso, seria necessário repensar o extrativismo e a mercantilização da natureza, onde “os objetivos econômicos devem estar subordinados às leis de funcionamento dos sistemas naturais, sem perder de vista o respeito e a dignidade humana e procurando assegurar qualidade de vida às pessoas” (Acosta, 2016, p. 236).

O Bem Viver não é uma proposta pronta, mas precisa ser construída nos coletivos²⁹. Segundo Malheiros (2023) a perspectiva biocêntrica andina se difere da perspectiva ocidental, pois inclui não só os animais e as plantas, mas também a água, a terra, o fogo e o ar. O Bem Viver teria emergido da luta dos povos indígenas, camponeses, mulheres, jovens e negros. A autora ainda destaca que ambas as constituições que incorporaram o Bem Viver se diferem entre si. Então, o Bem Viver seria um conceito que pode se diferir de país para país. Assim,

o Vivir Bien ao mesmo tempo em que é um horizonte, é também uma realidade comunitária e solidária. Ainda que dialogue com as perspectivas liberais na construção de direitos, mantém as construções comunitárias como grande objetivo, o que entendemos como uma resistência ao neoliberalismo (Malheiros, 2023, p. 239).

Viver bem! Bem viver! Quem sabe um outro mundo possa ser inventado. Um mundo em que possamos experimentar outras maneiras de viver, em que possamos consumir o necessário, em que possamos conter o desperdício, a violência, as injustiças sociais e que o Bem Viver seja uma busca para humanos e não humanos. Chegamos ao limite, nosso coração acelera. Arriscar o novo parece inevitável, se quisermos continuar a manter um ambiente propício para a vida, não podemos mais avançar. Os alertas são recebidos

²⁹ Em 2009, a nova constituição da Bolívia estabeleceu o estado plurinacional e o vivir bien, que propõe a construção de um Estado com bases e princípios nas cosmovisões de diferentes povos. Tais bases e princípios teria como consequência a redução da desigualdade social e a descolonização. O “Bem Viver” também está na Constituição do Equador. Isto é, “o Bem Viver ganha cada vez mais adeptos, tendo sido incorporado pelas constituições do Equador, em 2008, e da Bolívia, em 2009” (Acosta; Brand, 2018, p. 137). Cabe ressaltar que as referidas constituições foram elaboradas com representação de povos tradicionais e com isso, o Bem Viver seria “uma construção plural, diversa, que envolve distintos povos e comunidades indígenas” (Malheiros, 2023, p. 164).

diariamente. Fechamos os ouvidos, mas ouvimos com os poros e nos angustiamos. Estamos ansiosos e deprimidos. A vida ânsia por invenção!

O mundo vai acabar, ao menos como o conhecíamos: há fatos concretos muito claros, como o aquecimento global, a pandemia, a destruição acelerada da natureza. E, junto com esse ocaso, entra em crise também a mentalidade vigente: a razão cartesiana ocidental colonialista binária (poderia acrescentar mais alguns adjetivos...), e nada mais será como imaginávamos antes (Saavedra, 2021, p. 16).

Precisamos então, outramundar (neste mundo!). Isto é, a sensibilidade infantil possibilitada pelo devir-criança e que viabiliza o animismo infantil, elaborado no capítulo anterior, parece ser motor de criação de outros mundos, neste mundo. Percebo potência para outramundar no devir-criança. Para outramundar precisamos inventar mundos, neste mundo em que caiba todo mundo. Já estamos cansadas de mundos pequenos, só para alguns. Assim, para outramundar essa tese, foi preciso compor com vazios e silêncios, com matéria orgânica e com aquilo que estava à disposição e que se fazia necessário.

Novos mundos existem em gérmenes e é preciso dar espaço para que brotem. Retirar os excessos de certeza e confiar na vida. Confiar é tecer fios junto. Então, a construção de novos mundos é trabalho coletivo. Assim, precisamos retomar o sentido de comunidade. Além disso, rever alguns conceitos, como desenvolvimento e progresso e transformá-los em envolvimento e Bem Viver.

Outramundar (neste mundo):

Mochila nas costas e sandália nos pés. Agora é hora de outramundar. Sim, pretendo cruzar fronteiras. Quero ver o nascer do sol em outro lugar. Desejo sentir a vida pulsar em outra racionalidade. Com outras batidas e outras entonações. Preciso mudar o valor das coisas, já que é isso que dá o tom do que eu faço. Vivemos sob escalas de valores que modulam as nossas atitudes, por isso, é necessário perceber qual avaliação deu origem aos valores que utilizamos. Avaliação essa que foi feita por seres humanos que tinham uma determinada cartografia e estavam movidos por diferentes afectos. Então, cabe também perceber para quais modos de existência os valores foram criados.

Para mudar, não basta inverter o valor das coisas, mas transformar os olhares que temos para o mundo. Sabe, na verdade, esses óculos que eu uso há muito tempo, essas lentes já não funcionam tão bem. A verdade é que fiquei míope na pandemia. Então, já não enxergo bem de longe. Preciso olhar de perto, de tão perto que consiga também sentir o

cheiro, o calor, a respiração. Necessito de olhar miudezas, de ouvir silêncios e de notar vazios. São as incertezas que possibilitam as perguntas. É a poesia que enche os pulmões de vida e de silêncios e que suspiram para a escrita. Me inspiro na poesia dos povos tradicionais, que fala de um outramundar, retirada do livro “O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim”, de Carola Saavedra.

Te llaman em lenguas raulíes y alerzarias³⁰

Se está cayendo Treng-Treng
¿Por qué no escuchan a los niños?
Planten canelos para el tiempo de los brotes.
Abuela, abuelo,
se cae el *wuinkul* frente
a la casa de mi madre.
Ellos se van a buscar el poder a la montaña,
los pantanos permiten sólo a algunos.
Los pastos son demasiados finos para ti.
La mujer lleva la música
aquella cuyo espíritu
fue tomada por el pájaro.
Abuela, abuelo,
me voy a Quinquén a ver la nieve,
a empollar su sueño roto,
antes que enmudeza
me voy sola.
Apochi küyen mew
Amutuan
Kuze fücha
Ülcha weche
La nieve es verde.

³⁰ Nesse poema: Treng-Treng: a serpente da terra que lutou contra Kai-Kai, a serpente do mar, em defesa dos primeiros Mapuche, numa alusão a um dilúvio. O relato mítico da guerra entre Treng-Treng e Kai-Kai explica a origem do povo Mapuche. Wuinkul: montanha; Apochi küyen mew/ Amutun: com lua cheia/ eu vou; Kuze Fücha/Ülcha Weche: mulher anciã/homem jovem (Saavedra, 2021, p. 73).

Me encho dessa escrita, dos seus silêncios e dos seus vazios. Respiro as palavras e seus espaços. Sou uma guerreira indígena. Somos todos, ou ao menos a maioria. Somos os indígenas e as crianças que um dia fomos. Sinto nos pés a terra dos meus antepassados. Sinto na carne a dor das feridas da injustiça. Engulo o amargo da existência e percebo que só é capaz da alegria quem sabe sofrer com os ossos. Hoje é dia de luto e de luta. Luto por todos os que se foram: humanos e não humanos. Nunca tiramos um tempo para esse luto. As perdas machucam e fingimos que não existiram. Luto pelos humanos e não humanos que matamos, apenas por serem diferentes de nós. Eu sei, a diferença assusta. Mas quando matamos um outro, nós também morremos. Então é preciso esse momento de silêncio. De vestir a alma de preto, para absorver o infinito que existe em cada vida. O preto é a cor do universo. A noite é onde fagulham infinitos. **Chegamos à noite da nossa existência.**

Mas também é dia de luta contra uma existência que se atrofia, dia a dia. Precisamos da potência do micro, do pequeno que nos constitui, para habitar aquilo que nos habita. Devir-molécula, devir-fungo, devir-célula.

Para outramundar precisa dessa potência de des-visão. Embaralhar os sentidos, desterritorializar o costume. Sigo os conselhos de Frédéric Gros e me ponho a caminhar. Porque, como ele diz “não se escreve só com a mão. Só se escreve bem com o pé. O pé é uma excelente testemunha, talvez a mais fiável. É preciso saber se, ao ler, o pé aguça o ouvido”. (Gros, 2021, p. 29). Com os pés eu sinto a terra. Terra é transformação e mistura. Terra é feita de gente, de bicho, de planta, de pedra, de universo, de fungos, bactérias, células e metais. Terra é feita de morte, mas de uma morte que faz germinar. A terra é sempre estrangeira, sempre diferente de si e disposta a compor. Eu caminho com os pés descalços. Quero sentir esses outros na própria pele. Quero sentir também a finitude, para potencializar existências.

Vou cruzar limiares, variar perspectivas. É que me pesa identidades. Então, para adquirir leveza, vou abandonar as certezas, as verdades e quem eu sou. Vou ser infinitivo. Fato é, que as minhas fibras, músculos e ossos são outros. Não me sustento como antes. É que esse corpo é corpo estrangeiro. Percebo as intensidades que me movem. Já não me mexo como antes. Caminho sem rosto, fabulando existências. Então, ando experimentando devires.

Li por aí que precisamos perceber quais valores sustentam as nossas ações, algo bem Nietzscheano. A avaliação que deu origem a esses valores e quem e com que propósito os criou, para com isso, avaliar o valor dos valores. E criar outros valores, a partir de uma outra lógica. Então, que tal um modo de vida que considera o devir-criança? Seria possível um mundo em que as relações com os não humanos se dessem de forma diferenciada? Que mundo seria esse, em que se pode falar com formigas, ventos, baleias, árvores?

Ao observar as crianças, percebo que são hábeis em jogar com o acaso. São seres que ainda não tiveram tempo para serem “normais”. As crianças brincam com tudo aquilo que nos parece sério e imodificável. E brincam com seriedade! Os infantes recolhem elementos em um devir imperceptível, do mundo adulto e constroem realidades com esses fragmentos. Então, são médicas e logo são bandidas, policiais, animais, pássaros e super-heróis, captando os fragmentos que o mundo adulto espalha e que no mundo infantil se tornam devires.

Em devir-criança, brinco com essa escrita. Faço uma permaescrita, conceito cunhado por Saavedra (2021). **Uma permaescrita é uma escrita onde se planta de tudo. Trazemos para as linhas aquilo que nos movimenta e que nos dá vitalidade, para multiplicar as experimentações e multiplicar os devires.** Nesse sentido, experimentamos nessa tese uma permaescrita, em que “cada livro não é um objeto em si, mas ele também está inserido num sistema, que inclui muito mais do que um único livro, muito mais do que um único autor” (Saavedra, 2021, p. 90).

O mundo infantil está em movimento, tem intensidade e busca o prolongamento. É o mundo da repetição e da diferença. Pedem aos adultos a leitura da mesma história uma, duas, três vezes ou mais. Assistem ao mesmo filme inúmeras vezes. Por que os infantis repetem tanto? Seria essa repetição a potência do devir-criança? Será que repetem para variar?

Enquanto caminho por uma cidade qualquer. Tantas vitrines e tantas formas de vida pasteurizadas, que apelam para que eu desista de experimentar, desista de errar, desista de ser carne, para ser borracha impermeável ou vida sintética. Vivemos um momento de transição e isso dá medo. Nunca fomos tão fragmentados e não há mais a perspectiva de uma salvação comum. Resta a cada um salvar a si mesmo. Não cremos mais em salvação alguma, nem pela religião, nem pela ciência.

Percebemos nesse momento que “a banalidade cotidiana é a maior história de bandidos que existe. A cada segundo esbarramos, sem neles reparar, em milhares de

cadáveres e crimes. É a rotina de nossa existência” (Comitê Invisível, 2017, p. 154). Então, para sobreviver, deixamos de sentir. Nos anestesiemos para não perceber a violência a qual somos submetidos e a qual submetemos os outros. Deixamos de perceber para nos normalizar ao sistema. Os alertas estão por toda parte: Siga a cartilha e tudo dará certo! No entanto, tal lógica parece tão cansativa e tão sem sentido. Esvazio.... Sorte a minha! É o vazio que possibilita o movimento.

No movimento de esvaziar, esvazio de um “eu” e me torno multidão, para devir junto, para devir-imperceptível. Vazia de verdades e de preconceitos, para ser pele sensível. Agencio com outros seres, para viver. Sou fragmento e sou frágil, mas faço da vida vento para impulsionar existires. O meu corpo é a vela. Vela estendida em mar aberto. Meus dias são devires. Porque,

Nós não somos belas completudes egóicas, Eus bem unificados, somos compostos de fragmentos, estamos repletos de vidas menores. A palavra vida, em hebreu, é um plural, assim como a palavra rosto. Porque em uma vida há muitas vidas e em um rosto, muitos rostos. Os vínculos entre os seres não se estabelecem de entidade a entidade. Todo vínculo se dá de fragmento de ser a fragmento de ser, de fragmento de ser a fragmento de mundo. Ele se estabelece aquém e além da escala individual. Agência imediatamente entre elas porções de seres que, de uma vez só, descobrem-se no mesmo nível, experimentam-se como contínuos. Essa continuidade entre fragmentos é o que se sente como comunidade. Um agenciamento. É isso o que experimentamos em todo encontro verdadeiro. Todo encontro recorta em nós um domínio próprio em que se misturam indistintamente elementos do mundo, do outro e de si (Comitê Invisível, 2017, p. 168-169).

Noto que para outramundar é necessária uma certa abertura. Um rasgo na alma ou na sensibilidade, que possibilite a entrada do caos, que contamina o estável. Ser precário é estar vulnerável e não saber tudo. Mas estar propicio a experimentar novas formas de existência em que o privilégio esteja com a vida. Estar vulnerável é estar sensível ao mundo. Ter pele para os afectos.

A precariedade é a condição de estarmos vulneráveis aos outros. Os encontros imprevisíveis nos transformam; não estamos no controle, nem de nós mesmos. Incapazes de contar com uma estrutura estável de comunidade, somos jogados em agenciamentos instáveis, que nos refazem e também transformam nossos outros. Não podemos confiar no status quo; tudo está em fluxo, incluindo nossa capacidade de sobreviver. Pensar a partir da precariedade muda a análise social. Um mundo precário é um mundo sem teleologia. A indeterminação – a natureza não planejada do tempo – é assustadora, mas pensar a partir da precariedade evidencia que a indeterminação também torna a vida possível (Tsing, 2022, p. 64).



Figura 7 - Ninho de beija-flor – Fonte: Autora

Ninho de beija-flor construído em um arame esquecido. A resistência do ninho está no precário, isto é, na sua capacidade de se movimentar com os ventos. O ninho é um abrigo na ponta de um arame, com pequenas e trançadas folhas secas. Esse pequeno ninho tem resistido às tempestades e ao inverno e abriga a segunda geração de filhotes. Um ninho feito de restos e de rastros e que já foi morada para duas famílias de beija-flores. Para outramundar quem sabe precisemos de um devir-pássaro. Um devir pequeno e que reconhece possibilidades de composição com elementos que estão à volta. O ninho com a sua leveza, possibilita que possa ir re-existindo às estações.

Quem sabe possamos aprender com os pássaros, que com asas pequenas, se enchem de céu. Para dar um tom e ritmo a esse aprendizado, trouxemos uma canção que o sabiá-da-mata ensinou aos humanos, para celebrar a vida.

Keakeamuu keakeamuu a- eëë!

Keakeamuu keakeamuu a- eëë!

Wixa xina a ka keakeamuu a- eëë!

[Ele sobe e desce, sobe e desce! O rabo do curiú-preto sobe e desce]

Reiki reiki kë-eëë!

Reiki reiki kë-eëë!

Mõra mak-i uxuhu a ka reiki reiki kë-ëëë!”

[Penduradas, penduradas! As frutas maduras da árvore Dacryodes peruviana estão penduradas, penduradas!]

(Albert; Kopenawa, 2023, p. 128).

Segundo Albert e Kopenawa (2023) o canto acima é um dos utilizados nas festas reahu, que celebram a vida e a morte. Conta o mito que esse canto foi ensinado aos humanos por um ancestral mítico do sabiá-da-mata, que não gostou do coxo das mulheres-sapos, quando apareceu de surpresa em uma dessas festas. Esses cantos seriam utilizados para celebrar a abundância de alimentos das colheitas e da caça e “os convidados que gostam deles os guardam no peito para poderem cantá-los depois, quando derem festas em suas casas. É assim que esses cantos se espalham de casa em casa” (Albert; Kopenawa, 2023, p. 129).

PLATÔ VII

FECHA-MUNDO

Foi um susto! Andava desavisada quando me deparei com aquela **cria**tura. Tinha pouco mais de um metro e corpo *esgui*. Os olhos eram **enormes** e pareciam aquecer. Algo crescia naquelas esferas. Era possível sentir que p u l s a v a.

Notei que nas costas havia AsAs. Seria aquele vivente capaz de voar? Nos pés, cresciam pequenas *barbatanas* e o nariz apontava com tal sagacidade. Podia ser do mAr. Talvez habitasse oceanos e viajasse por inúmeros mAres, entre plantas e animais marinhos.

A pele era tão macia que nem era pele. Era a delicadeza e a sensação que tinham tomado forma. Tal aparência era tão agradável quanto perigosa. Tinha aroma de camomila. Podia ser planta, bor**bole**ta ou beija-flor.

Era de tantas cores, que podia-se notar que ficava branco quando desaparecia. Podia ser água de rio, de chuva ou de sol.

Senti a visão *embaralhar*! E foi querendo recompor o juízo que calcei os pés e coloquei os óculos. Mas há seres que não pedem razão. São seres que exigem sensAção. Foi quando me armei de ciência, que a *próesia* morreu. Explico melhor:

Andava eu, a observar tal forma. Ouvia o seu som e aspirava as suas cores. Não contente com o assombro, eu quis a **eX**pliação. De tanto raciocinar, matei a magia. Ansiava compreender e consumi o instante. O ser em combustão, virou pó. Eu fiquei com a poeira nas mãos. A entidade se esgotou.

Foi outro dia que me apareceu igualmente a vivAlma. Foi novamente de assombro que me tomei. Não havia aprendido a lição. E dessa vez, tentei a b r i r suas **palavras**. Dissecar suas frases. Escalpelar o significado. **CONGELAR** o significante. Categorizar o vocabulário. Rotular as letras. Foi assim, *enfriando* verbos no encantado que fiquei com as questões na mão. Desapareceu bem desaparecido e nunca mais ressurgiu.

E foi querendo traduzir o sonho, na ânsia de perguntar, para tentar estancar a linha de fuga que se a b r i a naquele *encontro*, que tudo se inter~~OMPEU~~. Foi pela vontade de **VER**dade que perdi o acesso àquele gérmen de **infância** que pulsava também em mim. Raiz-rizoma que abre a carne da gente e faz um outro uniVerso se expor. Um mundo onde os objetos falam e os animais são amigos. Onde é possível voAr e os seres têm superpoderes.

Para experimentAr pode ser preciso calAr. **BORRAR** os contornos e se atirAr no caos, acompanhado de um ser infantil. Mas adulto que sou, **empanturrado** de **VER**dades, de regras e de normas, não pude

atravessAr a passagem para o mundo infantil. Talvez necessitasse de um devir-menor, um devir-inseto ou um devir-criança.

De tanto querer a razão, o delírio se esvaiu e o encontro acabou. Fiquei aqui com o meu corpo magro de emoções. Quem engorda a alegria é o mistério, o silêncio e a noite.

Territorialização, desterritorialização e reterritorialização

O Conto fala do encontro do território infantil com o território adulto e da inabilidade de compreensão que o adulto teria do território infantil. Isto é, muitas vezes a pesquisadora não compreendia o que as crianças queriam dizer com aquilo que falavam e quando tentava perguntar mais, para tentar construir imagens daquilo que diziam, as crianças trocavam de assunto e diziam ser só de brincadeira e se afastavam da pesquisadora. Denominei esse conto de fecha-mundo, pois nesse momento, o acesso a esse mundo infantil era fechado.

Talvez isso se dê porque o adulto já faz parte das engrenagens da Máquina Classificatória de Humanidades e a escola seria um ambiente que transforma crianças em adultos e que, de certa maneira, inibe o devir-criança, ou seja, “todos os dias as Educações coágulo fazem vocês mais pertencentes à Máquina Classificatória de Humanidades” (Feather, 2023, p. 141). Então, aos professores é demandado que ensinem às crianças, para que possam fazer parte das engrenagens da Máquina Classificatória de Humanidades. Como os infantis têm uma outra sensibilidade, acabam sendo uma ameaça à Máquina Classificatória de Humanidades e são constrangidos a não manifestar o devir-criança.

Entendo que as crianças compreendem que habitam um “outro” mundo e que seria comum os adultos corrigi-las, para que seu pensamento se torne conforme a racionalidade adulta. Para Lapoujade (2017), o território é aquilo que já tem matéria de expressão, isto é “formar um território é exprimir qualidades, produzir marcas expressivas – cantos, odores, sons, cores, secreções – segundo ritmos específicos” (Lapoujade, 2017, p. 72). Já para Guattari e Rolnik (2013), o território tanto pode ser um espaço físico quanto um espaço

emocional de delimitação e de articulação a fluxos cósmicos. Pode ser um espaço vivido, mas também pode ser uma constituição de si já estratificada, ou seja:

Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (Guattari, Rolnik, 2013, p. 388).

Segundo Rolnik (2014), o desejo constituiria três linhas abstratas: a primeira linha seria a dos afetos. Uma linha que emerge dos afetos produzidos do encontro entre os corpos e de seus movimentos de atração e repulsa. Quando os afetos escapam de um território, haveria a configuração de linhas de fuga. A segunda linha seria a de simulação, que teria um duplo movimento: iria da produção de afetos para a composição de territórios, produzindo territorializações e iria dos territórios para os afetos que escapam, produzindo desterritorializações. A terceira seria a da organização dos territórios, uma linha finita, pois está suscetível aos movimentos de desterritorialização, pelos afetos que escapam. Seria uma linha estratificada, que “cria roteiros de circulação no mundo: diretrizes de operacionalização para a consciência pilotar os afetos” (Rolnik, 2014, p. 51).

Nesse sentido, o encontro do adulto com o devir-criança possibilita uma desterritorialização. No entanto, para que algo seja desterritorializado, precisa antes estar territorializado e após o movimento dos devires, se reterritorializar, isto é, que um novo território será criado. Segundo Deleuze e Guattari (2012), a desterritorialização seria sempre coletiva, isto é, pressupõe dois ou mais, pois pressupõe diferenças em devir, para a constituição de uma zona de vizinhança. Essa desterritorialização proporciona uma força desterritorializante, modificando os valores, dependendo do momento em que o menos territorializado precipita a desterritorialização do mais desterritorializado que reage sobre ele.

Assim, cada agenciamento tem uma força ou uma velocidade de desterritorialização. O desterritorializante acaba desempenhando um papel de expressão e o desterritorializado um papel de conteúdo. A desterritorialização seria assim, o movimento da vida, pois pressupõe mudança e criação, isto é, nossas verdades podem, em algum momento, se desmancharem e ficaríamos, por algum momento, sem solo, até que consigamos construir um novo território ou matéria de expressão para os nossos afectos e para as nossas experiências.

Nossas verdades ou pressupostos estão em movimento e não haveria um território que existiria por tempo infinito, pois pode existir só por um determinado tempo. Os

movimentos de desterritorialização produziram “devires inéditos, múltiplos e imprevisíveis; ele é a própria busca de matéria de expressão, substância a ser fabricada, maneiras de inventar o mundo” (Rolnik, 2014, p. 34). As crianças seriam seres em busca de territórios, e que constroem, elas mesmas, solos para os seus afectos. Estão na vida e pensam sobre as coisas que lhes acontecem e muitas vezes, são desterritorializadas, o que as impulsiona a fabular um novo território.

No encontro com as crianças, a pesquisadora sofre uma desterritorialização e fica tentando perceber a lógica do pensamento infantil, que lhe parece, em um primeiro momento, uma desrazão. Torna-se necessária uma reterritorialização, isto é, a construção de um novo território para aquilo que aconteceu. Então, nessa tese, a **CONTÓ** cartografia possibilitou matéria de expressão para esses afectos e perceptos desterritorializados. Isto é, a construção de contos viabilizou perceber aquilo que escapava à razão, por serem ainda, sensações sem nome, que puderam ganhar corpo nos contos e assim, viabilizar o pensamento.

Nesse sentido, torna-se possível perceber que o que causava a desterritorialização da pesquisadora era o fato de essa ter um pensamento estruturado no antropocentrismo, enquanto as crianças tinham um pensamento animista. De certa maneira, pesquisadora e crianças habitavam mundos diferentes. E assim, a construção desse novo território ou essa reterritorialização tornou viável a invenção dessa tese.

Com isso, para uma outra educação, que abra mundos, embalo essa tese nos acordes da música Epitáfio dos Titãs, para que possamos aprender a ver a vida como ela é, com suas dores e alegrias. Para que possamos errar mais, amar mais e para assistir a novos amanheceres e que os pôr de sóis voltem a nos fascinar. E quem sabe assim, morreremos de amor...Que a educação possa ter mais pele e poesia. Que tenha outros traços, outros cantos e encantos.

Devia ter amado mais
Ter chorado mais
Ter visto o Sol nascer
Devia ter arriscado mais
E até errado mais
Ter feito o que eu queria fazer

Queria ter aceitado
As pessoas como elas são
Cada um sabe a alegria
E a dor que traz no coração

O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar

Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o Sol se pôr
Devia ter me importado menos
Com problemas pequenos
Ter morrido de amor

Queria ter aceitado
A vida como ela é
A cada um cabe alegrias
E a tristeza que vier

O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar

O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar

Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o Sol se pôr

FECHANDO A TEIA

Ao ir finalizando essa escrita, percebemos que a escolha de iniciar a tese com instruções para perder o juízo, se deu porque desejávamos que essa escrita não se pautasse pela maneira como grande parte dos trabalhos acadêmicos têm se apresentado. Queríamos ampliar os horizontes, multiplicar os sentidos e viabilizar outros afectos e perceptos e para isso, era necessário outramundar as possibilidades de uma tese. Também trouxemos um manifesto em favor da infância, pois as crianças têm ocupado um lugar de inferioridade na sociedade e por isso, o que as crianças dizem parece não ter valor. No entanto, nossa proposta foi a de ouvir as crianças com seriedade, para perceber as potências do devir-criança. Então, nesse trabalho, além de as crianças não serem percebidas como inferiores, entendemos que para a construção de outros mundos neste mundo, seria necessário devir-criança. Assim, precisamos aprender a outramundar com as crianças para criar a tese.

Percebemos ao longo desse trabalho que **o devir-criança viabiliza o animismo infantil que disponibiliza outras sensibilidades na relação com os não humanos**. Essa sensibilidade coloca em circulação diferentes afectos e perceptos e possibilita a constituição de novas singularidades, que se fazem necessárias para outramundar. Isto é, precisamos construir novos sentidos, desejos e matérias de expressão para os mundos que estão sendo inventados. Não é possível criar novos mundos, neste mundo, sem também modificar as interações que nele se dão. A vida tem sido menosprezada e entendemos que nos mundos a serem inventados, isso não pode continuar a acontecer. A vida de humanos e de não humanos precisa ser um valor supremo. Assim, “a meu ver, a saída está em sermos capazes de pensar a partir de outros referentes, de outra ideia e visão de ser e estar no mundo” (Xucuru-Kariri; Costa, 2020, p. 108).

Para outramundar também seria preciso perceber possíveis que ainda não são conscientes, mas que já são reais. Isto é, a nossa sociedade disponibiliza um leque de possíveis, que já estão atualizados e que são facilmente percebidos. Os possíveis do atual precisam apenas serem escolhidos: ir para a faculdade? casar-se? ter filhos? E não é que as escolhas se façam da mesma maneira para todas as pessoas. Sabemos que vivemos um momento de vulnerabilidade social e nem todos têm as mesmas escolhas.

No entanto, diferente do possível mencionado acima, os possíveis das virtualidades precisam ser criados, por isso, seria preciso perceber os possíveis que ainda estão germinando e que não estão tão visíveis. Ou seja, os possíveis que ainda precisam ser

inventados e que ainda não adquiriram consistência. As formas de vida estão se modificando, pois chegamos ao limite, isto é, chegamos na fronteira, em que de um lado, há um mundo não mais tolerável e de outro, um mundo que ainda está nascendo. Estar no limite é sentido como esgotamento, pois o mundo que conhecemos está se desmanchando e já não percebemos sentido no que temos feito, mas outros mundos ainda não foram inventados. Então, o solo que temos sob os nossos pés parece se diluir, sem que tenhamos outro para nos apoiar.

Com isso, para poder notar esses mundos que estão brotando, foi preciso perceber como estava constituído o corpo do pesquisador: as linhas mais duras e as linhas mais maleáveis. No entanto, para caber uma pesquisa que modifica a maneira de olhar o mundo e as coisas, o corpo precisou quebrar. Isto é, o corpo estava endurecido pelas normas e pelas verdades que diziam como os corpos deveriam se constituir ou como seria uma vida de sucesso. Contudo, a intenção ia em caminho contrário, queríamos questionar normas e prescrições, então, foi preciso inventar um corpo sem órgãos, a fim de que pudesse vibrar com a vida. Um corpo harpa, que é afectado pelo acontecimento. Um corpo a ser inventado, no dia a dia, pelas experimentações.

Foi preciso involuir, tentar aplinar hábitos e certeza, para perceber os afectos e os perceptos que eram produzidos no encontro do pesquisador com as crianças e com a pesquisa. Voltar a ser in-fante, pois a experiência pura não se dá com as palavras. Depois de experimentar com o corpo é que precisamos criar artefatos para aquilo que nos aconteceu. Isto é, inventar matéria de expressão. Então, para involuir, pois preciso devir-criança e habitar um des-saber.

Tal exercício se deu por experimentação e foi preciso ir transformando o corpo do pesquisador ao produzir a pesquisa. Prática bastante dolorida, mas também potente. Algo como ir tateando e percebendo as sensações. Exercício que exigiu atenção e tempo. Um tempo que não foi cronológico, mas experimentado em Aion. Isto é, ir observando os dias e o corpo, para escolher os momentos mais potentes para estudar, para escrever e para ir a campo e que possibilitou a criação do aionograma.

Nesse sentido, para a realização da tese, o pesquisador precisou rachar o EU e experimentar ser uma hecceidade. Isto é, ir seguindo os fluxos, sem muita certeza e ir arriscando. A descentralização do EU possibilitou diferentes devires: devir-criança, devir-formiga, devir-imperceptível, devir-aranha, devir-animal. Inventar é arriscado, porque é trilhar com pés descalços a linha do abismo. Para criar a tese foi preciso certa intimidade com a morte, para perceber o miúdo que brota nos cantinhos da existência e que o

sofrimento pode viabilizar invenções. As criações se deram em carne viva, porque de certa forma, foi romper com o corriqueiro. No entanto, desejávamos uma tese-vida por inteiro, com aquilo que ela tem de alegre, mas também as suas dores.

Para outramundar a tese, foi preciso exercícios de desterritorialização e reterritorialização. Isso dá medo, pois é abandonar o conhecido e se arriscar no caos. Para apresentar algo diferente, foi preciso localizar bandos, isto é, pesquisadores que tivessem certa aderência à proposta. Então, convidamos para a banca, acadêmicos que pareciam ter um devir-criança e que estariam permeáveis às fabulações.

Percebemos, nessa tese, que o devir-criança, que viabiliza o animismo infantil e que possibilita outramundar, é um germen de mundo que vem ganhando consistência, principalmente por estar reverberada no animismo dos povos indígenas, que vem tendo as suas falas cada vez mais consideradas.

A intenção dessa tese foi a de rachar as calçadas acimentadas das verdades, do cotidiano e do hábito, para nas frestas, germinar um outro habitar. Para um estar no mundo entre a poeira e a poesia. Os mundos que brotam são misturas: cimento, semente, chuva, formiga e terra. Rachaduras são doloridas e perigosas. Mas são nas frestas que o novo pode emergir. A sensibilidade possibilitada pelo devir-criança e que viabiliza o animismo-infantil seria esse ar fresco que balança as formas de vida já bastante sufocadas. Não sabemos quais mundos ganharão corpo, mas é possível sentir que o devir-criança faz pulsar novas existências. E, nesse sentido, nos arriscamos a parafrasear Foucault (2016, p. 536), com inserções entre colchetes e em negrito, quando diz que “se as disposições **[sobre o humano]** viessem a desaparecer tal como apareceram, se, por algum acontecimento de que podemos quando muito pressentir a possibilidade, mas de que no momento não conhecemos ainda nem a forma nem a promessa **[quem sabe outramundar pelo devir-criança?]**, se desvanecessem, como aconteceu, na curva do século XVIII, com o solo do pensamento clássico – então se pode apostar que o homem **[humano]** se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia”.

As cem linguagens da criança

A criança é feita de cem.

A criança tem cem mãos cem pensamentos

cem modos de pensar de jogar e de falar.

Cem sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar.

Cem alegrias para cantar e compreender.

Cem mundos para descobrir.

Cem mundos para inventar.

Cem mundos para sonhar.

A criança tem cem linguagens (e depois cem cem cem) mas roubaram-lhe noventa e nove.

A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo.

Dizem-lhe: de pensar sem as mãos

de fazer sem a cabeça

de escutar e de não falar

de compreender sem alegrias

de amar e de maravilhar-se só na Páscoa e no Natal.

Dizem-lhe: de descobrir um mundo que já existe

e de cem roubaram-lhe noventa e nove.

Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho

a realidade e a fantasia

a ciência e a imaginação

o céu e a terra

a razão e o sonho

são coisas que não estão juntas.

Dizem-lhe enfim: que as cem não existem.

A criança diz: ao contrário, as cem existem.

(Malaguzzi, 1999, p. 4)

Referências:

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ACOSTA, Alberto; BRAND, Ulrich. **Pós-extrativismo e decrescimento**: saídas do labirinto capitalista. São Paulo: Elefante, 2018.

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. **O espírito da floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

AMARAL, Fernando Gonçalves. **Vibrações**. Disponível em: <http://www.producao.ufrgs.br/arquivos/disciplinas/481_vibracoes.pdf> Acesso em 05. Ago. 2022.

ASSIS, Machado de. **Obra completa**: v. 1, 2 e 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

AURICH, Grace da Ré. **Reescrita de si**: a invenção de uma docência em matemática. Porto Alegre: UFRGS, 2017. 152f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

AUSTER, Paul. **Timbuktu**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BARROS, Manoel de. **O Livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

BARROS, Manoel de. **Menino do Mato**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BENSUSAN, H. **Linhas de animismo futuro**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2017.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra quer, a terra dá**. São Paulo: Ubu, 2023.

BRIDLE, James. **Maneiras de ser**: animais, plantas, máquinas: a busca por uma inteligência planetária. São Paulo: Todavia, 2023.

CARRARA, Mariana Salomão. **Se Deus me chamar não vou**. São Paulo: Editora Nós, 2019.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Metafísicas canibais**: elementos de uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Ubu Editora, n-1 edições, 2018.

COMITÉ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos**: crise e insurreição. São Paulo: N-1 edições, 2016.

COMITÉ INVISÍVEL. **Motim e destituição agora**. São Paulo: N-1 edições, 2017.

DALMASO, Alice Copetti; RIGUE, Fernanda Monteiro. A criança e um mundo todo vivo: composições de escritas para pensar a educação. Aceno: **Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, 8 (16): 261-276, janeiro a abril de 2021.

DAVID-MÉNARD, Monique. **A vontade das Coisas**: O animismo e os objetos. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

DELEUZE; Gilles. **Diferença e Repetição**. São Paulo: Paz e Terra, 2018a.

DELEUZE, Gilles. Edição preparada por David Lapoujade. Trad. Guilherme Ivo. **Dois regimes de loucos**: textos e entrevistas (1975-1995). São Paulo: Editora 34, 2016.

DELEUZE; Gilles. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

DELEUZE, Gilles. **Sobre o teatro**: Um manifesto de menos, o esgotado. Rio de Janeiro: Zahar, S/A. Disponível em: <<http://clinicand.com/wp-content/uploads/2021/01/Gilles-Deleuze-Sobre-o-teatro.pdf>> Acesso em 05.ago.2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia 2, Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia 2, Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia 2, Vol 3. São Paulo: Editora 34, 2012a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE; Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4931448/mod_label/intro/DELEUZE_PARNET_Dialogos.pdf> Acesso em 20. Jun. 2023.

DERRIDA, Jaques. **O animal que logo sou**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DESPRET, Vinciane. **Autobiografia de um polvo e outras narrativas de antecipação**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2022.

DILACERDA, Lucas. Vidência e Esgotamento em Deleuze. In: JARDIM, Alex Fabiano Correia. **Deleuze e Guattari – Pensar em veredas que se bifurcam**: política, educação e clínica. Curitiba: CRV, 2022. p. 259-273.

DILACERDA, Lucas. A visão do invisível em Deleuze. In: SILVA, Francisca Galiléia P da; ARAÚJO, Hugo Filgueiras de; SILVA, Francisco Amsterdam Duarte da; BANDEIRA, Francisco Dário de Andrade (org.). **Pilares da Filosofia**: estudos acerca da ética, política, linguagem, conhecimento e ensino de filosofia. 1. Ed. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020, p. 88-98.

FAUSTO, Juliana. **A cosmopolítica dos animais**. São Paulo: N-1 edições, 2020.

FEATHER, B; OLIVEIRA, R. D. V. L. **A Máquina Classificatória de Humanidades: escritos excrementais**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: o minidicionário de língua portuguesa**. Curitiba: Ed. Positivo, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FRANCO, Deborah S. **Se quiser saber mais sobre ressonância**. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/fisicaecidadania/conteudo/se-quiser-saber-mais-sobre-ressonancia/>>. Acesso em 05.ago.2022.

FREITAS, Vladimir Passos de. **Segunda leitura**: Natureza pode se tornar sujeito com direitos?.

Disponível em < https://www.conjur.com.br/2008-nov-09/natureza_tornar_sujeito_direitos >. Acesso em 08.set.2022

GONÇALVES, Katia Liege Nunes. **Nomadismo da Educação Matemática Ribeirinha**: potências da multiplicidade. 2018. 141 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática) – Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática, Instituto de Educação Matemática Científica, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

GROS, Frédéric. Caminhar: **Uma filosofia**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografia do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Andanças e desassossegos em cartas que não existem respostas. **Revista Questio**, Sorocaba, Vol. 19, nº 3, dezembro, 2017, p. 579-590.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Estranhamentos. **Revista Observatório**, Palmas, Vol. 4, nº 1, janeiro-março, 2018, p. 131-144.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **Do Tamanho do Mundo**. Florianópolis: Editora Nave, 2021.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**: Uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARAWAY, Donna. **Manifesto das Espécies Companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7296920/mod_resource/content/1/Donna_Haraway_o_Manifesto_das_Espe%CC%81cies_Companheiras.pdf> Acesso em 15.mar. 2022.

HENZ, Alexandre de Oliveira. **Estéticas do Esgotamento**: Extratos para uma política em Beckett e Deleuze. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2012.

HEWITT, Paul. **Física Conceitual**. Porto Alegre: Bookman, 2015.

HILST, Hilda. **Da poesia**. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

KAFKA, Franz. Um relato para uma academia. In: **Essencial Franz Kafka**. São Paulo: Penguin/Companhia, 2016.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo Passos; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LAPOUJADE, David. O corpo que não aguenta mais. Tradução de Tiago Seixas Themudo. In LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio. **Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo**. Rio de Janeiro: Relume Damará; Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002, p. 81-90.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LEITE, César Donizetti Pereira. **Infância, experiência e tempo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem**. Disponível em: < <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2019/08/lispector-perto-do-coracao-selvagem.pdf>> Acesso em 25.ago.2023.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo GH**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

MACIEL, Maria Esther. **Animalidades: zooliteratura e os limites do humano**. São Paulo: Editora Instante, 2023.

MALAGUZZI, Loris. Ao contrário, as cem existem. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MALHEIROS, Mariana Rocha. **Descolonização e Despatriarcalização à plurinacionalidade e ao Bem-Viver na Bolívia**: mulheres na construção de uma Política Feminista Contra-Hegemônica. São Paulo: Editora Dialética, 2023.

MANCUSO, Stefano. **Revolução das plantas**: um novo modelo para o futuro. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

MARTIN, Nastassja. **Escute as feras**. São Paulo: Editora 34, 2021.

MASSUNI, Brian. **O que os animais nos ensinam sobre política**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

MORTON, Timothy. **O pensamento ecológico**. São Paulo: Quina Editora, 2023.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da Linguagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

NARBY, Jeremy. **A Serpente Cósmica**: DNA e a Origem do Saber. Rio de Janeiro: Dantes, 2018.

NASCIMENTO, Evando. **O pensamento vegetal**: a literatura e as plantas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

PELBART, Peter Pál. **Ensaio do Assombro**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

PELBART, Peter Pál. **O avesso no niilismo**: cartografias do esgotamento. São Paulo: n-1 edições, 2013.

PERU. **Constituição Política do Peru** (Promulgada em abril de 1993). Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/98105/constituicao-do-peru-de-1993-revisada-em-2021>>. Acesso em 08. Set. 2021

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 1978.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2014.

ROLNIK, Suely. O Caso da vítima: para além da cafetinagem da criação e de sua separação da resistência. **ARS**, São Paulo, Vol. 1, nº 2, 2003, p. 79-87.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SAAVEDRA, Carola. **O mundo desdobrável**: ensaios para depois do fim. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

SILVA, Samuel da. **Vibrações Mecânicas**. Foz do Iguaçu: Universidade Estadual do Oeste do Paraná UNIOESTE/Campus de Foz do Iguaçu Centro de Engenharias e Ciências Exatas – CECE, 2009. Disponível em: <
<http://www.joinville.ifsc.edu.br/~pauloboni/MECANISMOS/DIN%C3%82MICA%20DE%20M%C3%81QUINAS/Apostila%20-%20Samuel%20da%20Silva%20-%20MUITO%20BOA%20-%20Did%C3%A1tica.pdf>> Acesso em 02 jul. 2022.

SOEIRO, Newton Sure. **Curso de Fundamentos de Vibrações e Balanceamento de Rotores**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2008. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/95595080/fundamentos-de-vibracao> Acesso em 02 jul. 2022.

STENGERS, I. **Reativar o animismo**. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2017.

TAWADA, Yoko. **Memórias de um urso polar**. São Paulo: Todavia, 2019.

TSING, Anna Lowenhaupt. **O Cogumelo no fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

WILLERSLEV, Rane. A Antropologia está levando o animismo a sério demais? **Revista de Antropologia da UFSCar**, 7 (1), jan./jun. 2015, p. 17-33.

WOOLF, Virgínia. **Flush**: uma biografia. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

VILLALOBOS, Juan Pablo. **Uma viagem cósmica a Porto Ficção**. São Paulo: FTD, 2021.

XUCURU-KARIRI, Rafael; COSTA, Suzane Lima. **Cartas para o Bem Viver**. Salvador: Boto-Cor-de-Rosa livros, arte e café, 2020.

ZOURABICHVILI, François. Tradução e prefácio de Luiz B. I. Orlandi. **Deleuze**: uma filosofia do acontecimento. São Paulo: Editora 34, 2016.

ZOURABICHVILI, François. Deleuze e o possível (sobre o involuntarismo na política). In: ALLIEZ, Éric (org.). **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000.

ZORDAN, Paola. **Gaia Educação**: Arte e filosofia da diferença. Curitiba: Appris, 2019.

Anexos

Artigo 1: Devir-criança: outras possibilidades para o ensino de ciências, publicado nos anais do XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências.³¹

Devir-criança: outras possibilidades para o ensino de ciências

Becoming – child: other possibilities for science teaching

Veronica de Lima Mittmann

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
veronica.mittmann@ufrgs.br

Claudia Glavam Duarte

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
claudiaglavam@hotmail.com

Resumo:

As crianças têm sido compreendidas como seres que necessitam da tutela do adulto para serem educadas, cuidadas, alimentadas e tornarem-se adultos prósperos. Nesse viés, as crianças seriam seres em porvir. Intencionamos, de maneira contrária, compreender a infância como um devir, o devir-criança seria um dos devires menores, que rasurariam a norma e possibilitariam experiências outras. A intenção desse estudo foi a de identificar potências nas narrativas infantis para pensar a docência no ensino de ciências. Dessa maneira, esse estudo identificou que o animismo infantil seria potente para a invenção de outras linguagens e discursos para as ciências. O referencial teórico são os estudos de Deleuze, Guattari, Rolnik, Foucault e de autores que afirmam a potência da escola e da infância, tais como: Kohan, Schérer, Corazza, entre outros. O percurso metodológico foi a (conto)cartografia e o instrumento para produção dos dados a observação e entrevistas semiestruturadas com uma turma de pré-escola.

Palavras chave: Devir, criança, animismo, docência, ciências.

Abstract:

Children have been understood as beings who need adult guardianship to be educated, cared for, nurtured and become prosperous adults. In this bias, children would be beings to come. We intend, in the opposite way, to understand childhood as a becoming, the becoming-child would be one of the minor becomings, which would erase the norm and allow other experiences. The intention of this study was to identify powers in children's narratives to think about teaching in science teaching. Thus, this study identified that children's animism would be potent for the invention of other languages and discourses for sciences. The theoretical framework is the studies of Deleuze, Guattari, Rolnik, Foucault and authors who affirm the power of school and childhood, such as Kohan, Schérer, Corazza, among others. The methodological approach was the (story)cartography and the instrument for data production was the observation and semi-structured interviews with a preschool class.

Key words: Becoming, child, animism, teaching, science.

³¹ Artigo disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/92649>

Introdução

Este trabalho é um dos resultados de uma pesquisa de doutorado, em andamento, que tem por objetivo geral perceber como o devir-criança possibilita um outramundar que pressupõe diferentes formas de relação com a natureza. De forma específica, pretende perceber como essas outras relações que o devir-criança estabelece com o mundo e com as coisas, poderia rasurar o ensino de ciências e viabilizar a constituição de outros fluxos para a docência. A pesquisa se insere na linha temática: Linguagens e Discursos e tem como referencial os estudos de Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnik, entre outros.

Percebemos que a infância tem se constituído como uma etapa que antecede a fase adulta, isto é, o adulto seria o porvir do infantil. Com isso, as crianças seriam seres de passagem, aos quais são empreendidos esforços para que tão logo seja possível, deixem a infância. Para isso, as crianças precisam ser preparadas para o futuro, isto é, transformadas em adultos. Para docilizar esse corpo infantil, compreendido como selvagem e inadequado, tem se utilizado o Poder Disciplinar e técnicas como: a arte da distribuição, o controle da atividade, a organização das gêneses e a composição das forças. Tais técnicas são empregadas com bastante respaldo na escola, mas também na família. Tanto uma quanto a outra seriam instituições disciplinadoras, isto é, têm a incumbência de, por meio das técnicas citadas acima, tornar os corpos úteis e produtivos. (FOUCAULT, 2014).

Contudo, não é de hoje que as crianças são percebidas como seres “menores”. Desde a antiguidade, a infância era compreendida como a marca da imperfeição ou como um estado de ausência, isto é, aquele que não pode falar, que ainda não seria lúcido, sensato e forte e por isso, precisaria ser tutelado. (KOHAN, 2005). Para Corazza (2004), existiria um dispositivo pedagógico da infância que na atualidade, constrói a imagem de um infantil que seria o outro do adulto, o que limitaria tanto o infantil quanto o adulto. Assim, haveria um processo de adultização das crianças, o que desencadearia na negação do devir-criança. Na contramão dessa perspectiva, Deleuze e Guattari (2012a; 2012b), propõem a infância como um devir. Os devires seriam minoritários, por serem capazes de rasurar a norma e promover a invenção, não existindo, por exemplo, um devir-homem ou um devir-branco, pois seria esse o ser hegemônico. Assim, interessa-nos brincar com as crianças e abrir-nos para os afectos possibilitados nesse encontro, porque entendemos que os infantes pensam seriamente sobre a vida, sobre a natureza e sobre o mundo. E nos interessa esse pensamento, que muitas vezes nos tira o chão, por trazer outros fluxos e outras intensidades. Então, nesse encontro com o devir-criança, tivemos que fazer o

exercício de experimentar e de deixar-nos transformar por esse outro mundo que nos foi apresentado.

A constituição/Invenção da infância em uma perspectiva histórica

Para pensar a infância, visitamos teóricos como Philippe Ariès (2019), René Schérer (2009) e Walter Kohan (2005). Segundo esses autores, a infância seria uma invenção do século XVIII e nem sempre designava crianças, pois poderiam ser infantes tanto menores de 7 anos quanto jovens de 18 ou 24 anos. A infância, nesses estudos, seria, desde a sua invenção, um estado inferior do humano, ou seja, seriam como infantes as mulheres, os velhos, os alcoólatras, os doentes e os escravos. Ariès (2019) analisa as pinturas de diferentes momentos históricos e percebe que, ao longo dos anos, houve alterações nos retratos de família e de crianças que, inicialmente, eram pintados como adultos em miniatura e usavam, inclusive, os mesmos trajes dos mais velhos, com a peculiaridade de serem menores. Ao longo do tempo, as crianças vão adquirindo formas mais arredondadas, trajes próprios e centralidade no cenário familiar.

Do século XV ao XVIII surgem as escolas como espaço reservado ao ensino. No entanto, ainda não havia a separação dos alunos por idade, mas pelo nível de conhecimento da matéria a ser ensinada, podendo participar crianças, adolescentes e adultos na mesma aula. Também não havia uma idade compreendida como certa para começar a frequentar a escola e os estudos eram iniciados quando possível. As aulas, geralmente, ocorriam em salas alugadas por um professor e era costume os alunos sentarem-se no chão forrado com palha. Posteriormente, adotou-se o uso de bancos. Além disso, era comum mandar os filhos para a casa dos professores, do clérigo ou de algum parente para que fossem ensinados por eles e para que pudessem frequentar a escola. No entanto, antes dessa época, já havia iniciativa de educar as crianças como, por exemplo, nos textos de filósofos como Platão, que acreditava ser a educação das crianças importante para uma polis mais justa, mais bela e melhor. (KOHAN, 2005), pois seriam as crianças os futuros governantes da cidade. Já os colégios, no século XIII “eram asilos para estudantes pobres, fundados por doadores. Os bolsistas aí viviam em comunidades, segundo estatutos que se inspiravam em regras monásticas. Não se ensinava nos colégios.” (ARIÈS, 2019, p. 110). Contudo, do século XV ao século XVIII iniciou-se o ensino das Artes nos colégios dos jesuítas, nos colégios dos doutrinários e nos colégios dos oratorianos: o colégio do Ancien

Régime e, no século XIX, a organização dos estudantes em idade/classe. Assim, os colégios tornam-se locais para o ensino e o disciplinamento das crianças. Com isto, no início do século XVIII, surge um novo sentimento em relação à infância: o imperativo de educar as crianças e a necessidade de separá-las dos adultos. Para isso, surgem os trajés, os brinquedos, as literaturas e os objetos designados como próprios da infância. No entanto, a invenção da infância não se deu de forma generalizada nos diferentes países e nas diferentes classes sociais. No Brasil, nos primeiros anos do século XX, enquanto as crianças das classes mais altas já se inscreviam na infância, isto é, eram educadas e cuidadas; as crianças pobres ainda eram compreendidas como pequenos adultos no trabalho desempenhado no campo e nas fábricas (RAGO, 2014).

Posto isso, vivemos diferentes infâncias: infâncias-rurais, infâncias-urbanas, infâncias-alunos, infâncias-trabalhadoras, infâncias-cuidadas, infâncias-prostituídas, infâncias-miseráveis, infâncias-mimadas e infâncias-drogadas. No entanto, mesmo que a infância seja uma experiência que se difere, na atualidade, a educação e o cuidado são compreendidos como direitos das crianças, dever da família e do Estado, garantidos na legislação brasileira. Assim, os infantis devem ficar separados dos adultos em instituições escolares, que segundo Schérer (2009) seriam utópicas, e que constituiriam a criança também como uma utopia, isto é, a escola seria um lugar, mas também um não-lugar, um vazio. Como também seria a infância, que segundo o autor, serviria para infantilizar as crianças.

A criança como devir

A criança pode ser pensada como um devir, por ser uma das minorias, ou seja, o devir seria minoritário, e isso não tem relação com o número de pessoas, mas com o que foge ao modelo, ou seja, ao maior, isto é, os devires menores são os devires de todo mundo. Nesse sentido, o maior seria o homem, branco, rico, letrado, saudável, ou seja, a norma, que supõe um estado de dominação. Os devires rasurariam a regra por criarem a novidade, isto é, a potência de criação estaria no devir, pois a norma já é a referência. Os devires se dariam por meio de uma micropolítica, e não seriam separáveis de “[...] agenciamentos complexos que passam necessariamente por níveis moleculares, microformações que moldam de antemão as posturas, as atitudes, as percepções, as antecipações, as semióticas.”. (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 101). Assim, os devires-menores seriam

uma entidade molecular, enquanto a maioria seria uma entidade molar.

Além do devir-criança, seriam devires menores o devir-mulher, o devir-negro, o devir-animal. Para Machado (2009) o devir teria mais a ver com a diferença do que com a identidade, pois “devir não é atingir uma forma; é escapar da forma dominante” (MACHADO, 2009, p. 86). Para Castro (2018), os devires existiriam como virtualidades no nosso pensamento, por isso, seriam denominados intensivos e possibilitariam o encontro com o pensamento de fora que se constituiria como uma experiência do nosso pensamento. O devir seria a síntese disjuntiva, isto é, movimento da diferença, pois “é o que literalmente se evade, foge, escapando tanto à mimesis, ou seja, a imitação e a reprodução [...]. O Devir é amnésico, pré-histórico, anicônico e estéril: ele é a diferença na prática”. (CASTRO, 2018, p. 193). Segundo o autor, o devir é “um movimento que desterritorializa ambos os termos da relação que ele cria, extraindo-os das relações que os definiam para associá-los através de uma ‘nova conexão’ parcial” (CASTRO, 2018, p. 192), estabelecendo relações antinaturais entre homem e natureza, uma conexão entre heterogêneos que se abre a relações outras, ainda sem termos.

Metodologia

Nosso estudo se insere na pesquisa pós-crítica, que entende que não há um caminho já delineado. Pelo contrário, a metodologia vai se construindo ao longo da investigação, já que “são os olhares que colocamos sobre as coisas que criam os problemas do mundo. Em outras palavras, não há problemas em si – sejam de natureza científica, filosófica, estética, social, etc.”. (VEIGA-NETO, 2007, p. 30). Assim, é experimentando o campo que podemos formular as nossas questões. Ao iniciar uma pesquisa, temos algumas intenções que podem se modificar nos encontros do pesquisador com pessoas, objetos, animais, sol e lugares, que viabilizam escolhas e que dão o tom da investigação. Para iniciar a pesquisa, construímos um projeto, com questões que desafiavam nosso pensar e, para persegui-las, optamos pela (conto)cartografia, ou seja, optamos pela construção de contos que dessem passagem para tais afectos.

Essa maneira de pesquisar não busca por verdades universais ou descobrir essências, mas entende que é preciso perceber os afectos produzidos tanto no corpo do pesquisador quanto aqueles produzidos nas crianças. Trata-se de um trabalho artesanal com palavras que são tramadas em uma folha. Palavras que são produzidas pelo devir-

criança que compõe no corpo do pesquisador. Os contos são produzidos nesses encontros: do corpo contaminado de partículas do devir-criança com o teclado do computador. O conto é uma trama, onde os enlaces se fazem em um espaço entre, porque os contos sempre iniciam no meio e nunca terminam. Chega-se para escrever já cheio de mundo e a gente ganha mais mundo quando termina um texto. Ademais, a (conto)cartografia dá corpo para questionamentos, percepções, sensações e afectos.

Por tudo isso que foi exposto acima, não há como ser neutro em uma pesquisa, mas busca-se entender a implicação enquanto pesquisador, para se seguir a rigorosidade exigida em uma pesquisa ética. Além disso, o pesquisador precisa de coragem, para ir de peito aberto e se deixar transformar pelo campo. Também buscamos estar atentos, para entender as linhas que nos constituem e como as forças atuam em nossos corpos. Forças que querem na vontade das crianças brincarem e do pesquisador em produzir a sua pesquisa. Forças que nos movem e que nos paralisam: intensidades, partículas, velocidades e lentidão. O que pode um corpo pesquisador em devir-criança?

A invenção da (conto)cartografia foi possível devido a alguns encontros: com a minha orientadora, com a linha de pesquisa, com os teóricos pós-críticos, com as aulas de escrita criativa e com o devir-criança. O encontro com as crianças pesquisadas foi durante as manhãs do mês de março, com 23 crianças com idades entre 4 e 5 anos, da pré-escola de uma escola municipal de ensino fundamental do município de Osório, no Rio Grande do Sul.

Cabe ressaltar que a pesquisa foi produzida a partir de instrumentos como a observação e a entrevista semiestruturada e que tais procedimentos foram inseridos nas rotinas da turma, que consistiam em atividades organizadas da seguinte maneira: momento inicial de recepção aos alunos; momento para a contação de histórias, seguida de uma atividade pedagógica, como por exemplo, pintura, desenho, entre outras. Depois, as crianças iam para o refeitório, para o recreio e, posteriormente, para a pracinha. A observação das crianças se deu na sala de aula e na pracinha. Nesses momentos, não se observava apenas o que as crianças diziam, mas também seus corpos.

Percebemos que a educação em ciências era prática presente na turma pesquisada, em que foram trabalhados pela professora da turma, por exemplo, temas que envolviam as diferentes emoções humanas; os diferentes sons: sons de animais, da chuva, do vento, do mar, das árvores; altura do som; as cores; as diferenças básicas entre animais e plantas; as diferenças básicas entre os animais (répteis, mamíferos, insetos), onde vivem e do que se alimentam. Segundo me relatou a professora da turma, a secretaria de educação

promoveu capacitações e reuniões com os docentes do referido município, e orientou que fossem trabalhados os conteúdos, apontados na Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil; no Referencial Curricular Gaúcho para a Educação Infantil e no Documento do Referencial Curricular do Município de Osório para a Educação Infantil. Na Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil está explícita a intencionalidade na Educação Infantil e que:

Essa intencionalidade consiste na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas. (BRASIL, 2018, p. 39).

Além da Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil, também consultamos o Documento do Referencial Curricular do município de Osório para a Educação Infantil que é organizado em eixos estruturantes e objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento para as Crianças Pequenas e afirma que:

Ao considerar os eixos estruturantes, pensa-se nas crianças com suas necessidades enquanto sujeitos que são e não que virão a ser, nas interações e brincadeira busca-se garantir os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento propostos pela Base Nacional Comum Curricular: brincar, conviver, expressar, conhecer-se, explorar e participar, articulados com os cinco campos de experiência: O eu, o outro e o nós (EO), Traços, sons, cores e forma (TS), Corpo, gestos e movimento (CG), Escuta, fala, pensamento e imaginação (EF) e Espaços, tempos, quantidades e transformações (ET). (OSÓRIO, 2019, p. 13).

Com isso, percebemos que a educação em ciências está amparada tanto na legislação federal, estadual, municipal e que havia o estímulo da escola para que as crianças tivessem contato com o pensamento científico. Nas contações de histórias, havia com recorrência o tema dos animais. Então, eram momentos propícios para ouvir o que as crianças tinham a dizer. Com isso, era preciso sentar próximo às crianças para ouvir as suas conversas e procurar também conversar com elas sobre plantas, animais e fenômenos da natureza.

Outro ambiente potente foi a pracinha, em que havia balanços, gangorras, árvores, plantas e insetos. Nesse lugar, as crianças corriam em brincadeiras variadas. Contudo, algumas, suspendiam as brincadeiras para me convidar para procurar formigas, aranhas,

mosquitos, abelhas, flores e demais seres minúsculos. Pelos cantinhos desse ambiente elas me contavam as suas histórias. A entrevista semiestruturada possibilitou que, mesmo tendo como objetivo ouvir o que as crianças diziam sobre ciências, também ir modificando as abordagens a depender dos caminhos que a nossa conversa ia tomando. Saliento que as falas das crianças foram gravadas e posteriormente, transcritas e por uma questão de sigilo, seus nomes foram omitidos nas transcrições abaixo. Também foi utilizado um caderno de campo, onde eram anotados os movimentos da pesquisa, que não podiam ser registrados pelo gravador, como, por exemplo: os gestos das crianças e as ideias e percepções que eu ia tendo.

Animismo Infantil

A pesquisa produziu alguns resultados, entre esses, a percepção do animismo infantil, que se trata da compreensão de que animais, plantas, sol, enfim, seriam dotados de intenções e de vontades. O animismo entende que todas as coisas teriam alma. Esse animismo foi percebido em falas como:

| |
|--|
| <p>- Pesquisadora: O que é? - Criança: É uma ponte, aqui ela levanta e baixa. Agora ela tá baixa - Pesquisadora: E quando ela levanta? - Criança: Nunca porque é uma ponte sonolenta</p> |
|--|

| |
|--|
| <p>- Criança: Essas flores são do mal e essas são do bem - Pesquisadora: O que é ser do mal e do bem? Como eu sei se é do mal ou do bem? - Criança: Se é do bem cuida da gente e se é do mal machuca a gente. Olha a formiguinha. Ela fez uma casinha embaixo. O Real é o doninho das formigas, das mães. - Pesquisadora: O Real é o rei das formigas? - Criança: é, Pesquisadora: Eu não sabia que as formigas tinham rei. - Criança: Tu não olhou na tua casa - Pesquisadora? Como você sabe que é o rei das formigas? - Criança: O das mães, eles nascem da barriga das mães. Ele bota os ovos e ele nasce. Aqui é a casinha dele. O Real subiu na minha perna. Eu vou dar um chazinho pra ele. - Pesquisadora: Por que? Ele está doente? - Criança: Não, ele quer frutinha. o escorpião come carne. Aqui é a casa da aranha, ela é bem feiosa. - Criança: Eu vou ser uma formiguinha. - Pesquisadora: Daí você vai me morder? - Criança: Não, tá doida. Você é do bem ou do mal? do bem. Olha ali a formiguinha ali. Ela dorme ali. Eu fiz uma escadinha pra ela. Vamos ver um</p> |
|--|

Tal perspectiva de pensamento não é uma exclusividade das crianças. Povos antigos e até mesmo os povos tradicionais, como os indígenas brasileiros, também cultivam o animismo. Segundo David-Ménard (2022), o animismo seria um modo de entender o mundo, a nós mesmos e a relação que estabelecemos com a natureza. O animismo não seria “nem uma crença nem um sistema classificatório, mas um pensamento” (DAVID-MÉNARD, 2022, p. 98). Com isso, o animismo estabelece uma outra racionalidade e uma outra maneira de estabelecer relações entre os diferentes seres que habitam a natureza, animados ou inanimados. Segundo Harari (2016),

[...] os antigos caçadores-coletores eram animistas, isto é, não acreditavam na existência de uma distância necessária entre os humanos e os outros animais. O mundo – isto é, o vale local e as cadeias de montanhas ao redor – pertencia a todos os seus habitantes, e todos seguiam um conjunto de regras comuns. Essas regras envolviam uma negociação incessante entre todos os seres aos quais concerniam. As pessoas falavam com animais, árvores e pedras, e também com fadas, demônios e fantasmas. Dessa rede de comunicação emergiam os valores e as normas que comprometiam igualmente humanos, elefantes, carvalhos e assombrações. (HARARI, 2016, p. 83).

Nossas primeiras experiências como crianças têm um tom animista, porque experimentamos o mundo com o corpo e nessas interações, produzem-se afectos. Nas obras de Deleuze, percebemos que não há uma separação dos seres em animados e inanimados, mas propõe que seríamos todos hecceidades, com propriedades de afectar e de ser afectado. Isto é “você é longitude e latitude, um conjunto de velocidades e lentidões entre partículas não formadas, um conjunto de afectos não subjetivados”. (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 51). As hecceidades seriam graus de potência ou ainda, unidades do diverso em plano comum de imanência. Então, tanto uma pedra quanto um cachorro ou uma criança seriam, com suas singularidades, hecceidades, que possuem um grau de potência de afetar e de ser afectada, uma determinada velocidade e lentidão, latitude e longitude.

Ao nascermos, nos tornamos filhos do mundo e aprendemos e nos constituímos por essas interações, nas quais afectamos e somos afectados. Quando crianças, como ainda não temos toda a linguagem, somos corpos sem órgãos das experiências. Então somos pele para os acontecimentos, que nos tocam e que possibilitam a construção de contornos, para a forma de vida que estamos inventados. Nossa interação com as coisas se dá

também pelos agenciamentos que transformam vassouras em cavalos, pedaços de madeiras em carreta de bois, caixinhas de papel em celular, pedras em comidinha. Com isso,

Um agenciamento é isso. Não apenas a reunião ou o ajuntamento de corpos, mas o que acontece aos corpos quando eles se reúnem ou se juntam, sempre do ponto de vista de seu movimento e de seus mútuos afectos. Não se trata apenas de uma questão de soma, mas de encontro ou de composição. Não apenas a simples justaposição assinalada pela conjunção “e”, mas a complexa combinação implicada pela partícula “com”. “Isto e aquilo” é bom, mas “isto com aquilo” é ainda melhor. (CORAZZA; TADEU, 2003, p.72).

Assim, o animismo tem a ver com composição, com mistura de partículas. Um mundo animista infantil seria constituído por rizomas, onde elementos diversos se encontram em redes ou em teias e no qual não estabelece hierarquias, mas fluxos. Também não há posse ou propriedade, mas encontros. O animista rompe com o pensamento atual que separa o homem e as coisas e no qual o homem é o proprietário das coisas (animais, rios, plantas, carros, pedras). O animismo infantil não entende a possibilidade de relações de posse, porque a relação que estabelece é a de nomadismo. Isto é, os infantis estão de passagem e por isso, não almejam uma relação estática, mas ao contrário, parecem buscar pelas sensações produzidas nos encontros.

[...] a ótica animista traz, assim, um mundo produzido pelo fluxo aéreo do tempo, em vez de uma concepção fixa das coisas na paisagem. Nesse sentido, o céu se torna um meio habitado por uma variedade de seres (sol, lua, pássaros, trovão), os quais deixam seus rastros-movimentos através do céu, da mesma forma que seres terrestres deixam seus rastros através da terra. Isso, ao ler e escrever, tornam-se práticas de dar a ver e pensar, inseparável de todo sentir e querer, nas produções e constituições de presenças, linguagens em educação. (DALMASO; RIGUE, 2021, p. 270).

Ademais, parece ser o devir também um dos componentes do animismo. Os devires conectam partículas humanas a partículas de animais, rios e chuvas. E nesse sentido “[...] nunca se é animista no geral, apenas em termos de agenciamentos que geram transformações metamórficas em nossa capacidade de afetar e de sermos afetados – e também de sentir, pensar e imaginar” (STENGERS, 2017, p. 15). Com isso, podemos pensar o animismo infantil com as ferramentas teóricas da oficina de Deleuze e Guattari, tais como devir, hecceidade, agenciamento e nomadismo.

Conclusões

Percebemos que o devir-criança viabiliza outramundar, pela produção de um pensamento que estabelece uma forma diferente de o ser humano se relacionar com a natureza e que, por isso, rompe com o pensamento vigente, que entende o ser humano como soberano e a natureza, um meio de apropriação e de utilização para o bem-estar das pessoas. O animismo infantil possibilita compreender que animais, plantas, rios e mares não existem para prover as vontades humanas. Ao contrário, compartilhamos o mundo e por sermos todos, habitantes do planeta: animais, plantas e rios também têm vontades e direitos que devem ser respeitados.

O animismo infantil suscita uma outra sensibilidade para as coisas do mundo, que disponibilizaria outras percepções para o que temos compreendido como natureza. Entendemos que esses deslocamentos menores favorecem outras linguagens e discursos para a educação em ciências, ao rasurar o saber científico hegemônico. E com isso, entendemos que o pensamento infantil possibilitaria “um humanismo outro, que seja de fato instaurador de novas relações com as formas de vida vicinais: os viventes vegetais e animais, e todos os não viventes minerais”. (NASCIMENTO, 2021, p. 321). Que possamos pensar com as crianças, a emergência de outras ciências. O animismo infantil não traz respostas para os problemas que temos enfrentados. Traz rachaduras. A quebra de grandes narrativas pode, enfim, dar vida à invenção de diferentes pensamentos, para que as palavras possam ser estrangeiras, híbridas e mestiças e que haja espaços e atravessamentos para o movimento e para a invenção. Vamos mundInventar?

Talvez o animismo infantil seja uma maneira de escutar o mundo, de perceber os sussurros e as vozes inaudíveis e assim, possibilitar diferentes visibilidades. O devir-criança mobiliza outros devires: devir-terra; devir-rio, devir-animal, devir-formiga, devir-imperceptível e são esses devires que possibilitam a construção de novas matérias de expressão para aquilo que nos acontece. Entendemos que o devir-criança possibilita dar outras línguas para aquilo que nos afeta (ROLNIK, 2014) e quem sabe, uma língua que fale com plantas, com outros animais, com o sol, o rio e a noite. Talvez o devir-criança possa viabilizar espaços e vazios para inventar uma outra educação em ciências ou ainda, silêncios para pensar diferente. E para pensar com mãos, pés, pele e sangue. Pensar com a terra e com os ossos. Pensar com as dores e as alegrias e com tudo o que nos faz gente e que nos faz bicho.

Quem sabe, haja a necessidade de inventar um mundo onde caiba todo mundo. Em

que caiba a vida, a gargalhada, o acaso e a alegria. Espaço di-verso, ou ainda, tri-verso, poli-verso, multi-verso. E que além de verso, tenha poesia e poeira.

Como inventar uma educação em ciências para outramundar? Ou ainda, como outramundar a educação em ciências? Como infanti-inventar ferramentas que possibilitem uma outra educação em ciências? Como inventar outras linguagens para as ciências? Quais discursos queremos fazer circular?

O animismo infantil possibilita novas composições e outras misturas. Talvez uma educação em ciências que tenha outras e diferentes tonalidades. Que seja também experimentação. Então, uma educação em ciências com menos hierarquia e árvore e mais rizoma. Que possamos não fazer como, mas fazer com (o professor, os animais e a vida). Que possamos ser nômades e menos apegados às verdades que foram um dia inventadas. Que haja devires! Quem sabe uma educação em ciências que tenha corpo e que tenha afecto. Um corpo capaz de afectar e de ser afectado e quem sabe, uma educação em ciências com mais potência.

Talvez uma ciência menos adulta e mais criança. Para que o mundo, as verdades e os discursos estejam sempre por nascer. Que possamos trazer outras ciências para a ciência ou quem sabe, soprar a ciência, para que ganhe movimento e para que fique menos empoeirada. Uma ciência mais colorida, mais viva, mais curiosa e menos cheia de tantas certezas. Uma ciência infantil ou uma ciência semente. Porque, talvez, tenhamos que inventar outros mundos (neste mundo) e uma outra maneira de sentir, perceber e estar no mundo.

Percebemos que as crianças não apenas repetem a ciências que aprendem na escola, mas também diferem. É nesse movimento, de bricolagem entre uma ciência maior e uma sensibilidade possibilitada pelo animismo infantil, que dança a ciência na escola. As crianças diferem porque digerem. A ciência que nasce deste parto ou dessa dança é uma ciência que experimenta. Tem gosto e tem paladar. É uma ciência que convida. É uma ciência labirinto. São tantas as possibilidades... Ouso dizer, que talvez seja uma ciência-viva. Porque brota todos os dias, nos escombros de uma sociedade. Aprendamos com as crianças!

Referências

ARIÈS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

- CASTRO, E. V. *Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estruturalista*. São Paulo: Ubu Editora, n-1 edições, 2018.
- CORAZZA, S. M. *História da Infância sem fim*. Ijuí: Editora Ijuí, 2004. 392 p
- CORAZZA, S.; TADEU, T. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- DALMASO, A. C.; RIGUE, F. M. A criança e um mundo todo vivo: composições de escritas para pensar a educação. *Aceno: Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, v. 8, n.16, p. 261- 276, janeiro a abril de 2021. Disponível em: < A criança é um mundo todo vivo: composições de escritas para pensar a educação | ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste (ufmt.br)>. Acesso em 16 jan. 2022.
- DAVID-MÉNARD, M. *A vontade das Coisas: O animismo e os objetos*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2*, v. 3. São Paulo: Editora 34, 2012a.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2*: v. 4. São Paulo: Editora 34, 2012b.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HARARI, Y. N. *Homo Deus: Uma breve história do amanhã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- KOHAN, W. O. *Infância. Entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- NASCIMENTO, E. *O pensamento vegetal: a literatura e as plantas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- OSÓRIO. Secretaria Municipal de Educação. Departamento Pedagógico. Documento Curricular do Município de Osório: Educação Infantil / Secretaria Municipal de Educação, Departamento Pedagógico. – Osório: Secretaria Municipal de Educação, 2019.
- RAGO, M. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista: Brasil 1890-1930*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- ROLNIK. S. *Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.
- SCHÉRER, R. *Infantis: Charles Fourier e a infância para além das crianças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- STENGERS, I. *Reativar o animismo*. Belo Horizonte: Chão de Feira, 2017.

VEIGA-NETO, A. Olhares... In: Marisa Vorraber Costa. (Org.). Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em Educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 23-38.

Artigo 2: Contribuições do Animismo Infantil para a Educação em Ciências, publicado na Revista Diálogos e Perspectivas em Educação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.³²

CONTRIBUIÇÕES DO ANIMISMO INFANTIL PARA A EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS

Veronica de Lima Mittmann³³

Claudia Glavam Duarte³⁴

Resumo: O presente artigo foi construído a partir de resultados de uma pesquisa de doutorado que tinha como objetivo perceber como o devir-criança possibilita um outramundar que pressupõe diferentes relações com tudo aquilo que escapa ao humano. De forma específica, este artigo pretendeu perceber como essas relações que o devir-criança estabelece com o mundo e com as coisas, poderia rasurar a educação em ciências e viabilizar a constituição de outros fluxos para a docência. O referencial são os estudos de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Trabalhamos com os conceitos de devir-criança, hecicidade e rizoma. O caminho metodológico foi a contocartografia, inventada nessa pesquisa, a fim de dar corpo aos afectos e perceptos produzidos no encontro da pesquisadora com as crianças e com o devir-criança. Os instrumentos para a produção de dados foram a observação e a entrevista semi-estruturada. A pesquisa mostrou que o devir-criança viabilizaria o animismo infantil, que pressupõe uma relação diferente com os não-humanos. Essa relação questiona os pressupostos da Modernidade e possibilita a constituição de outros mundos nesse mundo.

Palavras-chave: Ensino; Ciências; Devir; Criança, Animismo.

CONTRIBUTIONS OF CHILD ANIMISM TO SCIENCE EDUCATION

Abstract: This article was constructed from the results of a doctoral research that aimed to understand how the becoming-child enables a different world that presupposes different relations with everything that escapes the human. Specifically, this article aimed to understand how these relations that becoming-child establishes with the world and with things, could erasure science education and enable the constitution of other flows for teaching. The reference is the studies of Gilles Deleuze and Félix Guattari. We work with the concepts of becoming-child, hecceity and rhizome. The methodological path was the short story book, invented in this research, in order to give body to the affections and perceptions produced in the encounter of the researcher with the children and with the becoming-child. The instruments for data production were observation and semi-structured interviews. Research has shown that child-becoming-making would enable infantile animism, which presupposes a different relationship with non-humans. This relationship questions the assumptions of Modernity and enables the constitution of other worlds in this world.

Keywords: Teaching; Sciences; Becoming; Child, Animism.

³² Artigo disponível em: [Vista do Contribuições do animismo infantil para a Educação em Ciências \(unifesspa.edu.br\)](http://unifesspa.edu.br)

³³ Doutoranda em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: veronicalimam@hotmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2751-4234>

³⁴ Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: claudiaglavam@hotmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8608-5855>

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um dos resultados de uma pesquisa de doutorado, em andamento, que tem o objetivo de perceber como o devir-criança possibilita um outramundar (nesse mundo)³⁵ que pressupõe diferentes relações com tudo aquilo que escapa ao humano. De forma específica, este artigo pretende perceber como essas relações que o devir-criança estabelece com o mundo e com as coisas, poderia rasurar a educação em ciências e viabilizar a constituição de outros fluxos para a docência.

Nosso referencial teórico são os estudos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, principalmente, os conceitos de devir-criança, hecceidade e rizoma. A metodologia inventada foi a contocartografia. Caminho metodológico que foi sendo forjado ao longo da pesquisa, pelos encontros do pesquisador com as crianças, com os teóricos, com a escola e com os afectos e perceptos provocados por essas experiências.

Acreditamos que a relevância desse estudo está em dar visibilidade à maneira como as crianças se relacionam com o mundo, em que não prevalece a lógica moderna, que prevê a dominação, por parte dos seres humanos, da natureza e dos não humanos. Entendemos que as experiências infantis, possibilitadas pelo devir-criança, viabilizam outras perspectivas para o ensino de ciências da natureza.

Talvez, um ensino que permita sensibilidades outras, e uma educação em que haja corpo. Porque é preciso língua, narinas, olhos, pele e audição. Experimentar é a lentidão que prolonga a experiência. Experiências abrem brechas no tempo. Esticam os segundos, alongam minutos. Uma hora pode durar uma vida. Experimente devagar! Por que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (LARROSA, 2002, p. 21).

Essa introdução é um convite. Leia sem pressa. Dance com as palavras. Embaralhe sentidos. Jogue o lance de dados da vida. Quiçá surjam combinações potentes!! Ouça a música. Perceba o toque, tasteie a quentura. Note as letras, anote os devaneios. Saia para passear. Um texto é um caminho, que não se sabe onde vai dar. Perca-se nas linhas. Talvez você encontre flores. Só não esqueça de sentir. Porque:

³⁵ Outramundar (neste mundo), em nossa concepção, não se trata da busca por um mundo ideal ou de um mundotranscendental, mas de identificar brechas na realidade, para viver de outros modos.

Escrevo para pronunciar essas palavras que são destroços do sangue frio. Para não olhar com olhos de águia, mas sim de esfera. Para inventar o que acaba de me descobrir nu. Para espantar a dor sem confrontá-la. Escrevo para anoitecer de dia e para madrugar à tarde. Escrevo pisando areias movediças e nuvens à deriva. Escrevo para confessar o inoportuno. Para dar lentidão à quimera. Para falar com as almas nas tumbas, com cada lírio, com os vagabundos e seus cães. Escrevo para imaginar o que ainda não fui. Para escapar de mim e poucas vezes reencontrar-me. Escrevo para amar o insuportável. (SKLIAR, 2014, p. 109).

Que essa escrita possa dançar e criar vazios. Que tenha ar! Uma escrita é uma con(versa). São tantas as vozes, são tantos os ecos. Os fios são diversos. Uma escrita em devir-criança quer antes de tudo, criar tatos. Que as linhas das tuas mãos possam ressoar encanto. As primeiras experiências são nossos ossos. Todos somos crianças que envelheceram. Ainda pulsam os primeiros afectos. Nunca deixamos de ser quem éramos. Somos ainda infantis e é isso que nos faz aprendentes e experimentadores da vida. O mundo ainda é o grande pátio, por onde correremos de braços abertos em devir-pássaro.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Em nosso estudo, compreendemos a infância como uma invenção do século XVIII (ARIÈS, 2019). As crianças sempre existiram, contudo, nem sempre os infantis foram apenas as crianças. Em tempos passados, os infantis eram compreendidos como aqueles que não tinham voz e podiam ser mulheres, deficientes, idosos ou crianças pequenas (KOHAN, 2005). As idades da infância também já foram outras. No passado, assim que pudessem caminhar sozinhas, as crianças já acompanhavam os pais em caçadas, no trabalho ou em festas e jogos de azar. Naquela época, não haviam as restrições de idade que temos hoje, já que as crianças eram compreendidas como adultos em miniatura e só a partir do século XVIII, começaram a surgir roupas, literatura e brinquedos próprios para crianças. Percebemos com isso, que não há uma natureza infantil, mas invenções históricas, que em cada época, forjam diferentes contornos para a infância.

As escolas como espaço reservado ao ensino irão surgir entre o século XV ao XVIII. Nessas instituições, as crianças se misturavam aos adultos e jovens, pois não havia a separação dos alunos por idade, mas pelo nível de conhecimento da matéria a ser

ensinada. Também não havia uma idade certa para começar a frequentar a escola e os estudos eram iniciados quando possível. Nessa época, era comum que os professores alugassem salas e que os alunos sentassem no chão forrado com palha. Os bancos e as mesas foram adotados só mais tarde.

Também era costume nessa época, enviar os filhos para a casa de parentes ou conhecidos, para que aprendessem uma profissão ou ainda mandá-los para a casa dos professores, do clérigo para que pudessem frequentar a escola. No entanto, antes dessa época, já havia iniciativas de educar as crianças, como por exemplo, nos textos de Platão, que acreditava ser a educação das crianças importante para uma “polis mais justa, mais bela, melhor” (KOHAN, 2005, p. 29), pois seriam as crianças os futuros governantes da cidade.

Os colégios, no século XIII eram asilos para crianças pobres e não locais para ensinar. Contudo, do século XV ao século XVIII iniciou-se o ensino das Artes nos colégios dos jesuítas, nos colégios dos doutrinários e nos colégios dos oratorianos: o colégio do Ancien Régime e, no século XIX, a organização dos estudantes em idade/classe. Assim, os colégios tornam-se locais para o ensino e o disciplinamento das crianças.

Nesse artigo, a fim de darmos contornos aos nossos estudos, trazemos os conceitos de devir, hecceidade e rizoma. A criança é um dos devires-menores, propostos por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012). Para esses autores, devires-menores seriam devires de todo mundo e por isso, tensionam o instituído, ou seja, os devires-maiores: homem, branco, europeu, rico, letrado, bem sucedido, feliz...

Nos devires-menores haveria a possibilidade da multiplicidade, da invenção e de arranjos diversos. Devires que são encontro e composição. Por isso, não se devém uma criança específica, porque devir é multidão e é rizoma. Devir-criança é devir a criança que fomos, mas também outras crianças. Devém-se crianças, para devir-animal, devir-imperceptível, devir-chuva.

Devir não é certamente imitar, nem identificar-se; nem regredir-progredir; nem corresponder, instaurar relações correspondentes; nem produzir, produzir uma filiação, produzir por filiação. Devir é verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a parecer, nem ser, nem equivaler, nem produzir (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 20).

Essa escrita foi atravessada por devires-criança. O encontro das mãos, com o teclado e dos olhos com a tela. O branco da tela era um céu, uma folha, um papel. A

primeira superfície, o primeiro afecto da escrita. A cada vez que se escreve, a cada repetição, mora algo do início. A primeira ânsia de criação e o primeiro desejo de dar corpo ao que atravessa a pele. Escrever é ser novamente criança. Qual criança? As tantas que se conhece e, até mesmo, as desconhecidas. Trata-se de geografia, de velocidades e lentidões, de partícula, de solo, de intensidades e de composição. Pois,

[...] pensar a criança do ponto de vista da experiência de um encontro intensivo marcado por uma involução à nossa essência singular, isto é, ao grau de potência que nos caracteriza. A criança revela, torna visível uma consistência própria dessa involução necessária ao pensamento, uma involução ao estado intensivo de heciedade e devires em que a própria vida se deixa tomar por entre-tempos, por vibrações que suspendem nosso mero encadeamento extensivo, espacial e cronológico nos estados de coisas (ORLANDI, 2018, p. 101).

Nessa toada, autores como Sandro Prado Santos (2021) e Tiago Amaral Sales (2021), propõem devires-menores para a educação ou ainda uma educação em biologia menor, que se difere de uma educação em biologia maior, que seria aquela que produz “narrativas estáticas e fronteiras fixas de uma organização estrutural orgânica, submetidos à primazia de um tipo de explicação biológica que, propositadamente, deixa escapar a multiplicidade e a diferença” (SANTOS; SILVA; MARTINS, 2021, p. 385). De maneira contrária, uma educação em biologia menor, cria “possibilidades ético-estético-políticas que se contrapõem à padronização, ao modelo único de existência, aos binarismos e exclusões das múltiplas formas de viver o/e com o corpo e os desejos” (SANTOS; SILVA; MARTINS, 2021, p. 385). Com isto, a educação em biologia menor apela para a multiplicidade e racha a norma em educação em biologia. É uma educação que pensa além dos binarismos: homem/mulher, sexo/gênero, natural/artificial e que questiona verdades instituídas, pois:

[...] apesar de vivermos em uma educação em biologia em que somos assombrados pelos usos maiores que se julgam grandes e sabidos, aprendemos com os segredos e as surpresas dos desvios, das coisas ínfimas e do apequenar-se na gramática que encarnam no uso menor e praticam o exercício de fazer delirar o regime discursivo da biologia, fazendo o nascimento de biologias outras que reinventam e ampliam outros modos de expressão de gêneros e sexualidades nos territórios da educação em biologia (SANTOS; MARTINS; SILVA, 2021, p. 327).

Assim, o que esses autores propõem é uma biologia menor que possibilite “rachar a biologia maior, criar fissuras nas noções científicas que reduzem os corpos e suas

experiências a apenas suas organicidades”. (SALES; ESTEVINHO, 2021, p. 306). A educação em biologia menor abre-se para a multiplicidade das diferentes formas de vida, para os diferentes saberes e vivências, que nem sempre são considerados pela biologia maior. Então, pensar a educação em ciências passa por considerar as práticas de educação em biologia menor, porque nossos corpos não são apenas uma estrutura biológica, mas têm a marca de um tempo e dos conhecimentos que estão em circulação em um determinado momento histórico e o que muitas vezes, entendemos como natural, é o efeito de discursos e enunciados hegemônicos.

Seguindo os caminhos de Donna Haraway (2021), podemos pensar em devires-com. A autora apresenta o conceito de espécies companheiras. Isto é, ao invés de compreender o arroz ou a salada que comemos ou as bactérias que nos habitam como coisas, entenderíamos esses seres como nossas espécies companheiras. Assim, somos influenciados e influenciamos o comportamento de outras espécies. Somos uma mistura de espécies até em nossos corpos. Então, não somos tão humanos como imaginamos, mas somos o resultado de diferentes interações, com seres não humanos. A autora conta da sua relação com os seus cachorros e propõe tratar os animais como seres diferentes de nós e com funções que lhes são próprias. Ou seja, os não humanos não deveriam nem serem infantilizados nem objetificados. O trabalho conjunto entre humanos e não humanos envolve trocas que devem respeitar regras e acordos, para que haja confiança na convivência interespecies.

Por se tratar de geografia, de encontros, de cartografias e de intensidades, para devir-criança seria importante ser uma hecceidade, que é uma individuação que se difere da identidade. Isto é, uma hecceidade é uma individuação que se dá por singularização. Com isso, “hecceidade designa uma individualidade acontecimental e se opõe à ideia herdada segundo a qual, tanto na existência (um corpo ou uma pessoa) quanto na arte (uma obra), não haveria individualidade sem forma. O princípio informal de individuação é a intensidade” (ZOURABICHVILI, 2016, p. 142). Nesse sentido, as hecceidades compõem-se com os devires, para experimentações e invenções de si. Para um corpo peles, que sente a vida e percebe seus fluxos e seus movimentos. Um corpo que arrepiam e que tem como bússola, os afectos alegres.

Um corpo que se estende, que escapa e escorrega, que borra territórios ou que sobre-vive nas fronteiras. Um corpo que é estrangeiro, que repete para diferir, que joga para combinações diversas. Uma hecceidade é um corpo infantil. Um corpo que involui para ser novamente embrião e (re)nascer todo dia. Hecceidade é um corpo-menor, em

devir imperceptível e que viabiliza encontros por meio de intensidades e de movimentos, do quente e do frio, com hecceidades outras, que podem ser animais, vegetais, minerais. Pelo fato de as hecceidades estabelecerem encontros por meio de intensidades, não haveriam as separações estabelecidas pelas identidades: animal x humano, homem x mulher, homem x coisa. Então, podemos supor que o animismo infantil se torna viável a um corpo que se constitua enquanto hecceidade.

Para Deleuze e Guattari (2011) haveriam duas formas de organizar as multiplicidades, a arbórea e o rizoma. Enquanto a árvore teria uma estrutura hierárquica: raízes, tronco, folhas, o rizoma é um arranjo, onde diferentes encontros são possíveis. Um rizoma possibilita acoplamentos em todos os sentidos, já que qualquer ponto de um rizoma estaria propício a conexões. Pois “não existem pontos ou posições em um rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 24). Um rizoma tem entradas e saídas diversas, e também não tem início, nem fim, possibilitando diferentes fluxos e combinações. Um rizoma funciona em emaranhado e quando uma parte é mutilada, outra raiz assume a função. Um rizoma também conecta elementos heterogêneos, sem uma hierarquia entre eles e estabelecendo um “e” ao invés de “ou”.

3 METODOLOGIA

Nosso estudo se insere na pesquisa pós-crítica, que entende que a metodologia vai se construindo ao longo da investigação, já que “são os olhares que colocamos sobre as coisas que criam os problemas do mundo. Em outras palavras, não há problemas em si – sejam de natureza científica, filosófica, estética, social, etc.” (VEIGA-NETO, 2007, p. 30). Com isso, foi preciso um exercício inicial, para transformar um corpo ainda bastante estratificado, em um corpo vibrátil (ROLNIK, 2014), que pudesse estar sensível ao mundo e, no nosso caso, ao ambiente da escola e às crianças. Para isso, foi preciso alisar territórios, e estratificar alguns locais. A intenção foi a de construir um corpo que ressoasse com a vida.

Nossas questões germinaram no encontro com as crianças e com os afectos e perceptos, que se produziram. No início da pesquisa, já havíamos pensado em alguns trajetos para nossas investigações, mas fomos abertas aos fluxos. Para iniciar a pesquisa, construímos um projeto, com questões que desafiavam nosso pensar e, para persegui-las, optamos pela contocartografia, ou seja, optamos pela construção de contos que

dessem passagem para tais afectos. Importante compreender que a contocartografia se apoia na cartografia, que seria uma metodologia que traça o processo de construção da realidade por meio da percepção das linhas molares, moleculares e linhas de fuga, dos platôs e dos territórios. Nesse sentido, “a cartografia é um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção.” (KASTRUP, 2015, p. 32).

Os contos são pensamentos, sensibilidades, angustias, percepções, afectos e perceptos que ganharam corpo. Um conto tem veias, carne, ossos e sangue. Um conto arde, dói e dá gargalhadas. Um conto é encontro. Sempre é encontro. Um conto é a inspiração, que necessita de narinas para respirar.

Um pesquisador está implicado na pesquisa e para que nosso trabalho seja ético, precisamos compreender como afetamos e somos afetados por aquilo que produzimos. Por isso, buscamos estar atentos, para entender as linhas que nos constituem e as forças que atuam em nossos corpos. Forças que querem na vontade das crianças brincarem e do pesquisador em produzir a sua pesquisa. Forças que nos movem e que nos paralisam: intensidades, partículas, velocidades e lentidão. O que pode um corpo pesquisador em devir-criança?

Para a invenção da contocartografia foi preciso alguns encontros de orientação, com a linha de pesquisa, com os teóricos pós-críticos, com as aulas de escrita criativa e com o devir-criança. O encontro com as crianças pesquisadas foi durante as manhãs do mês de março de dois mil e vinte e dois, com 23 crianças com idades entre 4 e 5 anos, da pré-escola de uma escola municipal de ensino fundamental do município de Osório, no Rio Grande do Sul.

Para produzir a pesquisa, foram feitas observações e entrevista-semiestruturada, inseridas nas rotinas da turma, que consistiam em atividades como: momento inicial de recepção aos alunos; momento para a contação de histórias, seguida de uma atividade pedagógica, como por exemplo, pintura, desenho, entre outras. Depois, as crianças iam para o refeitório, para o recreio e, posteriormente, para a pracinha. A observação das crianças se deu na sala de aula e no pátio. Nesses momentos, não se observava apenas o que as crianças diziam, mas também seus corpos.

A educação em ciências da natureza era prática presente na turma pesquisada e os conteúdos envolviam temas como: as diferentes emoções humanas; os diferentes sons: sons de animais, da chuva, do vento, do mar, das árvores; as cores; as diferenças

básicas entre animais e plantas; as diferenças básicas entre os animais (répteis, mamíferos, insetos), onde vivem e do que se alimentam.

A professora da turma relatou que os educadores eram orientados pela secretaria de educação, por meio de capacitações e de reuniões pedagógicas, para que o trabalho docente fosse norteado pelos conteúdos apontados na Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil (2018); no Referencial Curricular Gaúcho para a Educação Infantil (2018) e no Documento do Referencial Curricular do Município de Osório para a Educação Infantil (2019). Na Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil está explícita a intencionalidade na Educação Infantil e que:

Essa intencionalidade consiste na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas (BRASIL, 2018, p. 39).

Além da Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil, também consultamos o Documento do Referencial Curricular do município de Osório para a Educação Infantil que é organizado em eixos estruturantes e objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento para as Crianças Pequenas e afirma que:

Ao considerar os eixos estruturantes, pensa-se nas crianças com suas necessidades enquanto sujeitos que são e não que virão a ser, nas interações e brincadeira busca-se garantir os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento propostos pela Base Nacional Comum Curricular: brincar, conviver, expressar, conhecer-se, explorar e participar, articulados com os cinco campos de experiência: O eu, o outro e o nós (EO), Traços, sons, cores e forma (TS), Corpo, gestos e movimento (CG), Escuta, fala, pensamento e imaginação (EF) e Espaços, tempos, quantidades e transformações (ET) (OSÓRIO, 2019, p. 13).

A educação em ciências que tem ocorrido na escola, está amparada na legislação federal, estadual e municipal. Além disso, havia o incentivo por parte do município e, conseqüentemente, da escola, para que as crianças tivessem contato com o “pensamento científico”. Esse estímulo se dava a partir da problematização e da percepção da ciência que se manifestava no cotidiano das crianças, como por exemplo, os eventos climáticos, mas também, a partir de temas de interesse infantil, como os animais. Nas contações de histórias, esses temas eram bastante recorrentes. Então, eram momentos propícios para

ouvir o que as crianças tinham a dizer. Para isso, era preciso sentar próximo às crianças e ouvir as suas conversas, que eram gravadas e anotadas³⁶. Também havia o movimento de conversar com as crianças sobre plantas, animais e fenômenos da natureza, a fim de tentar compreender seus pensamentos.

As crianças também foram observadas no pátio de trás da escola. Nesse lugar, havia um jardim, algumas plantas e um local amplo com grama, onde era possível correr. Havia também uma pracinha com balanços, gangorras e escorregador. Nesse ambiente, era possível observar as crianças realizando diferentes experiências e brincadeiras. Era comum também que as crianças procurassem a professora para mostrar o que estavam fazendo e para contar as suas histórias. Nesses momentos, eu procurava me inserir na conversa. A entrevista semiestruturada possibilitou que, mesmo tendo como objetivo ouvir o que as crianças diziam sobre ciências da natureza, também ir modificando as abordagens a depender dos caminhos que a nossa conversa ia tomando. Salientamos que as falas das crianças foram gravadas e posteriormente, transcritas e por uma questão de sigilo, seus nomes foram omitidos nas transcrições abaixo. Também foi utilizado um caderno de campo, onde eram anotados os movimentos da pesquisa, que não podiam ser registrados pelo gravador, como, por exemplo: os gestos das crianças e as ideias e percepções que íamos tendo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Percebemos, como um dos resultados da pesquisa, a percepção do animismo infantil, que se trata da compreensão de que animais, plantas, sol, enfim, seriam dotados de intenções e de vontades. O animismo entende que todas as coisas teriam alma. Esse animismo foi percebido nas falas das crianças, enquanto brincavam na pracinha e na sala de aula, ou enquanto realizavam alguma atividade proposta pela professora.

Salientamos que durante as aulas, eram trabalhados os conteúdos constantes na Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil (2018), no Referencial Curricular Gaúcho para a Educação Infantil (2018) e no Documento do Referencial Curricular do Município de Osório para a Educação Infantil (2019). Então, as crianças tinham contato com os conteúdos das ciências indicados pelas referidas legislações. Contudo, os estudantes não apenas se apropriavam dos conhecimentos ensinados pela professora, mas criavam a partir das suas percepções do mundo. Abaixo, citamos as falas

³⁶ Pesquisa que envolve seres humanos aprovada pelo Comitê de Ética - CAEE: 42766721.7.0000.5347.

onde isso pode ser percebido:

Criança: *Daí a Dália tem um coelho. Daí o coelhinho fica comendo Miojo com ela. Eles ficam juntos pra sempre. Ela não larga esse coelho nunca. Se ela largar, o coelho fica chorando. Todo dia que ela vai para a escola, ele acorda chorando e fica chorando até ela chegar. Daí ele para de chorar. Porque daí ele acha que ela é a mãe dele. Ela come com ele junto, ela brinca, ela vai tomar banho com ele junto. Antes ele era de uma princesa que deu para a Dália. Daí a Begônia tinha um gato. Daí ela dormia com ele, comia com ele, engatinhava com ele e miava com ele. Ele fazia tudo com ela, ele amava a Begônia, ela era a mãe dele. Daí a Begônia e a mãe do gato, o Narciso do cachorro, a Dália é mãe do coelho. Sabe qual é o nome do coelho mesmo? Cenourinha. Daí o gato dela se chama Lia.*

Criança: **Essas flores são do mal e essas são do bem**

Pesquisadora: *O que é ser do mal e do bem? Como eu sei se é do mal ou do bem?*

Criança: **Se é do bem cuida da gente e se é do mal machuca a gente. Olha a formiguinha. Ela fez uma casinha embaixo. O Real é o doninho das formigas, das mães.**

Pesquisadora: *O Real é o rei das formigas?*

Criança: *é,*

Pesquisadora: *Eu não sabia que as formigas tinham rei.*

Criança: *Tu não olhou na tua casa*

Pesquisadora: *Como você sabe que é o rei das formigas?*

Criança: *O das mães, eles nascem da barriga das mães. Ele bota os ovos e ele nasce. Aqui é a casinha dele. O Real subiu na minha perna. Eu vou dar um chazinho pra ele.*

Pesquisadora: *Por que? Ele está doente?*

Criança: *Não, ele quer frutinha. o escorpião come carne. Aqui é a casa da aranha, ela é bemfeiosa.*

Criança: *Eu vou ser uma formiguinha.* Pesquisadora: *Daí você vai me morder?*

Criança: *Não, tá doida. Você é do bem ou do mal? do bem. Olha ali a formiguinha ali. Ela dorme ali. Eu fiz uma escadinha pra ela. Vamos ver um outro bicho de estimação.*

Pesquisadora: *O que é?*

Criança: *É uma ponte, aqui ela levanta e baixa. Agora ela tá baixa*

Pesquisadora: *E quando ela levanta?*

Criança: **Nunca, porque é uma ponte sonolenta**

(Diálogo entre o entrevistador e o entrevistado, 2022)

Importante salientar que o animismo é uma perspectiva do pensamento que foi compartilhada por povos antigos e que se contrapõe ao pensamento Moderno e ao Capitalismo. Por ser uma perspectiva do pensamento, o animismo se utiliza de pressupostos e de uma racionalidade, que se difere da moderna. A Modernidade cria um mundo inanimado e estabelece a separação entre humanos e não humanos, isto é, os sujeitos e os que estão sujeitos (objetificados).

[...] as fronteiras entre a Humanidade e a Natureza estão presentes e bem marcadas, e a distribuição de poder – mesmo se a Natureza fica em certo sentido desprovida de poder sobre nós – é a de que os humanos não têm o poder dos não humanos, mas tem poder do senhorio dos não-humanos. Esse é um pressuposto importante da constituição moderna: existentes humanos e não-humanos não estão em pé de igualdade; eles podem ter uma fisicalidade comum, mas a interioridade humana faz com que os humanos, mas não os demais, alcem-se à condição de nomos (BENSUSAN, 2017, p. 41).

Nesse sentido, somente os humanos teriam a soberania sobre a natureza. Os animais e os demais seres não-humanos estariam submetidos à natureza. Segundo Hilan Bensusan (2017, p. 42), o pensamento moderno em relação à natureza, surge na Europa, algumas décadas depois da morte de Montaigne “[...] quando a natureza cessa de ser uma unificação de coisas diversas e passa a ser um domínio unificado regido por leis autônomas e sobre o qual os humanos podem agir sem medo de castigo” e foi herdado pelos povos que foram colonizados por esses países.

Na virada para o século XVII, surge o naturalismo, que entende que tudo na natureza teria uma fisicalidade comum, com exceção dos humanos. Esse novo pensamento colocava em questionamento a humanidade dos povos conquistados e a consequente decisão quanto a possibilidade de serem dotados de alma. Nesse caso, havia a necessidade de catequização, a fim de que vivessem segundo os padrões que se entendia, necessário aos humanos.

Os indígenas que viviam nos países invadidos pelos Europeus constituíam uma resistência ao naturalismo, pela rela o que estabeleciam com a natureza. Eram povos que acreditavam que além dos seres humanos, os animais e as árvores também tinham alma. Para esses povos, um rio podia ser um av , uma planta podia trazer no formato da sua folha, informa es importantes sobre as suas propriedades. Já que “os não humanos são ex-humanos, e os humanos os ex-não- humanos[...], o pensamento indígena conclui ao contrário que, tendo outrora sido humanos, os animais e outros existentes cósmicos continuam a s -lo, mesmo que de uma maneira não evidente para nós” (CASTRO, 2018, p. 60).

Outra resistência foi a estabelecida pelos camponeses, principalmente, as mulheres, que estabeleciam acordos e trocas com os seres não-humanos, por meio do conhecimento herdado pelas experiências no campo e que desafiavam o sistema econ mico da época. A fim de superar tal resistência, foram acusadas e punidas como bruxas. E como esse saber não pode ser mais compartilhado, já que as mulheres que os conhecia morreram, acabou

sendo extinto (BENSUSAN, 2017).

Outro fato que favoreceu o pensamento naturalista, foi a criação de animais em cativeiro, transformando esses seres em recursos para o consumo. O que não acontecia quando se ia à caça. No caso específico das caçadas indígenas, essas eram repletas de acordos com os não humanos a serem caçados. Esses acordos eram realizados por meio de rituais e de sonhos.

Percebemos que a Modernidade e o Capitalismo criam uma política de exceção, que produz detritos e restos de não humanos, mas também de humanos. Já que não basta ter uma constituição genética que nos identifique como espécie humana, entre os animais. Em diferentes épocas, seria preciso cumprir alguns pressupostos para ser considerado humano e poder desfrutar dos privilégios que a espécie atribuiu a si mesma. Em direção contrária, o animismo infantil, ao entender que os não humanos também teriam desejos, sonhos e até mesmo, alma, estabelece certa equidade entre humanos e não humanos, o que acaba modificando percepções de mundo e das ciências da natureza.

Percebemos que o animismo infantil, que atravessa a fala das crianças, conversa com a filosofia de Deleuze e Guattari, quando rasura a lógica de que apenas os humanos seriam dotados de intenção e de vontade. Sendo todos os seres, hecceidades e não identidades, o que difere um ser de outro, não seria a espécie, mas velocidades e lentidões, latitudes e longitudes e capacidades de afectar e de ser afectado. Deleuze, até mesmo, cita que “há mais diferenças entre um cavalo decorrida e um cavalo de lavoura do que entre um cavalo de lavoura e um boi” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 44).

Também conversam quando Deleuze e Guattari (2012) entendem crianças, animais, mulheres, entre outros, como devires-menores. Então, existiriam trocas, a nível molecular, entre seres humanos e não humanos. Nesses encontros, são produzidos afectos que alteram a potência desses seres, diminuindo ou aumentando. O animismo infantil, por estabelecer relações diferentes do que pressupõe o pensamento moderno, com seres não humanos e por ser atravessado pelo pensamento de fora, ou selvagem, experimenta os devires de outras maneiras, o que possibilita aos infantis, em devir-criança, outramundar nesse mundo.

Outro conceito de Deleuze e Guattari (2011) que os aproxima do animismo infantil é o conceito de rizoma. A ciência maior é arbórea, isto é, os seres vivos integrariam uma grande árvore, onde os reinos constituiriam os galhos maiores que saem diretamente do tronco, que se subdividem em galhos menores, que são as espécies. Haveria nesse pensamento uma ideia de hierarquia, e entre todas as espécies, o homem seria a mais

evoluída. O animismo infantil constitui um pensamento rizomático, onde há trocas entre diferentes espécies e não se compreende que haveria uma mais evoluída do que a outra. Assim, uma estrutura rizomática possibilita que existam diferentes encontros entre as espécies, viabilizando outros fluxos e combinações, para tecerem juntas diferentes arranjos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os alunos da escola pesquisada experienciam as ciências da natureza de uma maneira peculiar e por mais que estejam expostos e avaliados pelo pensamento moderno, na figura da professora, ainda assim, constituem uma resistência. Percebemos na pesquisa com essas crianças que a sensibilidade infantil, provocada pelo devir-criança, estabelece outros contornos para o pensamento científico, e viabilizaria outramundar nesse mundo. Acreditamos que o devir-criança, sendo um devir menor, possibilita outros devires, como o devir-animal, o devir-índio e o devir- mulher.

Além disso, supomos que as crianças se sensibilizam com o mundo de maneira diversa da dos adultos, por estarem menos conformadas a discursos, normas e identidades. Entendemos que por se constituírem como hecceidades, teriam outras aberturas aos afectos e persectos provocados pelos encontros. Além disso, também estariam mais propícias aos pensamentos de fora, ou seja, a um pensamento nômade. Ou ainda, a um pensamento mais selvagem, que investe contra o dado ouo instituído. Nesse sentido, compreendemos que o encontro das crianças, em seus devires com as ciências da natureza, provoca rachaduras no pensamento moderno.

Em uma educação em ciências que não despreza o pensamento moderno, mas que pode problematizá-lo. E assim, realizar arranjos outros ou composições entre as diferentes ciências, para quem sabe, uma educação com mais vida, com mais carne e sangue. Uma educação que tenha poros para o caos e a incerteza. Uma educação em ciência que possa ser frágil e poética. E que assim, possa criar em meio ao não saber, ao inédito e ao sofrimento. Uma educação em ciências que possa se esvaziar de certezas, para produzir existências que se expandem, que experimentam, que erram, que cooperam e compartilham.

Acreditamos que cada criança é uma multidão. A multiplicidade habita os seres que fazem contornos no caos para existirem. Somos a diversidade que nos habita: bactérias, vermes, ácaros, células, metais, oxigênio. Somos também aqueles de quem

herdamos as palavras, os discursos, os enunciados e os hábitos sociais. Frente à multiplicidade que somos e pelos arranjos que experimentamos, somos singularidades.

Nesse sentido, acreditamos que o animismo infantil, por rachar com a ciência maior, possibilitaria uma educação em ciências mais diversa, em que haja espaço a invenção, para os afectos, perceptos, incertezas e para as sensibilidades infantis em devir-criança. Quais outras composições poderiam ser feitas? Quais outras experimentações podem ser realizadas e sentidas? Quais outros sentidos podem ter a educação em ciências? Como criar outras ciências da natureza frente à multiplicidade e especificidades das existências humanas e não humanas? A que educação nos convoca o devir-criança? Para essas perguntas não há uma única resposta. Resta inventar uma educação que tenha mais corpo e mais intuição e que possa experimentar, sentir, ser pele, ter olhos, para jogar os lances de dados da vida. Quais outras combinações estão sendo colocadas sob a mesa?

Talvez uma educação que seja rizomática, que crie emaranhados e que possa conectar elementos diversos, para um ensino de ciências da natureza com mais poesia, arte, experimentação e corpo. Que haja espaços para trocas e que além de ensinar às crianças, possamos também aprender com elas. O animismo infantil convoca para outras interações com o mundo e convida para um ensino com menos norma e mais tato. Por quê? Porque já não contamos com o acaso e parece quieto já está dito. Esquecemos de nos surpreender com a vida e com a natureza, porque esquecemos nossas peles, veias e sangue. Faltam fluxos ou somos cegos de vida? Já não sentimos as estações, já não nos toca a natureza, nem a força das águas e das tempestades. Deixamos de ser selvagens quando domesticamos os animais. As jaulas que capturam são as mesmas que nos prendem. O que há do outro lado daquela montanha?

REFERÊNCIAS

BENSUSAN, Hilan. **Linhas de Animismo Futuro**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Metafísicas canibais**: Elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol 1. São Paulo: Editora 34, 2011

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

HARAWAY, Donna. **Manifesto das Espécies Companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA Liliana da. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa- intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 32-51.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Vol. 19, p. 20-28, Jan/Abr., 2002. Disponível em: SciELO - Brasil - Notas sobre a experiência e o saber de experiência Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Acesso em 02 mar. 2023.

OSÓRIO. Secretaria Municipal de Educação. Departamento Pedagógico. **Documento Curricular do Município de Osório: Educação Infantil / Secretaria Municipal de Educação, Departamento Pedagógico**. – Osório: Secretaria Municipal de Educação, 2019.

ORLANDI, Luiz Benedicto Lacerda. **Arrastões na imanência**. Campinas: Editora Phi, 2018.

RIO GRANDE DO SUL. Departamento Pedagógico. União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. **Referencial Curricular Gaúcho: Educação Infantil**. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico, 2018

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

SALES, Tiago Amaral; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli. Carta para além dos muros biológicos: pistas de uma biologia menor e afetos possíveis com um documentário sobre HIV/AIDS. **Revista de Ensino de Biologia da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio)**, Vol. 14, p. 290-311, 2021.

SANTOS, Sandro Prado; MARTINS, Matheus Moura; SILVA, Fabrício Aparecido Gomes da. Literatura, Aberturas, Variações com Gêneros e Sexualidades: Manifesto por uma Educação em Biologia Menor. **Linha Mestra**, Vol. 1, p. 321-331, 2021.

SANTOS, Sandro Prado; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz; MATHEUS, Moura Martins. Educação em biologia menor. **Instrumento - Revista em Estudo e Pesquisa em Educação**, Vol. 23, p. 382-398, 2021.

SKLIAR, Carlos. **O ensinar enquanto travessia**: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação. Salvador: EDUFBA, 2014.

ZORDAN, Paola. **Gaia educação**: arte e filosofia da diferença. Curitiba: Appris, 2019.

ZOURABICHVILI, François. **Deleuze**: uma filosofia do acontecimento. São Paulo: Editora 34, 2016.